

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA GERAL E ROMÂNICA

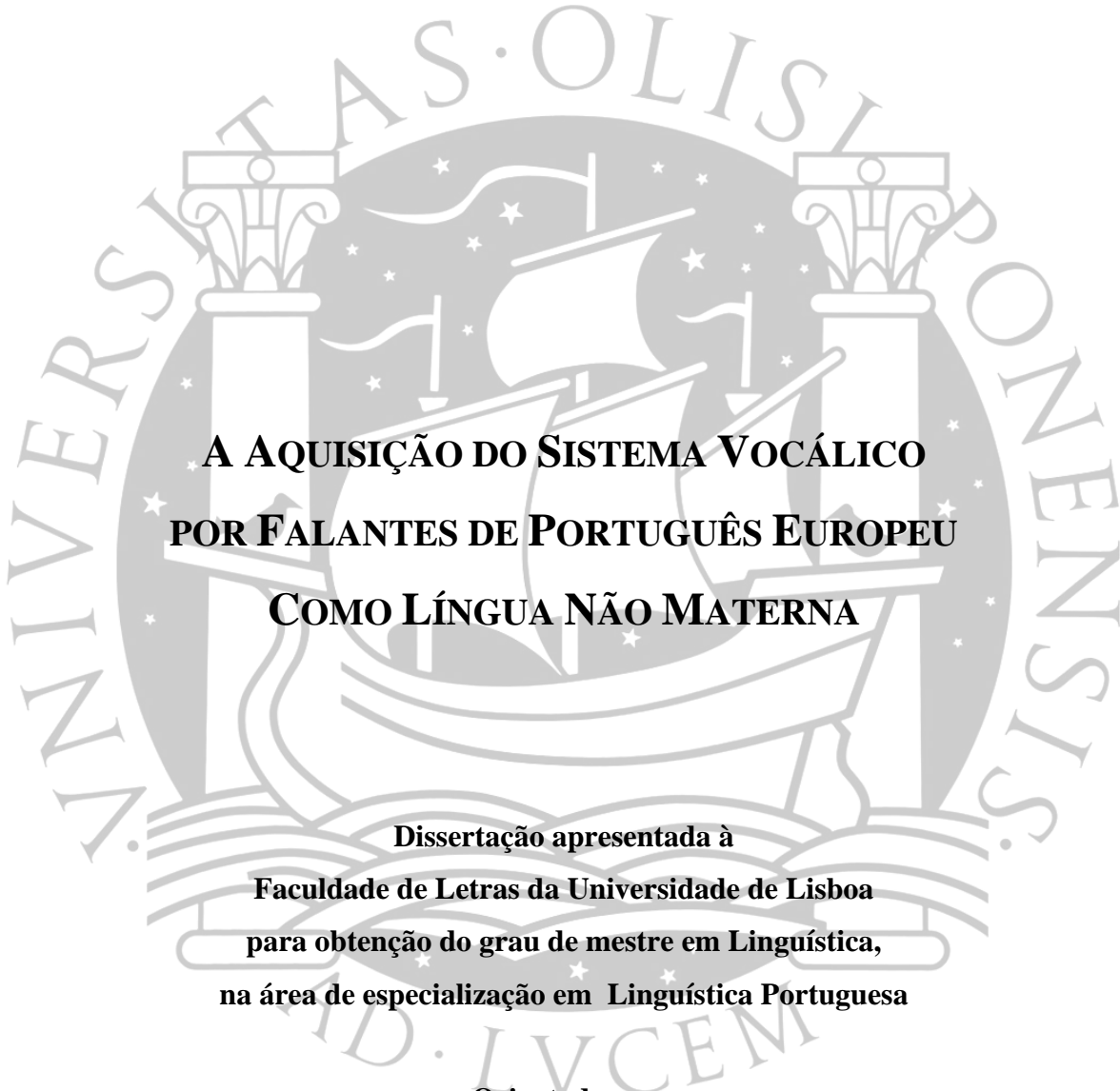


A AQUISIÇÃO DO SISTEMA VOCÁLICO
POR FALANTES DE PORTUGUÊS EUROPEU
COMO LÍNGUA NÃO MATERNA

Dissertação de Mestrado em Linguística
Área de especialização em Linguística Portuguesa

Inês Gomes Oliveira
Lisboa, 2006

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA GERAL E ROMÂNICA



**A AQUISIÇÃO DO SISTEMA VOCÁLICO
POR FALANTES DE PORTUGUÊS EUROPEU
COMO LÍNGUA NÃO MATERNA**

**Dissertação apresentada à
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
para obtenção do grau de mestre em Linguística,
na área de especialização em Linguística Portuguesa**

Orientadoras:

Prof.^a Doutora Maria João Freitas

Prof.^a Doutora Isabel Leiria

Inês Gomes Oliveira

Lisboa, 2006

*À minha Mãe,
que me ensinou a nunca desistir.*

Ao longo dos últimos quatro anos, dediquei grande parte do meu tempo ao Mestrado e, particularmente, a este projecto. Durante este tempo, pude contar com o apoio e o contributo de professores, colegas, amigos e família. A todos, agradeço por terem feito desta tarefa um trabalho menos solitário. Em particular, agradeço...

... em primeiro lugar, aos meus informantes: Go., Ol., Gi., Am., Ti., Cr., Il., Ak., Da. e La., sem os quais não teria sido, de todo, possível elaborar esta dissertação;

... às minhas incansáveis orientadoras, as Prof.^{as} Doutoras Maria João Freitas e Isabel Leiria, pelo constante apoio, pela confiança que depositaram em mim e no meu trabalho e por me terem feito sentir mais segura do texto que agora apresento;

... ao Diogo, ao Paulo e ao Francisco Rôxo, dos Meios Áudio-Visuais da Faculdade, pela boa disposição, incentivos e o apoio técnico que sempre prestaram, mesmo fora de horas;

... à Susana Correia, pelas longas horas que investiu nesta dissertação e por me ter ensinado a confiar naquilo que faço;

... a todos os que estiveram envolvidos no Mestrado, pelo apoio mútuo e pelo bom ambiente de trabalho: às Prof.^{as} Doutoras Inês Duarte, Anabela Gonçalves, Ana Maria Martins, Ana Isabel Mata, Isabel Leiria e Maria João Freitas; e aos colegas, em especial ao Gaétan e à Augusta, co-autores de uma sequência didáctica sobre as completivas finitas e com quem partilhei a minha primeira participação num encontro da APL, e à Sandra, com quem desenvolvi uma sequência didáctica sobre a aquisição do sistema vocálico, pela autorização para a recuperar neste projecto;

... a todos os meus chefes e colegas de trabalho desde que comecei o Mestrado, que me deram a possibilidade de organizar o meu tempo e assim possibilitaram a realização desta dissertação. Um agradecimento muito especial ao Luís, à Paula e ao Carlos, pelo constante apoio a todos os níveis;

... aos meus amigos, pelo tempo que não passei com vocês, pelo incentivo e pelas gargalhadas;

... à minha família, que sempre me apoiou e me fez acreditar que eu posso sempre atingir as metas que definir, em particular ao Rafael, ao João e à minha Mãe, por me ensinar tudo o que sei e pelo apoio como mãe e linguista;

... finalmente, ao Daniel, por acreditares em mim e me fazeres sorrir todos os dias.

Resumo

Este projecto centra-se na aquisição do sistema vocálico oral do Português Europeu por falante não nativos desta língua, com destaque para o processo de elevação e centralização vocálica. Este é um processo muito produtivo em Português Europeu. Através dele, as vogais átonas sofrem alterações nos seus traços distintivos aquando da sua realização fonética. O inventário de vogais tónicas é constituído por sete vogais: [í, é, ê, á, ó, ó, ú]. No entanto, a este conjunto de vogais correspondem apenas quatro em posição átona, [ɐ, i, u, i], decorrentes da aplicação dos seguintes processos: /a/ fonológico realiza-se como [ɐ] fonético; /e/, /ɛ/ fonológicos realizam-se como [i] fonético; /o/, /ɔ/ fonológicos realizam-se como [u] fonético; /i/ e /u/ não se alteram.

Para este projecto, foram recolhidos dados de produção oral de dois grupos de informantes, falantes de Português Europeu como língua não materna, que se encontravam em processo de aquisição desta língua, em contexto semi-formal, frequentando cursos de Língua e Cultura Portuguesa para Estrangeiros na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em dois níveis de proficiência.

Os dados recolhidos serão analisados, com o objectivo de responder às seguintes questões de investigação: 1) Na aquisição do PEL2, o sistema vocálico oral tónico estabiliza antes do átono; 2) As neutralizações de /a/ em [ɐ] e de /ɔ/, /o/ em [u] devem estabilizar antes da neutralização de /ɛ/, /e/ em [i]; 3) O ponto de articulação é mais estável do que o grau de altura; 4) A activação do processo de elevação e centralização das vogais é mais frequente: (a) em falantes com níveis de proficiência mais elevados do que nos de níveis mais baixos; (b) em falantes com um intervalo de tempo de exposição mais elevado ao *input*.

Apresentamos, finalmente, de acordo com os resultados obtidos, algumas propostas de actividades que têm por objectivo facilitar aos alunos a aquisição do sistema vocálico do Português Europeu como língua não materna.

Palavras – Chave

- Fonologia
- Sistema Vocálico
- Redução Vocálica
- Português Europeu
- Aquisição
- Língua Não Materna / Língua Segunda / Língua Estrangeira

Abstract

This project focuses on the acquisition of the oral vocalic system of European Portuguese by non-native speakers of this language, with an emphasis on the reduction process in unstressed position. This process is highly productive in European Portuguese and it produces changes in the distinctive features in the phonetic output. In stressed position, seven vowels can occur: [í, é, ê, á, ó, ó, ú]. However, to this set of vowels, only four vowels correspond in unstressed position: [ɐ, i, u, i], resulting of the application on the following rules: phonological /a/ is produced [ɐ]; phonological /e/, /ɛ/ correspond to the phonetic [i]; phonological /o/, /ɔ/ are produced [u]; /i/ e /u/ undergo no changes.

For this project, we collected oral production data from two groups of speakers of European Portuguese as a foreign language. These speakers were in the process of acquiring European Portuguese in semi-formal context, attending two different proficiency levels at the Portuguese Language and Culture courses for non-native speakers of the Faculty of Arts of the University of Lisbon.

We will study the collected data, based on the following research hypothesis: 1) in the acquisition of European Portuguese as a foreign language, the stressed vowel system stabilizes before the unstressed vowel system; 2) the reduction of /a/ into [ɐ] and of /ɔ/, /o/ into [u] should stabilize before the reduction of /ɛ/, /e/ into [i]; 3) Place of articulation features are more stable than Height features; 4) The reduction process is activated more frequently; (a) by the speakers with higher proficiency levels than by those with lower proficiency levels; (b) by speakers who were exposed to input for a longer period of time.

Finally, we present, based on the results, some activity proposals, which purpose is to ease the acquisition of the vocalic system of European Portuguese by non-native speakers.

Keywords

- Phonology
- Vocalic System
- Vocalic Reduction
- European Portuguese
- Aquisition
- Second Language / Foreign Language

Símbolos do Alfabeto Fonético Internacional Utilizados

Consoantes					
[p] - p ato	[t] - t udo	[k] - k abelo	[b] - b atata	[d] - d ado	[g] - g ato
[f] - f ruta	[s] - s ino	[ʃ] - ch ama	[v] - v ela	[z] - z ebra	[ʒ] - j arra
[m] - m acaco	[n] - n ada	[ɲ] - nh a	[l] - l ivro	[ʎ] - malha	[ʎ] - mel
[r] - pê ra	[ʀ] - r ota	[r] - de acordo com o IPA ¹ : consoante alveolar <i>trill</i>			
[θ]: consoante fricativa dental			[χ]: consoante fricativa uvular		
[ŋ]: consoante oclusiva nasal velar			[ʂ]: consoante fricativa retroflexa		
[β]: consoante fricativa bilabial			[ʁ]: consoante fricativa velar		
[w] - labialização: articulação secundária de uma consoante, com os traços vocálicos [+alt], [+arr], [+rec]			[ɽ]: consoante vibrante retroflexa		
Vogais e Semivogais ²					
[i] - co zinha		[i] - g elado		[u] - chu va	
[e] - c abelo		[e] - m ala		[o] - rolha	
[ɛ] - p edra		[a] - m ala		[ɔ] - co po	
[j] - p ai		[w] - p au		[ɯ] - de acordo com o IPA: vogal fechada, recuada e não arredondada	
[ɐ]: vogal aberta, recuada e arredondada			[ə]: vogal central não arredondada, entre a média-aberta e a média-fechada		
[ø]: vogal central, meia-fechada e arredondada			[æ]: vogal frontal não arredondada, entre a aberta ([a]) e a meia-aberta ([ɛ])		
Outros símbolos					
[´] - acento de palavra		[˜] - nasalidade		[:] - segmento longo	

¹ Ver mapa do IPA no Anexo I

² Devido a uma incompatibilidade do *Excel* com o alfabeto fonético, nos gráficos, /ɛ/, /ɔ/, [v], [i] serão representados, respectivamente, por 'E', 'O', 'A' e 'I'. As restantes vogais serão representadas pelos caracteres minúsculos que lhes correspondem no tipo de letra Arial, ou seja, 'i, e, a, o, u'.

ÍNDICE

1. Introdução	13
1.1. Objectivos	13
1.2. Aquisição de Fonologia em Língua Não Materna	13
1.3. O Sistema Vocálico Oral do Português Europeu	19
1.3.1. Caracterização fonética	19
1.3.2. Caracterização fonológica	23
1.3.3. O processo de elevação e centralização Vocálica	26
1.4. Hipóteses de trabalho	29
2. Metodologia	33
2.1. Construção dos estímulos para a recolha de dados	33
2.2. Perfil dos Informantes	37
2.3. Recolha de Dados	40
2.4. Tratamento dos Dados	43
3. Descrição e Análise dos Dados	51
3.1. Vogais tónicas	53
3.1.1. Resultados globais	53
3.1.2. Informantes do nível B1	56
3.1.3. Informantes do nível C2	62
3.2. Vogais átonas	67
3.2.1. Resultados globais	69
3.2.2. Informantes do nível B1	72
3.2.3. Informantes do nível C2	77
3.3. Vogais tónicas e vogais átonas	83
4. Discussão dos Dados	95
5. Propostas de Aplicação ao Ensino	107
5.1. Bloco de Actividades 1 – Funcionamento Regular do Sistema Vocálico Oral do Português Europeu	110
5.2. Bloco de Actividades 2 – Contextos de excepção do vocalismo átono	120
Considerações finais	130
Bibliografia	135

ÍNDICE DE ANEXOS

1 – IPA: Alfabeto Fonético Internacional	146
2 – Escalas Global e de Domínio Fonológico do Quadro Europeu Comum de Referência	147
3 – Desenhos - estímulo para recolha de dados	149
4 – Ficha de recolha de dados dos informantes	168
5 – Transcrição das entrevistas de recolha de dados	169
6 – Tabelas de Sequências Analisadas	181
7 – Tabelas de Tratamento Estatístico dos Dados	189

1. INTRODUÇÃO

Neste capítulo, referem-se a motivação e os objectivos deste projecto. Faz-se uma breve revisão sobre investigação realizada em aquisição de sistemas fonológicos em língua não materna e referem-se as caracterizações fonética e fonológica dos segmentos que constituem o sistema vocálico oral do Português Europeu, bem como do processo de elevação e centralização vocálica na mesma variante do Português. Finalmente, apresentam-se as hipóteses de trabalho sobre a aquisição do sistema vocálico oral por falantes do Português Europeu como língua não materna.

1.1. Objectivos

Este trabalho trata da aquisição do Sistema Vocálico Oral do Português Europeu (SVOPE) por falantes não nativos desta língua, com especial relevo para a aquisição de processos de elevação e centralização vocálica. Para este projecto, foi necessário proceder a uma recolha e posterior selecção e tratamento de dados de produção oral de falantes de Português Europeu como língua não materna (PEL2). Estes falantes, com os quais constituímos dois grupos de informantes, frequentavam dois níveis de proficiência diferentes nos Cursos de Língua e Cultura Portuguesa para estrangeiros, organizados pelo Departamento de Língua e Cultura Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Todos os informantes são adultos e encontravam-se em contexto de aprendizagem semi-formal³. A recolha de dados foi feita em dois momentos: o primeiro, no início do curso, e o segundo, no final do curso. Este estudo tem por objectivo analisar a aquisição do SVOPE, considerando alguns factores, como a idade e o nível de proficiência. Pretendemos verificar se existe uma hierarquia na aquisição, relacionada com a estrutura interna das vogais do Português Europeu (PE)⁴ ou com graus de dificuldade inerentes aos segmentos do SVOPE. Pretende-se, assim, contribuir para uma reflexão sobre a aquisição do sistema vocálico do PE por falantes de PEL2.

1.2. Aquisição de Fonologia em Língua Não Materna

Sabemos que um falante de PEL2 pode não conseguir produzir sequências fonéticas em PE de acordo com o alvo. Podemos inclusivamente reconhecer, de acordo com alguns

³ Designa-se “contexto de aprendizagem semi-formal” aquele em que um sujeito frequenta aulas de língua e se encontra a viver no meio em que a língua em aquisição é a língua da comunidade. (Cf. Leiria 2001: 195).

⁴ Neste trabalho, referimo-nos sempre à variedade padrão do Português Europeu.

padrões, a língua materna (L1) de um determinado falante não nativo. Reconhecemos, por exemplo, numa sequência como [ókafé], em vez de [úkəfé], um falante nativo de francês e, numa sequência como [kaβálo], em vez de [kəválu], um falante nativo de castelhano. Esta capacidade é, aliás, generalizada a qualquer falante nativo de PE, que, precisamente por sê-lo, tem a capacidade de distinguir as sequências que foram produzidas de acordo com o alvo em PE das que não o foram. Um bom exemplo de uso desta capacidade é o que actores e comediantes fazem de pronúncias estereotipadas, quer no que se refere a dialectos nacionais (como, por exemplo, a imitação do “falar Alentejano” ou da “pronúncia do Norte”), quer no que se refere a falantes não nativos, incluindo, entre muitos outros, os dois que já referimos.

O Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QEER), ao afirmar que "constitui (...) um instrumento linguístico essencial para a harmonização do ensino e da aprendizagem das línguas vivas na grande Europa" (QEER: 7), parte do princípio que o ensino é útil para a aprendizagem de Língua não materna (L2)⁵. De acordo com a edição portuguesa, para cumprir essa função, tem de ser "exaustivo, transparente e coerente" e "descrever exaustivamente aquilo que os aprendentes de uma língua têm de aprender para serem capazes de comunicar nessa língua e quais os *conhecimentos*⁶ e capacidades que têm de desenvolver." (QEER pp.13-14).

O QEER, na sua “Escala Global de Níveis Comuns de Referência” (pp. 49), estabelece as competências que os aprendentes devem atingir em cada um dos níveis nela previstos. No entanto, quer nesta escala global, quer no quadro em que trata o domínio fonológico do utilizador de L2 (cf. quadros no Anexo 2), a informação é muito reduzida. Veja-se, por exemplo, o que é dito em relação ao nível B2: "Adquiriu uma pronúncia e uma entoação claras e naturais." (QEER pp.167).

De facto, como é próprio deste tipo de instrumentos de apoio ao ensino, a informação é muito genérica. Na pp. 166, reflecte-se sobre a "competência fonológica" e afirma-se que ela envolve “(...) o conhecimento e a capacidade de percepção e de produção de :

- unidades fonológicas (...) da língua e a sua realização em contextos específicos (...);
- traços fonéticos que distinguem os fonemas (...);
- composição fonética das palavras (...);
- fonética da frase (...): acento de frase e ritmo; entoação;

⁵ L2 será a sigla utilizada neste trabalho para referir uma língua segunda, língua estrangeira ou língua não materna de um falante. Não serão aqui discutidas as diferentes opções de nomenclatura.

- redução fonética; redução vocálica; formas fracas e fortes; assimilação;
- elisão.” (*id.*: 166).

O QECR refere também alguns factores e características individuais facilitadoras da aquisição⁷ desta componente:

- capacidade de aprender a distinguir e a produzir sons desconhecidos e esquemas prosódicos;
- capacidade de produzir e encadear sequências de sons desconhecidos;
- capacidade (...) de decompor um contínuo sonoro numa sequência estruturada de elementos fonológicos (...);
- compreensão do domínio dos processos envolvidos na percepção e na produção e aplicáveis a qualquer nova aprendizagem de uma língua.” (QECR: 155)

Refere também que se espera “(...) que os aprendentes desenvolvam a sua capacidade para pronunciar uma língua” através da exposição a enunciados orais autênticos, da imitação em coro do professor ou de gravações, de trabalho individual no laboratório de línguas, de leitura fonética, de treino do ouvido, de treino fonético explícito, ou ainda pela aprendizagem de convenções ortoépicas (pronúncia de grafias diferentes) (*ibid.*: 212-213).

Ou seja, este instrumento de referência para o ensino das línguas como L2, que será utilizado para classificar os nossos informantes, não só é muito vago, como parece não ter em consideração dados de aquisição, estabelecendo para cada nível de proficiência aquilo que acha conveniente que o falante saiba sem ter em consideração aquilo que ele será capaz de aprender.

Assim sendo, o apoio que o QECR pode prestar ao ensino é muito limitado, tanto no que respeita à sequencialização de conteúdos, como ao nível da avaliação de conhecimentos. É esta ausência de apoio, compreensível em instrumentos desta natureza, que justifica e exige trabalhos como este: trabalhos de investigação sobre a aquisição de itens específicos de gramáticas de línguas particulares.

Tanto quanto nos é dado a conhecer, existe muito pouca investigação sobre a aquisição do PEL2, em especial sobre a aquisição de fonologia. Assim, muito trabalho está por fazer e são muitos os temas que exigem investigação, principalmente para que os resultados possam ser aplicados no contexto da docência. A aquisição do sistema vocálico do PE é apenas um deles. Para os docentes de PEL2, é importante compreenderem a forma como se

⁶ destaque dos autores do QECR

⁷ Neste trabalho, designamos por “aquisição” os processos de ensino / aprendizagem ou aquisição de uma qualquer L2. Não serão aqui discutidas as diferentes opções de nomenclatura.

adquire o sistema fonológico do PE, para que possam usar estratégias didácticas facilitadoras da aquisição das unidades fonológicas, à imagem do que acontece com as unidades morfológicas, lexicais ou sintácticas.

No desenvolvimento da investigação, é importante o papel de Corder (1967 e 1974), Bailey, Madden & Krashen (1974), que esclareceram que “(...) as interlínguas⁸ são sistemas organizados, ainda que particularmente instáveis. Desde então a investigação em L2 tem sido considerada como podendo fornecer informação útil não só para aplicação ao ensino mas também para o conhecimento da natureza da linguagem humana.” (Leiria 2001/2006: 19⁹). Este trabalho parte do pressuposto que a investigação sobre o funcionamento das gramáticas destes falantes é fulcral para o ensino e que este tem um papel importante na aquisição de uma L2.

A aquisição de uma L2 é afectada por vários factores, que podem ser linguísticos, onde se incluem os conhecimentos prévios (conhecimentos de outras línguas, materna ou não maternas, que os indivíduos possuem) ou extra-linguísticos, como:

- características individuais (idade, motivação, ansiedade, personalidade, entre outras);
- oportunidades de aprendizagem (que incluem a imersão ou não no meio em que a língua em processo de aquisição é falada);
- existência ou não de ensino em contexto formal.

No que respeita à componente fonético-fonológica, a idade é considerada particularmente importante. Seliger (1978), bem como Walsh & Diller (1981¹⁰), afirmam, com base em características do cérebro e do seu desenvolvimento, que a aquisição das características fonético-fonológicas numa L2 é impossível ou mais difícil após a infância. Scovel (1988¹¹) defende que não existe período crítico na aquisição de nenhum aspecto da linguagem, à excepção do fonético-fonológico. Este autor considera que o Período Crítico

⁸ “Interlíngua” designa uma gramática que corresponde a um estágio intermédio de aquisição de uma língua, em que apenas algumas características dessa língua foram adquiridas.

⁹ Nas citações de Leiria (2001/2006), a página indicada remete para a 2ª edição revista, de 2006

¹⁰ Citado por Bongaerts, Planken & Schils, in Singleton & Lengyel (1995)

¹¹ Citado por Bongaerts, Planken & Schils, in Singleton & Lengyel (1995)

ocorre por volta dos 12 anos, assumindo que “*phonological production is the only aspect of language performance that has a neuromuscular basis.*” (Scovel 1988¹²).

Bongaerts, Planken & Schils (1995) referem ainda outros estudos (Asher & García 1969; Oyama 1976; Patkowski 1980; Tahta, Wood & Loewenthal 1981; ou Thompson 1991) que defendem que aprendentes adultos e adolescentes não conseguem ultrapassar a barreira da ‘pronúncia estrangeira’ (*foreign accent*). Referem, a esse propósito, os trabalhos de Flege (1988) e Flege & Fletcher (1992), que demonstraram que falantes não nativos, imigrantes nos EUA, que lá tinham chegado até aos 7,6 anos de idade, tinham uma taxa de sucesso de aprendizagem das propriedades fonético-fonológicas da língua superior à dos aprendentes adultos, mas inferior à dos falantes nativos. No entanto, referem também o trabalho apresentado por Seliger, Krashen & Ladefoged em 1975, como sendo o único que relata casos de aprendentes adultos sem pronúncia estrangeira.

É importante destacar que a grande maioria destes estudos tem como informantes imigrantes na Grã-Bretanha ou nos EUA, referindo-se, portanto, à aquisição da língua inglesa, quer na sua variante Britânica, quer na sua variante Americana, não envolvendo aprendizagem formal. É de referir também que alguns destes estudos se baseiam em testes de leitura, podendo, assim, verificar-se interferência da escrita na oralidade.

Bongaerts, Planken & Schils (1995) defendem a Hipótese do Período Crítico, apesar de o seu próprio estudo, feito com alunos e professores universitários holandeses com um nível de proficiência elevado da língua inglesa (uma vez que, na universidade, quase todas as aulas eram leccionadas em inglês, os informantes tinham conhecimentos de fonética e tiveram treino intensivo de pronúncia da norma Britânica RP (*Received Pronunciation*)) demonstrou que a desvantagem biológica de uma aprendizagem tardia pode ser compensada com treino e interação. Sugerem, ainda, à luz destes resultados, que “*it would seem better to replace the term Critical Period¹³, which excludes the possibility that there are late learners who can learn to speak a second language without a foreign accent, with the term Sensitive Period, which does not exclude this possibility and, at the same time, does not deny that there may be biological advantages to an early start.*” (Bongaerts, Planken & Schils, in Singleton & Lengyel 1995: 45).

Martohardjono & Flynn (1995) defendem a existência de pelo menos duas áreas que decorrem da capacidade biológica e inata da linguagem que não são afectadas pelo Período Crítico: os princípios e parâmetros inatos da Gramática Universal, que governam a

¹² *apud* Bongaerts, Planken & Schils, in Singleton & Lengyel (1995: 32)

aquisição da sintaxe, e a capacidade sensorial determinada biologicamente para o desenvolvimento de sistemas de sons. Defendem ainda que a dificuldade de construir um sistema fonológico para a L2 consiste em voltar a focar a atenção do aprendente nos contrastes fonéticos, revertendo o processo utilizado na aquisição de L1, uma vez que, à medida que o falante vai adquirindo novos traços, vai desviando a sua atenção dos contrastes não significativos na sua L1: “*In fact, research has shown that the sensory abilities to establish new contrasts remains intact in both perception and production. Interestingly, the evidence comes partly from the ‘rate of acquisition’ studies mentioned earlier, which showed that older learners (adolescents and adults) in fact have an advantage over younger learners in the short term.*” (Martohardjono & Flynn, in Singleton & Lengyel 1995: 148).

Em suma, os aprendentes adultos têm à partida uma certa vantagem, pois têm um maior conhecimento extralinguístico, um maior desenvolvimento cognitivo e maior conhecimento explícito das línguas, que lhes permite apreenderem mais rapidamente ou com mais facilidade algumas características da língua a adquirir, entre as quais se encontram as características fonológicas, mas aprendentes mais jovens têm, no final, um maior desenvolvimento dos conhecimentos e as suas performances linguísticas ultrapassam as dos adultos.

Também os conhecimentos prévios – conhecimentos que o falante tem da sua L1 e de outras L2 que conheça – são determinantes para a aquisição de L2.

Corder, citado por Leiria (2001/2006: 185), propõe que o conhecimento implícito da estrutura mental da L1 é transferido “(...) para a interlíngua, constituindo esta um conhecimento separado e com desenvolvimento independente da L1.” Assim, cada aprendente parte de um estágio diferente para a aquisição de L2. O *transfer*, “(...) um mecanismo de facilitação que usa por empréstimo itens e traços da L1 como uma estratégia comunicativa” (Leiria 2001/2006: 103), pode, desta forma, justificar uma vantagem à partida de falantes de línguas próximas ou aparentadas, como seria o caso de um falante nativo de castelhano aprendente de PEL2, comparativamente com um falante nativo de inglês na mesma situação.

No que se refere à fonologia, Archibald (1998: 9) afirma que “*Particularly at a beginning level of proficiency, L2 learners pronounce words using their L1 phonological*

¹³ destaques dos autores

system. A similar phenomenon can be seen in the phonology of loan words. When a language borrows a word from another language, it makes the word fit into its own phonological system.”

No entanto, em particular no caso de línguas próximas, no que respeita aos aspectos fonético-fonológicos, não podemos esquecer o papel que a automatização associada à L1 desempenha na performance da L2. Sendo assim, em certos aspectos do conhecimento linguístico, essa proximidade pode constituir uma desvantagem ao nível da performance.

Abordámos brevemente alguns factores, linguísticos e extra-linguísticos, que intervêm na aquisição de L2 e que desempenham um papel nos resultados linguísticos. Vejamos, em seguida, as características do SVOPE, a L2 em estudo neste trabalho.

1.3. O Sistema Vocálico Oral do Português Europeu

Nesta secção, descrevemos o sistema vocálico oral do PE, a partir das perspectivas fonética (1.3.1.) e fonológica (1.3.2.). Assim, caracterizamos as vogais orais do PE, inicialmente, em termos articulatórios e, depois, com base nas suas propriedades fonológicas. Haverá ainda lugar, em 1.3.3., para a apresentação do funcionamento do processo de elevação e centralização das vogais orais do PE em contexto átono, bem como os contextos de excepção à activação deste processo.

1.3.1. Caracterização fonética

Gonçalves Viana apresenta, no “*Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise d’après le dialecte actuel de Lisbonne*”, de 1883, dois diagramas triangulares representativos dos sistemas vocálicos oral e nasal da variante linguística em análise. Este autor considera que o sistema vocálico oral é constituído por nove vogais, às quais acrescenta duas semivogais, e exemplifica seguindo o mesmo esquema triangular de apresentação, fazendo corresponder a posição de cada vogal à do exemplo, conforme se transcreve no Quadro 1:

Quadro 1 - Sistema vocálico oral e exemplos de uso, Gonçalves Viana (1883: 1-2 ¹⁴)

Voyelles orales.							
		à				Sà	
	è	ą	ò			sé	só
	ê	—	ô			sê	sou
i		ę		u	si	se	tu
	(i)		(u)		cear		soar

O autor descreve de seguida as vogais do PE, comparando-as com as de outras línguas, entre as quais se encontram o castelhano, o catalão, o italiano e o francês. Merece destaque a descrição de [i], representado como ę por este autor: “(...) est un e muet, comme on l'appelle généralement, bien plus étouffé, bien plus fermé, (...) Entre deux consonnes sourdes différentes, cet e est le plus souvent nul.”

O autor classifica como vogais abertas “à, è, ò”, como vogais fechadas “â, ê, ô” e como vogais indiferentes “ę, i, ĩ, u, ũ” (pg. 26). O autor subdivide ainda o sistema vocálico em vogais plenas e vogais reduzidas. “Les voyelles pleines se trouvent dans les syllabes accentuées; les voyelles des syllabes atones, au contraire, sont réduites toutes les fois qu’elles ne sont ni nasales, ni suivies de l gutturalisé, ni protégées par une consonne anormale fermant la syllabe, que cette consonne soit d’ailleurs prononcée ou nulle” (Gonçalves Viana 1883: 26-27), conforme se reproduz no Quadro 2:

Quadro 2 - “Vogais plenas” e “Vogais reduzidas”, Gonçalves Viana (1883: 26)

Voyelles pleines:	à,	è, ê,	i,	ò, ô, u
		}		
Voyelles réduites :	ą,	ę, (i)	ĩ, (e)	ũ

Gonçalves Viana (1892: 11) defende que um dos sistemas de representação das vogais “consiste (...) em dispô-las em triângulo, cujo vértice é ocupado pela vogal à, sendo a base formada pelas duas vogas mais distintas entre si, e mais diferentes de à, isto é, i u.” O autor cita, como vogais do português, não só as do dialecto de Lisboa, mas também as de outros dialectos do território nacional, identificando sempre os sistemas dos quais fazem

¹⁴ Critérios de transcrição de Gonçalves Viana (1883): o acento circunflexo marca as vogais fechadas; o acento grave marca as vogais abertas, o pequeno círculo subscrito designa as vogais neutras ą, ę ou ĩ; ũ representa um u muito breve e quase ensurdecido; ĩ e ę designa a atenuação em i brevíssimo de e ou i

parte: o algarvio, o minhoto, o portuense, o alto-beirão, o açoreano, o transmontano, o baixo-beirão e o mirandês.

O autor identifica as seguintes “(...) vogaes oraes centraes do reino (...)”:

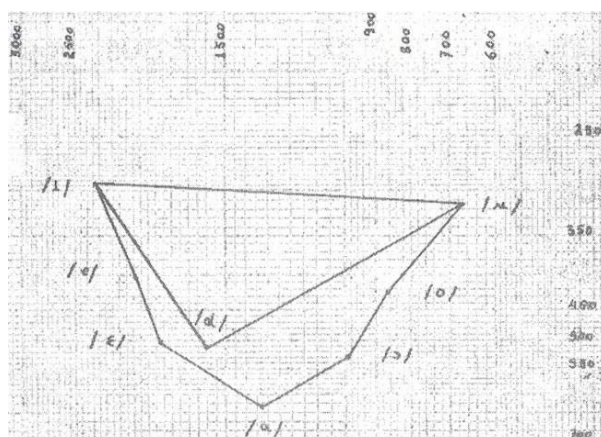
Quadro 3 - “Vogaes oraes centraes do reino”, Gonçalves Viana (1892: 51)

“Abertas:	<i>â, α, ê, ì, ò,</i>	como em <i>pá, sal, pé, mil, pó</i>
Fechadas:	<i>â, ê, é, i, ô, u,</i>	como em <i>ramo, seja, dé, li, côr, tu</i>
Reduzidas:	<i>α, λ, ε, ρ,</i>	como em <i>cada, vislumbre, de, aro</i>
Semivogaes:	<i>ĩ, ũ,</i>	como em <i>fiar, cear, pai, suar, soar, pau.”</i>

O autor classifica as vogais *α, â, α, ε* como guturais, as vogais *ê, é, ì, i, λ, ĩ* como palatais e as vogais *ò, ô, u, ρ* e *ũ* como labiais. Esclarece ainda que as vogais *â, ê, λ, ĩ, ρ, ũ* são iguais, respectivamente, a *α* tónico (*á*), *i* e *u* (nos dois últimos casos, apenas em timbre). Deste modo, “ (...) o número total das vogaes oraes portuguesas normaes no centro do reino é de 11 (...)” (Gonçalves Viana 1892: 51).

Cerca de um século depois, Delgado-Martins (1973¹⁵) propõe, com base nos valores médios das vogais orais tónicas (em posição medial), obtidos através de análise de espectrogramas de vários falantes adultos da região de Lisboa, a existência, a nível fonético, de oito vogais orais tónicas no PE: [i, e, ε, a, ε, o, o, u], classificadas acusticamente como se mostra na figura 1:

Figura 1 - Triângulo acústico das vogais orais tónicas portuguesas, Delgado-Martins (1973¹⁶):



¹⁵ Republicado em Delgado-Martins (2002: 41-52)

¹⁶ in Delgado-Martins (2002: 50)

Considerando os inventários tónico e átono, Mateus & Delgado-Martins (1982¹⁷) e Andrade (1987) consideram a existência de nove vogais orais: [i, ɨ, u, e, ɐ, o, ɛ, a, ɔ], podendo todas ocorrer em posição tónica, menos [ɨ], de acordo com Andrade (1980).

Quanto à identificação das propriedades internas das vogais orais, estas são classificadas de acordo com o modo e o ponto de articulação (cf. Andrade & Viana 1990: 52). De acordo com as investigadoras, “(...) o dorso da língua eleva-se à frente para a pronúncia (...)” de [i, e, ɛ], podendo classificar-se como anteriores; para a pronúncia de [ɐ, a], “(...) a língua encontra-se baixa (...)”, estando “(...) mais avançada (...)” no primeiro caso e “ (...) ligeiramente recuada (...)” no segundo; para a pronúncia de [ɔ, o, u], “(...) o dorso da língua eleva-se progressivamente (...) na parte posterior (...)”, o que permite denominá-las como posteriores. O facto de a parte anterior da língua se elevar em direcção ao palato permite também atribuir às vogais [i, e, ɛ] a designação tradicional de palatais e o facto de a parte posterior da língua se elevar em direcção ao véu palatino permite classificar [ɔ, o, u] como velares. No que respeita à elevação da língua, as investigadoras classificam as vogais [ɛ, a, ɔ] como baixas, [e, ɐ, o] como médias e [i, ɨ, u] como altas. Considerando a posição dos lábios na articulação das vogais, Andrade & Viana (1990) verificam “(...) que eles se abrem ao mesmo tempo que o maxilar inferior desce na pronúncia do [a], e que se vão fechando progressivamente, com subida do maxilar, na articulação de [ɛ], [e], [i], [ɔ], [o], [u]. As três últimas vogais são pronunciadas com arredondamento dos lábios, pelo que se denominam arredondadas¹⁸. Finalmente, de acordo com a audibilidade das vogais, elas podem ainda receber a denominação de abertas ([a], [ɛ], [ɔ]) e fechadas ([i], [u]).” (Andrade & Viana 1990:52)

Delgado-Martins (1975a¹⁹) propõe que as vogais [+bx] são as que têm maior duração e intensidade, sendo também as que aparecem geralmente em posição tónica, seguindo-se as [-alt, -bx], depois, as [+alt] [i] e [u] e, finalmente, [ɨ], que é sempre átona, concluindo que “(...) a intensidade e a duração variam com o grau de abertura e tonicidade (...)”²⁰. As duas primeiras constituem parâmetros acústicos de reconhecimento de acento. Também Mateus

¹⁷ republicado em Delgado-Martins (2002: 169-186)

¹⁸ O destaque a negrito constante no original não foi aqui reproduzido.

¹⁹ republicado em Delgado-Martins (2002: 53 – 63)

²⁰ in Delgado-Martins (2002: 59)

& Delgado-Martins (1982) propõem que as vogais [+alt] têm menor intensidade e duração.²¹

Andrade (1987: 309) defende, ainda, referindo-se a [i], que o seu estatuto ‘não-fonológico’ condiciona as suas características acústicas, sendo que “uma das características interessantes da fonética do português é a tendência marcada que as vogais altas têm para desvozear ou mesmo elidir. (...) os dados existentes (...) indicam que as vogais recuadas [i] e [u] tendem a desvozear mais frequentemente do que a vogal [i].” Também Delgado-Martins (1983) propõe que as vogais átonas em posição final, especialmente [i] e [u], têm tendência a ensurdecer, sobretudo se seguem uma oclusiva, considerando esta simplificação do sistema vocálico sob a influência do acento uma tendência actual da evolução fonética do Português. Tal argumenta a favor da natureza foneticamente não proeminente destas duas vogais no sistema.

De seguida, revemos a classificação fonológica do Sistema Vocálico Oral do Português Europeu.

1.3.2. Caracterização fonológica

Morais Barbosa (1983 e 1994) e Mateus (1975/1982²²) consideram a existência de nove vogais orais no SVOPE: [i, e, ε, a, ɐ, i, ɔ, o, u]. Morais Barbosa classifica-as de acordo com o contexto acentual e com o ponto e modo de articulação, propondo que as vogais [ε, e, i]²³ são palatais ou anteriores, [a, ɐ, i] são centrais, e [ɔ, o, u] são posteriores ou velares. Estas três últimas são também classificadas como labiais (Morais Barbosa 1994: 51-54). O autor defende, ainda, que “*L’inventaire des phonèmes vocaliques portugais en syllabe accentuée est le suivant: /i e ε a ɐ ɔ o u /*” (Morais Barbosa 1983: 51) e representa o sistema vocálico tónico como se reproduz no Quadro 4:

²¹ in Delgado-Martins (2002: 174)

²² Republicado em 1982. As referências às páginas serão feitas com base na edição de 1982.

²³ Morais Barbosa utiliza outro sistema de transcrição. Optámos, no entanto, por converter os símbolos utilizados por este investigador aos símbolos correspondentes no IPA.

Quadro 4 - Sistema vocálico tónico, Morais Barbosa (1994: 169)

Localização:	“Anteriores”	“Centrais”	“Posteriores”
“1”	i		u
“2”	e		o
Abertura:		ɐ	
“3”	ɛ		ɔ
		a	

Mateus (1975/1982) classifica as vogais de acordo com o sistema de traços de Chomsky & Halle, conforme se reproduz no Quadro 5:²⁴

Quadro 5 - Sistema Vocálico, Mateus (1975/1982: 26)

[i]	[e]	[ɛ]	[ɐ]	[a]	[ɔ]	[o]	[u]	[i]
[+alt], [-rec]	[-alt], [-bx], [-rec]	[+bx], [-rec]	[-alt], [-bx], [+rec], [-arr]	[+bx], [+rec], [-arr]	[+bx], [+rec], [+arr]	[-alt], [-bx], [+rec], [+arr]	[+alt], [+rec], [+arr]	[+alt], [+rec], [-arr]

Mateus (1975/1982: 19 e 1990: 307-308) distingue as vogais orais que, a nível fonético, se podem encontrar em posição:

1. tónica: [í, é, ê, á, ê, ó, ó, ú] (ex.: [fítɐ, dédu, féʃtɐʃ, táʎɐ, tɛʎɐ, pórteʃ, bóɐ, fúru])²⁵
2. átona:
 - 2.1. pré-tónica: [i, e, ɛ, a, ɐ, ɔ, o, u, i]

(ex.: [virár, ẽdewzár, pɛgáɐɐ, pazáɐɐ, bɛtér, sɔzjú, soɫdár, furár, ʃírír])
 - 2.2. pós-tónica não-final: [i, i, ɐ, u] (ex.: [sátiru, látigu, ilíɛku, máʃkulu])
 - 2.3. pós-tónica final: [u, ɐ, i] (ex.: [ábru, ábrɐ, úrzi])

Mateus & D’Andrade (2000) e Mateus *et alii* (2003) propõem diferentes elencos de vogais átonas, nas várias posições, constituídos por [i, u, ɐ, i], por se referirem apenas às vogais geradas por activação do processo de redução vocálica:

1. na posição pré-tónica (ex.: [mirár, murár, pɛgár, piɣár])²⁶,
2. pós-tónica não final (ex.: [dúvidɐ, péruɐ, ágɛpi, séribru]),

²⁴ Mateus (1975/1982 e 1990) representa por [ə] e [a] os segmentos que aqui são transcritos por [i] e [ɐ].

²⁵ Todos os exemplos, à excepção de [soɫdár], foram retirados de Mateus (1975/1982: 19)

²⁶ Todos os exemplos aqui fornecidos são de Mateus & Andrade (2000: 17-18)

3. e pós-tónica final (ex.: [zúri, zúru, zúv, zúri]).

O sistema vocálico átono do PE tem, portanto, de acordo com Mateus & D'Andrade (2000: 20), menos um grau de abertura do que o tónico, uma vez que o sistema tónico comporta três vogais [+bx] ([a], [ɛ] e [ɔ]), não existentes no átono regular.

Mateus *et alii* (2003) e Mateus & D'Andrade (2000) consideram que as vogais fonológicas do PE são apenas sete e remetem para as que não são contextualmente previsíveis: /i, e, ɛ, a, ɔ, o, u/. Estas vogais são apresentadas no Quadro 6, com base na Geometria de Traços de Clements & Hume (1995²⁷). Neste modelo, em que apenas se representam as vogais fonológicas, os nós de classe são unários e marcam-se com um [•] na definição de um segmento, e os traços são binários (ex.: [+/- alt]).

Quadro 6 - Vogais fonológicas do PE, Mateus & D'Andrade (2000: 35)

	i	e	ɛ	a	ɔ	o	u
V-PLACE							
Labial					•	•	•
[round]					+	+	+
Dorsal				•			
[back]				+			
HEIGHT		•	•	•	•	•	
[high]		-				-	
[low]			+	+	+		

Assumimos, neste projecto, os elencos fonéticos de vogais orais propostos por Mateus & D'Andrade (2000) e Mateus *et alii* (2003) e o elenco fonológico de vogais de Mateus *et alii* (2003). Assumimos, ainda, seguindo Mateus *et alii* (2003: 995), que:

- Todas as vogais orais podem ocorrer em posição acentuada, excepto a vogal [i];
- A vogal [i] ocorre entre consoantes (C_C), e entre consoante e fim de palavra (C_#), mas nunca no início; em fala coloquial, esta vogal é normalmente suprimida;
- Em posição final átona, ocorrem três vogais, [ɐ], [u], [i], podendo também encontrar-se [i] (cf. Mateus *et alii* 2003: 992).

²⁷ Mateus *et alii* (2003: 1004 e seguintes) e Mateus & D'Andrade (2000: 23 e seguintes) desenvolvem a aplicação do modelo da geometria de traços e da teoria autosegmental ao PE. Para informação detalhada sobre a geometria de traços, *vide* Clements & Hume (1995).

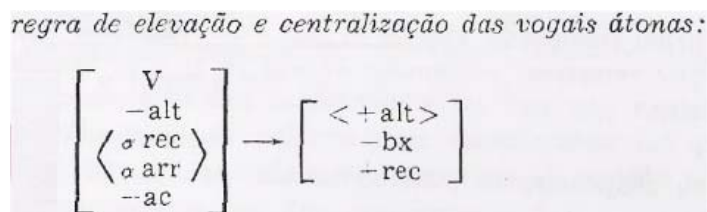
Considerando a classificação fonética e fonológica do SVOPE que foi feita nas duas subsecções anteriores, passamos à caracterização do processo de elevação e centralização vocálica em posição átona.

1.3.3. O processo de elevação e centralização vocálica

Centremo-nos, agora, na informação prestada pelos investigadores sobre o processo de elevação e centralização vocálica no PE. Este é um processo muito produtivo em PE, afectando a estrutura fonológica das palavras.

As vogais orais em PE sofrem frequentemente redução em posição átona. Mateus (1975/1982: 27) acrescenta, ainda, que os processos de derivação de palavras provocam alterações da posição de acento tónico, desencadeando um processo de redução da vogal que na palavra de origem era tónica, passando a átona na palavra derivada. Este processo é aplicado conforme a regra indicada na Figura 2:

Figura 2 - Elevação e centralização das vogais átonas, Mateus (1975/1982: 32)



Mateus *et alii* (2003: 1011) ilustram este fenómeno com os seguintes exemplos, reproduzidos no quadro 7:

Quadro 7 – Funcionamento do vocalismo átono

Vogais tónicas		Vogais átonas	
Fita	[í]	Fitinha	[i]
Dedo	[é]	Dedada	[i]
Bater	[é]	bate	[i]
Festa	[é]	Festejo	[i]
Mel	[é]	Melado	[i]
Gato	[á]	Gatinho	[e]
Virar	[á]	Vira	[e]
Porta	[ó]	porteira	[u]
Fogo	[ó]	fogueira	[u]
Furo	[ú]	Furado	[u]

As mesmas autoras sintetizam as modificações verificadas entre o grupo de vogais tónicas e de vogais átonas da seguinte forma:

“/a/ fonológico realiza-se como [ɐ] fonético;

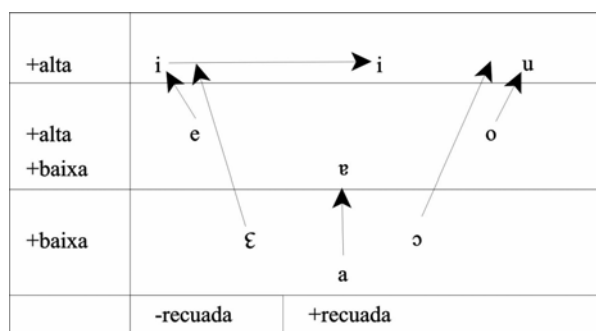
/e/, /ɛ/ fonológicos realizam-se como [i] fonético;

/o/, /ɔ/ fonológicos realizam-se como [u] fonético;

/i/ e /u/ não se alteram.” (Mateus *et alii* 2003: 1011)

Defendem, ainda, bem como Mateus & D’Andrade (2000: 136), que este processo se desenvolve em duas fases, representadas na figura 3: uma em que se dá a elevação, resultando da activação de um processo fonológico lexical, e outra em que se dá o recuo, resultado da aplicação de um processo fonológico pós-lexical²⁸:

Figura 3 – “Elevação e recuo das vogais átonas”, Mateus *et alii* (2003: 1013)



Desta forma, e considerando a proposta de classificação das vogais de Mateus & D’Andrade (2000), reproduzida no Quadro 6, verificamos que as regras aplicadas em /a/ → [ɐ] e em /ɔ, o/ → [u] ocorrem sob o domínio do nó de Altura, ao passo que as regras aplicadas em /ɛ, e/ → [i] ocorrem sob o domínio de dois nós: o nó de Altura e o nó Ponto de Articulação.

Note-se que já Mateus & Delgado-Martins afirmavam que as vogais átonas de superfície resultam da actuação de regras na componente fonológica do português²⁹, admitindo que estas regras enfraquecem os segmentos vocálicos. Delgado-Martins (2002)

²⁸ Um processo fonológico lexical admite excepções às regras gerais e toma em consideração informações dos itens lexicais e da estrutura interna das palavras, não podendo ter como resultado segmentos que não pertençam ao sistema da língua. Um processo pós-lexical integra regras sem excepções, podendo ter como resultado segmentos que não pertencem ao sistema da língua (Mateus *et alii* 2003: 1009)

²⁹ Mateus & Delgado-Martins (1982), reeditado em Delgado-Martins (2002: 172)

refere, em vários estudos³⁰, que “o processo de redução vocálica tem vindo a intensificar-se de tal maneira que surgem hoje fenómenos de total elisão vocálica (...)” (pp. 295). Trata-se de fenómenos de superfície, que afectam, preferencialmente, as vogais [i, i, u].

Existem, no entanto, contextos que bloqueiam o funcionamento deste processo, conforme os autores acima referidos assinalam. Para este projecto, assumimos a análise de Mateus *et alii* (2003: 1013-1016), que refere que as vogais fonológicas não sofrem alteração na sua realização fonética quando não acentuadas, se se encontrarem:

- a) em sílaba terminada com /l/ ([ɫ]) (ex.: [sáɫtu, saɫtár], [Rɛɫvɐ, Rɛɫvínjɐ], [vóɫtɐ, vóɫtár], [sóɫtɐ, soɫtár], e não [sáɫtu, *sɛɫtár], [Rɛɫvɐ, *Rɛɫvínjɐ], [vóɫtɐ, *vuɫtár], [sóɫtɐ, *suɫtár])³¹;
- b) em ditongos crescentes (ex.: [bájɾu, bajɾíʃtɐ], [lójɾɐ, ɐlojɾáɖɐ], [káwzɐ, kawzár], [déwʃ, ẽdewzár] e não [bájɾu, *bɛjɾíʃtɐ], [lójɾɐ, *ɐlujɾáɖɐ], [káwzɐ, *kɛwzár], [déwʃ, *ẽdiwzár]);
- c) em início absoluto de palavra (ex.: [oɫár, oɫɛdɛɫɐ]/[ɔɫár, ɔɫɛdɛɫɐ], [ilifɛ̃ti] e não *[uɫár, uɫɛdɛɫɐ], *[ilifɛ̃ti]);
- d) em palavras que integrem os sufixos *-zinho*, *-zito*, *-zona* ou *-mente* (ex.: [divɛgár, divɛgarzínju], [káɾɐ, karɛzíte], [muɫér, muɫɛrzonɐ], [fásiɫ, fasiɫmɛ̃ti] e não [divɛgár, *divɛgɛrzinju], [káɾɐ, *kɛrɛzíte], [muɫér, *muɫirzonɐ], [fásiɫ, *fesiɫmɛ̃ti]);
- e) em palavras marcadas lexicalmente, na sequência da evolução histórica não regular (ex.: [ĩvazór], [ɛkesér], [ɐbsɔɾvér] e não *[ĩvazór], *[ɛkesér], *[ɐbsɔɾvér]).

Assim, excluindo [i], [ɐ], [i] e [u], “todas as outras vogais podem igualmente ocorrer em posição átona nos contextos de excepção [acima listados]. Esta é uma das peculiaridades do português europeu”. (Mateus *et alii* 2003: 1016).

³⁰ Alguns dos estudos de Delgado-Martins que referem a redução vocálica e a elisão, republicados em Delgado-Martins (2002), são “Mudança fonética em curso no português europeu” (pp. 283-293), “Processos de mudança linguística em curso no português europeu” (pp. 295-299), “Fenómenos de reestruturação silábica em português de Lisboa” (pp. 301-318).

³¹ Todos os exemplos são de Mateus *et alii* (2003: 1013-1016)

Estando caracterizado o SVOPE, tanto a nível fonético como a nível fonológico, e depois de revermos brevemente o funcionamento do processo de elevação e centralização vocálica em PE, passamos à formulação das hipóteses de trabalho.

1. 4. Hipóteses de trabalho

Com base nos dados expostos nas subsecções anteriores, apresentamos de seguida as hipóteses que orientam este trabalho, o qual se centra na aquisição do SVOPE por falantes não nativos de PE, com especial destaque para a aquisição do sistema átono e respectiva activação do processo de elevação e centralização vocálica.

Fikkert (1994) trata da aquisição da estrutura silábica e do acento por falantes de neerlandês como L1, relacionando a transição entre estádios de aquisição com a fixação de parâmetros. Tanto em 1994 como num artigo de 1995³², no qual relata o desenvolvimento dos estudos sobre aquisição da fonologia, a investigadora refere os trabalhos de Echols (1987 e 1988) e de Echols & Newport (1992), que demonstram que as crianças em fase de aquisição de L1 retêm com maior facilidade as sílabas acentuadas e finais, seguindo o princípio de Waterson: “*what is best perceived is best produced*” (Fikkert 1995: 6). Também Freitas (2004: 165) afirma que “(...) *it is traditionally assumed that stressed vowels emerge before unstressed vowels due to the perceptual prominence of the former.*” Recuperamos, ainda, a afirmação de Delgado-Martins & Cabral (1980), que verificaram que “(...) as vogais são tanto mais perceptíveis quanto mais abertas foram porque estas são intrinsecamente mais intensas e mais longas (...)”³³.

A nossa primeira hipótese de trabalho decorre, assim, do princípio de que o sistema vocálico tónico do PE é de mais fácil processamento, relativamente ao seu correspondente átono, proporcionando uma maior produção de sequências de acordo com o alvo. Assim, colocamos a seguinte hipótese:

Hipótese 1 – Na aquisição do PEL2, o sistema vocálico oral tónico estabiliza antes do átono.

Freitas (2005: 6) refere que “*the internal structure of vowels assumed in Mateus & D’Andrade 2000 entails different levels of featural complexity under the neutralization process in unstressed position*”: /a/ → [ɐ] e /ɔ, o/ → [u] implicam alterações no domínio

³² Fikkert (1995), State-of-the-article

do nó de Altura e /ε, e/ → [i] implica alterações no domínio do nó de Altura e do Ponto de Articulação. Assim, /a/ → [ɐ] e /ɔ, o/ → [u] apenas envolvem alterações nos traços de altura, passando o primeiro de [+bx] para [-bx] e o segundo de [-alt] para [+alt], enquanto que /ε, e/ → [i] envolve alterações nos traços de altura, passando de [-alt] para [+alt], mas também no ponto de articulação, passando de [-rec] para [+rec]. Este último processo é, assim, mais complexo que os dois primeiros. A investigadora verificou, com base em dados de aquisição de PEL1, que a aquisição de /a/ → [ɐ] precede a de /ε, e/ → [i] nas crianças observadas, concluindo que *“learning a process where only height features change is less complex than the mastery of a process that involves both changes under the nodes V-place and Height.”* (Freitas 2005: 25).

Se partirmos do princípio de que a ordem de aquisição destes processos poderá ser a mesma, tanto para os falantes de PEL1 como para os de PEL2, ou seja, assumindo que um processo que envolve menor número de traços é mais facilmente adquirido, chegamos à nossa segunda hipótese:

Hipótese 2 – As neutralizações de /a/ em [ɐ] e de /ɔ/, /o/ em [u] devem estabilizar antes da neutralização de /ε/, /e/ em [i].

A terceira hipótese está relacionada com a segunda que aqui colocamos e remete para a estrutura interna dos segmentos. Freitas (2004) verifica, considerando a variação entre [i] e [ɪ], que as crianças que se encontram em aquisição de L1 lidam desde cedo com a vogal [i] resultante de redução de /ε, e/. Os dados de aquisição de holandês como L1 apontam, em certos casos, para mudanças no modo de articulação e no ponto de articulação, sendo que *“(...) the former are context-free (...). However, the changes in PoA [place of articulation] are restricted to certain environments (...)”* (Fikkert 1994: 308). Fikkert (2005: 16) conclui ainda que, na aquisição do Sistema Vocálico Oral do Português Europeu como L1, os traços de ponto de articulação estabilizam antes dos traços de altura.

Transpondo os resultados da investigação na aquisição de L1 para L2, prevemos que, na maioria dos casos em que a vogal alvo não seja atingida, será mais provável que o insucesso na produção decorra da substituição dos traços relativos à altura e não da dos traços relativos ao ponto de articulação.

³³ in Delgado-Martins 2002: 143.

Hipótese 3 – O ponto de articulação é mais estável do que o grau de altura.

A aquisição de uma dada componente ou processo linguístico é, em termos de investigação e de descrição, frequentemente associada a uma escala, na qual é descrita a ordem pela qual cada elemento é adquirido. Ainda que para a aquisição de PEL2 não possamos utilizar uma escala de aquisição, dada a inexistência de dados que permitam estabelecê-la, podemos partir do princípio de que, em termos gerais, as sequências produzidas pelos falantes não nativos de PEL2 estarão mais de acordo com o alvo nos níveis mais avançados de proficiência. Podemos igualmente assumir que a exposição à produção por falantes nativos de PE constitui *input* para os falantes de PEL2, quer em contexto de imersão, quer em ensino formal, e que estes falantes poderão processar e, eventualmente, (re)construir a partir do mesmo, o sistema de sons que utilizam para falar Português. Desta forma, também o tempo de exposição à língua desempenhará um papel relevante. Obtemos, então, a nossa quarta e última hipótese:

Hipótese 4 – A activação do processo de elevação e centralização das vogais é mais frequente: (a) em falantes com níveis de proficiência mais elevados do que nos de níveis mais baixos; (b) em falantes com um intervalo de tempo de exposição mais elevado ao *input*.

Estas hipóteses serão testadas e discutidas com base nos dados da oralidade recolhidos junto de dois grupos de falantes não nativos do PE.

2. METODOLOGIA

Este estudo tem por objectivo analisar a aquisição do processo de elevação e centralização do sistema vocálico oral átono do Português Europeu (PE) por falantes desta língua como Língua não materna (L2). Para alcançar este objectivo, foi necessário começar por proceder à recolha e tratamento de dados. Neste capítulo, explicitaremos os métodos de construção dos estímulos para a obtenção de dados (2.1.), o perfil dos informantes (2.2.), os métodos utilizados na recolha dos dados (2.3.) e no seu tratamento, selecção e codificação em base de dados (2.4.).

Os dados de produção oral de falantes de Português Europeu Língua Não Materna (PEL2) utilizados neste estudo foram obtidos em entrevistas gravadas em cassetes áudio. Trata-se de um estudo longitudinal, pese embora o curto intervalo temporal que separa as recolhas de dados. Cada informante foi submetido a duas avaliações, uma no início e outra no fim do Curso de Português para Estrangeiros, que decorreu na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL), no primeiro semestre do ano lectivo de 2003/2004, que todos os informantes frequentaram. A primeira recolha de dados foi efectuada nos dias 29 e 31 de Outubro e 11, 17 e 25 de Novembro de 2003 e a segunda foi efectuada nos dias 12, 13, 16 e 20 de Janeiro de 2004. Dos dez informantes, cinco estavam incluídos em turmas de nível B1 e outros cinco em turmas de nível C2 do Quadro Europeu Comum de Referência para as línguas (QECR)³⁴, encontrando-se todos em contexto de aprendizagem semi-formal³⁵. Os informantes foram contactados no final das aulas e decidiram individualmente se desejavam ou não participar no estudo, tendo autorizado a gravação áudio das entrevistas e a utilização de todo o material gravado.

2.1. Construção dos estímulos para a recolha de dados

Nesta subsecção, abordamos a selecção dos estímulos e das suas características.

Considerando que este estudo aborda um fenómeno fonológico, optámos por recolher dados de produção com base em estímulos visuais, em detrimento de testes de leitura, uma vez que a ortografia portuguesa poderia afectar o processamento e a produção oral das vogais.

³⁴ Ver Anexo 2

Os estímulos são constituídos por 39 pares de palavras-alvo, que foram transformados em 39 pares de desenhos, reproduzidos no anexo 3, constituindo um total de 78 palavras-alvo. Todas as palavras seleccionadas obedecem às seguintes características:

- a) pertencem à classe dos não-verbos, uma vez que o sistema verbal está sujeito a processos fonológicos de harmonização vocálica;
- b) são paroxítonas, porque este é o padrão acentual mais frequente em Português Europeu. O uso do padrão acentual não marcado permitiu-nos anular a variável “acento”, facto fonológico relevante para o funcionamento do vocalismo em PE (cf. 1.3.);
- c) a sílaba tónica em que surgem as vogais em análise é uma sílaba do tipo CV, para que o processamento fonológico seja simplificado em termos da estrutura silábica;
- d) as vogais [-altas] não se encontram em início absoluto de palavra, porque este contexto bloqueia a redução (cf. 1.3.);
- e) as palavras não terminam em [i], dado que esta vogal está muitas vezes sujeita a apagamento (cf. Mateus *et alli* 2003: 995);
- f) as vogais em análise não se encontram em posição de hiato nem de ditongo.

Embora a manutenção da qualidade das consoantes que precedem e que seguem a vogal a analisar permitisse o controlo de efeitos de co-articulação, tal não foi possível, uma vez que a escolha das palavras estava limitada não só às características descritas, mas também à probabilidade de serem conhecidas pelos informantes. Admitimos, assim, a possibilidade de ocorrência de alguns efeitos de coarticulação que afectem algumas vogais.

Cada par de palavras-alvo partilha o radical, estando as duas palavras relacionadas através de um processo de sufixação, pelo sufixo avaliativo *-inho/a*. Este é um sufixo de fácil aplicação e de uso frequente pelos falantes nativos de PE. Villalva (2003: 958-960) classifica os sufixos avaliativos, como é o caso de *-inho/a*, e os z-avaliativos, como, por exemplo, *-zinho/a*, explicitando que existem várias características distintivas. “O principal contraste entre estes dois tipos de sufixos está relacionado com a categoria morfológica da forma de base: os sufixos avaliativos associam-se a radicais, enquanto que os sufixos z-avaliativos se associam a palavras.” Outro dos contrastes apresentados consiste no facto de

³⁵ Designa-se “contexto de aprendizagem semi-formal” aquele em que um sujeito frequenta aulas de língua e se encontra a viver no meio em que a língua em aquisição é a língua da comunidade. (Cf. Leiria 2001/2006:195).

“(…) nas palavras que integram o sufixo z-avaliativo, a vogal tónica da forma de base [ser] preservada, contrariamente ao que sucede nas formas que integram sufixos avaliativos. Neste caso, a vogal tónica da forma de base está sujeita ao processo geral de elevação das vogais átonas:

<i>d[i]d</i>	<i>inho</i>
<i>d[e]do</i>	<i>zinho</i>
<i>p[i]rn</i>	<i>inha</i>
<i>p[ε]rna</i>	<i>zinha</i>
<i>palh[ɐ]c</i>	<i>inho</i>
<i>palh[a]ço</i>	<i>zinho</i>
<i>esc[u]v</i>	<i>inha</i>
<i>esc[o]va</i>	<i>zinha</i>
<i>s[u]l</i>	<i>inho</i>
<i>s[ɔ]l</i>	<i>zinho</i> ” ³⁶

Decorre, portanto, da aplicação do sufixo avaliativo, uma relação de alomorfia e de alofonia entre as duas palavras de cada par, sendo que a introdução de um constituinte morfológico na segunda palavra implica a aplicação de processos fonológicos que levam a realizações fonéticas diferentes para um mesmo segmento fonológico nas duas palavras. Obtemos, desta forma, pares de palavras nos quais há contraste entre formatos fonéticos distintos (reduzido ou não reduzido) de uma mesma vogal fonológica.

Inicialmente, definiu-se que seriam escolhidos cinco pares de palavras-alvo para cada vogal fonológica, condicionadas aos requisitos por nós definidos (e abaixo descritos), mas também à exigência de os falantes conhecerem as palavras-alvo. Pretendia-se, desta forma, obter um volume de dados a partir de um teste que não fosse demasiado longo. Foi o que fizemos para as vogais fonológicas /i, e, ε, o, u/.

No entanto, apenas foi possível seleccionar quatro pares de palavras para a vogal fonológica /ɔ/, dada alguma dificuldade em encontrar palavras³⁷, condicionadas aos requisitos definidos, que permitissem analisar o comportamento dos falantes no que respeita a esta vogal fonológica e que pudessem ser conhecidas pelos informantes. Deve-se ainda a casos em que algumas vogais parecem não sofrer redução quando se tornam átonas

³⁶ Destaques no original

³⁷ D’Andrade (1994) efectuou um levantamento de palavras –oC₀# do Dicionário Prático Ilustrado, tendo obtido 1710 formas [oC₀u] e apenas 650 [ɔC₀u], verificando-se, assim, um menor número de formas com [ɔ].

com a aplicação do sufixo avaliativo *-inho/a*, como, por exemplo, [bóle / bólɨɲɐ] e [véle / velɨɲɐ], em vez de [bóle / bulɨɲɐ] e [véle / vilɨɲɐ]. Não nos foi possível, no entanto, encontrar qualquer referência bibliográfica que documente estas realizações fonéticas. Pelo contrário, como referimos acima, está documentada a aplicação sistemática de redução vocálica às vogais do radical das palavras com sufixação avaliativa, por oposição à não aplicação nas palavras com sufixação z-avaliativa.

Considerando a dificuldade em seleccionar palavras-alvo que permitam avaliar a aplicação do processo de elevação na vogal fonológica /ɔ/, dois dos pares de palavras (<mota/motorista> e <rota/roteiro>) apresentam uma relação morfológica diferente, mantendo, no entanto, a partilha do radical e as relações de alofonia e de alomorfia. Aqui, a segunda palavra de cada par sofre, em relação à primeira, um processo de nominalização denominal, processo morfológico que se caracteriza pela formação de um nome a partir de uma base nominal³⁸.

Finalmente, no que respeita à vogal fonológica /a/, seleccionámos, em vez de cinco, dez pares de palavras, de forma a obtermos um maior número de dados sem que o teste se tornasse demasiado longo.

Aplicados os critérios acima explicitados, foram seleccionados os estímulos apresentados no Quadro 1:

Quadro 1 – Estímulos apresentados aos informantes (palavras-alvo)

Vogais	Estímulos				
/i/	livro, livrinho	sino, sininho	mochila, mochilinha	piscina, piscininha	cozinha, cozinhinha
/e/	mesa, mesinha	pêra, perinha	cabelo, cabelinho	cinema, cineminha	caneta, canetinha
/ɛ/	pedra, pedrinha	panela, panelinha	chinelos, chinelinho	janela, janelinha	castelo, castelinho
/a/	mala, malinha	pato, patinho	gato, gatinho	gelado, geladinho	sapato, sapatinho
	cavalo, cavalinho	batata, batatinha	casa, casinha	macaco, macaquinho	garrafa, garrafinha
/ɔ/	copo, copinho	rota, roteiro	mota, motorista	camisola, camisolinha	---
/o/	bolo, bolinho	lobo, lobinho	raposa, raposinha	escova, escovinha	rolha, rolhinha
/u/	muro, murinho	luva, luvinha	chuva, chuvinha	uva, uvinha	unha, unhinha

³⁸ Cf. Villalva (2003: 944 – 945)

No Quadro 2 encontra-se a transcrição fonética larga esperada correspondente aos estímulos apresentados aos informantes.

Quadro 2 - Matriz de referência para a recolha de dados

Produção esperada perante os estímulos visuais					
/i/	[lívru]	[sínu]	[muʃíle]	[piʃíne]	[kuzíjne]
	[livríjnu]	[siníjnu]	[muʃilíjne]	[piʃiníjne]	[kuziníjne]
/e/	[méze]	[pére]	[kebélú]	[sinéme]	[kenéte]
	[mizíjne]	[piríjne]	[kebilíjnu]	[sinimíjne]	[kenitíjne]
/ɛ/	[pédre]	[penéle]	[ʃinélu]	[ʒenéle]	[keʃtélu]
	[pidríjne]	[penilíjne]	[ʃinilíjnu]	[ʒenilíjne]	[keʃtilíjnu]
/a/	[mále]	[pátu]	[gátu]	[ʒiládu]	[sepátu]
	[melíjne]	[petíjnu]	[getíjnu]	[ʒilédíjnu]	[sepetíjnu]
	[keválu]	[betáte]	[káze]	[mekáku]	[geráfe]
	[kevelíjnu]	[betetíjne]	[kezíjne]	[mekekíjnu]	[gereríjne]
/ɔ/	[kópu]	[róte]	[móte]	[kemizóle]	---
	[kupíjnu]	[rutéjru]	[muturíʃte]	[kemizulíjne]	
/o/	[bólu]	[lóbu]	[repóze]	[ʃkóve]	[róle]
	[bulíjnu]	[lubíjnu]	[repuzíjne]	[ʃkuvíjne]	[rulíjne]
/u/	[múru]	[lúve]	[ʃúve]	[úve]	[újne]
	[muríjnu]	[luvíjne]	[ʃuvíjne]	[uvíjne]	[ujíjne]

Todos os desenhos-estímulo foram testados com cinco falantes nativos de PE com características e origens diversas, antes de serem utilizados nas entrevistas de recolhas de dados, com o objectivo de confirmar que os mesmos levam à produção dos pares de palavras esperados. Todos os informantes falantes nativos atingiram as palavras-alvo correspondentes a todos os estímulos visuais, pelo que não foram feitas alterações aos mesmos. No Quadro 3, na subsecção seguinte, resumem-se as características destes informantes.

2.2. Perfil dos Informantes

Como vimos no ponto 1.2., são vários e de diferentes naturezas os factores envolvidos na aquisição de uma L2, tornando-se, por isso, muito difícil seleccionar informantes de modo a controlar todas as possíveis variáveis.

Para o caso que constitui a temática desta dissertação, seria ideal poder constituir um grupo de sujeitos alargado, com vários subgrupos de diferentes L2, todos na mesma faixa

etária, que não falassem outra língua senão a sua L1, com o mesmo tempo e o mesmo tipo de exposição ao PE, permitindo, assim, avaliar o papel dos conhecimentos prévios na aquisição do sistema vocálico oral do PE. No entanto, um número adequado de informantes com estas e outras características controláveis é quase impossível de conseguir em contexto de imersão. Leiria (2001/2006: 191-196) menciona várias dificuldades sentidas pelos investigadores em PEL2, entre as quais se encontram:

- a) o facto de os falantes de PEL2 estudarem apenas durante um ou dois semestres em Portugal;
- b) as dificuldades e algum insucesso na recolha de material oral e longitudinal, especialmente devido à redução do número de informantes ao longo da recolha;
- c) a impossibilidade de conseguir homogeneidade quanto a tempo de estudo e conhecimentos prévios e de se “(...) conseguir um conjunto de informantes, que fosse em número suficiente, que só conhecesse a sua L1 e que nunca tivesse tido contacto com português até à data de entrada no curso (...).”

A investigadora acrescenta que, por isso mesmo, um grupo com estas características “(...) não seria representativo do perfil do estudante de português.” Por todas estas razões, optámos pelo grupo de informantes o mais heterogéneo possível, permitindo-nos apenas observar o seu nível de proficiência de PE.

Não obstante o carácter genérico de que se reveste a escala de níveis de utilizador de L2 do QEQR, que pretende ser um apoio relevante para a actividade pedagógica mas que apenas transmite informação escassa e não apoiada em actividades de investigação, esta foi a escala utilizada para distinguir dois grupos de informantes. De início, pretendia-se analisar dados de informantes dos níveis A1 e C2 (correspondentes aos dois extremos do QEQR). No entanto, optámos por seleccionar um grupo de sujeitos do nível B1 e não do nível A1 por duas razões: por um lado, os cursos existentes na FLUL iniciam-se no nível A2, não contemplando o nível A1; por outro lado, a aplicação deste tipo de testes implica algum conhecimento lexical da língua em estudo. O nível C2 não levantava dificuldades, uma vez que, neste nível, espera-se que os informantes disponham de um nível de proficiência próximo do dos falantes nativos. Podemos, assim, analisar quatro fases, que, ainda que não constituam um *continuum*, poderão, eventualmente, corresponder a quatro níveis de aquisição progressiva dos alvos, da seguinte forma: B1, 1ª sessão → B1, 2ª sessão → C2, 1ª sessão → C2, 2ª sessão.

Para a primeira recolha, solicitámos a colaboração de dez sujeitos de cada nível, considerando que pretendíamos, no final, seleccionar apenas cinco informantes, mas que tínhamos de prever um cenário em que algum (ou alguns) dos informantes desistissem ou, por alguma razão, não pudessem participar neste estudo. Apenas um dos informantes com duas entrevistas efectuadas, do nível C2, foi excluído, por ter contacto constante com falantes de variedades não europeias de Português (brasileira, angolana e cabo-verdiana, entre outras), nas quais se destacam, a nível fonológico e na comparação com o PE, divergências no funcionamento do sistema vocálico. No final das sessões de recolha de dados, verificou-se que apenas dispúnhamos dos dados de precisamente cinco informantes de cada nível, uma vez que alguns informantes tinham desistido do curso ou manifestaram não desejar participar na segunda recolha de dados. Não foi, portanto, possível proceder a uma selecção dos sujeitos dentro de cada um dos grupos.

Assim, neste estudo, são considerados dados de informantes de várias idades, nacionalidades e culturas. Todos os informantes são adultos e todos têm como habilitações literárias cursos de nível superior. Não há, em cada um dos níveis, dois informantes com a mesma L1. A maioria tem conhecimento de, pelo menos, duas L2, das quais se destaca o Inglês. Nenhum dos informantes tem família portuguesa e as motivações para estudar PE são de diferentes naturezas. No Quadro 3, estão indicados os dados dos informantes do nível B1 e, no Quadro 4, os dos informantes do nível C2³⁹.

Quadro 3 – Informantes falantes de PEL2 – nível B1

Informantes	Go	OI	Gi	Am	Ti
Nacionalidade	Francesa	Romena	Italiana	Inglesa	Belga
Idade	22	25	27	32	35
Sexo	Masculino	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino
L1	Francês	Romeno	Italiano	Inglês	Holandês
L2	Espanhol	Francês	Inglês	Alemão	Francês
	Inglês	Húngaro	---	Holandês	Inglês
	---	Inglês	---	Francês	Alemão
	---	---	---	---	Japonês
Motivação para estudar PE	Nasceu no Brasil	Estudos	Profissional	Vive em Portugal	Gosta de aprender línguas
Estudou Português Antes	Não	Não	Não	Na Parede, durante 10 horas, com ensino formal	Na Bélgica, durante 1 ano, com ensino formal
1ª Recolha	29-10-2003	31-10-2003	29-10-2003	25-11-2003	25-11-2003
2ª Recolha	12-01-2004	12-01-2004	12-01-2004	16-01-2004	13-01-2004

³⁹ Neste trabalho, todas as referências aos informantes serão feitas através das suas iniciais.

Quadro 4 – Informantes falantes de PEL2 – nível C2

Informantes	Cr	Il	Ak	Da	La
Nacionalidade	Romena	Búlgara	Japonesa	Francesa	Espanhola
Idade	25	22	32	37	34
Sexo	Feminino	Feminino	Feminino	Masculino	Feminino
L1	Romeno	Búlgaro	Japonês	Francês	Espanhola
L2	Inglês	Italiano	Inglês	Inglês	Inglês
	Francês	Russo	---	Espanhol	---
	Persa	Inglês	---	---	---
	Espanhol	---	---	---	---
Motivação para estudar PE	Interesse pela Língua	Queria ser diferente – Licenciada em Filologia Portuguesa	Vive em Portugal	Vive com a namorada que é Portuguesa	Vive em Portugal
Estudou Português Antes	Na Roménia e em Lisboa, durante 4 anos, com ensino formal	Na Bulgária, durante 4 anos, com ensino formal	Em Lisboa, durante 3 anos, com ensino formal	Em França e Portugal, sozinho durante 8 meses, 2 meses com ensino formal	Em Portugal, durante 1 ano, com ensino formal
1ª Recolha	11-11-2003	11-11-2003	17-11-2003	11-11-2003	11-11-2003
2ª Recolha	16-01-2004	16-01-2004	16-01-2004	16-01-2004	20-01-2004

Como já referimos, os estímulos visuais foram apresentados previamente a um grupo de falantes nativos de PE, com o objectivo de verificar se levavam à produção dos pares de palavras esperados. Os dados deste grupo controlo são apresentados no quadro 5.

Quadro 5 – Informantes falantes de Português Europeu como língua materna (PEL1)

Nome	Ana	Conceição	Paula	Carlos	Luís
Nacionalidade	Portuguesa	Portuguesa	Portuguesa	Portuguesa	Portuguesa
Naturalidade	Lagos	Figueiredo, Sertã	Lisboa	Asseiceira, Tomar	Lisboa
Vive em Lisboa há...	11 anos	31 anos	---	30 anos	---
Idade	30 anos	59 anos	32 anos	48 anos	43 anos
Sexo	Feminino	Feminino	Feminino	Masculino	Masculino
Escolaridade	Licenciada	9º ano	Licenciada	Licenciado	Mestre
L1	Português	Português	Português	Português	Português
L2	Inglês	Francês	Inglês	Inglês	Inglês
L3	Alemão	---	Francês	Francês	Francês

2.3. Recolha de dados

Como já referimos, foram entrevistados, na primeira fase de recolha de dados, dez informantes de cada nível e, na segunda fase, seis informantes do nível C2 (tendo, depois,

sido excluído um) e cinco do nível B1. Descrevemos, de seguida, o processo de recolha de dados.

Todas as gravações e a utilização dos dados fornecidos foram devidamente autorizadas por todos os informantes. As gravações foram feitas em suporte áudio, utilizando um gravador “Marantz”, cedido pelos meios audio-visuais da FLUL. A primeira fase de entrevistas decorreu nos dias 29 e 31 de Outubro, 11, 17 e 25 de Novembro de 2003 e a segunda, nos dias 12, 13, 16 e 20 de Janeiro de 2004. Todas as recolhas tiveram lugar em salas da Biblioteca da FLUL. No decorrer das gravações, estavam presentes na sala apenas a investigadora e o informante que estava a ser gravado, para que os restantes informantes não tivessem acesso aos estímulos utilizados na recolha. Todas as entrevistas foram efectuadas pela investigadora.

Foi explicado a todos os informantes que as gravações estavam a ser feitas para um estudo relacionado com a Língua Portuguesa, não tendo sido explicitado em momento algum que o estudo pretendia focar a aquisição do sistema vocálico.

Foram apresentados aos informantes conjuntos de duas imagens, a primeiro de maiores dimensões do que a segunda, conforme se reproduz no Anexo 3. Os sujeitos foram instruídos no sentido de nomearem o objecto da imagem maior, voltando a nomear o objecto da imagem menor, associando o sufixo avaliativo *-inho/a*. Assim, esperava-se que o informante produzisse a sequência [kɐválu], [kɐvéljɨu], perante um par de estímulos visuais com representação de dois cavalos com dimensões diferentes. Os informantes apenas tomaram conhecimento da tarefa que lhes era solicitada quando chegaram à sala onde foram feitas as gravações. Foi dentro da sala que tiveram o seu primeiro contacto com os estímulos visuais, não tendo sido, portanto, preparados para a tarefa na primeira fase de recolha de dados.

Poucos dias antes da segunda recolha de dados, foi comunicado aos informantes que a tarefa e os estímulos seriam os mesmos, tendo-lhes sido solicitado que consultassem os seus dicionários relativamente aos itens que não tinham conseguido nomear na primeira entrevista. No entanto, quando lhes perguntámos, no início da segunda entrevista, se tinham consultado os dicionários, alguns informantes afirmaram que se tinham esquecido de o fazer e outros não se lembravam dos itens constantes dos estímulos.

A sequência de apresentação dos estímulos visuais foi aleatória em ambas as recolhas de dados.

Durante as entrevistas, quando os informantes não se lembravam da designação correspondente a um dos estímulos, eram-lhes dadas várias pistas pela investigadora. Por exemplo, se o alvo fosse <camisola> [kəmizólɐ] e o informante dissesse <casaco>, dava-se-lhe uma pista do género “não é «casaco», mas é uma peça de roupa. O casaco tem botões ou fecho, esta não. Diga outros nomes de peças de roupa de que se recorde”. Foi dada a todos os informantes a hipótese de produzirem várias sequências, correspondentes a palavras ou não, sendo informados pela investigadora se a sequência produzida era ou não a palavra-alvo ou parte da mesma. Nos casos em que os informantes afirmavam não ter conhecimento da designação correspondente ao estímulo (apesar de indicarem que reconheciam o estímulo), ou não se lembrarem da designação daquele estímulo, os mesmos eram deixados de parte e mostrados de novo no fim da entrevista. Este procedimento tinha dois objectivos:

1 – impedir que os informantes se sentissem inibidos, por não se lembrarem de uma ou outra designação, o que poderia dificultar o resto da recolha de dados;

2 – dar aos informantes mais uma oportunidade de designar os estímulos, aumentando assim o volume de dados disponível neste estudo.

Caso não se recordassem ou desconhecêssem por completo a designação do objecto representado no desenho em causa, este era posto de lado. Em último caso, poderiam ser dadas pistas explícitas sobre o formato morfológico e/ou fonológico da palavra (como, por exemplo, “é uma palavra que começa por [kɐ]” ou “é uma palavra parecida” ou “começa da mesma maneira”). Nestes casos, as sequências produzidas de seguida pelos informantes não foram consideradas para análise nem introduzidas em base de dados, podendo vir a ser analisadas separadamente, considerando que se trata de casos em que os informantes tiveram acesso a informação sobre a estrutura da palavra.

O material gravado contém, assim, não só as identificações dos estímulos, mas também interacções entre os informantes e a investigadora. Foram transcritas as produções relativas à designação dos estímulos visuais (ex.: [kamizóla / kamizolíjna: (...) úpatíjno, páto] (Go, 1ª R.)) e todas as hesitações que precedem ou sucedem a produção (ex.: [ba / batátas / batajíjnas] (Go, 1ª R.)). As entrevistas duravam, na maior parte dos casos, entre 5 e 15 minutos. A entrevista mais breve durou 5m46s (II (nível C2), 2ª recolha) e a mais longa durou 21m35s (Go (nível B1), 2ª recolha). Ficaram gravadas 2h18m51s de

entrevistas com informantes do nível B1 e 1h32m06s de entrevistas com informantes do nível C2, num total de 3h50m57s. A transcrição das entrevistas encontra-se no anexo 5.

2.4. Tratamento dos Dados

Nesta subsecção, tratamos primeiro da transcrição dos dados, de seguida da selecção e, finalmente, da codificação dos dados seleccionados.

A transcrição das entrevistas foi feita pela investigadora no Laboratório de Línguas da FLUL, tendo sido utilizado para o efeito o alfabeto fonético internacional (IPA)⁴⁰. Todos os dados das cassetes originais foram transpostos para outras, tendo sido utilizadas as cópias na transcrição. Foram transcritas todas as produções de alvos efectuadas em cada entrevista pelos informantes. Posteriormente, os dados foram introduzidos num ficheiro *word*. As entrevistas foram então ouvidas de novo pela investigadora, a fim de verificar se a transcrição estava correcta.

Dada a subjectividade inerente a uma transcrição fonética, foram sempre anotadas as dúvidas relativas às sequências efectivamente produzidas. As transcrições foram feitas em pequenas sessões diárias de cerca de trinta minutos a uma hora, procurando-se evitar o cansaço, que condicionaria o nível atencional da transcritora.

Ainda tendo em consideração a falibilidade da transcrição fonética realizada por uma investigadora, foi solicitado a uma outra investigadora que ouvisse, integralmente, as gravações e indicasse todos os pontos de divergência com a transcrição já feita. Foram feitas algumas alterações à transcrição, em todos os casos por consenso das duas investigadoras. Foi ainda solicitado a uma terceira investigadora que ouvisse algumas produções, que, ainda que ouvidas várias vezes pelas duas investigadoras, suscitavam dúvidas. Foram consideradas para análise todas as produções após consenso relativamente ao formato fonético em causa. No caso de vogais produzidas pelos informantes que não correspondiam a vogais do PE, recorremos a um instrumento de trabalho elaborado com o apoio de Peter Ladefoged, designado “*A Course in Phonetics*”, no qual se tem acesso a ficheiros de som associados a símbolos fonéticos do Alfabeto Fonético Internacional.⁴¹

Para facilitar a análise e tratamento dos dados transcritos, foi construída uma base de dados em *Access* com os campos:

⁴⁰ Vide anexo 1.

1. referentes ao informante: nome; nível de proficiência (de acordo com o QECR); nacionalidade; idade; sexo; habilitações literárias; conhecimentos de português prévios ao curso, local anterior de estudo e inserção (ou não) em contexto de ensino formal; familiares portugueses e interação em português com os mesmos; L1 e outras L2 que o falante conheça;
2. referentes às sequências produzidas: transcrição ortográfica do alvo; transcrição fonética do alvo; data da 1ª Recolha; transcrição fonética da 1ª Recolha; data da 2ª Recolha; transcrição fonética da 2ª Recolha; codificação do alvo; codificação da 1ª Recolha; codificação da 2ª Recolha.

A base de dados foi preenchida com os dados de todos os informantes, as datas das recolhas, as palavras-alvo, a sua transcrição fonética, os dados fornecidos pelos informantes e a codificação das palavras-alvo e dos dados recolhidos nas duas entrevistas. A cada entrada na base de dados corresponde apenas uma palavra-alvo, ficando, assim, os pares de palavras separados por entrada. Por exemplo, no caso do par <cavalo>, <cavalinho>, existe uma entrada para a palavra <cavalo> e outra para a palavra <cavalinho>, para cada informante.

No processo de análise dos dados transcritos, verificou-se que, nalguns casos, os informantes não atingiram a palavra-alvo e, noutros casos, atingiram-na várias vezes. Nestes últimos casos, por vezes, era produzida a vogal alvo e, noutras, a vogal alvo não era atingida, sendo produzida outra vogal.

Neste estudo, foi contabilizado o número de formatos que a vogal assumia, conforme os exemplos em (1) e (2)⁴²:

(1) <unha> [únɐ] → [úŋja / úʎa / úʎaf] (Gi, 2ª R.); codificação do alvo: “labaltton”; codificação da produção da primeira Recolha: “OK”; foi contabilizada 1 produção;

(2) <lobo> [lóbu] → [lúpu / lópu / lópu / lóp / lópu] (Gi, 1ª R.); codificação do alvo: “labmedton”; codificação da produção da 1ª R: “labaltton labbxton”; foram contabilizadas 2 produções diferentes.

Não foram consideradas nem introduzidas na base de dados as sequências:

⁴¹ disponível em:
<http://hctv.humnet.ucla.edu/departments/linguistics/VowelsandConsonants/course/chapter1/chapter1.html>

a) correspondentes a imitações, tendo sido consideradas “imitações” todas as repetições da palavra-alvo ou de parte de palavra-alvo imediatamente após esta ter sido pronunciada pela investigadora, conforme o exemplo em (3):

(3) <livro> [lívru] → produção da investigadora: [lívru]; produção do informante: [lívro, livrípo] (Go, 2ª R.)

b) não correspondentes às palavras-alvo, como os exemplos em (4):

(4) <chuva> [ʃúvɐ] → [ʃ/ʃóv (...) ʃóv (...) ʃóv / ʃóv] (Ol, 2ª R.): estas sequências foram excluídas dada a sua semelhança com a forma verbal <chove> [ʃóv];

<rota> [Rótvɐ] → [mápa (...) frõtéjra] (Ol, 1ª R.)

c) que resultam de selecção incorrecta do sufixo, interferindo a forma seleccionada com o processo de elevação e centralização vocálica ou com a estrutura da palavra em análise, impedindo a redução da vogal pretendida, conforme os exemplos em (5):

(5) <piscininha> [piʃiníjɐ] → [piʃsíjɐ / pʃ / pʃ / piʃíjɐ] (Cr, 2ª R.);

<cineminha> [sinimíjɐ] → [sinimetéjɐ] (Cr, 1ª R.);

<gatinho> [gətíjɐ] → [gatuzíjɐ] (Ti, 2ª R.)

d) que correspondem a estruturas pertencentes às L1 ou L2 dos informantes, como o exemplo em (6):

(6) <copo> [kópu] → [úbáθobáθo] (Go, 1ª R.);

e) que correspondem a manifestações de indecisão ou de desconhecimento do alvo por parte dos informantes, como o exemplo em (7):

(7) [něwěkɛzákɔ / e: / něwěséj / něwmlébro] (Am, 1ª R.);

Todas as hesitações foram marcadas no campo “Observações” da base de dados.

⁴² Os exemplos são apresentados da seguinte forma: <palavra-alvo transcrita ortograficamente> [palavra-alvo transcrita foneticamente] → [sequência produzida pelo informante] (Informante, Recolha).

As contagens foram, assim, feitas sobre o número de produções e não sobre o número de alvos. No total, a base de dados tem 692 entradas, nas quais estão inseridas 1306 sequências.

No que se refere à codificação, quer da produção esperada, quer dos dados recolhidos durante as entrevistas com os falantes de PEL2, foi utilizado um sistema que reúne três informações importantes sobre a vogal em análise: o ponto de articulação, o grau de altura e a indicação sobre a presença ou ausência de acento tónico. Ainda que as propriedades inerentes ao grau de altura estejam ligadas ao ponto de articulação, estas duas informações foram aqui separadas, de forma a permitirem uma análise mais detalhada. Assim, relativamente a estas duas propriedades, foi utilizado o seguinte sistema:

Quadro 6 – Sistema de Codificação das Vogais do PE na base de dados

[i]	[i]	[u]	alt
[e]	[ɐ]	[o]	med
[ɛ]	[a]	[ɔ]	bx
cor	dors	lab	

As sequências “cor”, “dors” e “lab” indicam, respectivamente, os pontos de articulação coronal, dorsal e labial. Estes traços “ (...) representam os (...) articuladores envolvidos na produção dos sons (lábios, coroa e dorso da língua (...))” (cf. Costa 2003: 40, *apud* Clements & Hume 1995: 252). Esta é uma tipologia de classificação utilizada em estudos de aquisição, que será também usada neste projecto. Não pretendemos propor esta tipologia para a caracterização fonológica do PE, nem discutir argumentos contra ou a seu favor.

As sequências “alt”, “med” e “bx” indicam os graus de altura, correspondendo “alt” a vogais [+alt], “med” a vogais [-alt, -bx] e “bx” a vogais [+bx].

Relativamente à marcação da presença ou ausência de acento tónico, foram utilizadas, respectivamente, as sequências “ton” e “atn”.

Na codificação, optámos por colocar primeiro o ponto de articulação, de seguida a altura e, no final, a referência ao acento. Assim, por exemplo, a codificação da vogal [é] é “cormedton” e a da vogal [ɐ] é “dorsmedatn”. Tendo surgido, nas recolhas de dados, vogais que não tinham sido consideradas de início, por não pertencerem ao sistema

vocálico do PE Standard, optámos por criar codificações especiais para estas vogais, utilizando como base as sequências já definidas, mas de forma que, quando fossem feitas pesquisas na base de dados, as codificações não gerassem sobreposições. Assim, foram incluídos algarismos nas codificações, entre as sequências referentes ao ponto de articulação e grau de altura, de acordo com as propriedades descritas para os sons que representam, para as seguintes vogais:

Quadro 7 – Codificação de Vogais não existentes em PE (Standard) na base de dados

Vogal	Codificação	Exemplo
[æ]	cor1bx	<cabelo> [kabǽlo] (Ol, 1ª R.)
[u]	lab2alt	<luva> [rúvaʃ] (Ak, 1ª R.)

Estas vogais foram classificadas de acordo com as características descritas no IPA. A vogal [æ], no entanto, levantou-nos algumas dúvidas, uma vez que é descrita no IPA como vogal frontal, não arredondada, entre a aberta, /a/, e a meia-aberta, /ɛ/. No entanto, se a classificação destas vogais no IPA partilha todas as propriedades menos o grau de altura, no sistema que utilizámos, /a/ e /ɛ/ não partilham a informação referente ao ponto de articulação, pelo que foi necessário saber se [æ] seria classificada como coronal ou dorsal. Considerando que esta vogal existe no inventário vocálico do dialecto do Barlavento Algarvio, consultámos trabalhos na área da dialectologia para melhor percebermos como deveríamos classificar esta vogal. Azevedo Maia (1975) registou exemplos de /ɛ/ tónico pronunciado como uma vogal de timbre intermédio entre /ɛ/ e /a/, estando este fenómeno relacionado com alterações em cadeia que se encontram de forma sistemática na zona Ocidental do Algarve. Segura da Cruz (1987) classifica, dentro do sistema vocálico do Barlavento do Algarve, /ɛ/ como vogal palatal semiaberta, /æ/ como vogal palatal aberta e /a/ como vogal central aberta. A mesma investigadora, em 1994: 345, escreve “(...) o sistema vocálico do Barlavento do Algarve é constituído por oito vogais: /i/, /e/, /ɛ/, /æ/, /a/, /ɔ/, /o/, /u/. É um sistema em que se operaram grandes alterações relativamente ao sistema vocálico do português padrão; dessas alterações avulta por um lado a existência de três fonemas desconhecidos do padrão: /ü/ (u palatalizado); /a/ (a que contém grande velarização) e /æ/ (fonema de grande abertura) e, por outro lado, a existência de três

fonemas /e/, /ɛ/ e /æ/ a corresponder aos dois fonemas anteriores ao português padrão /e/ e /ɛ/.” Assim, consideramos /æ/ uma vogal coronal mais baixa do que /ɛ/, pelo que foi codificada como “cor1bx”.

A vogal [ʉ] foi identificada através do ficheiro de som associado ao símbolo fonético, no instrumento de trabalho elaborado com o apoio de Peter Ladefoged que já referimos.⁴³ Esta vogal é descrita no IPA como vogal fechada, recuada e não arredondada. Distingue-se, portanto, de [u], no traço [arr], pelo que foi codificada como “lab2alt”.

Sempre que as vogais produzidas pelo informante coincidiam com a vogal alvo, no campo correspondente à recolha era assinalado “OK”, como se pode ver nos exemplos fornecidos em (8):

(8) <macaco> [mækáku] → [makáko] (O1, 1ª R.), codificação do alvo: “dorsbxton”, codificação da produção da 1ª R: “OK”.

Sempre que as vogais produzidas não coincidiam com a vogal alvo, utilizava-se o sistema de codificação descrito para indicar as características da vogal produzida no lugar da vogal alvo, como se indica nos exemplos em (9):

(9) <macaquinho> [mækəkíju] → [mækakíjɐ] (O1, 2ª R.), codificação do alvo: “dorsmedatn”, codificação da produção da 2ª R: “dorsbxatn”.

A pesquisa na base de dados é feita através das codificações e não através dos dados em si, uma vez que não é possível, em Access, fazer pesquisas utilizando o IPA.

Na descrição e discussão dos dados, utilizaremos, dada a inexistência de uma escala de desenvolvimento fonológico de L2, o sistema de classificação, elaborado por Hernandorena (1990) para a aquisição como língua materna da variante brasileira do Português, referente às percentagens de concordância entre as produções dos informantes e os alvos (cf. Costa 2003: 80), reproduzido em (10):

⁴³ disponível em:

<http://hctv.humnet.ucla.edu/departments/linguistics/VowelsandConsonants/course/chapter1/chapter1.html>

(10) *CrITÉrios percentuais para definição de etapas no processo de aquisição segmental*

- a. Menos de 50% de correspondência produção/alvo: segmento *não adquirido*;
- b. Entre 51% e 75% de correspondência produção/alvo: segmento *em aquisição*;
- c. Entre 76% e 85% de correspondência produção/alvo: segmento *adquirido* mas não estabilizado/dominado;
- d. Entre 86% e 100% de correspondência produção/alvo: segmento *estabilizado/dominado*.⁴⁴

Centramo-nos, em seguida, na descrição e discussão das 1306 produções que constituem o nosso *corpus*, obtido depois da realização e transcrição das entrevistas e da selecção dos dados.

⁴⁴ Destaques no original.

3. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo está dividido em três secções: a descrição dos dados produzidos para os alvos tónicos, em 3.1., a descrição dos resultados obtidos para o elenco de vogais átonas, em 3.2., e a comparação entre os resultados obtidos para as vogais-alvo tónicas e as suas correspondentes átonas, em 3.3.. Em cada secção, descrevemos primeiro os resultados globais e, em seguida, os dados referentes a cada um dos grupos de informantes: os alunos dos níveis B1 e C2, de acordo com a escala do Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QECR), conforme descrevemos em 1.2. e de acordo com os quadros reproduzidos no anexo 2.

Como já foi referido, este trabalho estuda a aquisição do Sistema Vocálico Oral do Português Europeu (SVOPE) por falantes não nativos e tem por base uma recolha longitudinal de dados, que decorreu em dois momentos de aprendizagem: a primeira no início do curso de Língua Portuguesa como língua não materna e a segunda no final do mesmo curso. Participaram neste projecto dez informantes falantes de Português Europeu como Língua não materna (PEL2), divididos em dois grupos de cinco informantes, enquadrados nos níveis de proficiência B1 e C2.

De acordo com a informação prestada no capítulo 2, para a recolha de dados foram seleccionados 39 pares de palavras-alvo, num total de 78 estímulos, que apresentam as seguintes propriedades, justificadas no capítulo 2.:

- a) as palavras pertencem à classe dos não-verbos;
- b) as palavras são paroxítonas;
- c) a sílaba tónica em que surge a vogal em análise é do tipo CV;
- d) as vogais [-alt] não se encontram em início de palavra;
- e) as palavras não terminam em [i];
- f) as vogais em análise não se encontram em posição de hiato nem de ditongo.

As palavras de cada par partilham o mesmo radical, havendo entre elas relações de alofonia e de alomorfia, resultantes da aplicação de um processo de sufixação avaliativa, à excepção de dois dos pares de palavras-alvo, em que entre as duas palavras de cada par se verifica um processo de nominalização denominal, mantendo, no entanto, as relações de alofonia e alomorfia.

Os dados descritos neste capítulo correspondem a 1306 produções de vogais-alvo, que constituem o nosso *corpus*.

Na descrição e discussão dos dados utilizaremos o sistema de classificação de Hernandorena (1990)⁴⁵ para a aquisição como língua materna da variante brasileira do Português, referente às percentagens de correspondência produção/alvos, como referimos no capítulo anterior.

O Quadro 1 mostra-nos a distribuição das sequências produzidas por grupo de informantes e por recolha.

Quadro 1

Sequências contabilizadas por grupo de informantes e por recolha

Sequências contabilizadas	Nível B1	Nível C2	Total
1ª Recolha	287	341	628
2ª Recolha	323	355	678
Total	610	696	1306

No Quadro 2, apresentamos a distribuição das sequências produzidas pelos informantes para as vogais-alvo tónicas e, no Quadro 3, as sequências produzidas para vogais-alvo átonas, organizadas, em ambos os casos, por vogal, grupo de informantes e entrevista, perfazendo, no total, as 1306 produções acima indicadas.

Quadro 2

Sequências contabilizadas por vogal tónica, recolha e nível de proficiência

Sequências contabilizadas - vogais tónicas		[í]	[é]	[ɛ]	[á]	[ɔ]	[ó]	[ú]	Total
Nível B1	1ª Recolha	17	26	19	45	17	9	17	150
	2ª Recolha	17	26	20	47	20	14	21	165
Nível C2	1ª Recolha	20	27	23	48	15	19	25	177
	2ª Recolha	21	27	23	50	16	23	24	184
Total		75	106	85	190	68	65	87	676

Quadro 3

Sequências contabilizadas por vogal átona, recolha e nível de proficiência

Sequências contabilizadas - vogais átonas		[i]	[i] alofone de /e/	[i] alofone de /ɛ/	[ɐ]	[u] alofone de /ɔ/	[u] alofone de /o/	[u] alofone de /u/	Total
Nível B1	1ª Recolha	16	24	18	46	11	7	15	137
	2ª Recolha	16	27	20	48	13	14	20	158
Nível C2	1ª Recolha	15	23	23	47	13	19	24	164
	2ª Recolha	21	22	24	48	12	20	24	171
Total		68	96	85	189	49	60	83	630

3.1. Vogais tónicas

Nesta secção, apresentamos primeiro os resultados globais na produção das vogais-alvo tónicas, englobando os dois grupos de informantes e as duas entrevistas de recolha de dados (3.1.1.). Em 3.1.2., apresentamos os dados referentes à produção das vogais-alvo pelos informantes do nível B1 e os dados referentes aos casos de substituição das vogais-alvo tónicas por estes informantes. A secção 3.1.3. segue o mesmo esquema organizativo, relativamente aos informantes do nível C2, descrevendo-se primeiro as sequências em que existe conformidade com as vogais-alvo e as sequências em que não se verifica esta conformidade.

3.1.1. Resultados globais

Em (1), apresentamos exemplos de selecção de formatos fonéticos de acordo com as vogais-alvo tónicas pelos informantes do grupo do nível B1, e, em (2), de substituição das vogais-alvo tónicas pelos mesmos informantes, nas duas sessões de recolha de dados:

(1) *Seleção de formatos fonéticos de acordo com as vogais-alvo tónicas por informantes do nível B1*

<livro>	[lívru]	→	[lívro]	(Go, 1ª R.);
<mesa>	[mézɐ]	→	[méza]	(Ol, 1ª R.);
<pedra>	[pédɾɐ]	→	[pédɾɐ]	(Am, 2ª R.);
<pato>	[pátu]	→	[páto]	(Am, 2ª R.);
<mota>	[móte]	→	[móta]	(Gi, 1ª R.);
<bolo>	[bólɔ]	→	[bólo]	(Ol, 2ª R.);
<muro>	[múru]	→	[ũmúro]	(Go, 2ª R.).

⁴⁵ Citada por Costa 2003: 80

(2) Substituição das vogais-alvo tónicas por informantes do nível B1

<cozinha>	[kuzíjɐ]	→	[koséna]	(Go, 1ª R.);
<cabelo>	[kɐbélu]	→	[kabǽlo]	(Ol, 2ª R.);
<pedra>	[pédɾɐ]	→	[pédra]	(Gi, 2ª R.);
<gato>	[gátu]	→	[gató]	(Go, 1ª R.);
<copo>	[kópu]	→	[kópu]	(Ti, 2ª R.);
<lobo>	[lóbu]	→	[lópu]	(Gi, 1ª R.);
<luva>	[lúvɐ]	→	[lóvɾiʃ]	(Ol, 1ª R.).

Os exemplos fornecidos em (3) ilustram a produção de vogais conformes aos alvos tónicos e os exemplos em (4), a produção de vogais não conformes aos mesmos alvos, pelos informantes do grupo do nível C2, nas duas recolhas de dados.

(3) Selecção de formatos fonéticos de acordo com as vogais-alvo tónicas por informantes do nível C2

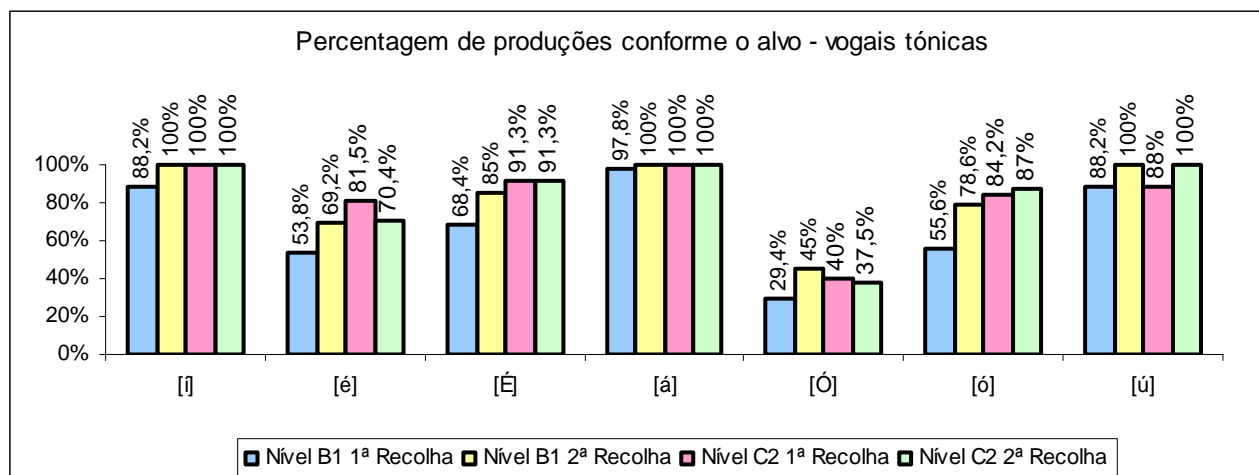
<sino>	[sínu]	→	[síno]	(Il, 2ª R.);
<mesa>	[mézɐ]	→	[améza]	(Ak, 1ª R.);
<chinelo>	[ʃinélɐ]	→	[ʃinélɐ]	(Cr, 1ª R.);
<cavalo>	[kɐválu]	→	[kaβálu]	(La, 2ª R.);
<mota>	[móte]	→	[móte]	(Cr, 1ª R.);
<bolo>	[bólɐ]	→	[ubólo]	(La, 2ª R.);
<chuva>	[ʃúvɐ]	→	[aʃúvɐ]	(Da, 1ª R.).

(4) Substituição das vogais-alvo tónicas por informantes do nível C2

<caneta>	[kɐnéte]	→	[akanéta]	(Ak, 1ª R.);
<pedra>	[pédɾɐ]	→	[pédɾɐ]	(Cr, 1ª R.);
<copo>	[kópu]	→	[úkópo]	(Ak, 2ª R.);
<lobo>	[lóbu]	→	[wóbu]	(Il, 2ª R.);
<chuva>	[ʃúvɐ]	→	[aʃúva]	(Ak, 1ª R.).

O Gráfico 1 apresenta as percentagens de selecção de formatos fonéticos das vogais produzidas em conformidade com os alvos tónicos, pelos informantes dos dois grupos, nas duas entrevistas de recolha de dados.

Gráfico 1

Resultados globais na produção de vogais tónicas⁴⁶

A leitura do Gráfico 1 permite-nos observar que, de entre as vogais coronais⁴⁷, apenas a vogal [+alt], [í], se encontra *estabilizada* em todas as sessões de recolha de dados dos dois grupos de informantes, que corresponde a percentagens de concordância com o alvo entre os 88% e os 100%. A vogal [é] encontra-se *em fase de aquisição* nos sistemas vocálicos dos informantes do nível B1, bem como nos dos informantes do nível C2, na segunda recolha de dados, tendo-se registado uma menor correspondência produção/alvo da primeira para a segunda entrevista, dos 81,5% para os 70,4%. A vogal [É] está *em aquisição* nos sistemas fonológicos dos informantes do nível B1, na primeira entrevista, encontrando-se *adquirida* na segunda entrevista e *estabilizada* nos sistemas vocálicos dos informantes do nível C2, nas duas entrevistas, passado dos 68,4% para os 85% e para os 91,3% de produção conforme aos alvos.

A vogal dorsal [á] encontra-se *estabilizada*, para os informantes dos dois níveis, em ambas as recolhas, com percentagens de produção dos alvos de 97,8%, na primeira sessão do nível B1, e de 100%, na segunda sessão do mesmo grupo de informantes e nas duas sessões dos informantes do nível C2.

⁴⁶ Devido a uma incompatibilidade do programa utilizado para elaborar os gráficos com o alfabeto fonético, nos gráficos, /ɛ/, /ɔ/, [ɐ] e [i] serão representados, respectivamente, por 'E', 'O', 'A' e 'I'. As restantes vogais serão representadas pelos caracteres minúsculos que lhes correspondem no tipo de letra Arial, ou seja, 'í, e, a, o, u'.

⁴⁷ Como referimos em 2., a classificação das vogais em coronal, dorsal e labial (cf. Costa 2003), corresponde a uma tipologia utilizada em trabalhos de aquisição de língua e não constitui uma proposta de alteração da classificação do sistema vocálico do PE.

No que se refere às vogais labiais, verificamos que [ó] é um segmento *não adquirido* por nenhum dos grupos de informantes, em nenhuma entrevista de recolha de dados, não conseguindo superar os 45% de produções conformes ao alvo, registados na segunda sessão do nível B1, reduzindo depois para os 40% na primeira sessão dos informantes do nível C2 e para os 37,5% na segunda sessão dos mesmos informantes. A vogal [ó] encontra-se *em aquisição* pelos informantes do nível B1, na primeira entrevista, estando *adquirido mas não estabilizado* nos sistemas vocálicos dos informantes do nível B1 na segunda entrevista e nos dos informantes do nível C2 na primeira entrevista, e, finalmente, *estabilizado* na segunda entrevista dos informantes do nível C2, começando nos 55,6% de selecção do formato fonético do alvo e chegando a ser produzida conforme o alvo em 87% das sequências. A vogal [+alt], [ú], está *estabilizada* nos sistemas dos informantes dos dois grupos em ambas as entrevistas, registando-se sempre taxas de produção conformes ao alvo acima dos 88%.

A leitura deste gráfico permite-nos salientar, na maior parte dos casos, uma maior taxa de produção conforme aos alvos da primeira para a segunda sessão de cada grupo de informantes, à excepção das vogais [é] e [ó], no que respeita aos informantes do nível C2. Estas são também as duas vogais que registam menores percentagens de selecção, particularmente a vogal [ó], que é sempre considerada *não adquirida*. No extremo oposto encontramos as vogais [í, á, ú]. Estas são as únicas vogais cujo formato fonético é seleccionado pelos informantes em 100% das sequências produzidas, sendo consideradas *estabilizadas* em todas as sessões gravadas.

Retomaremos esta discussão em 4. De seguida, analisamos com maior detalhe os resultados obtidos pelos informantes do nível B1 para os alvos tónicos e, em 3.1.3., os dados dos informantes do nível C2 para os mesmos alvos.

3.1.2. Informantes do nível B1

Em (5), apresentamos alguns exemplos de produção de vogais-alvo tónicas pelos informantes do nível B1 de proficiência de PEL2, nas duas entrevistas.

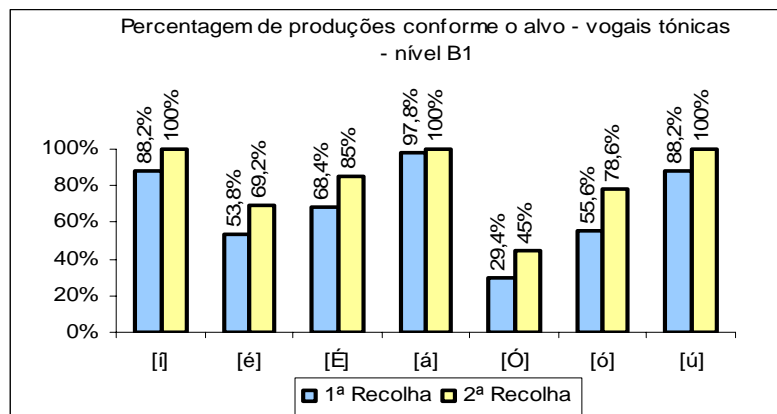
(5) *Seleção de formatos fonéticos de acordo com as vogais-alvo tónicas por informantes do nível B1*

<cozinha>	[kuzíjɐ]	→	[kuzíjɐ]	(Ol, 1ª R);
<caneta>	[kənétɐ]	→	[kanéta]	(Ti, 1ª R);
<panela>	[pənélɐ]	→	[panéla]	(Ol, 2ª R);
<mala>	[málɐ]	→	[málɐ]	(Ti, 2ª R);
<copo>	[kópu]	→	[kópu]	(Gi, 2ª R);
<lobo>	[lóbu]	→	[lóbu]	(Am, 2ª R);
<chuva>	[ʃúvɐ]	→	[ʃúva]	(Ti, 1ª R).

No Gráfico 2, apresentamos as percentagens de correspondência entre as sequências produzidas pelos informantes do nível B1 e as vogais-alvo tónicas, organizadas por vogal e por sessão de recolha de dados.

Gráfico 2

Vogais tónicas: Produções conformes aos alvos pelos informantes do nível B1



A leitura deste gráfico mostra-nos que se verifica um aumento das percentagens de adequação ao alvo, da primeira para a segunda sessão de recolha de dados, relativamente a todos os alvos tónicos, destacando-se o caso da vogal [ó], com mais 23% de produções conformes ao alvo na segunda recolha. Seguem-se as vogais [é], com um aumento de 16,6%, [ó], com um aumento de 15,6%, e [É], com um aumento de 15,4% de segmentos seleccionados de acordo com os alvos, do primeiro para o segundo momento de recolha. No caso das vogais [í] e [ú], foi registado um aumento de 11,8% de produções conformes

ao alvo da primeira para a segunda sessão e, no caso da vogal [á], o aumento de produções conformes ao alvo é de 2,2%.

Verifica-se que as vogais-alvo [í], [á] e [ú] apresentam percentagens de correspondência produção/alvo superiores a [é], [ê], [ó] e [ô]. Assim, as percentagens mais altas de correspondência entre o alvo e as sequências produzidas pelos informantes registam-se na vogal [á], atingindo os 97,8% na primeira entrevista e os 100% na segunda. Esta vogal, que constitui o único alvo tónico dorsal, encontra-se, assim, *estabilizada* desde o início da aquisição do SVOPE pelos informantes do nível B1.

No que se refere às vogais coronais, é a vogal [+alt], [í], que regista taxas mais elevadas de segmentos produzidos de acordo com o alvo, atingindo 88,2% na primeira sessão e 100% na segunda. Este segmento está, portanto, *estabilizado* nos sistemas vocálicos dos informantes do nível B1 nas duas entrevistas de recolha de dados. O alvo coronal [-alt, -bx], [é], é produzido pelos informantes, na primeira sessão, em 53,8% das sequências e, na segunda sessão, em 69,2%, considerando-se que está em *aquisição*. A vogal coronal [+bx], [ê], encontra-se, também, em *aquisição*, na primeira sessão de recolha de dados, tendo sido produzida em conformidade com o alvo em 68,4% das sequências produzidas. Na segunda sessão, em que a mesma vogal-alvo foi produzida pelos informantes em 85% do total de sequências produzidas, está *adquirida*, mas não estabilizada.

De entre os alvos tónicos labiais, a vogal [+alt], [ú], é a única que se encontra *estabilizada* nas duas sessões de recolha de dados, tendo sido produzida de acordo com o alvo em 88,2% das sequências produzidas na primeira sessão, e em 100% na segunda sessão, registando, assim, um desempenho semelhante ao da vogal coronal [+alt]. A vogal-alvo [ó] foi produzida pelos informantes em 55,6% das sequências na primeira entrevista de recolha de dados, e em 78,6%, na segunda entrevista, passando, assim, de segmento *em aquisição* para *adquirido*, ainda que não estabilizado. Finalmente, apenas em 29,4% das sequências produzidas na primeira sessão e, na segunda sessão, em 45% das sequências, para o alvo [ô], se verificou correspondência entre a produção e o alvo. Este é, assim, considerado um segmento *não adquirido* nas duas sessões, sendo o único entre os alvos tónicos a registar tal comportamento.

Concentramo-nos, de seguida, nos casos de insucesso na produção das vogais-alvo tónicas pelos informantes do nível B1 de proficiência em PEL2.

Estratégias de substituição de segmentos vocálicos orais tónicos

Os dados referidos nos gráficos que se apresentam nesta secção (3 e 4) são relativos às sequências em que se verificou concordância entre a produção e o alvo, bem como às sequências em que as vogais-alvo foram substituídas, ou seja, em que não houve correspondência entre os formatos fonéticos produzidos pelos informantes e o formato fonético dos alvos. Em cada coluna, são apresentadas a percentagem de produções conformes aos alvos e as percentagens referentes à substituição dos alvos, distinguindo as propriedades que foram alvo de substituição. Por exemplo, na coluna referente à vogal [í], estão representadas 88,2% de produções conformes ao alvo, 5,9% de substituições de propriedades referentes ao grau de altura e 5,9% de substituições relacionadas com propriedades acentuais.

No quadro 4 apresentamos os valores absolutos das sequências em que se registaram de propriedades dos alvos.

Quadro 4

Substituição de vogais-alvo tónicas pelos informantes do nível B1

Substituição de vogais-alvo tónicas - Nível B1	[í]	[é]	[ɛ]	[á]	[ó]	[ó]	[ú]	Total
1ª Recolha	2	12	6	1	12	4	2	39
2ª Recolha	0	8	3	0	11	3	0	25
Total	2	20	9	1	23	7	2	64

Em (6), apresentamos alguns exemplos de substituição das vogais-alvo tónicas:

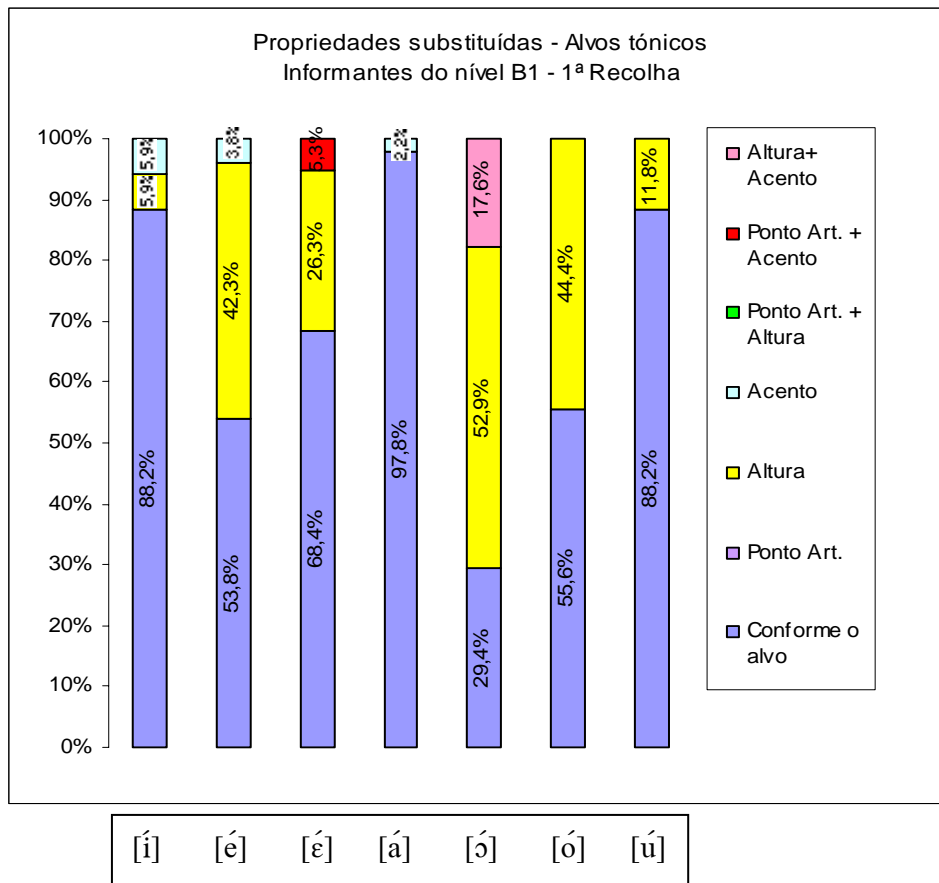
(6) Substituição das vogais-alvo tónicas por informantes do nível B1

<livro>	[lívru]	→	[livró]	(Am, 1ª R);
<mesa>	[mézɐ]	→	[méza]	(Ol, 1ª R.);
<castelo>	[kɐʃtélu]	→	[kaʃtélo]	(Go, 1ª R.);
<gato>	[gátu]	→	[gató]	(Go, 1ª R);
<rota>	[Rótɐ]	→	[Rútə/Rótə/Rótə]	(Am, 2ª R.);
<escova>	[ʃkóvɐ]	→	[úmaʃkóva]	(Ol, 2ª R.);
<chuva>	[ʃúvɐ]	→	[ʃóva/ ʃóva/ ʃováʃ]	(Gi, 1ª R).

O Gráfico 3 remete para as propriedades da vogais-alvo substituídas.

Gráfico 3

Substituição das vogais-alvo tónicas por informantes do nível B1 na 1ª Recolha



Este gráfico revela dificuldade na aquisição do grau de altura pelos informantes do grupo do nível B1, na primeira sessão de recolha: todos os casos de substituição das vogais-alvo labiais [ó] e [ú] se devem a uma selecção incorrecta do grau de altura, e, no caso de [ó], 52,9% devem-se à substituição da mesma propriedade. No que respeita aos alvos coronais, a substituição do grau de altura está igualmente envolvido em 42,3% dos casos de substituição de [é], 26,3% das substituições de [é] e 5,9% das produções não conformes ao alvo [í].

As substituições que envolvem o acento são pouco frequentes, correspondendo a 2,2% das sequências referentes à vogal-alvo dorsal [á], bem como em 5,9% das substituições do alvo coronal [í] e 3,8% das substituições do alvo coronal [é].

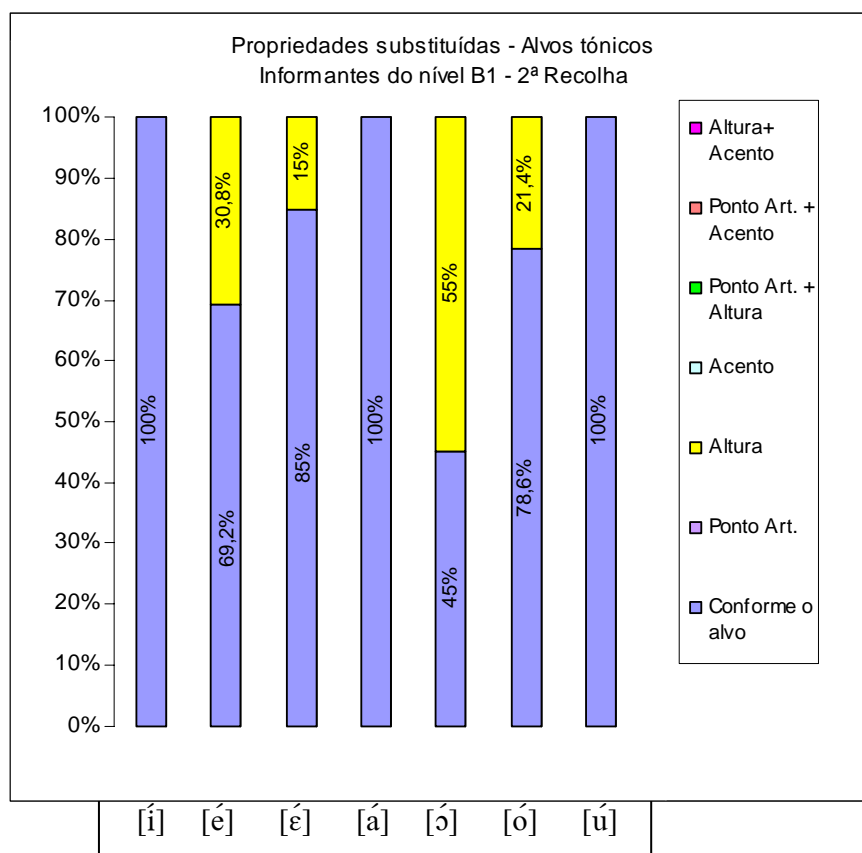
Verificou-se ainda a incorrecta selecção conjunta de várias propriedades das vogais-alvo. Assim, 5,3% das sequências em que o alvo [é] foi substituído devem-se à selecção incorrecta do acento e do ponto de articulação e 17,6% das produções não conformes ao alvo [ó] devem-se a uma selecção incorrecta do grau de altura e do acento.

Constatamos, assim, que, nesta fase, a propriedade mais problemática é o grau de altura.

O Gráfico 4 refere-se aos casos de substituição dos alvos tónicos na segunda sessão de recolha de dados dos informantes do nível B1.

Gráfico 4

Substituição das vogais-alvo tónicas por informantes do nível B1 na 2ª Recolha



Os formatos fonéticos das vogais-alvo tónicas [í, á, ú] foram correctamente seleccionados em todas as sequências produzidas pelos informantes do nível B1 na segunda sessão de recolha de dados, conforme podemos verificar no gráfico 2.

Podemos verificar também que, nesta entrevista, todos os casos de produção de vogais não conformes às vogais-alvo, registados apenas nas vogais [é, é, ó, ó], respectivamente 30,8%, 15%, 55% e 21%, se devem à selecção incorrecta do grau de altura

Verificamos, assim, que, na primeira sessão de recolha de dados dos informantes do nível B1, foram incorrectamente seleccionadas várias propriedades das vogais-alvo, mas que, na segunda sessão, apenas o grau de altura foi incorrectamente seleccionado por estes informantes.

3.1.3. Informantes do nível C2

Nesta secção, descrevemos os resultados obtidos nas duas entrevistas dos informantes do nível C2 para as vogais-alvo tónicas.

Em (7), apresentamos alguns exemplos de selecção de formatos fonéticos conformes aos alvos tónicos pelos informantes do nível C2, nas duas entrevistas de recolha de dados:

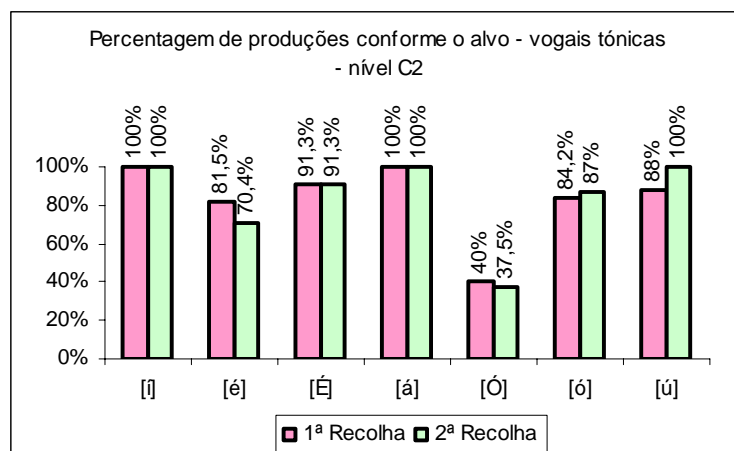
(7) Selecção de formatos fonéticos de acordo com as vogais-alvo tónicas por informantes do nível C2

<livro>	[lívru]	→	[lívru]	(Cr, 1ª R.);
<cinema>	[sinémɐ]	→	[sinémɐ]	(Cr, 2ª R.);
<janela>	[ʒɐnéɫɐ]	→	[úmaʒɐnéɫɐ]	(Da, 2ª R.);
<pato>	[pátu]	→	[pátu]	(Il, 1ª R.);
<copo>	[kópu]	→	[kóp]	(Il, 2ª R.);
<escova>	[ʃkóvɐ]	→	[ʃkóvɐ]	(Cr, 1ª R.);
<uva>	[úvɐ]	→	[úβaʃ]	(La, 1ª R.).

O gráfico 5 remete para as percentagens de selecção de formatos fonéticos de acordo com as vogais tónicas alvo pelos informantes do nível C2.

Gráfico 5

Vogais tónicas: Produções conforme o alvo pelos informantes do nível C2



A leitura do gráfico 5 revela diferentes percursos evolutivos no que se refere às percentagens de uso das vogais-alvo pelos informantes do nível C2.

Verificamos, assim, que as percentagens de uso das vogais coronais [í] e [é] e da vogal dorsal [á] *mantêm-se* da primeira para a segunda recolha de dados, sendo de 100% no caso das vogais [í] e [á] e de 91,3% no caso da vogal [é], sendo todas consideradas *estabilizadas*.

Verificamos também que a selecção de formatos fonéticos conformes aos alvos labiais [ó] e [ú] *aumenta* da primeira para a segunda sessão, em 2,8% no caso de [ó], dos 84,2%, classificando-se como *adquirida mas não estabilizada*, para os 87%, considerando-se *estabilizada*, e em 12% no caso de [ú], que passa dos 88% para os 100%, sendo a única vogal labial *estabilizada* nas duas recolhas.

Relativamente aos dois outros alvos tónicos, as vogais [é] e [ó], regista-se uma *diminuição* das percentagens de produções destas vogais pelos informantes do nível C2 da primeira para a segunda sessão. A vogal coronal [é] regista uma percentagem de 81,5%, na primeira recolha, podendo classificar-se como vogal *adquirida mas não estabilizada*, e de 70,4% na segunda, diminuindo em 11,1%, sendo assim classificada como segmento *em aquisição*. A vogal labial [ó] passa dos 40% de concordância da vogal produzida com o alvo na primeira entrevista para os 37,5% na segunda, decrescendo 2,5%. Esta é, de todas as vogais-alvo tónicas, a única *não adquirida* nos sistemas fonológicos dos informantes do

nível C2, que se encontram no final da escala do QECR, terminando nesta fase a sua aprendizagem de PEL2, pelo que deveriam ter já adquirido e estabilizado todo o sistema vocálico do PE.

Estratégias de substituição de segmentos vocálicos orais tónicos

Descrevemos, de seguida, os aspectos linguísticos envolvidos nas estratégias de substituição das vogais-alvo tónicas pelos informantes do nível C2, nas duas recolhas de dados.

No Quadro 5, indicamos o número de sequências em que as vogais-alvo foram substituídas por outras vogais:

Quadro 5

Substituição de vogais-alvo tónicas pelos informantes do nível C2

Substituição de vogais-alvo tónicas – Nível C2	[í]	[é]	[ê]	[á]	[ó]	[ó]	[ú]	Total
1ª Recolha	0	5	2	0	9	3	3	22
2ª Recolha	0	8	2	0	10	3	0	23
Total	0	13	4	0	19	6	3	45

Em (8), exemplificamos a selecção de formatos fonéticos divergentes do alvo, pelos informantes do nível C2, nas duas entrevistas de recolha de dados:

(8) *Substituição das vogais-alvo tónicas por informantes do nível C2*

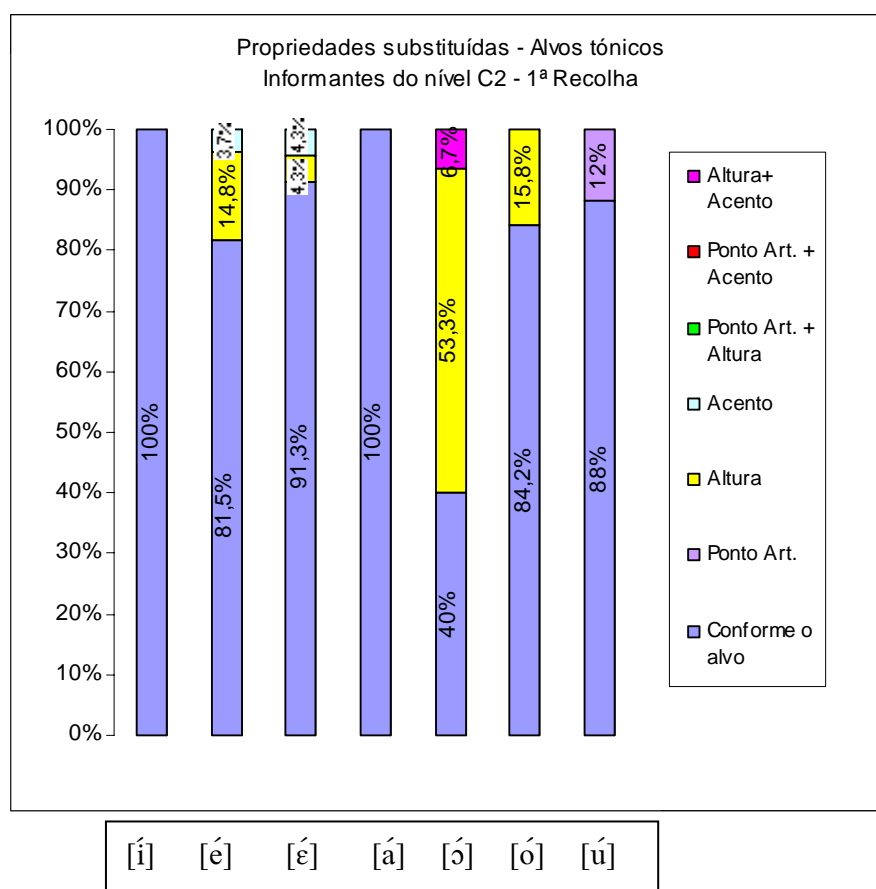
<cabelo>	[kəbélu]	→	[a:úkabélo]	(La, 2ª R.);
<pedra>	[pédre]	→	[úmapédre]	(Da, 2ª R.);
<moto>	[móte]	→	[móto]	(Ak, 1ª R.);
<escova>	[ʃkóvə]	→	[iʃtéúvəʃkóva]	(Cr, 2ª R.);
<chuva>	[ʃúvə]	→	[aʃúva]	(Ak, 1ª R.).

No Gráfico 6, identificamos as propriedades das vogais-alvo que foram substituídas nas sequências produzidas pelos informantes do nível C2 na primeira sessão. Neste gráfico, apresentamos as percentagens referentes à produção conforme ao alvo, bem como as percentagens referentes aos casos de substituição, distinguindo as propriedades que foram substituídas. Assim, por exemplo, nas colunas referentes às vogais [í, á] apenas está

representada a produção conforme ao alvo, por não se ter registado nenhum caso de substituição e, na coluna referente à vogal [é], estão representadas a produção conforme ao alvo (81%), a substituição de propriedades referentes ao grau de altura (14,8%) e a substituição de propriedades acentuais (4,3%).

Gráfico 6

Substituição das vogais-alvo tónicas por informantes do nível C2 na 1ª Recolha



O Gráfico 6 revela uma maior incidência da selecção incorrecta do grau de altura, tendo sido a única propriedade incorrectamente seleccionada em todas as sequências que envolveram substituição da vogal-alvo labial [-alt, -bx], [ó]. A selecção incorrecta do grau de altura está também presente em 53% das sequências em que a vogal-alvo labial [+bx], [ó], foi substituída. Nas restantes sequências em que a vogal [ó] não foi produzida, (7%), duas propriedades estiveram envolvidas nas estratégias de substituição: o grau de altura e o acento. No que se refere à vogal-alvo labial [+alt], [ú], as três sequências que constituem 12% dos casos de substituição foram produzidas pela informante Ak, devendo-se a uma

aplicação incorrecta das estruturas classificadas como apresentando uma selecção incorrecta do ponto de articulação, sendo resultantes da produção de [u̠]⁴⁸.

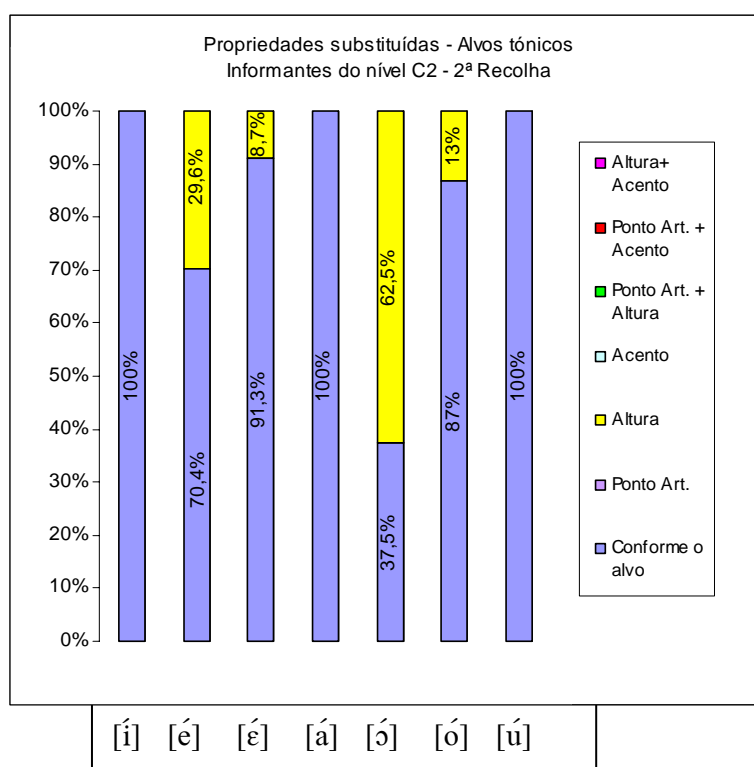
No que se refere às vogais coronais, apenas foram alvo de substituição as vogais [é] e [é]. Também aqui se destaca a selecção incorrecta do grau de altura, em 4,3% dos casos de substituição da vogal [é] e em 15% dos casos de substituição de [é]. Os restantes 4,3% das produções não conformes à vogal-alvo [é], bem como os restantes 4% não conformes ao alvo [é], devem-se a uma distribuição incorrecta do acento.

Assim, para os informantes do nível C2, a propriedade mais problemática é o grau de altura, tal como para os informantes do nível B1.

No gráfico 7 apresentamos as propriedades substituídas nas produções dos informantes do nível C2 na segunda recolha.

Gráfico 7

Substituição das vogais-alvo tónicas por informantes do nível C2 na 2ª Recolha



⁴⁸ Esta vogal está classificada no Alfabeto Fonético Internacional (doravante, IPA) como fechada, recuada e não arredondada (*vide* Anexo I).

Neste gráfico, sobressai o facto de as vogais [í, á, ú] não estarem sujeitas a estratégias de substituição, pelos informantes do nível C2, na segunda sessão.

A análise deste gráfico permite-nos verificar que todos os casos de substituição de vogais-alvo tónicas, tanto coronais como labiais, [é, é, ó, ó], se devem a uma selecção incorrecta do grau de altura, nos valores percentuais, respectivamente, de 30%, 9%, 62,5% e de 13%. Constatamos, portanto, que, tal como sucedeu com os informantes do nível B1, também para os informantes do nível C2, o grau de altura é uma propriedade que se adquire mais tardiamente, mesmo quando as restantes propriedades já se encontram estabilizadas.

Na secção seguinte, descrevemos e analisamos as sequências produzidas para as vogais-alvo átonas.

3.2. Vogais átonas

Nesta secção, começamos por descrever os dados relativos à produção das vogais-alvo átonas pelos informantes dos dois grupos, nas duas recolhas (3.2.1.). Em 3.2.2., descrevemos os dados referentes à produção de vogais em conformidade com os alvos pelos informantes do nível C1, bem como os casos de substituição pelos mesmos informantes. Em 3.2.3., descrevemos a produção das vogais conformes ao alvo pelos informantes do nível C2 e os casos de substituição das mesmas.

Conforme descrevemos em 1.3., o inventário átono do SVOPE é constituído pelas vogais [i], [i], [ɐ] e [u] (cf. Mateus & D'Andrade 2000 e Mateus *et alii* 2003). Estes segmentos fonéticos correspondem à forma átona das vogais fonológicas /i/, /ɛ, e/, /a/ e /ɔ, o, u/, respectivamente. Conforme sintetizamos em (9) e exemplificamos em (10), alguns resultam da aplicação de processos de elevação e de centralização vocálica em posição átona:

(9) *Processos de elevação e centralização vocálica das vogais em posição átona*⁴⁹

/a/ fonológico realiza-se como [ɐ] fonético;

⁴⁹ *Apud* Mateus *et alii* 2003: 1011

/e, ε/ fonológicos realizam-se como [i] fonético;

/ɔ, o/ fonológicos realizam-se como [u] fonético;

/i/ e /u/ não se alteram.”

- (10) /a/: posição tónica: casa → [káʒɐ]
 posição átona: caseiro → [kɐzɛjɾu]
- /e/: posição tónica: dedo → [dédu]
 posição átona: dedada → [didáɖɐ]
- /ε/: posição tónica: cego → [ségu]
 posição átona: cegueira → [sigɛjɾɐ]
- /ɔ/: posição tónica: bola → [bóʎɐ]
 posição átona: bolada → [buláɖɐ]
- /o/: posição tónica: novo → [nóvu]
 posição átona: novidade → [nuvidádi]
- /i/: posição tónica: livro → [lívru]
 posição átona: livraria → [livɾɛríɐ]
- /u/: posição tónica: sujo → [súʒu]
 posição átona: sujidade → [suzidádi]

No entanto, conforme referimos em 1.3., em determinados contextos, as vogais fonológicas não sofrem alteração na sua realização fonética quando não acentuadas. Podem assim surgir, em posição átona, para além de [i], [ɐ], [i] e [u], todas as outras vogais, se se encontrarem:

- em sílaba terminada com /l/ ([ʎ]) (ex.: [sáʎtu, saʎtár] e não [sáʎtu, *sɐʎtár]);
- em ditongos crescentes (ex.: [bájɾu, bajɾíʃtɐ] e não [bájɾu, *bɛjɾíʃtɐ]);
- em início absoluto de palavra (ex.: [oʎár, oʎɐdɛʎɐ]/[ɔʎár, ɔʎɐdɛʎɐ] e não *[uʎár, uʎɐdɛʎɐ]);
- em palavras que integrem os sufixos *-zinho*, *-zito*, *-zona* ou *-mente* (ex.: [fásiʎ, fasiʎmɛti] e não [fásiʎ, *fɛsiʎmɛti]);
- em palavras marcadas lexicalmente, devido a evolução histórica (ex.: [ĩvazór] e não *[ĩvazór]).

3.2.1. Resultados globais

Apresentamos, em seguida, alguns exemplos de produções concordantes com as vogais-alvo átonas pelos informantes do nível B1, em (11), e não conformes às vogais-alvo, em (12), nas duas sessões de recolha de dados.

(11) *Seleção de formatos fonéticos de acordo com as vogais-alvo átonas por informantes do nível B1*

<cozininha>	[kuzijíɲɐ]	→	[kosijíɲa]	(Go, 2ª R.);
<mesinha>	[mizíɲɐ]	→	[mizíɲo]	(Ol, 1ª R.);
<pedrinha>	[pidríɲɐ]	→	[pidríɲa]	(Gi, 2ª R.);
<gatinho>	[gɐtíɲu]	→	[gɐtíɲu]	(Am, 1ª R.);
<copinho>	[kupíɲu]	→	[kupíɲu]	(Gi, 2ª R.);
<bolinho>	[bulíɲu]	→	[bulíɲu]	(Gi, 2ª R.);
<chuvinha>	[ʃuvíɲɐ]	→	[ʃuvíɲa]	(Ti, 1ª R.).

(12) *Substituição das vogais-alvo átonas por informantes do nível B1*

<cozininha>	[kuzijíɲɐ]	→	[kosejíɲa]	(Go, 1ª R.);
<canetinha>	[kenitíɲɐ]	→	[kanetíɲa]	(Ol, 1ª R.);
<pedrinha>	[pidríɲɐ]	→	[pedríɲa]	(Ol, 2ª R.);
<macaquinho>	[mɛkɛkíɲu]	→	[makakíɲu]	(Ti, 2ª R.);
<copinho>	[kupíɲu]	→	[kopíɲu]	(Am, 2ª R.);
<bolinho>	[bulíɲu]	→	[bolíɲo]	(Am, 1ª R.);
<chuvinha>	[ʃuvíɲɐ]	→	[ʃovíɲaʃ]	(Gi, 1ª R.).

Os exemplos fornecidos de seguida referem-se à seleção de formatos fonéticos consentâneos com as vogais-alvo átonas (13) e à substituição das vogais-alvo átonas (14) pelos informantes do grupo do nível C2, também nas duas entrevistas de recolha de dados.

(13) *Seleção de formatos fonéticos de acordo com as vogais-alvo átonas por informantes do nível C2*

<sininho>	[siníɲu]	→	[siníɲu]	(Cr, 2ª R.);
<mesinha>	[mizíɲɐ]	→	[mizíɲɐ]	(Cr, 1ª R.);
<castelinho>	[kɛʃtilíɲu]	→	[kɛʃtilíɲu]	(La, 2ª R.);
<patinho>	[pɐtíɲu]	→	[pɐtíɲɔ]	(Il, 1ª R.);
<camisolinha>	[kɛmizulíɲɐ]	→	[kɛmizulíɲɐ]	(Cr, 1ª R.);
<escovinha>	[ʃkuvíɲɐ]	→	[úɲɛʃkuvíɲa]	(La, 2ª R.);

<chuvinha> [ʃuvíɲɐ] → [ʃuvíɲ] (Da, 1ª R.).

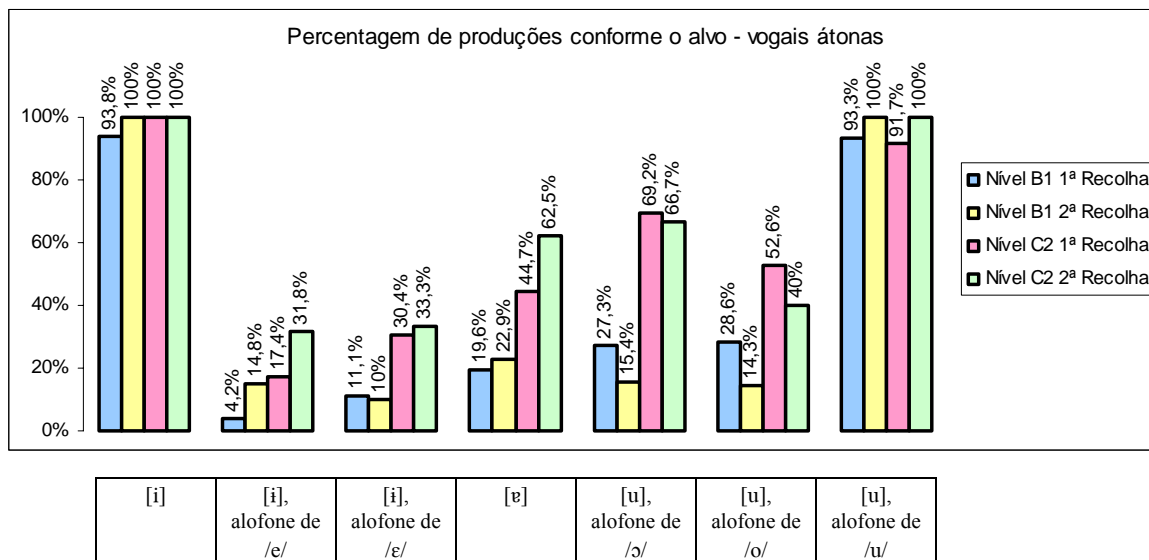
(14) *Substituição das vogais-alvo átonas por informantes do nível C2*

<perinha> [piríɲɐ] → [períɲa] (Il, 1ª R.);
 <chinelinho> [ʃinilíɲu] → [ʃineliíɲɐʃ] (Da, 2ª R.);
 <patinho> [pətíɲu] → [iupatíɲu] (Ak, 2ª R.);
 <copinho> [kupíɲu] → [kopíɲu] (Ak, 1ª R.);
 <escovinha> [ʃkuvíɲɐ] → [ʃkobíɲa] (La, 1ª R.);
 <uvinha> [uvíɲɐ] → [uvíɲa] (Ak, 1ª R.).

No gráfico 8, estão representadas as percentagens de selecção de formatos fonéticos de acordo com as vogais-alvo átonas pelos informantes dos dois níveis, nas duas sessões de recolha de dados.

Gráfico 8

Resultados globais na produção de vogais átonas



Da leitura do Gráfico 8, sobressai a maior estabilidade na produção das vogais cujo formato fonético não varia em função do contexto acentual, ou seja, [i] e [u], alofones de /i/ e de /u/, respectivamente. Tanto a vogal-alvo coronal [i] como a vogal-alvo labial [u], alofone de /u/, se encontram *estabilizadas*, de acordo com a classificação de Hernandorena (1990), tendo sido seleccionadas em mais de 86% das sequências produzidas nas duas sessões de recolha de dados efectuadas com cada um dos grupos de informantes.

No que respeita à vogal-alvo átona [i], variante alofônica das vogais fonológicas coronais /e/ e /ɛ/, verificamos que os níveis de correspondência vogal/alvo são inferiores a 50% em qualquer das sessões e em qualquer dos grupos de informantes, sendo assim considerada um segmento *não adquirido*, destacando-se ainda ligeira descida na percentagem de utilização da vogal-alvo [i], alofone de /ɛ/, pelos informantes do nível B1, da primeira para a segunda sessão de recolha de dados. Destaca-se, ainda, a evolução na produção de [i], alofone de /ɛ/, uma vez que a taxa de correspondência produção/alvo sobe gradualmente, ao longo das quatro etapas estudadas.

No caso da vogal-alvo dorsal [ɐ], o gráfico 8 revela que as percentagens de produção desta vogal aumentam em 42,9% ao longo das quatro etapas consideradas, ou seja, entre a 1ª sessão do nível B1 e a última sessão do nível C2. É considerada *não adquirida* pelos informantes do nível B1 e pelos informantes do nível C2 na sua primeira sessão, passando a considerar-se segmento *em aquisição* na última entrevista dos informantes deste último nível.

A vogal-alvo labial [u], alofone de /ɔ/ é considerada *não adquirida* pelos informantes do nível B1, por apresentar 27,3% de taxa de correspondência produção/alvo nas primeira sessão e de 15,4% na segunda. Para os informantes do nível C2, é considerada *em aquisição*, por ser produzida em 69,2% das sequências na primeira sessão e em 66,7% na segunda. Destacamos aqui o aumento de cerca de 40% nas percentagens de correspondência produção/alvo entre os dois grupos de informantes. Destacamos também a regressão da percentagem de selecção do formato fonético em concordância com a vogal alvo [u], alofone de /ɔ/, da primeira para a segunda recolha de dados, tanto no que se refere ao grupo do nível B1 como ao grupo do nível C2.

No que respeita à vogal-alvo átona [u], alofone de /o/, este gráfico mostra que, para os informantes do nível B1, este é um segmento *não adquirido*, tendo sido produzido em 28,6% das sequências na primeira sessão, e em 14,3%, na segunda. Para os informantes do nível C2, passa de segmento *em aquisição* na primeira entrevista para segmento *não adquirido* na segunda entrevista. Sobressai também, na leitura do gráfico, a menor percentagem de produção da vogal-alvo nas segundas sessões realizadas com os dois grupos de informantes.

Em 3.2.2., abordamos com maior detalhe as sequências produzidas em conformidade com as vogais-alvo átonas pelos informantes do grupo do nível B1, e as sequências que envolvem substituição dos alvos. Em 3.2.3. seguiremos a mesma ordem de apresentação, reportando-nos aos resultados dos informantes do nível C2.

3.2.2. Informantes do nível B1

Em (15), apresentamos alguns exemplos de produções consentâneas com os alvos átonos nas duas sessões dos informantes do nível B1.

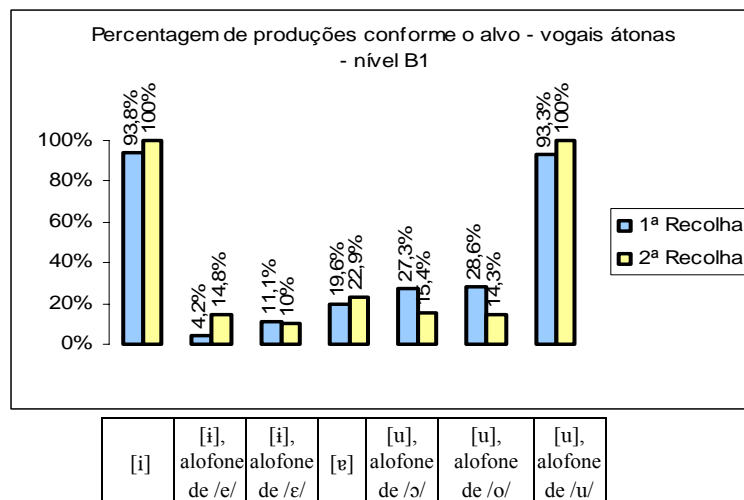
(15) *Seleccção de formatos fonéticos de acordo com as vogais-alvo átonas por informantes do nível B1*

<livrinho>	[livr ^í ɲu]	→	[livr ^í ɲo]	(II, 1 ^a R.);
<cineminha>	[sinim ^í ɲe]	→	[sinim ^í ɲe]	(Cr, 2 ^a R.);
<panelinha>	[pɛnil ^í ɲe]	→	[pɛnil ^í ɲe]	(Cr, 2 ^a R.);
<macaquinho>	[mɛkɛk ^í ɲu]	→	[úmɛkɛk ^í ɲu]	(II, 2 ^a R);
<copinho>	[kup ^í ɲu]	→	[kup ^í ɲu]	(Cr, 1 ^a R);
<bolinho>	[bul ^í ɲu]	→	[bul ^í ɲu]	(II, 1 ^a R);
<murinho>	[mur ^í ɲu]	→	[mur ^í ɲu]	(OI, 2 ^a R).

O Gráfico 9 remete para as percentagens de produções consentâneas com os alvos átonos pelos informantes do nível B1 nas duas sessões de recolha de dados.

Gráfico 9

Vogais átonas: Produções conforme o alvo pelos informantes do nível B1



O primeiro aspecto a realçar na análise do gráfico 9, conforme referimos em 3.2.1., é a discrepância entre as percentagens de correspondência produção/alvo das vogais que não sofrem processos de elevação e centralização vocálica ([i, u], alofones, respectivamente, de /i, u/), em comparação com as vogais que são sujeitas a estes processos ([i̥], alofone de /e/ e de /ɛ/; [ɐ], alofone de /a/; [u̥], alofone de /ɔ/ e de /o/). De facto, dos dados que recolhemos, os segmentos que não sofrem redução vocálica são considerados *estabilizados* pelos informantes do nível B1, de acordo com o sistema de classificação de Hernandorena (1990). Os segmentos que sofrem redução vocálica, por sua vez, são considerados *não adquiridos*.

O alvo coronal [+alt], [i], é utilizado pelos informantes do nível B1 em 93,8% das sequências produzidas na primeira sessão de recolha de dados e em 100% das sequências produzidas na segunda sessão, pelo que é considerado *adquirido*.

A vogal-alvo [i̥], alofone da vogal fonológica coronal /e/, só é produzida, na primeira sessão, em 4,2% das sequências e, na segunda sessão, em 14,8% das sequências, sendo um segmento *não adquirido* nos sistemas fonológicos dos informantes do nível B1 e sendo, inclusivamente, o alvo com menor taxa de correspondência produção/alvo. No caso de [i̥], alofone de /ɛ/, registam-se taxas de correspondência produção/alvo ligeiramente superiores: 11,1%, na primeira entrevista, e 10%, na segunda, verificando-se, assim, uma ligeira descida na utilização deste alvo da primeira para a segunda entrevista.

O formato fonético do alvo dorsal [ɐ] é seleccionado, pelos informantes do nível B1, em 19,6% das sequências, na primeira entrevista, subindo para os 22,9% na segunda entrevista.

A vogal-alvo labial [u], alofone de /ɔ/, apresenta taxas de correspondência produção/alvo de 27,3% na primeira sessão e de 15,4% na segunda, e o alvo /u/, alofone de /o/, é produzido em 28,6% das sequências da primeira entrevista e em 14,3% das sequências da segunda recolha. Relativamente a estes dois alvos, destaca-se a acentuada diminuição de produções consentâneas com o alvo da primeira para a segunda sessão: os formatos fonéticos dos alvos são seleccionados, na primeira entrevista, em cerca do dobro das sequências, relativamente à segunda. Finalmente, o alvo labial [+alt] /u/, alofone de [u], é um segmento *adquirido* nas duas sessões de recolha de dados (à semelhança do alvo

coronal [+alt] [i]), por ter sido utilizado pelos informantes em 93,3% e em 100% das sequências produzidas, respectivamente, na primeira e na segunda recolhas, sendo o único alvo labial adquirido.

Tratamos, em seguida, das sequências em que as vogais-alvo foram alvo de estratégias de substituição.

Estratégias de substituição de segmentos vocálicos orais átonos

Nesta secção, centramo-nos nas sequências em que se verificaram substituições das vogais-alvo pelos informantes do nível B1, representadas nos gráficos 10 e 11. Em cada coluna destes gráficos, indicam-se as percentagens de produções conformes ao alvo e de casos de substituição de cada propriedade.

No Quadro 6 apresentamos o número de sequências em que se deram substituições de propriedades das vogais alvo:

Quadro 6

Substituição de vogais-alvo átonas pelos informantes do nível B1

Substituição de vogais-alvo átonas - Nível B1	[i]	[i], alofone de /e/	[i], alofone de /ɛ/	[ɐ]	[u], alofone de /ɔ/	[u], alofone de /o/	[u], alofone de /u/	Total
1ª Recolha	1	23	16	37	8	5	1	91
2ª Recolha	0	23	18	37	11	12	0	101
Total	1	46	34	74	19	17	1	192

Os exemplos fornecidos em (16) ilustram alguns casos de divergência entre a produção dos informantes do nível B1 e os alvos.

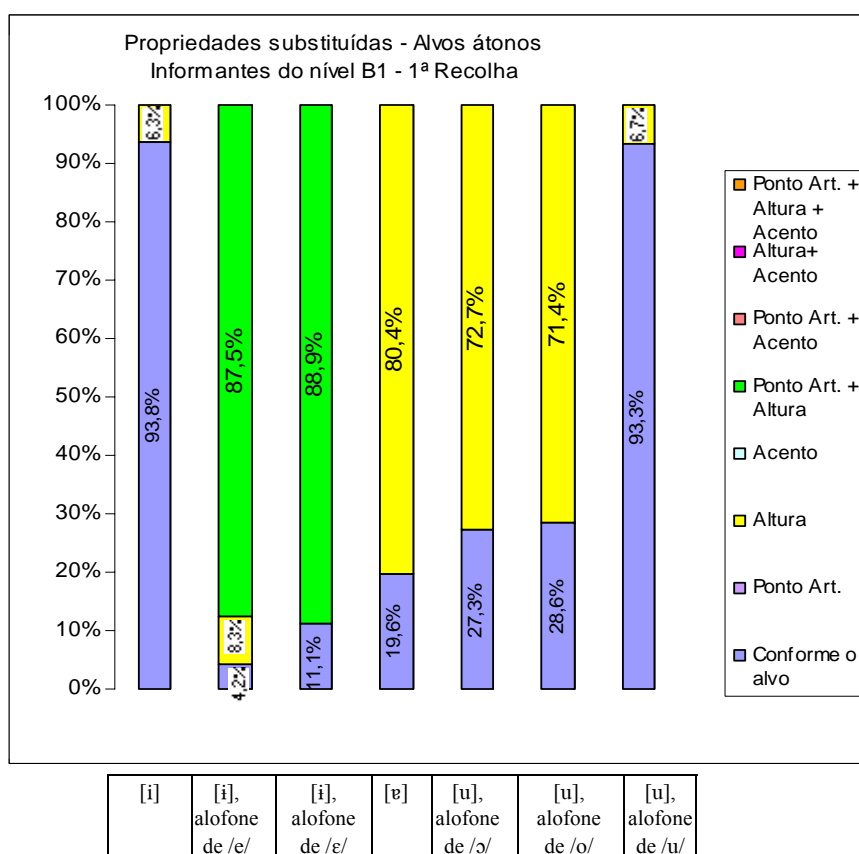
(16) Substituição das vogais-alvo átonas por informantes do nível B1

<cozinhinha>	[kuziníjɐ]	→	[kosejníja]	(Go, 1ª R.);
<perinha>	[piríjɐ]	→	[períja]	(Ol, 2ª R);
<janelinha>	[ʒenilíjɐ]	→	[ʒanelíja]	(Gi, 1ª R);
<garrafinha>	[gɐɾɛfíjɐ]	→	[gɐɾafíjɐ]	(Am, 2ª R);
<motorista>	[muturíʃtɐ]	→	[motoríʃtɐ]	(Ti, 2ª R);
<rolhinha>	[ɾuɫíjɐ]	→	[ɾoɫíjɐ]	(Ol, B1);
<chuvinha>	[ʃuvíjɐ]	→	[ʃovíjaʃ]	(Gi, 1ª R).

O Gráfico 10 fornece informação sobre as propriedades substituídas nas instâncias fonéticas divergentes dos alvos nos informantes do nível B1, na primeira sessão de recolha de dados.

Gráfico 10

Substituição das vogais-alvo átonas por informantes do nível B1 na 1ª Recolha

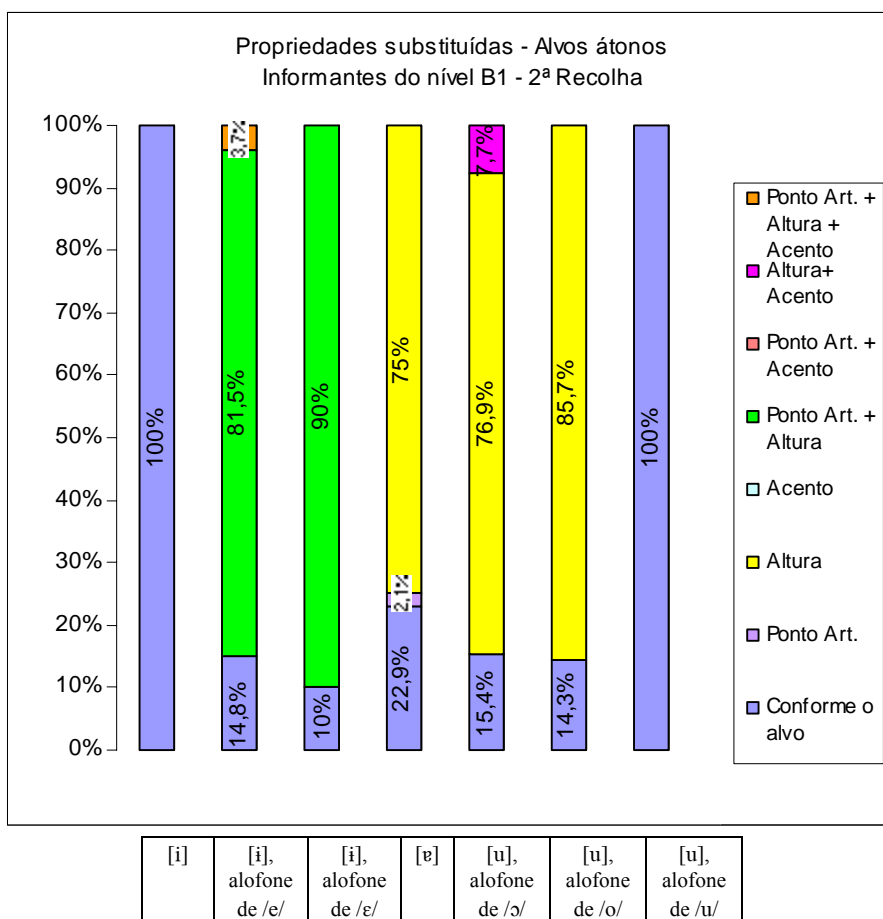


Da leitura do Gráfico 10, destaca-se um predomínio da selecção incorrecta do grau de altura, sendo, aliás, a única propriedade substituída na coronal [i] (6,3%), na dorsal [ɐ] (80,4%) e na labial [u], como variante alofónica de /ɔ/ (72,7%), de /o/ (71,4%) e de /u/ (6,7%). A substituição das propriedades referentes ao grau de altura são ainda responsáveis por 8,3% dos casos de insucesso na produção da vogal-alvo [i], alofone de /e/. No que respeita a este alvo, bem como ao alvo [i], alofone de /ɛ/, a maior parte dos casos de insucesso na produção dos alvos – 87,5% e 88,9%, respectivamente – deve-se a uma selecção incorrecta de duas propriedades: ponto de articulação e grau de altura.

No Gráfico 11, apresentamos as percentagens referentes às propriedades substituídas por este grupo de informantes na segunda entrevista.

Gráfico 11

Substituição das vogais-alvo átonas por informantes do nível B1 na 2ª Recolha



Da leitura deste gráfico destaca-se o facto de os formatos fonéticos dos alvos [i] e [u], alofone de /u/, serem correctamente seleccionados pelos informantes do nível B1 em todas as sequências produzidas na segunda sessão de recolha de dados.

Também nesta sessão se verifica uma maior percentagem de substituição simultânea das propriedades do ponto de articulação e do grau de altura no que se refere à vogal-alvo [i], tanto na qualidade de variante alofónica de /e/, em 81% dos casos de insucesso na produção do alvo, como enquanto alofone de /ε/, em 90% dos casos de insucesso. Os restantes casos de substituição do alvo [i], alofone de /e/, que representam 4%, devem-se à

substituição do ponto de articulação, do grau de altura e do acento. Retomaremos este facto em 4..

No que respeita aos alvos átonos dorsais e labiais, predomina a substituição das propriedades do grau de altura, presentes em 75% dos casos de substituição de [ɐ], em 77% das produções não conformes ao alvo [u], alofone de /ɔ/ e em 86% dos casos de insucesso na produção da vogal-alvo [u], alofone de /o/. Os remanescentes 2% de produções não conformes ao alvo [ɐ] devem-se à selecção incorrecta do ponto de articulação. Os restantes 98% de casos de substituição do alvo [u], alofone de /ɔ/ devem-se à selecção incorrecta simultânea do grau de altura e do acento.

Destaca-se assim, deste gráfico, a diferença entre o comportamento dos informantes no que respeita à vogal [i], independentemente de ser alofone de /e/ ou de /ɛ/, em que se verifica maioritariamente a substituição simultânea de traços do ponto de articulação e do grau de altura, e o comportamento dos mesmos falantes relativamente às vogais [ɐ] e [u], alofone de /ɔ/ e de /o/, verificando-se o predomínio da substituição do grau de altura. Retomaremos estes factos em 4.

3.2.3. Informantes do nível C2

Centremo-nos agora nas produções concordantes com os alvos e nas produções divergentes dos alvos átonos nos informantes do nível C2.

Os exemplos fornecidos em (17) ilustram a correspondência produção/alvo nas duas sessões de recolha de dados:

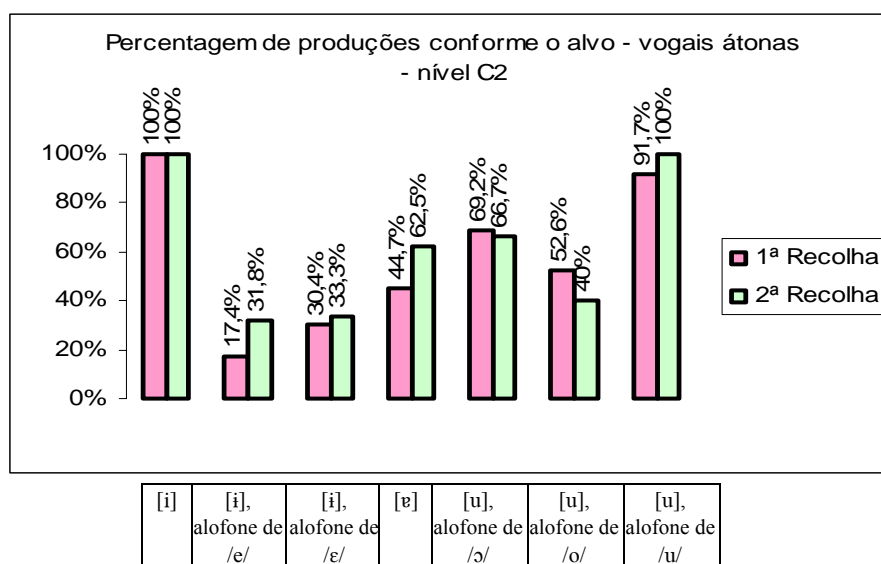
(17) *Seleção de formatos fonéticos de acordo com as vogais-alvo átonas por informantes do nível C2*

<livrinho>	[livríɲu]	→	[livríɲu]	(La, 2ª R.);
<cabelinho>	[kɐbilíɲu]	→	[kɐbilíɲu]	(Cr, 1ª R.);
<janelinha>	[ʒɐnilíɲɐ]	→	[ʒanilíɲa]	(Il, 1ª R.);
<malinha>	[mɐlíɲɐ]	→	[úmɐmɐlíɲɐ]	(Da, 2ª R.);
<copinho>	[kupíɲu]	→	[i:kupíɲu]	(Ak, 2ª R.);
<bolinho>	[bulíɲu]	→	[ũbulíɲu]	(Da, 1ª R.);
<murinho>	[muríɲu]	→	[muríɲu]	(Il, 1ª R.).

No Gráfico 12 estão representadas as percentagens referentes às sequências em que o formato fonético da vogal alvo foi correctamente seleccionado.

Gráfico 12

Vogais átonas: Produções conforme o alvo pelos informantes do nível C2



Os dados apresentados no gráfico 12 permitem-nos verificar, como indicámos em 3.2.1., uma percentagem mais elevada de produções conformes aos alvos no que respeita às vogais que não sofrem redução vocálica ([i] e [u], alofone de /u/), por oposição às taxas de produção conformes aos alvos das vogais que sofrem redução vocálica.

A vogal-alvo coronal [i] é utilizada em todas as sequências produzidas pelos informantes do nível C2 nas duas sessões de recolha de dados, pelo que é considerada *estabilizada*, sendo, aliás, o único alvo átono que é produzido pelos informantes de um dos grupos em todas as sequências.

O alvo [i], alofone de /e/, é considerado, nas duas sessões de recolha de dados, um segmento *não adquirido*, por não ser produzido em pelo menos 50% do número total de sequências. É de salientar, no entanto, que, se na primeira recolha apenas se registaram 17,4% de produções em conformidade com o alvo (sendo, esta, aliás, a taxa mais baixa de sucesso na produção dos alvos átonos por este grupo de informantes), na segunda sessão registamos um grande aumento, atingindo a taxa de 31,7% de produções conformes ao alvo. Também a vogal-alvo [i], alofone de /ɛ/, é considerada *não adquirida*, uma vez que o

seu formato fonético apenas é seleccionado pelos informantes do nível C2 em 30,4% das sequências produzidas na primeira recolha e em 33,3% das sequências produzidas na segunda sessão.

No que se refere ao alvo átono dorsal, [ɐ], registamos, na primeira entrevista, apenas 44,7% de produções em conformidade com o alvo, sendo classificado como segmento *não adquirido*, passando a classificar-se como segmento *em aquisição* na segunda sessão, uma vez que é produzido em 62,5% das sequências.

No que respeita aos alvos labiais, à excepção de [u], alofone de /u/, registamos um decréscimo de produções conformes ao alvo da primeira para a segunda sessão. Assim, a vogal [u], alofone de /ɔ/, é produzida pelos informantes do nível C2 em 69,2% das sequências, na primeira entrevista, e em 66,7% das sequências, na segunda entrevista, classificando-se, portanto, como segmento *em aquisição*. O formato fonético da vogal-alvo [u], alofone de /o/, é seleccionado em 52,6% das sequências produzidas na primeira sessão, pelo que é classificado como segmento *em aquisição*, passando a ser classificado como *não adquirido* na segunda entrevista, uma vez que o formato fonético do alvo apenas é seleccionado em 40% das sequências. Finalmente, a vogal-alvo labial [u], alofone de /u/, é considerada estabilizada nos sistemas fonológicos dos informantes de nível C2, sendo produzida na quase totalidade das sequências produzidas por estes informantes – 91,7%, na primeira entrevista, e 100%, na segunda.

Estratégias de substituição de segmentos vocálicos orais átonos

Centramo-nos agora nas sequências em que se registaram substituições de propriedades das vogais-alvo pelos informantes do nível C2. À semelhança das secções anteriores referentes a estratégias de substituição, em cada coluna dos gráficos 13 e 14 é indicada a percentagem referente às produções conformes ao alvo, bem como às percentagens de substituição de cada propriedade.

O número exacto de sequências em que se registaram substituições de propriedades das vogais alvo é apresentado no Quadro 7:

Quadro 7*Substituição de vogais-alvo átonas pelos informantes do nível C2*

Substituição de vogais-alvo átonas - Nível C2	[i]	[i], alofone de /e/	[i], alofone de /ɛ/	[ɐ]	[u], alofone de /ɔ/	[u], alofone de /o/	[u], alofone de /u/	Total
1ª Recolha	0	19	16	26	4	9	2	76
2ª Recolha	0	15	16	18	4	12	0	65
Total	0	34	32	44	8	21	2	141

Em (18), apresentamos alguns exemplos de casos de substituição de vogais-alvo átonas pelos informantes do nível C2, nas duas sessões de recolha de dados.

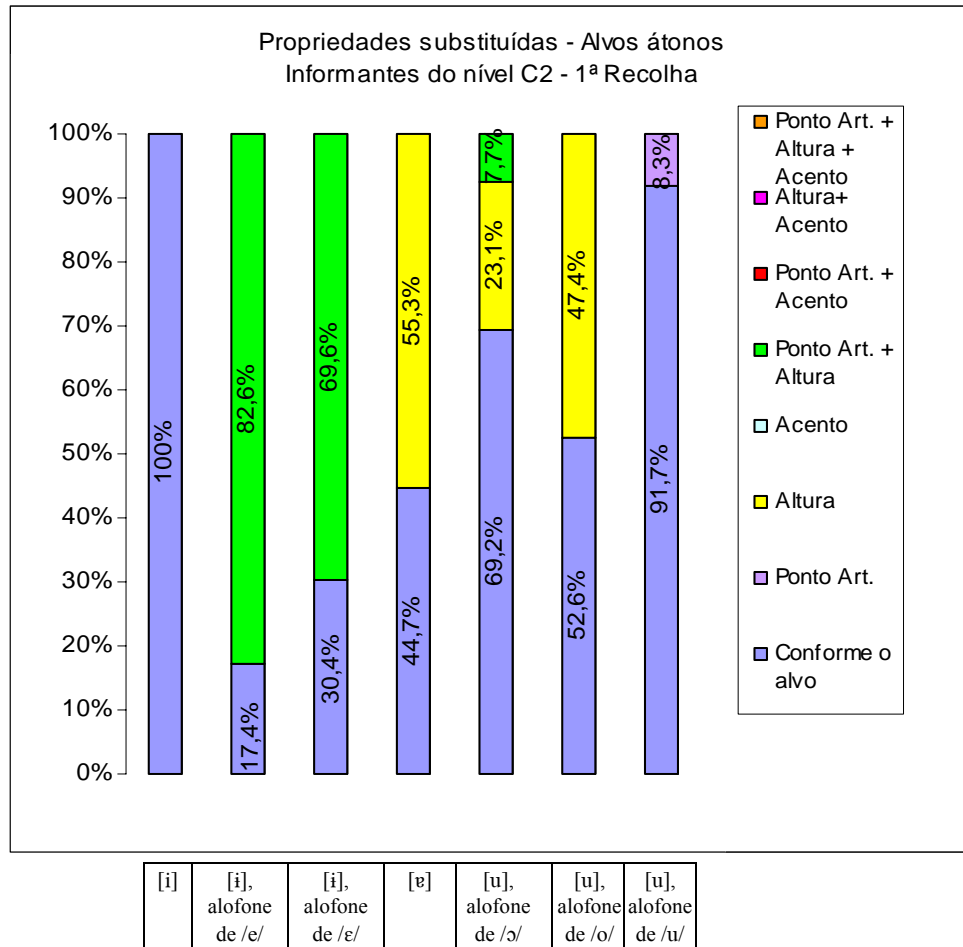
(18) *Substituição das vogais-alvo átonas por informantes do nível C2*

<canetinha>	[kənítɨɲɐ]	→	[kanetɨɲa]	(Ak, 1ª R.);
<pedrinha>	[pidrɨɲɐ]	→	[pedrɨɲa]	(Ak, 2ª R.);
<casinha>	[kɛzɨɲɐ]	→	[kazɨɲa]	(Il, 1ª R.);
<motorista>	[muturɨftɐ]	→	[umotorɨfta]	(Da, 2ª R.);
<lobinho>	[lubɨɲu]	→	[julovɨɲo]	(La, 1ª R.);
<chuvinha>	[ʃuvɨɲɐ]	→	[ʃurvɨɲa]	(Ak, 1ª R.).

No Gráfico 13, apresentamos as propriedades substituídas nas instâncias fonéticas dos alvos produzidas pelos informantes do nível B1, na primeira sessão de recolha de dados.

Gráfico 13

Substituição das vogais-alvo átonas por informantes do nível C2 na 1ª Recolha



Este gráfico demonstra, no que respeita aos alvos [i], alofone de /e/, e [i], alofone de /ɛ/, que todos as sequências produzidas em divergência com os alvos se devem à substituição simultânea das propriedades referentes ao ponto de articulação e ao grau de altura.

No que se refere à vogal-alvo dorsal, [ɐ], verificamos que todas as divergências relativas aos alvos envolveram substituição do grau de altura.

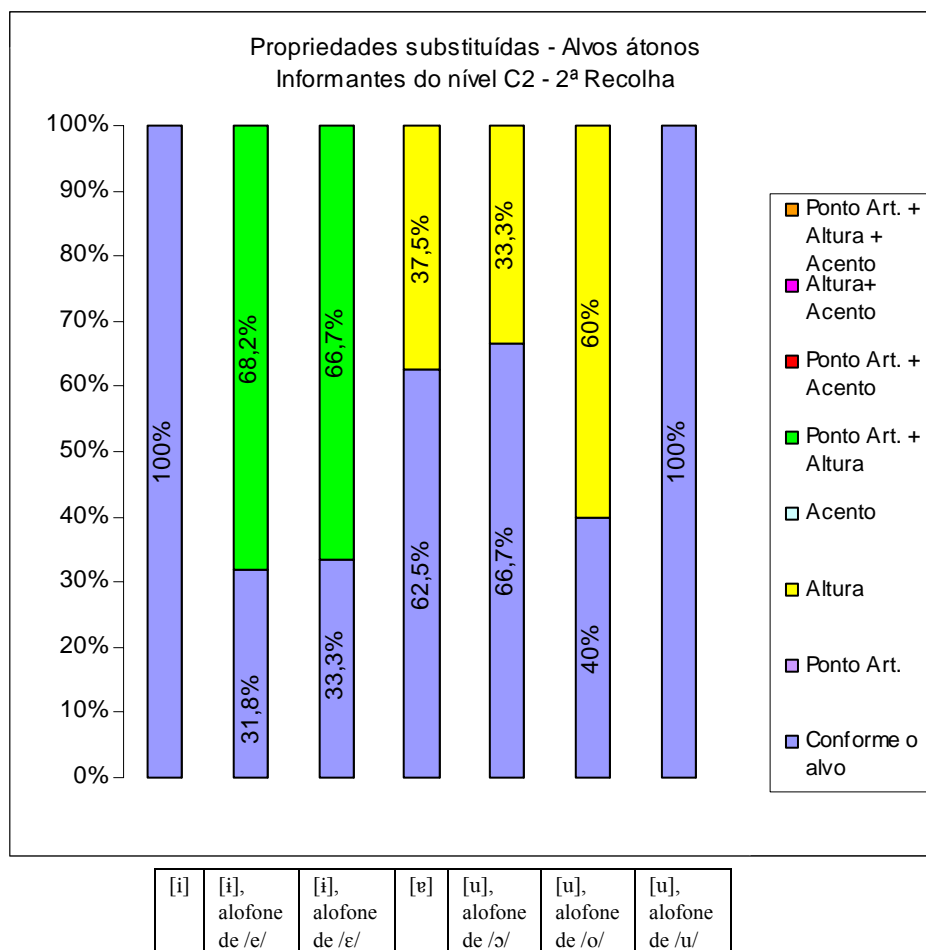
Também no que se refere aos alvos labiais se verifica um predomínio de substituição do grau de altura. 23% das instâncias fonéticas divergentes do alvo [u], alofone de /ɔ/, e 47% das sequências divergentes da vogal-alvo [u], alofone de /o/, envolvem substituição das propriedades referentes ao grau de altura. Os restantes 8% de sequências em que a vogal-alvo [u], alofone de /ɔ/, não é produzida, envolvem substituição de propriedades

referentes ao ponto de articulação e grau de altura. Quanto à vogal-alvo [u], alofone de /u/, as duas sequências⁵⁰ em que se verificou divergência do alvo foram produzidas pela mesma informante, Ak, tendo o alvo sido substituído pela vogal [ɯ], inexistente no sistema vocálico do PE, descrita no Alfabeto Fonético Internacional como fechada, recuada e não arredondada.

Vejamos agora, no Gráfico 14, as percentagens referentes às propriedades substituídas na segunda entrevista de recolha de dados.

Gráfico 14

Substituição das vogais-alvo átonas por informantes do nível C2 na 2ª Recolha



Destaca-se, neste gráfico, a oposição entre as propriedades substituídas nas tentativas de produção dos alvos átonos que sofrem elevação e centralização e aqueles que apenas

⁵⁰ conforme indicámos no Quadro 7

sofrem elevação. Com efeito, em todos os casos em que os alvos átonos [i], alofone de /e/ e [i], alofone de /ε/, não foram utilizados, esteve envolvida a substituição simultânea de propriedades relacionadas com ponto de articulação e grau de altura. Inversamente, nas sequências em que as vogais-alvo [ɐ], [u] (como alofone de /o/ e como alofone de /ɔ/) não foram produzidas, apenas esteve envolvida a substituição a nível do grau de altura.

3.3. Vogais tónicas e vogais átonas

Nesta secção, apresentamos quadros comparativos referentes às percentagens de selecção dos formatos fonéticos das vogais-alvo tónicas e das suas correspondentes átonas pelos informantes dos dois grupos e nas duas entrevistas de recolha de dados.

Em (19), recordamos exemplos de selecção correcta, bem como de selecção incorrecta dos formatos fonéticos dos alvos tónico [í] e átono [i]. Apenas mencionamos casos de substituição destes dois alvos produzidos pelos informantes do nível B1 na primeira sessão de recolha de dados, uma vez que, nas restantes entrevistas de ambos os grupos, não se verificaram casos de selecção incorrecta destas vogais-alvo.

(19) *vogais-alvo (tónica [í] e átona [i]): exemplos de selecção dos formatos fonéticos e de selecção incorrecta dos alvos*⁵¹

a) vogal-alvo tónica [í]

produção da vogal-alvo

<livro>	[lívrɨ]	→	[lívɾo]	(Go, 1ª R., nível B1);
<sinu>	[sínu]	→	[síno]	(Il, 2ª R., nível C2);

substituição da vogal-alvo

<cozinha>	[kuzíjɲɐ]	→	[koséna]	(Go, 1ª R., nível B1);
-----------	-----------	---	----------	------------------------

b) vogal-alvo átona [i]

produção da vogal-alvo

<cozinhinha>	[kuzijíjɲɐ]	→	[kosijíjɲa]	(Go, 2ª R., nível B1);
<sininho>	[siníjɲu]	→	[siníjɲu]	(Cr, 2ª R., nível C2);

substituição da vogal-alvo

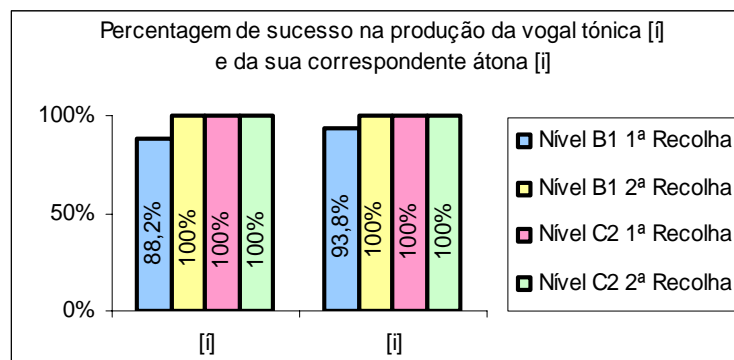
<cozinhinha>	[kuzijíjɲɐ]	→	[kosejíjɲa]	(Go, 1ª R., nível B1).
--------------	-------------	---	-------------	------------------------

⁵¹ Nestas séries de exemplos é também referido, no final da sequência de apresentação, o nível de proficiência referente ao grupo a que pertence cada informante.

O Gráfico 15 remete para as taxas de produção da vogal-alvo tónica [í] e da sua correspondente átona [i].

Gráfico 15

Comparação das taxas de produção da vogal tónica [í] e da sua correspondente átona [i]



Da leitura deste gráfico sobressai a selecção correcta dos formatos fonéticos, tanto do alvo tónico [í], como do alvo átono [i], na totalidade das instâncias produzidas na segunda entrevista do grupo do nível B1 e nas duas entrevistas do grupo do nível C2. Assim, apenas na fase de menor proficiência – a primeira entrevista do grupo do nível B1 – registamos taxas de produção dos alvos tónico [í] e átono [i] ligeiramente inferiores a 100%. Não obstante, ambos os segmentos são considerados *estabilizados*, de acordo com a classificação de Hernandorena (1990), desde o início da aquisição de PEL2.

Em (20), apontamos alguns exemplos de selecção dos formatos fonéticos dos alvos tónico [é] e correspondente átono [i], bem como de selecção incorrecta dos formatos dos mesmos alvos.

(20) *vogais-alvo tónica ([é] e átona [i]): exemplos de selecção dos formatos fonéticos e de selecção incorrecta dos alvos*

a) vogal-alvo tónica [é]

produção da vogal-alvo

<mesa>	[mézɐ]	→	[méza]	(Ol, 1ª R., nível B1);
<mesa>	[mézɐ]	→	[améza]	(Ak, 1ª R., nível C2);

substituição da vogal-alvo

<cabelo>	[kɐbélu]	→	[kabælo]	(Ol, 2ª R., nível B1);
<caneta>	[kənétɐ]	→	[akanéta]	(Ak, 1ª R., nível C2);

b) vogal-alvo átona [i]

produção da vogal-alvo

<mesinha>	[mizíjɐ]	→	[mizíjo]	(Ol, 1ª R., nível B1);
<mesinha>	[mizíjɐ]	→	[mizíjɐ]	(Cr, 1ª R., nível C2);

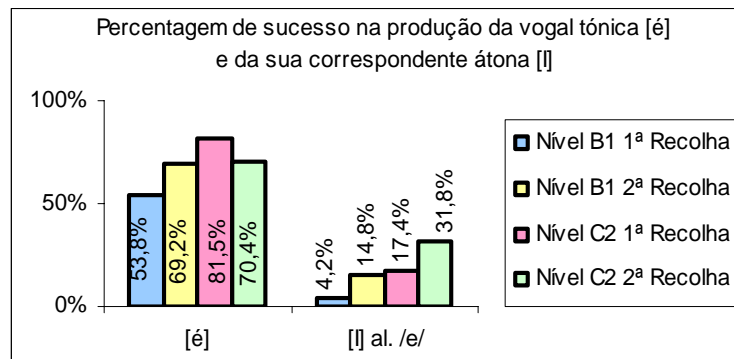
substituição da vogal-alvo

<canetinha>	[kɐnitíjɐ]	→	[kanetijɐ]	(Ol, 1ª R., nível B1);
<perinha>	[piríjɐ]	→	[perijɐ]	(Il, 1ª R., nível C2).

No Gráfico 16, estão indicadas as percentagens de produção conforme os alvos tónico [é] e correspondente átono [i].

Gráfico 16

Comparação das taxas de produção da vogal tónica [é] e da sua correspondente átona [i]



Da leitura deste gráfico sobressai a diferença entre os valores referentes à produção da vogal [é] e da vogal [i], sendo os primeiros consideravelmente mais elevados.

O alvo tónico é considerado um segmento *em aquisição* nos sistemas fonológicos dos informantes do nível B1, nas duas sessões de recolha, e pelos informantes do nível C2, na segunda recolha, sendo considerado *adquirido mas não estabilizado* na primeira recolha dos informantes do nível C2. Verificamos, no entanto, um decréscimo de produção deste alvo da primeira para a segunda sessão dos informantes do nível C2.

Já o alvo átono é considerado *não adquirido* nos sistemas dos informantes dos dois grupos, nas duas entrevistas, assinalando-se, ainda assim, um aumento constante da taxa de produção do alvo ao longo das quatro fases registadas.

Em (21), exemplificamos a selecção da vogal-alvo tónica [é], bem como a sua substituição, e ainda casos de selecção e de substituição da vogal-alvo átona correspondente, [i], pelos dois grupos de informantes.

(21) *vogais-alvo tónica ([é] e átona [i]): exemplos de selecção dos formatos fonéticos e de selecção incorrecta dos alvos*

a) vogal-alvo tónica [é]

produção da vogal-alvo

<pedra>	[pédre]	→	[pédre]	(Am, 2ª R., nível B1);
<chinel>	[ʃinélu]	→	[ʃinéle]	(Cr, 1ª R., nível C2);

substituição da vogal-alvo

<pedra>	[pédre]	→	[pédre]	(Gi, 2ª R., nível B1);
<pedra>	[pédre]	→	[pédre]	(Cr, 1ª R., nível C2);

b) vogal-alvo átona [i]

produção da vogal-alvo

<pedrinha>	[pidríne]	→	[pidrína]	(Gi, 2ª R., nível B1);
<castelinho>	[kɐstíliju]	→	[kɐstíliju]	(La, 2ª R., nível C2).

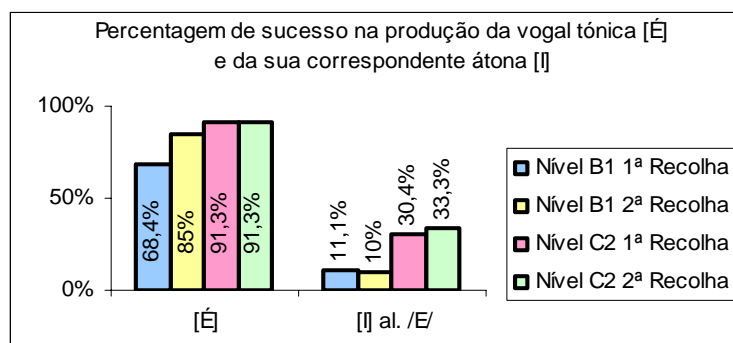
substituição da vogal-alvo

<pedrinha>	[pidríne]	→	[pedrína]	(Ol, 2ª R., nível B1);
<chinelinho>	[ʃinilíju]	→	[ʃinélíne]	(Da, 2ª R., nível C2).

No gráfico seguinte, apresentamos comparativamente as taxas de produção conforme os mesmos alvos – a vogal tónica [é] e a vogal átona [i], variante alofónica de /e/.

Gráfico 17

Comparação das taxas de produção da vogal tónica [é] e da sua correspondente átona [i]



À semelhança do que verificámos na produção da vogal-alvo tónica [é] e sua correspondente átona [i], também aqui se regista uma grande diferença entre as percentagens de produção do alvo tónico, [é], e do alvo átono, [i], encontrando-se as primeiras sempre acima dos 50% e as segundas sempre abaixo dos 50%.

A vogal-alvo tónica, [é], é considerada *em aquisição* na primeira sessão dos informantes do nível B1, *adquirida mas não estabilizada* na segunda sessão, e *estabilizada* nas duas sessões dos informantes do nível C2.

No que se refere ao alvo átono, [i], alofone de /e/, é considerado *não adquirido* nos sistemas fonológicos dos informantes dos dois grupos, nas duas sessões de recolha de dados, ainda que se registre progresso nas quatro fases estudadas.

Passamos de seguida à análise comparativa do alvo tónico [a] e correspondente átono [e]. Em (22), fornecemos exemplos de selecção correcta e incorrecta destes alvos pelos informantes dos dois grupos.

(22) *vogais-alvo tónica [á] e átona [e]: exemplos de selecção dos formatos fonéticos e de selecção incorrecta dos alvos*

a) vogal-alvo tónica [á]

produção da vogal-alvo

<pató>	[pátu]	→	[páto]	(Am, 2ª R., nível B1);
<cavalo>	[kəválu]	→	[kaβálu]	(La, 2ª R., nível C2);

substituição da vogal-alvo

<gato> [gátu] → [gató] (Go, 1ª R., nível B1);

b) vogal-alvo átona [ɐ]

produção da vogal-alvo

<gatinho> [gɛtíjɐ] → [gɛtíjɐ] (Am, 1ª R., nível B1);

<patinho> [pɛtíjɐ] → [pɛtíjɔ] (Il, 1ª R., nível C2);

substituição da vogal-alvo

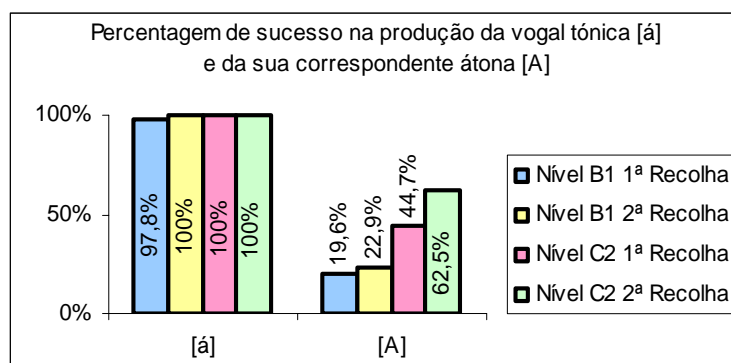
<macaquinho> [mɛkɛkíjɐ] → [makakíjɐ] (Ti, 2ª R., nível B1);

<patinho> [pɛtíjɐ] → [iupatíjɐ] (Ak, 2ª R., nível C2).

O Gráfico 18 ilustra as taxas de produção conforme os alvos tónico [á] e átono [ɐ] pelos informantes dos dois grupos, nas duas sessões de recolha de dados.

Gráfico 18

Comparação das taxas de produção da vogal tónica [á] e da sua correspondente átona [ɐ]



No que respeita ao alvo tónico dorsal, é considerado *estabilizado* nos sistemas dos informantes dos dois grupos, nas duas recolhas de dados, destacando-se as três últimas fases estudadas, em que o seu formato fonético é seleccionado em 100% das sequências produzidas pelos informantes.

O alvo átono dorsal é considerado *não adquirido* nos sistemas dos informantes do nível B1, nas duas sessões, e nos dos informantes do nível C2, na primeira sessão. Apenas na segunda sessão dos informantes do segundo grupo, realizada já no final da aprendizagem, a vogal [ɐ] é considerada *em aquisição*.

De seguida, passamos à análise dos alvos labiais. Em (23), fornecemos exemplos de produção conforme e não conforme os alvos tónico [ɔ̃] e átono [u].

(23) vogais-alvo tónica ([ɔ̃] e átona [u]): exemplos de selecção dos formatos fonéticos e de selecção incorrecta dos alvos

a) vogal-alvo tónica [ɔ̃]

produção da vogal-alvo

<mota> [móte] → [móta] (Gi, 1ª R., nível B1);
 <mota> [móte] → [móte] (Cr, 1ª R., nível C2);

substituição da vogal-alvo

<copo> [kópu] → [kópu] (Ti, 2ª R., nível B1);
 <copo> [kópu] → [úkópo] (Ak, 2ª R., nível C2);

b) vogal-alvo átona [u]

produção da vogal-alvo

<copinho> [kupíju] → [kupíju] (Gi, 2ª R., nível B1);
 <camisolinha> [kɛmizulíjɐ] → [kɛmizulíjɐ] (Cr, 1ª R., nível C2).

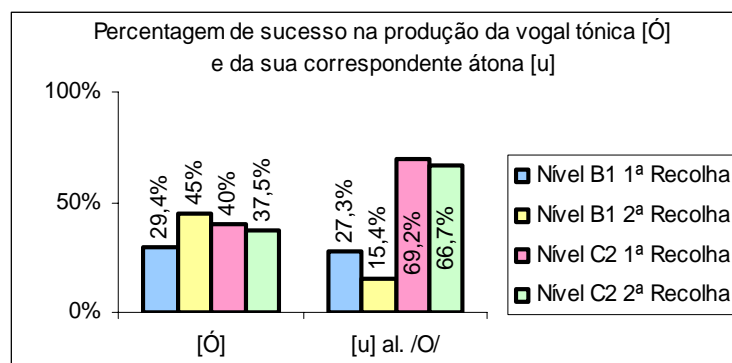
substituição da vogal-alvo

<copinho> [kupíju] → [kopíju] (Am, 2ª R., nível B1);
 <copinho> [kupíju] → [kopíju] (Ak, 1ª R., nível C2).

No Gráfico 19, apresentamos as percentagens de produções conforme as vogais-alvo tónica [ɔ̃] e átona [u], variante alofónica de /ɔ/, recolhidas nas duas sessões dos dois grupos de informantes.

Gráfico 19

Comparação das taxas de produção da vogal tónica [ɔ̃] e da sua correspondente átona [u]



Da leitura deste gráfico sobressai o facto de a vogal-alvo átona ser produzida pelos informantes do nível C2 mais frequentemente do que a tónica. O alvo átono é o único que está *em aquisição*, nas duas sessões realizadas com os informantes do nível C2. Nas entrevistas realizadas com os informantes do nível B1, a vogal átona, [u], é produzida em menos sequências do que a tónica, [ó]. Destaca-se ainda um decréscimo de produções conformes ao alvo átono, da primeira para a segunda sessão, nos dois grupos de informantes, bem como de produções conformes ao alvo tónico, da primeira para a segunda entrevista dos informantes do nível C2.

Sobressaem ainda as baixas taxas de produção da vogal-alvo tónica [ó], sendo considerada um segmento *não adquirido* nos sistemas dos informantes dos dois grupos, nas duas sessões. Recordamos que a segunda sessão efectuada com os informantes do nível C2 se realizou em data muito próxima da do final do curso que frequentavam, estando colocados na turma com o mais alto nível de proficiência, pelo que podemos inferir que, no final da sua aprendizagem de PEL2, a vogal tónica [ó] constitui um segmento não adquirido.

Comparemos agora os dados obtidos para as vogais-alvo tónica [ó] e átona [u], de cuja produção de casos de substituição damos exemplos em (24).

(24) *vogais-alvo tónica ([ó] e átona [u]): exemplos de selecção dos formatos fonéticos e de selecção incorrecta dos alvos*

a) vogal-alvo tónica [ó]

produção da vogal-alvo

<bolo>	[bólu]	→	[bólo]	(O1, 2ª R., nível B1);
<bolo>	[bólu]	→	[ubólo]	(La, 2ª R., nível C2);

substituição da vogal-alvo

<lobo>	[lóbu]	→	[lópu]	(Gi, 1ª R., nível B1);
<lobo>	[lóbu]	→	[wóbu]	(II, 2ª R., nível C2);

b) vogal-alvo átona [u]

produção da vogal-alvo

<bolinho>	[bulíju]	→	[bulíju]	(Gi, 2ª R., nível B1);
<escovinha>	[ʃkuvíjɐ]	→	[úmɐʃkuvíjɐ]	(La, 2ª R., nível C2).

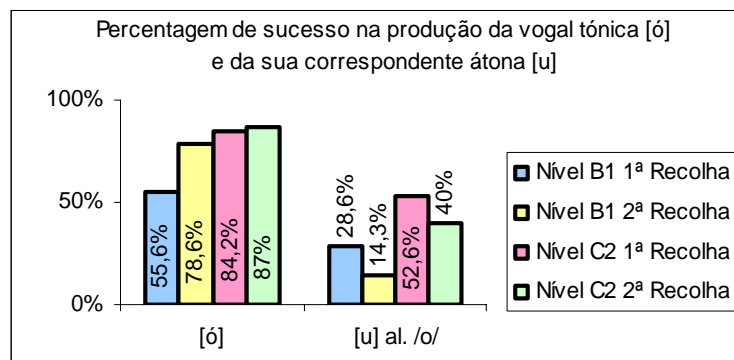
substituição da vogal-alvo

<bolinho> [bulíŋu] → [bolíŋo] (Am, 1ª R., nível B1);
 <escovinha> [ʃkuvíŋɐ] → [ʃkobíŋa] (La, 1ª R., nível C2).

No gráfico 20, estão representados os valores de produções em que o formato das vogais-alvo tónica [ó] e átona [u] foram seleccionados pelos informantes dos dois grupos, nas duas sessões de recolha de dados.

Gráfico 20

Comparação das taxas de produção da vogal tónica [ó] e da sua correspondente átona [u]



Da leitura deste gráfico sobressai a maior percentagem de produção do alvo tónico, [ó], relativamente ao seu correspondente átono, [u]. A vogal tónica é considerada *em aquisição*, na primeira sessão realizada com os informantes do nível B1, *adquirida mas não estabilizada*, na segunda sessão efectuada com o mesmo grupo e na primeira realizada com os informantes do nível C2, e *estabilizada*, na segunda sessão dos informantes do nível C2, registando-se assim um constante aumento das produções conformes ao alvo nas quatro fases estudadas.

O alvo átono [u], alofone de /o/, é considerado um segmento *não adquirido* nos sistemas fonológicos dos informantes dos dois grupos, nas duas sessões de recolha de dados. Destaca-se, no entanto, a redução em cerca de 10% a 15% das percentagens de produção conforme ao alvo, da primeira para a segunda sessão nos dois grupos de informantes.

Passamos, por fim, às vogais-alvo tónica [ú] e átona [u], das quais damos alguns exemplos da sua produção e da sua substituição pelos informantes dos dois grupos nas duas sessões (cf. 25). Nestas vogais, não se verifica alteração do formato fonético de acordo com o contexto acentual, à semelhança da vogal coronal [+alt].

(25) *vogais-alvo tónica [ú] e átona [u]: exemplos de selecção dos formatos fonéticos e de selecção incorrecta dos alvos*

a) vogal-alvo tónica [ú]

produção da vogal-alvo

<muro>	[múru]	→	[úmúro]	(Go, 2ª R., nível B1);
<chuva>	[júvɐ]	→	[a júvɐ]	(Da, 1ª R., nível C2).

substituição da vogal-alvo

<luva>	[lúvɐ]	→	[lóvɾiʃ]	(Ol, 1ª R., nível B1);
<chuva>	[júvɐ]	→	[a júva]	(Ak, 1ª R., nível C2);

b) vogal-alvo átona [u]

produção da vogal-alvo

<chuvinha>	[júvɿɲɐ]	→	[júvɿɲa]	(Ti, 1ª R., nível B1).
<chuvinha>	[júvɿɲɐ]	→	[júvɿɲ]	(Da, 1ª R., nível C2).

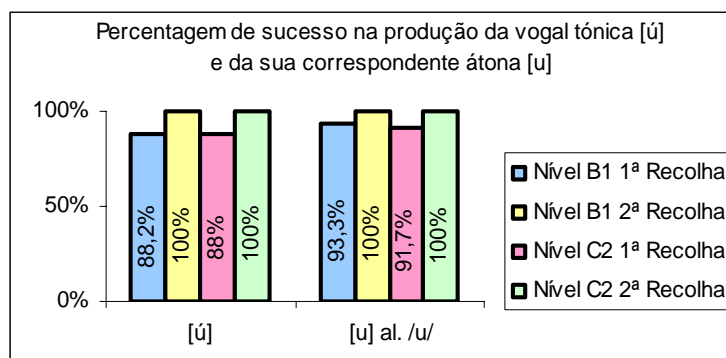
substituição da vogal-alvo

<chuvinha>	[júvɿɲɐ]	→	[jóvɿɲaʃ]	(Gi, 1ª R., nível B1);
<uvinha>	[uvɿɲɐ]	→	[uvɿɲa]	(Ak, 1ª R., nível C2).

No gráfico 21 estão representadas as taxas de produção da vogal-alvo labial [+alt], nas posições tónica e átona.

Gráfico 21

Comparação das taxas de produção da vogal tónica [ú] e da sua correspondente átona [u]



A leitura deste gráfico mostra o aumento de produção conforme os alvos tónico e átono, das primeiras para as segundas sessões realizadas quer com os informantes do nível B1, quer com os informantes do nível C2, sendo que ambos os alvos foram correctamente produzidos na totalidade das sequências recolhidas nas segundas sessões dos dois grupos de informantes. No entanto, as duas vogais-alvo – a tónica [ú] e a átona [u] – são consideradas *estabilizadas* nas quatro fases estudadas.

Verificamos, assim, que, à excepção da vogal tónica [ú] e de sua correspondente átona [u] no nível C2, os segmentos fonéticos que surgem em posição tónica são produzidos em percentagens mais elevadas do que os segmentos que surgem em posição átona, pelos informantes dos dois níveis, nas duas sessões.

Retomamos, no capítulo seguinte, a discussão dos aspectos mais relevantes que aqui pudemos descrever.

4. DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo, abordamos os aspectos mais salientes dos dados descritos no capítulo anterior, confrontando-os com as hipóteses colocadas em 1.4.

No capítulo anterior, verificámos que os dados obtidos com os informantes do nível B1 referentes às vogais tónicas, representados nos gráficos 1 e 2, nos permitem constatar que, da primeira para a segunda sessão de recolha de dados, as percentagens de selecção de formatos fonéticos de acordo com os alvos tónicos aumentam, o que indicia uma estabilização progressiva do sistema fonológico vocálico. O mesmo se verifica com os informantes do nível C2, no que se refere igualmente às vogais tónicas, à excepção de [é] e de [ó], em que as percentagens de utilização dos alvos decrescem, como podemos confirmar nos gráficos 1 e 5. As vogais [é] e [ó] são também as vogais tónicas adquiridas mais tardiamente pelos informantes do nível C2.

No entanto, os dados apresentados nos gráficos 8, 9, 12 e na secção 3.3. permitem-nos constatar que são as vogais átonas que constituem as estruturas mais problemáticas para os informantes dos dois grupos. Em todas as comparações estabelecidas entre uma vogal tónica e a sua correspondente átona, nos dois grupos e nas duas sessões de recolha de dados, verificamos que a tónica é produzida em conformidade com a gramática do Português Europeu (PE) numa percentagem mais elevada de alvos do que a átona. A única excepção é o caso da vogal tónica [ó] e da correspondente átona [u], nos informantes do nível C2, na segunda sessão. O facto de, neste caso, a átona ser produzida conforme o alvo num maior número de sequências do que a tónica poderá estar directamente relacionado com a percentagem muito baixa de sequências em que a tónica foi produzida de acordo com o alvo.

A classificação das vogais tónicas nas classes coronal ([í, é, ê]), dorsal ([á]) e labial ([ú, ó, ó])⁵³ e a possibilidade de estabelecer uma ordem de aquisição com base no ponto de articulação revelou-se improdutivo. Os gráficos 1 e 2 mostram-nos que, nos sistemas dos

⁵³ Como referimos nos capítulos anteriores, esta classificação corresponde a uma tipologia utilizada em trabalhos de aquisição de língua e não constitui uma proposta de alteração da classificação do sistema vocálico do PE.

informantes do nível B1, mais relevante do que o grau de altura ou o ponto de articulação, parece ser a natureza das três vogais: [í, á, ú] são as vogais tónicas mais estáveis. O mesmo sucede com os informantes do nível C2, que dispõem, desde a primeira entrevista, das mesmas vogais. Estas são as únicas que são produzidas pelos informantes dos dois grupos em todas as sequências em que são alvo na segunda sessão, estando já estabilizadas na primeira sessão, também nos dois grupos.

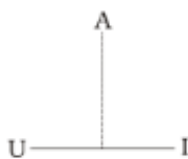
Trabalhos anteriores atribuem um papel relevante a este trio de vogais. Jakobson & Halle (1956: 52-53) caracterizam a vogal /a/ pela “(...) *maximal concentration of energy in a narrow central region of the spectrum* (...). *The single compact /a/ finds its opposite in a diffuse vowel. (...) it is naturally the diffuse vowel that splits into grave and acute, complementing the vocalic (...) triangle by a /u/-/i/ base-line*”; o triângulo apresentado pelos autores é o que se segue (figura 1):

Figura 1 – triângulo vocálico, Jakobson & Halle (1956: 53)



De acordo com Jakobson (1969: 78-81), “*Lorsque le chromatisme (plénitude de son) diminue, l’opposition clair-sombre s’accentue* (...) *De toutes les voyelles, a est celle qui possède le plus de chromatisme et qui est la moins affectée par l’opposition clair-sombre* (...). (...) *deux processus psychophysiques – le « processus U – I » en rapport avec le caractère clair-sombre des sensations sonores, et le « processus A » qui détermine leur degré de chromatisme-correspondent aux deux coordonnées du triangle vocalique, c’est-à-dire à la ligne de base U-I et sa verticale A* (...)”. Jakobson representa estas coordenadas da seguinte forma (figura 2):

Figura 2 – triângulo vocálico, Jakobson (1969: 81)



Também Schane (1995) se concentra neste trio de vogais, a partir da qual define a Teoria das Partículas. A partícula |a| define o grau de abertura e as partículas |i| e |u| definem a tonalidade. Estas três partículas definem os traços de abertura, palatalidade e labialidade, respectivamente. As diferentes combinações das partículas (incluindo o conjunto nulo) definem as características das vogais.

Os dados observados indicam que as vogais mais estáveis na aquisição do Português Europeu como língua não materna (PEL2) são as usadas como referência nos modelos dos autores supracitados. Os contrastes inerentes ao triângulo /u, a, i/ predizem, assim, o comportamento destes falantes não nativos.

De acordo com estes dados e com os resultados dos informantes dos dois níveis, as vogais coronais [é, é] e labiais [ó, ó] são adquiridas mais tardiamente. Não obstante, também neste grupo mais reduzido de vogais se verifica a impossibilidade de estabelecer uma ordem de aquisição com base no ponto de articulação.

No final do tempo lectivo dos informantes do nível B1, e recorrendo à escala de Hernandorena (1990), a vogal [ó] é a única considerada *não adquirida*, a vogal [é] é considerada um segmento *em aquisição* e as vogais [é, ó] são consideradas *adquiridas mas não estabilizadas*. O facto de não se verificar evolução em alguns destes segmentos revela que os mesmos não são de rápida aquisição. É de salientar, no entanto, que nestas vogais não se registou nenhum caso de regressão.

No que se refere aos informantes do nível C2, a vogal [é] encontra-se já *estabilizada* na primeira sessão, estando disponível nos sistemas fonológicos dos informantes deste grupo. Na segunda sessão deste grupo de falantes, estão *estabilizadas* as vogais [í, é, á, ó, ú], constituindo o sistema vocálico oral tónico disponível nas suas gramáticas. É importante salientar que a segunda sessão realizada com estes informantes decorreu poucos dias antes do final das aulas do último nível de aprendizagem. O que verificamos, nos dados que obtivemos, é que, no final da aprendizagem, apenas alguns segmentos do sistema vocálico oral tónico estão estabilizados ou dominados. Neste sentido, consideramos que se impõe uma intervenção dos docentes no processo de aquisição da componente fonológica do PEL2, que discutiremos no capítulo seguinte.

No que respeita às restantes vogais, verificamos que a tónica [é] é considerada um segmento *em aquisição*, na segunda entrevista destes informantes, tendo sido produzida em conformidade com o alvo em menor percentagem na segunda entrevista do que na primeira. A vogal [ó] é, tal como para os informantes do nível B1, a única vogal-alvo tónica considerada *não adquirida*. A não aquisição apenas da vogal [ó] levanta-nos questões para as quais não temos ainda resposta: este atraso poderá dever-se a uma possível maior complexidade resultante da conjugação dos traços [+arr] e [+bx]? Dever-se-á a um processo de co-articulação? Dever-se-á a uma reestruturação do sistema vocálico ou ao início da aquisição da regra de redução vocálica /ɔ, o/ → [u]? Ou poderá estar relacionada com a metafonia do /ɔ/? De acordo com D'Andrade (1994: 47-76), “existe em Português um conjunto de formas nominais do tipo f_of_o, f_og_o, (-oC₀o#), foneticamente [óC₀u], que forma o plural de duas maneiras: f_of_os, f_og_os – [oC₀uS], [ɔC₀uS], respectivamente.”⁵⁴ Este investigador procedeu a um levantamento⁵⁵ de palavras com estas características, tendo encontrado 2360, sendo 1710 formas em [oC₀u] e apenas 650 em [ɔC₀u]. O autor verificou que os elementos em questão “(...) apresentam uma das configurações seguintes:

- (a) [o] no masculino singular e no masculino plural (e no feminino, caso exista) porque existe um /o/ fonológico;
- (b) [o] no masculino singular e [ɔ] no masculino plural (e no feminino, caso exista) porque existe um /ɔ/ fonológico, mas a regra (...) aplicou-se;
- (c) [ɔ] no masculino singular e plural (assim como no feminino, caso este exista), porque existe um /ɔ/ fonológico, mas trata-se de excepções à regra (...) e como tal têm os respectivos morfemas marcados no léxico.”⁵⁶ (D'Andrade 1994: 55)

A existência de várias configurações possíveis, ainda que estejam sujeitas a regras fonológicas, poderá estar ligada a uma maior dificuldade na aquisição da vogal [ó]. No entanto, este estudo constitui uma primeira abordagem à aquisição do sistema fonológico

⁵⁴ Destaques constantes no original

⁵⁵ O levantamento teve por base os itens existentes no Dicionário Prático Ilustrado (1979, Lello e Irmão, Porto).

⁵⁶ A regra a que D'Andrade (1994: 53) se refere é a seguinte: [V+ac, +arr] → [-bxo] / _C₀ [V+arr] #]N

de PEL2, não sendo conclusivo no que respeita à aquisição desta vogal, pelo que este caso deverá ser objecto de investigações futuras.

Ainda no que respeita à vogal [ɔ], registou-se, à semelhança de [é], uma regressão na produção desta vogal da primeira para a segunda sessão. Estes casos de regressão podem ser consequência de um reajuste do sistema. Relembramos que entre as palavras de cada par utilizado na recolha de dados, existe uma relação morfofonológica (p. ex., entre [mézɐ] e [mizɨɲɐ] ou entre [kópu] e [kupíju]). Quando os falantes estabelecem uma representação lexical que lhes permite adquirirem essa relação, podem verificar-se casos de produções divergentes dos alvos, quer na forma tónica, quer na forma átona. Uma menor produção da vogal de acordo com o alvo na segunda entrevista pode, assim, ser uma consequência da aquisição do formato da vogal existente no radical morfofonológico, à qual o falante apenas tem acesso através de diferentes radicais fonéticos. Assim, pode verificar-se uma de duas hipóteses: (1) a estrutura interna da vogal fonológica subjacente às variantes tónica e átona pode não estar ainda integralmente especificada; ou (2) o processo de alteração dos valores dos traços relevantes (no caso de /ɔ/, os traços referentes ao grau de altura, e, no caso de /e/, os traços referentes ao grau de altura e ao ponto de articulação) ainda não foi adquirido. Quando os aprendentes percebem que existe um sistema gramatical envolvido, dá-se uma reestruturação. Estes dados parecem assim apontar para o início da aquisição do processo de redução vocálica, ou seja, para o início da aquisição do sistema vocálico, em lugar de uma mera cópia do alvo fonético.

Como já referimos, os dados obtidos no que respeita às vogais tónicas indiciam a inexistência de uma correspondência entre a classificação das vogais em classes (coronais, dorsais e labiais) e a ordem de aquisição dos segmentos, indo ao encontro da possibilidade de ser mais relevante a natureza das vogais /i, a, u/, e os contrastes que elas permitem no sistema, do que o grau de altura ou o ponto de articulação. No entanto, os nossos dados não são conclusivos neste aspecto, pelo que estes resultados exigem mais investigação.

Não obstante, parece-nos possível estabelecer a seguinte ordem de aquisição dos segmentos tónicos, de acordo com os resultados obtidos nas quatro fases avaliadas (B1 – 1ª sessão, B1 – 2ª sessão, C1 – 1ª sessão, C1 – 2ª sessão):

	Vogais tónicas	B1 – 1ª sessão	B1 – 2ª sessão	C1 – 1ª sessão	C1 – 2ª sessão
1	[í, á, ú]	estabilizadas	estabilizadas	estabilizadas	estabilizadas
2	[é]	em aquisição	adquirido mas não estabilizado	estabilizado	estabilizado
3	[ó]	em aquisição	adquirido mas não estabilizado	adquirido mas não estabilizado	estabilizado
4	[ê]	em aquisição	em aquisição	adquirido mas não estabilizado	em aquisição
5	[ô]	não adquirido	não adquirido	não adquirido	não adquirido

Considerando os casos de substituição de vogais-alvo tónicas, verificamos que, nas primeiras sessões dos dois grupos de informantes, o grau de altura é a propriedade substituída com maior frequência, em detrimento da distribuição do acento ou do ponto de articulação, como podemos verificar nos gráficos 3 e 6. Nas segundas sessões, representadas nos gráficos 4 e 7, o grau de altura é a única propriedade incorrectamente seleccionada pelos dois grupos de informantes. Estes dados apontam, assim, para uma aquisição mais rápida do ponto de articulação em posição tónica e, mais tarde, do grau de altura, na mesma posição.

Centremo-nos, agora, nos dados referentes às vogais átonas. Conforme já referimos, o primeiro aspecto a realçar na análise do gráfico 8 é a discrepância entre as percentagens de correspondência produção/alvo das vogais que não sofrem processos de redução vocálica e das vogais que estão sujeitas a estes processos. Assim, tanto no nível B1 como no nível C2 e nas duas sessões, as vogais [i] e [u], alofone de /u/ são as únicas que são consideradas *estabilizadas*. Estes dados apontam, assim, para a mais rápida aquisição, no sistema átono, dos segmentos não sujeitos a redução vocálica – [i] e [u] – e para a difícil e lenta aquisição dos segmentos resultantes deste processo. Estes dados apontam também para a aquisição do sistema fonológico e não para uma simples réplica do formato fonético do alvo, uma vez que o facto de estas vogais poderem ser sujeitas a apagamento na fala espontânea, o *input* destes falantes, bem como a redução /i/ → [i], parece não afectar o comportamento estável de [i, u]. Esta estabilidade demonstra que os aprendentes são capazes de extrair do *input* as propriedades fonológicas do sistema, como é sugerido também por Vigário, Frota & Freitas 2003, num estudo sobre a relação entre o ritmo e a aquisição da estrutura silábica do PE como Língua materna (L1).

No que respeita às restantes vogais ([i], alofone de /e/ e de /ɛ/; [ɐ], alofone de /a/ e [u], alofone de /ɔ/ e de /o/), estas são consideradas *não adquiridas*, não chegando aos 30% de produções conformes aos alvos no nível B1. No nível C2, a vogal [i], alofone de /e/ e de /ɛ/ é considerada *não adquirida* nas duas sessões; tanto a vogal [ɐ] como o [u], alofone de /ɔ/, são, na segunda sessão, consideradas *em aquisição* e a vogal [u], alofone de /o/, é considerada *não adquirida* na mesma sessão.

Na análise do comportamento dos informantes do nível B1 relativamente às vogais átonas, destacam-se os casos de regressão no grau de sucesso na selecção do formato fonético das vogais átonas [i], alofone de /e/, [u], alofone de /ɔ/, e [u], alofone de /o/, da primeira para a segunda recolha. O mesmo sucede com os informantes do nível C2, mas apenas no que se refere às vogais [u], alofone de /ɔ/, e [u], alofone de /o/. Como já mencionámos, esta regressão pode dever-se ao início da aquisição do processo de redução vocálica. O facto de a vogal átona ter o mesmo formato fonético, ainda que corresponda a três vogais fonológicas distintas, sendo o caso de maior convergência de vogais fonológicas para um único formato fonético em posição átona, pode ainda sugerir que a aquisição deste processo envolva dificuldades específicas, no caso das vogais labiais. No entanto, sobre esta matéria, seria necessário desenvolver mais investigação.

Destacamos ainda que a vogal átona com menores taxas de produção conforme aos alvos é [i], alofone de /e/ e de /ɛ/. A vogal [i] parece ser, independentemente da sua natureza fonológica, a vogal que é mais dificilmente adquirida. Não podemos dissociar desta análise os resultados representados nos gráficos 10, 11, 13 e 14. Nestes gráficos, podemos verificar que quase todos os casos de substituição de propriedades de [i], independentemente da sua natureza fonológica, registados nas duas sessões dos dois grupos de informantes, se deve à substituição simultânea de traços relacionados com o ponto de articulação e o grau de altura. Estes dados sugerem que os informantes reconhecem a existência de um segmento na posição do alvo que tem um formato fonológico /ɛ/ ou /e/, mas não são capazes de proceder à aplicação da regra de elevação e centralização vocálica em contexto átono /ɛ, e/ → [i]. A aplicação das regras de redução vocálica envolvem, no *output* fonético, no caso destas vogais, alterações no domínio do nó Ponto de Articulação, passando de [-rec] para [+rec], e no domínio do nó Altura, passando,

no caso de /ɛ/ → [i], de [+bx] para [+alt], e no caso de /e/ → [i], de [-bx, -alt] para [+alt]. Esta é, assim, de todas as regras de redução vocálica, a mais complexa, por envolver alterações no ponto de articulação e no grau de altura, ao contrário das restantes regras, que apenas implicam alterações no grau de altura.

Estudos anteriores apontaram também para a maior dificuldade na aquisição da vogal [i] decorrente do processo /ɛ, e/ → [i]. Freitas (2005) conclui que a existência de diferentes níveis de complexidade no sistema fonológico do Português Europeu tem impacto na aquisição da redução vocálica em crianças monolíngues portuguesas: /ɛ, e/ → [i] envolve mudanças no domínio de dois nós na estrutura segmental interna (Altura e Ponto de Articulação), enquanto que /a/ → [ɐ] envolve alterações apenas no domínio de um nó (Altura). Os dados obtidos por Freitas (2005) para a aquisição de Português Europeu Língua Materna (PEL1) permitem-lhe observar que [ɐ] emerge antes de [i] e que a aquisição do processo de /a/ → [ɐ] precede a aquisição de /ɛ, e/ → [i]. Freitas (2004) e Fikkert (2005a) verificam que, em aquisição de L1, as crianças usam menos substituições relativas a traços de ponto de articulação, do que a traços de altura, o que indica que estes últimos são de mais difícil aquisição.

No que se refere às vogais alvo átonas [ɐ], [u] como alofone de /ɔ/ e [u] como alofone de /o/, verificamos que, na generalidade, os casos de substituição prendem-se, sobretudo, com o grau de altura, nas duas sessões dos dois grupos de informantes. Também estes casos de substituição sugerem que os informantes reconhecem os formatos dos segmentos, mas que não são capazes de aplicar os processos de elevação activados na gramática-alvo.

Salientamos ainda o facto de, na primeira sessão do nível B1, se terem verificado basicamente substituições ao nível do grau de altura (à excepção das substituições registadas na vogal [i], alofone de /e/ e de /ɛ/), tendo-se verificado, na segunda sessão, casos de substituição de outros traços, ainda que o grau de altura continue a ser a propriedade mais afectada. O facto de, na primeira sessão, se verificarem substituições predominantemente ao nível do grau de altura e, na segunda sessão, se verificarem substituições também noutros traços, constitui também uma forma de regressão, indicando que os falantes estão a reajustar o seu sistema, adquirindo a gramática inerente ao funcionamento do sistema vocálico oral do PE e não apenas tentando reproduzir os formatos fonéticos das vogais.

No caso dos informantes do nível C2, registaram-se alguns casos de substituição de propriedades acentuais e de ponto de articulação na primeira entrevista, passando, na segunda entrevista, a substituir apenas os traços referentes ao grau de altura (à excepção dos casos de [i], alofone de /e/ e de /ɛ/, como já referimos acima).

Estes dados permitem-nos, assim, verificar que os falantes adquirem mais tardiamente os traços inerentes ao grau de altura.

Se considerarmos os dados disponíveis referentes à produção conforme aos alvos átonos e os dados referentes aos casos de substituição, podemos observar a seguinte ordem de aquisição:

	Vogais átonas	B1-1ª sessão	B1-2ª sessão	C1-1ª sessão	C1-2ª sessão
1	[i] e [u], alofone de /u/	estabilizados	estabilizados	estabilizados	estabilizados
2	[u], alofone de /ɔ/	não adquirido	não adquirido	em aquisição	em aquisição
3	[ɐ]	não adquirido	não adquirido	não adquirido	em aquisição
	[u], alofone de /o/	não adquirido	não adquirido	em aquisição	não adquirido
4	[i], alofone de /ɛ/ ou de /e/	não adquiridos	não adquiridos	não adquiridos	não adquiridos

O insucesso na aproximação aos alvos átonos, condicionado pelo facto de este inventário estar submetido a processos de redução vocálica, são mais uma evidência para a necessidade de se realizar investigação que detecte as áreas mais problemáticas na aquisição de L2, permitindo aos docentes uma adequada intervenção nos domínios mais problemáticos.

Exploração das hipóteses de trabalho

Conforme referimos no início deste capítulo, são as vogais átonas que constituem as estruturas mais problemáticas para os informantes dos dois grupos. A única excepção consiste na vogal tónica [ó] e na correspondente átona [u], na segunda sessão realizada com os informantes do nível C2, que pode estar relacionada com o fenómeno de metafonia presente no sistema-alvo.

A maior dificuldade na aquisição das vogais átonas pode estar relacionada com a duração e a intensidade inerentes a estas vogais. Se a nível fonológico são as vogais átonas que são mais proeminentes, resultando da aplicação do processo de redução vocálica,

estritamente ligado às relações de alofonia e de alomorfia já discutidas anteriormente, a nível fonético, as vogais que surgem em posição tónica são mais proeminentes do que as que surgem em posição átona. Delgado-Martins (1975a: 59) explicita que as vogais com maior intensidade e duração são as [+bx], seguidas das vogais [-bx, -alt], e com menor intensidade e duração surgem as vogais [+alt] [i] e [u], e, finalmente, [ɨ]. Como referimos em 1.4., Fikkert (1995: 6) cita o princípio de Waterson de que “*what is best perceived is best produced.*” Freitas (2004: 165) afirma que “(...) *it is traditionally assumed that stressed vowels emerge before unstressed vowels due to the perceptual prominence of the former.*” Acresce que as vogais átonas têm uma maior complexidade gramatical, inerente ao processo de redução vocálica de que resultam, que afecta os traços do Ponto de Articulação e do Grau de Altura.

Os dados obtidos neste projecto permitem-nos verificar que, no final do nível B1, estão *estabilizadas* as vogais tónicas [í, á, ú] e as vogais átonas [i, u]. No final do nível C2, as vogais tónicas [í, é, á, ó, ú] já se encontram estabilizadas, ao passo que as únicas vogais átonas estabilizadas nos sistemas dos mesmos informantes e nas mesmas sessões são [i] e [u]; excluindo estas vogais, a percentagem mais elevada de produção de uma vogal átona nos dados obtidos neste projecto não chega aos 70%. Estes dados permitem-nos assim, confirmar a nossa hipótese 1, *Na aquisição do PEL2, o sistema vocálico oral tónico estabiliza antes do átono.*

De acordo com o sistema alvo que os falantes estão a adquirir, podíamos esperar flutuações de altura em /ɔ, o/ → [u] e em /a/ → [ɐ] e de altura e ponto de articulação em /ɛ, e/ → [ɨ], o que efectivamente, verificámos, como podemos confirmar nos gráficos 10 e 11 (nível B1) e 13 e 14 (nível C2). Como também já referimos, estes dados sugerem o reconhecimento de um segmento com o formato fonológico /ɛ/ ou /e/ e /ɔ/ ou /o/ na posição da vogal-alvo, mas os falantes não são capazes de proceder à aplicação da regra de elevação e centralização vocálica a /ɛ, e/ em contexto átono. Esta regra, de todas as que envolvem redução vocálica, é a mais complexa, por envolver alterações no ponto de articulação e no grau de altura, ao contrário dos restantes processos de redução, que apenas implicam alterações sob o nó Altura. Acresce o facto de a vogal átona com menores taxas de produção conforme ao alvo ser [ɨ], alofone de /ɛ, e/, pelo que a vogal [ɨ] parece ser,

independentemente da sua origem fonológica, aquela que é mais dificilmente adquirida, confirmando a nossa hipótese 2 - *As neutralizações de /a/ em [ɐ] e de /ɔ/, /o/ em [u] devem estabilizar antes da neutralização de /ɛ/, /e/ em [i]*.

De entre os casos em que se deu substituição de propriedades das vogais-alvo, classificámos as propriedades que foram alvo dessas substituições e quantificámo-las. À excepção dos casos da vogal [i], alofone de /e/ e de /ɛ/, em que foram simultaneamente substituídos traços do grau de altura e de ponto de articulação, em todas as outras vogais-alvo, nos dois grupos de informantes e nas duas sessões de recolha de dados, verificámos que o grau de altura é a propriedade mais frequentemente substituída. Estes resultados indicam que o grau de altura é adquirido mais tardiamente do que os restantes traços das vogais. Os casos de insucesso na produção dos alvos relacionados com o ponto de articulação e com o acento parecem ser resolvidos em cerca de três meses (intervalo de tempo entre a primeira e a segunda sessão de recolha de dados), o que aponta para uma mais rápida aquisição destas propriedades. Desta forma, é possível confirmar também a nossa hipótese 3, ou seja, *O ponto de articulação é mais estável do que o grau de altura*.

Os dados obtidos neste estudo mostram que os informantes do nível C2 têm, na maior parte dos casos e especialmente no que se refere às vogais átonas, um desempenho mais eficiente na produção dos alvos do que os informantes do nível B1, como podemos confirmar nos gráficos 1 e 8.

Verificámos, também, no que se refere à maior parte das vogais, percentagens mais elevadas de produções conformes aos alvos na segunda recolha do que na primeira, o que indicia uma estabilização progressiva do sistema fonológico vocálico. No entanto, verificámos também alguns casos de regressão da primeira para a segunda entrevista, relacionados, eventualmente, com o processo de aquisição do sistema fonológico condicionado ao *input* fonético a que estes aprendentes tiveram acesso.

Os dados obtidos sobre a aquisição do inventário átono e do processo de redução vocálica, sintetizados nos gráficos 8, 15, 16, 17, 18, 19, 20 e 21, permitem-nos verificar o seguinte:

1. do nível B1 para o nível C2, registou-se um aumento da percentagem de correspondência produção/alvo em todas as vogais-alvo átonas;

2. da primeira para a segunda sessão de recolha de dados
 - a. dos informantes do nível B1, registou-se um aumento da percentagem de correspondência produção/alvo no que se refere às vogais-alvo átonas [i], [ɪ], alofone de /ɛ/, [ɐ] e [u], alofone de /u/, e um decréscimo da percentagem de correspondência produção/alvo no que se refere às vogais-alvo átonas [i], alofone de /e/ e [u], alofone de /ɔ, o/;
 - b. dos informantes do nível C2, registou-se um aumento da percentagem de correspondência produção/alvo no que se refere às vogais-alvo átonas [i], alofone de /ɛ, e/, [ɐ] e [u], alofone de /u/, e um decréscimo da percentagem de correspondência produção/alvo no que se refere à vogal-alvo átona [u], alofone de /ɔ, o/ (não se registou evolução na produção da vogal-alvo [i] uma vez que as percentagens de correspondência produção/alvo é de 100% nas duas sessões).

Verifica-se, assim, que a hipótese colocada em 4a), *a activação do processo de elevação e centralização das vogais é mais frequente em falantes com níveis de proficiência mais elevados do que nos de níveis mais baixos*, se confirma. No entanto, não é possível confirmar a hipótese 4b), *a activação do processo de elevação e centralização das vogais é mais frequente em falantes com um intervalo de tempo de exposição mais elevado ao input*. Estes dados apontam para uma lenta aquisição do funcionamento do sistema vocálico. Neste sentido, e considerando que os casos de regressões podem dever-se a reestruturações do sistema, a ter sido realizada uma terceira série de entrevistas, seria de esperar que as percentagens de concordância produção/alvo tivessem voltado a subir.

Considerando os dados obtidos, apresentamos de seguida algumas propostas de actividades didácticas.

5. PROPOSTAS DE APLICAÇÃO AO ENSINO

Desde os anos 80 que se tem vindo a chamar a atenção para os benefícios da aplicação de trabalhos de investigação em aquisição de Língua não materna (L2) no ensino, considerando-se que não é possível “(...) continuar a trabalhar exclusivamente com base na intuição.” (Leiria 2001/2006: 2, *apud* Kenneth Hylthenstam 1985).

Mateus & Delgado-Martins (1982⁵⁷), num artigo sobre a supressão das vogais átonas do Português Europeu (PE), chamam a atenção para a necessidade de se retirar dos fenómenos identificados “(...) as consequências que se imporiam, quer para a descrição científica da língua quer para a preparação de materiais com vista ao ensino do português.”

Assumimos, assim, que o ensino (o treino que pode conduzir à automatização e o conhecimento explícito) se não pode alterar a ordem de aquisição pode, pelo menos, acelerar a aprendizagem. Assumimos também que esse ensino tem todas as vantagens em ser apoiado em investigação.

O Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QECR) apenas refere, no quadro relativo ao domínio fonológico⁵⁸, que, nos aprendentes do nível B1, “A pronúncia é claramente inteligível mesmo se, por vezes, se nota um sotaque estrangeiro ou ocorrem erros de pronúncia.” Os aprendentes do nível C2 são, de acordo com o mesmo quadro, capazes “(...) de diversificar a entoação e colocar correctamente o acento de frase de forma a exprimir subtilezas de significado.” Esta é, aliás, a informação que é dada em relação ao nível C1, uma vez que o QECR prevê que, na componente fonológica, o nível de proficiência seja o mesmo no C1 e no C2.

Verificámos aqui, no entanto, que o sistema vocálico oral não está ainda estabilizado nos informantes do nível C2, em nenhuma das sessões de recolha de dados. Na segunda sessão deste grupo de falantes, estão *estabilizadas* as vogais [í, é, á, ó, ú], constituindo o sistema vocálico oral tónico disponível nas suas gramáticas. É importante salientar que a segunda sessão realizada com estes informantes decorreu poucos dias antes do final das aulas do último nível de aprendizagem, no qual seria de esperar que o sistema fonológico da língua em aquisição estivesse dominado. Constatamos, assim, que a informação veiculada pelo QECR não só é vaga, mas também que o nível de domínio fonológico atingido por estes falantes não é compatível com o QECR. Impõe-se, assim, o

⁵⁷ Reeditado em Delgado-Martins (2002: 169-186)

⁵⁸ *vide* anexo 2

desenvolvimento de mais projectos de investigação que permitam estabelecer estádios de aquisição de L2 e de desenvolvimento a todos os níveis linguísticos, que apoiem a actividade dos docentes e facilitem a aquisição dos aprendentes.

Verificámos também que o sistema vocálico átono é mais problemático do que o tónico para os informantes dos dois grupos, nas duas sessões de recolha de dados, o que demonstra, mais uma vez, a necessidade de intervenção em contexto educativo. Esta necessidade torna-se mais visível se considerarmos que, excluindo as átonas [i] e [u], a percentagem mais elevada de produção de uma vogal átona nos dados obtidos neste projecto não chega aos 70%.

Neste capítulo, apresentamos algumas actividades didácticas, divididas em dois blocos. As propostas constantes do primeiro bloco constituem uma primeira abordagem à aquisição do sistema vocálico oral do PE (SVOPE) e são dirigidas a alunos que se encontram num estádio inicial da mesma. Os exercícios podem ser organizados sequencialmente de forma a apresentar os vários contextos de realização das vogais, organizar os dados e, no final, formular regras que permitam predizer os contextos de redução vocálica.

As propostas constantes do segundo bloco destinam-se a alunos que já dominam o sistema vocálico oral do PE, e, conseqüentemente, os processos de redução vocálica. Aqui, exploramos os contextos de excepção às regras formuladas nos exercícios do bloco 1. Estes exercícios têm também como objectivo estimular a interacção e dinâmica do grupo de alunos.

Cada bloco tem em conta os resultados obtidos neste projecto. Tendo em conta que os nossos resultados confirmam a informação muito vaga dada no QECR, propomos actividades que o docente deve seleccionar em função das características de cada um dos aprendentes ou do grupo. A condição para aplicação de cada um dos exercícios não é o nível geral de proficiência dos aprendentes que os vão realizar, mas sim o nível de domínio fonológico.

No desenvolvimento destas propostas assumimos que, ainda que a explicitação de conhecimentos não corresponda a aquisição, pode estimulá-la ou até colmatar dificuldades sentidas por quem está em processo de aquisição.

De forma geral, pretende-se promover a percepção das vogais, bem como a produção de acordo com o alvo e que os alunos:

- sejam capazes de explicitar o funcionamento do SVOPE;
- consigam relacionar uma vogal tónica com a sua correspondente átona;
- consigam relacionar as vogais com os grafemas que as representam.

Os exercícios propostos no primeiro bloco, à excepção do 8, bem como os exercícios 1, 2, 3 e 4 do segundo bloco, foram adaptados a partir de uma sequência didáctica elaborada conjuntamente pela autora da dissertação e por Sandra Sousa Rego⁵⁹, que autorizou a sua utilização neste projecto, no âmbito do Seminário de Tópicos de Fonologia de Português, incluído na componente curricular do Mestrado em Linguística Portuguesa. Estas propostas mantêm, da versão original, a estrutura básica de cada um dos exercícios, tendo-se alterado a sua sequência de aplicação e todos os conteúdos. As alterações resultam de uma mudança de perspectiva: o trabalho anterior é uma sequência didáctica que pode ser aplicada em sala de aula e este consiste num guia para o docente, no qual foram inseridas novas propostas, elaboradas expressamente para esta dissertação. Em cada exercício são dados exemplos referentes a várias vogais, de forma a melhor ilustrar a aplicação dos exercícios. No entanto, bastará ao docente alterar os estímulos para aplicar o exercício a qualquer uma das vogais.

Assume-se aqui que os destinatários destas propostas de trabalho estão familiarizados com o uso de dicionários, dominando a microestrutura dos mesmos e que conhecem o IPA e as regras básicas de transcrição fonética. Estes conhecimentos devem ser transmitidos e testados pelo professor antes da aplicação dos exercícios. O professor deve ainda sintetizar periodicamente os conhecimentos que os alunos vão adquirindo através dos exercícios.

Todos os exercícios apresentados podem ser utilizados para trabalhar as realizações fonéticas de apenas uma ou de um conjunto de vogais fonológicas, como, aliás, se demonstra nos exemplos dados para cada um. Podem ser adaptados a qualquer estágio de aquisição do sistema vocálico oral ou até a outras componentes do sistema fonológico do PE, bastando para tal ajustar o grau de dificuldade dos exercícios ou modificar os estímulos apresentados aos alunos. Podem também ser utilizados sequencialmente ou de forma isolada, em qualquer momento lectivo.

Qualquer um dos exercícios pode ser colocado em prática num laboratório de línguas ou na sala de aula, caso o laboratório de línguas não esteja disponível. A maior parte envolve gravações áudio ou vídeo, sendo a qualidade dessas gravações crucial para a eficácia das actividades propostas. Caso não disponha de um laboratório de línguas, o

docente deve dispor de uma sala de aula com boa acústica e que se situe num local com pouco ruído e de um leitor de cassetes e/ou vídeo de qualidade, para que a compreensão dos sons por parte dos alunos não seja afectada. As gravações não devem ser feitas com a voz do docente, para que os alunos estabeleçam tanto quanto possível contacto com outros falantes nativos do PE.

Apresentamos, em seguida, as propostas de trabalho. Antes de cada proposta são dadas informações detalhadas sobre o exercício, seus objectivos e modo de funcionamento.

5.1. Bloco de Actividades 1 - Funcionamento Regular do Sistema Vocálico Oral do Português Europeu

Os seguintes exercícios têm como objectivo geral facilitar a aquisição do SVOPE e, em particular, desenvolver a percepção e produção dos segmentos fonéticos em contexto tónico e átono, bem como a aquisição dos processos de redução vocálica. Têm ainda por objectivo estabelecer a relação entre uma vogal fonológica e os seus formatos fonéticos. São, assim, adequados ao início da aquisição da componente fonológica, pelo que, considerando os grupos de informantes deste projecto, poderão ser aplicados no nível B1.

Propõem-se exercícios com duração máxima de cerca de 10 a 15 minutos, dado o grau de exigência dos mesmos para quem se encontra numa fase inicial de aquisição. Qualquer uma das seguintes propostas permite a introdução de novo vocabulário, uma vez que foca a componente fonológica, não implicando o conhecimento prévio dos itens lexicais utilizados. Pode, inclusivamente, ser interessante, num exercício de percepção, verificar se há diferenças na capacidade de distinção das vogais entre o vocabulário que o grupo de alunos já conheça e vocabulário que lhes seja desconhecido.

De acordo com os resultados obtidos neste projecto e considerando a ordem de aquisição que discutimos no capítulo anterior, propomos que os exercícios sejam aplicados em primeiro lugar ao inventário tónico, e, de seguida, ao inventário átono, pela seguinte ordem:

⁵⁹ A quem agradecemos a autorização para recuperar as propostas de actividades neste projecto.

Vogais tónicas	Vogais átonas
1 – [í, á, ú]	1 – [i] e [u], alofone de /u/
2 – [ê]	2 – [u], alofone de /ɔ/
3 – [ó]	3 – [ɐ] e [u], alofone de /o/
4 – [é]	4 – [i], alofone de /ɛ/ ou de /e/
5 – [ô]	

Propomos ainda, considerando a proximidade fonética dos segmentos e o facto de não existir uma relação unívoca entre a representação gráfica e a produção fonética, que alguns dos exercícios referentes ao inventário tónico sejam destinados à distinção entre [ê] e [é] e entre [ô] e [ó]. Mais tarde, e ainda considerando o facto de a um símbolo gráfico corresponder mais do que um segmento fonético, alguns dos exercícios referentes ao inventário átono deverão ser dedicados, pela seguinte ordem, à distinção entre:

- 1 – [í] e [i]; [ú] e [u], alofone de /u/
- 2 – [á] e [ɐ]
- 3 – [ô], [ó] e [u], alofone de /ɔ/ e de /o/
- 4 – [é], [ê] e [i], alofone de /ɛ/ e de /e/

Seguem-se as propostas de exercícios que, conforme já referimos, estão organizadas como um guia para o docente.

Bloco de Actividades 1 - Exercício 1

Objectivos: desenvolver os conhecimentos sobre transcrição fonética; estabelecer a relação entre um grafema, a vogal fonológica que ele representa e a sua realização fonética de acordo com o contexto acentual (num primeiro momento, apenas as vogais tónicas e, num segundo, as vogais átonas); distinguir representação grafemática de realização fonética.

Tipo de trabalho: Individual

Material: Ficha com lista de palavras

Tempo: Cerca de 10 minutos

Actividades: Cada aluno deve transcrever foneticamente as palavras constantes da lista.

Parâmetros de avaliação: São consideradas correctas todas as palavras que sejam transcritas de acordo com a sua realização fonética em PE Standard. A correcção deve ser feita pela turma e supervisionada pelo docente, debatendo as diferenças nas transcrições feitas e as dificuldades sentidas. O docente deve indicar, caso os alunos não consigam atingir a resposta no decurso do debate, quais as formas correctas.

Exemplo:

Complete, com transcrição fonética, as seguintes palavras:

1. pedra - p[]dra
2. cavalo - cav[]lo
3. livro - l[]vro
4. camisola - camis[]la
5. chuva - ch[]va

Soluções:

1. p[é]dra
2. cav[á]lo
3. l[i]vro
4. camis[ó]la
5. ch[ú]va

Nota: Este exercício pode ainda ser feito em duas fases: na primeira, o aprendente transcreve foneticamente as palavras que estão listadas na ficha de exercícios e, na segunda, para além da lista, é-lhe apresentada uma gravação com as mesmas palavras e o aluno transcreve ao mesmo tempo que ouve e lê.

Bloco de Actividades 1 - Exercício 2

Objectivos: Identificar perceptivamente vogais orais em posição tónica; Explorar a relação entre um grafema, a vogal fonológica que ele representa e a sua realização fonética em contexto tónico

Tipo de trabalho: Individual


Material: Ficha com a lista de palavras

Tempo: Cerca de 10 minutos

Actividades: Com o auxílio de um leitor de cassetes, é reproduzida a gravação das palavras. Os alunos ouvem a gravação e seleccionam a forma gráfica correspondente à forma fonética ouvida. Este exercício pode igualmente ser realizado utilizando vários conjuntos de transcrições fonéticas no lugar das formas gráficas, devendo neste caso os alunos escolherem a forma fonética correspondente ao que ouvirem. Neste formato, no entanto, não é explorada a relação grafia / som.

Parâmetros de avaliação: São consideradas correctas todas as formas seleccionadas pelos alunos que correspondam às formas fonéticas reproduzidas na gravação.

Exemplo:

 Ouça e assinale a opção correcta:

- | | | |
|------------|------------|-------------|
| 1. a) solo | 2. a) bala | 3. a) corta |
| b) selo | b) bela | b) carta |
| c) silo | c) bola | c) curta |

Soluções:

- | | | |
|--------------|--------------|---------------|
| 1. a) s[ó]lo | 2. a) b[á]la | 3. a) c[ó]rta |
| b) s[é]lo | b) b[é]la | b) c[á]rta |
| c) s[í]lo | c) b[ó]la | c) c[ú]rta |

Bloco de Actividades 1 - Exercício 3

Objectivos: Relacionar diferentes formatos fonéticos de uma mesma vogal fonológica em contexto tónico e átono; identificar as vogais produzidas em contexto tónico e átono

Tipo de trabalho: Individual


Material: Ficha com a lista de palavras

Tempo: Cerca de 10 minutos

Actividades: Com o auxílio de um leitor de cassetes, é reproduzida a gravação das palavras. Os alunos ouvem a gravação e preenchem os espaços em branco com os símbolos fonéticos correspondentes às vogais produzidas.

Parâmetros de avaliação: São consideradas correctas as transcrições efectuadas pelos alunos que correspondam às formas fonéticas reproduzidas na gravação.

Exemplo:

 Ouça com atenção e complete com o símbolo fonético correspondente ao som que ouviu.

1. l[]vr[]
2. p[]n[]l[]
3. c[]v[]l[]
4. r[]lh[]
5. m[]r[]

Soluções:

1. l[í]vr[u]
2. p[ɐ]n[É]l[ɐ]
3. c[ɐ]v[á]l[u]
4. r[ó]lh[ɐ]
5. m[ú]r[u]

Bloco de Actividades 1 - Exercício 4

Objectivos: Relacionar diferentes formatos fonéticos de uma mesma vogal fonológica em contexto tónico e átono; estabelecer regularidades na realização fonética das vogais de acordo com o contexto acentual

Tipo de trabalho: Individual

Material: Ficha com as listas de palavras

Tempo: Cerca de 10 minutos

Actividades: Os alunos devem agrupar as palavras constantes do exercício anterior (exercício 3), depois da sua correcção, de acordo com as realizações fonéticas correspondentes a cada vogal fonológica. No final, o docente deve pedir aos alunos que retirem conclusões deste exercício e do anterior, tendo em conta a distribuição das vogais em posição tónica e átona.

Parâmetros de avaliação: São consideradas correctas todas as palavras inseridas na coluna referente à vogal existente na palavra.

Exemplo:

Agrupe as palavras do exercício anterior de acordo com os sons [a] e [ɐ] e sublinhe a sílaba tónica de cada palavra. Se a mesma palavra contiver dois sons diferentes correspondentes à vogal /a/, deve escrever a palavra nas duas colunas.

[a]	[ɐ]
_____	_____
_____	_____

Soluções:

[a]	[ɐ]
c[ɐ]v[á]l[u]	p[ɐ]n[é]l[ɐ]
	c[ɐ]v[á]l[u]
	r[ó]lh[ɐ]

Bloco de Actividades 1 - Exercício 5

Objectivos: Relacionar realizações fonéticas com os grafemas que as representam; organizar dados de acordo com as vogais fonéticas representadas pelos grafemas sublinhados; explorar a relação som/grafia; relacionar palavras morfologicamente aparentadas

Tipo de trabalho: Individual

Material: Ficha com o quadro de palavras

Tempo: Cerca de 10 minutos

Actividades: Os alunos devem agrupar as palavras de acordo com a realização fonética correspondente a cada grafema sublinhado.

Parâmetros de avaliação: São consideradas correctas todas as palavras colocadas na coluna do fone correspondente ao grafema sublinhado

Exemplo:

Organize as palavras de acordo com os sons representados pelos grafemas destacados:

Palavras	[e]	[ɛ]	[i]
P <u>ed</u> ra		p[ɛ]dra	
Cab <u>e</u> lo			
P <u>ed</u> rinha			p[i]drinha
Cast <u>e</u> lo			
Cab <u>e</u> linho			
Cast <u>e</u> linho			

Soluções:

Palavras	[e]	[ɛ]	[i]
P <u>ed</u> ra		p[ɛ]dra	
Cab <u>e</u> lo	Cab[ɛ]lo		
P <u>ed</u> rinha			p[i]drinha
Cast <u>e</u> lo		Cast[ɛ]lo	
Cab <u>e</u> linho			Cab[i]linho
Cast <u>e</u> linho			Cast[i]linho

Bloco de Actividades 1 - Exercício 6

Objectivos: Relacionar palavras morfologicamente aparentadas; relacionar diferentes formatos fonéticos de uma mesma vogal fonológica em contexto tónico e átono

Tipo de trabalho: Individual

Material: Ficha com o quadro de palavras

Tempo: Cerca de 10 minutos

Actividades: Os alunos devem procurar palavras morfologicamente aparentadas com a que já está indicada e agrupá-las de acordo com a realização fonética da vogal que na coluna A é tónica e na coluna B é átona

Parâmetros de avaliação: São consideradas correctas as palavras morfologicamente aparentadas daquelas que já constam do quadro que estejam transcritas de acordo com a sua realização fonética em PE Standard

Exemplo:

Procure palavras da mesma família e agrupe-a de acordo com a realização fonética da vogal sublinhada:

Coluna A - vogal em posição tónica	Coluna B - vogal em posição átona
sap[á]to	sap[ɐ]teiro
	engarr[ɐ]far
m[á]la	

Soluções:

Coluna A - vogal em posição tónica	Coluna B - vogal em posição átona
sap[á]to	sap[ɐ]teiro
garr[á]fa	engarr[ɐ]far
m[á]la	m[ɐ]linha

Bloco de Actividades 1 - Exercício 7

Objectivos: Sistematizar conhecimentos sobre o funcionamento das vogais de acordo com o contexto acentual, com base na posição pré-tónica não inicial, tónica e pós-tónica

Tipo de trabalho: Individual ou de grupo

Material: Quadro com palavras

Tempo: Cerca de 20 minutos

Actividades: Cada aluno ou grupo de alunos deve transcrever foneticamente, na coluna B, as palavras constantes da coluna A, colocando nas colunas C, D e E as vogais existentes em cada palavra de acordo com o contexto acentual.

Parâmetros de avaliação: São consideradas correctas todas as palavras que sejam transcritas foneticamente de acordo com a sua realização em PE Standard, bem como as vogais inseridas correctamente em cada coluna. A correcção deve ser feita pela turma e supervisionada pelo docente, debatendo as diferenças nas transcrições feitas e as dificuldades sentidas. O docente deve indicar quais as formas correctas em PE Standard e o contexto acentual em que se encontra cada vogal.

Exemplo:

Quais são as vogais que podem estar em posição átona? Com a ajuda do professor, preencha a seguinte tabela:

Col. A	Coluna B	Coluna C	Col. D	Coluna E
Palavras	Transcrição fonética	Átonas pré-tónicas não iniciais	Tónica	Átonas pós-tónicas
Camisola	[kɐmizólɐ]	[ɐ, i]	[ó]	[ɐ]
Livro				
Cavalo				
Cabelo				
Chinelo				

Soluções:

Col. A	Coluna B	Coluna C	Col. D	Coluna E
Palavras	Transcrição fonética	Átonas pré-tónicas não iniciais	Tónica	Átonas pós-tónicas
Camisola	[kɐmizólɐ]	[ɐ, i]	[ó]	[ɐ]
Livro	[lívrɨ]		[í]	[u]
Cavalo	[kɐválu]	[ɐ]	[á]	[u]
Cabelo	[kɐbélu]	[ɐ]	[é]	[u]
Chinelo	[ʃinélɨ]	[i]	[é]	[u]

Bloco de Actividades 1 - Exercício 8

Objectivo: Aplicar os processos de elevação e centralização vocálica em posição átona; estimular a produção de acordo com os alvos em PE Standard

Tipo de trabalho: turma

Material: Os conjuntos de desenhos que foram utilizados neste projecto como estímulos, constantes do Anexo 3

Tempo: cerca de 30 minutos

Actividades: Faz-se um jogo utilizando os pares de desenhos. O docente deve apontar para um par de desenhos e escolhe um aluno, que deve designar cada um dos desenhos, conforme o seu formato fonético em PE Standard, aplicando ao desenho de menores dimensões o sufixo *-inho/a*. Caso o aluno consiga produzir o nome do objecto desenhado de acordo com a sua realização fonética em PE Standard, pode continuar em jogo. Caso não consiga, deixa de jogar. Em todo o caso, passa a vez ao próximo aluno. Ganha o último aluno que se mantiver em jogo (como sucede no jogo das cadeiras, em que o último que se conseguir sentar, ganha).

Parâmetros de avaliação: São consideradas correctas todas as sequências correspondentes à designação do objecto apontado pelo professor que sejam produzidas de acordo com o seu formato fonético em PE Standard.

5.2. Bloco de Actividades 2: Contextos de excepção ao funcionamento do vocalismo átono

Os exercícios apresentados neste bloco destinam-se a alunos que já adquiriram o sistema vocálico oral e dominam os processos de redução vocálica. Têm como objectivo a aquisição dos contextos de excepção nestes processos. Como já referimos, as vogais não são alvo de processos de redução vocálica nos seguintes contextos:

- a) quando se encontram antes de [ʃ], como em [sáʃ, saʃgádu];
- b) quando fazem parte integrante de um ditongo decrescente, como em [bájru, bajríʃtə];
- c) quando se encontram em início de palavra, como em [ovír, ovídu] / [ɔvír, ɔvídu];
- d) quando as palavras nas quais se encontram são alvo de processos de sufixação através de um dos seguintes sufixos: -zinho/a, -zito/a, -zona, -mente, como em: [gátu, gatuzíju] / [pére, perézítə] / [má, mazónə] / [brévi, breviméti];
- e) quando a palavra está marcada lexicalmente, como em: [ivazór, meʃtrádu].

Qualquer um dos exercícios propostos pode abordar apenas um destes contextos excepcionais, alguns ou mesmo todos, bastando para tal adequar o léxico apresentado. Nos exemplos dados em cada exercício tentamos abordar os vários contextos.

Bloco de Actividades 2 - Exercício 1

Objectivos: Relacionar palavras morfológicamente aparentadas; identificar contextos nos quais as vogais não sofrem processos de redução vocálica; identificar perceptivamente o formato fonético das vogais átonas nestes contextos

Tipo de trabalho: individual

Material: ficha com frases por completar

Tempo: cerca de 10 minutos

Actividades: Com o auxílio de um leitor de cassetes, é reproduzida a gravação das frases. Os alunos ouvem e preenchem os espaços em branco com os símbolos fonéticos correspondentes às vogais produzidas.

Parâmetros de avaliação: São consideradas correctas as transcrições efectuadas que coincidam com o que foi produzido na gravação

Exemplo:

Ouçã com atenção as seguintes frases e complete com os símbolos fonéticos em falta:

1. Os inv[]z[]res traziam armas de grande potência.
2. Eu dei um s[]to porque me mandaram s[]tar!
3. Eu []vi o que disseste. Tenho bons []v[]dos!
4. Em br[]ve vou ser mãe. Br[]vemente vamos ter um bebé.

Soluções:

1. Os inv[**a**]z[**ó**]res traziam armas de grande potência.
2. Eu dei um s[**á**]to porque me mandaram s[**at**]tar!
3. Eu [**o**]vi o que disseste. Tenho bons [**o**]v[**í**]dos!
4. Em br[**ê**]ve vou ser mãe. Br[**e**]vemente vamos ter um bebé.

Bloco de Actividades 2 - Exercício 2

Objectivos: Relacionar palavras morfológicamente aparentadas; estimular a produção de vogais em posição tónica e átona de acordo com o PE Standard; identificar perceptivamente o formato fonético das diferentes vogais nas posições tónica e átona, em contexto de bloqueamento à redução vocálica; estabelecer a relação entre um grafema, a vogal fonológica que ele representa e a sua realização fonética de acordo com o contexto acentual

Tipo de trabalho: Pares ou em grupo, contanto que sejam seleccionados (ou sorteados) dois alunos para lerem as palavras listadas

Material: Ficha com palavras e com quadro para completar

Tempo: Cerca de 30 minutos

Actividades: O exercício deve ser realizado em dois momentos. Num primeiro momento o “aluno 1” lê as palavras que constam do nº 1 e o “aluno 2” completa as palavras do quadro nº 1 de acordo com as produções do colega. De seguida ouvem as mesmas palavras produzidas por um falante nativo de PE numa gravação e o “aluno 2” completa o quadro nº 1 de acordo com o que ouve. Num segundo momento, o “aluno 2” tem as funções descritas para o “aluno 1” e vice-versa. Todo o exercício deve ser feito com o auxílio do docente, uma vez que envolve produção por parte de um aluno e percepção por parte de outro.

Parâmetros de avaliação: São avaliadas a capacidade de produção das palavras de acordo com a sua realização fonética em PE Standard, bem como a capacidade de percepção dos sons efectivamente produzidos. Ao longo do exercício o docente deve avaliar a produção, indicando, caso os alunos não consigam fazê-lo, qual a forma fonética correcta em PE Standard. A correcção das transcrições da gravação deve ser feita em conjunto pela turma, debatendo as dificuldades sentidas. Deve também ser supervisionada pelo docente, que deve ajudar os alunos a distanciar o que esperam ouvir daquilo que efectivamente é produzido. Pelas suas características e pelo grau de exigência, este exercício só pode ser aplicado quando os alunos já dominam o funcionamento do sistema vocálico oral do PE.

Exemplo:

(Cada aluno recebe apenas as instruções que se referem ao trabalho que deve desenvolver)

Aluno 1

1. Leia em voz alta as seguintes palavras:

delicada	delicadamente
cavalo	cavalgar
panela	panelazinha

2. Ouça com atenção as palavras que o seu colega vai produzir e coloque o símbolo fonético correspondente nas colunas da esquerda. Ouça depois a gravação que o professor vai passar e preencha com o símbolo que falta nas colunas da direita.

Colega		[]	
[]lho	[]lhar	[]lho	[]lhar
g[]ita	g[]iteiro	g[]ita	g[]iteiro
m[]stre	m[]strado	m[]stre	m[]strado

Aluno 2

1. Ouça com atenção as palavras que o seu colega vai produzir e coloque o símbolo fonético correspondente nas colunas da esquerda. Ouça depois a gravação que o professor vai passar e preencha com o símbolo que falta nas colunas da direita.

Colega		[]	
delic[]ada	delic[]adamente	delic[]ada	delic[]adamente
cav[]lo	cav[]lgar	cav[]lo	cav[]lgar
pan[]la	pan[]lazineira	pan[]la	pan[]lazineira

2. Leia as seguintes palavras:

olho	olhar
gaita	gaiteiro
mestre	mestrado

Soluções:

Aluno 1 - 1:	delic[á]ada	delic[a]adamente
	cav[á]lo	cav[a]lgar
	pan[é]la	pan[ε]lazineira
Aluno 1 - 2:	[ó]lho	[o]lhar ou [ó]lhar
	g[á]ita	g[a]iteiro
	m[é]stre	m[ε]strado

Bloco de Actividades 2 - Exercício 3

Objectivos: Identificar os contextos em que são aplicados os processos de elevação e centralização vocálica em posição átona e os contextos que bloqueiam a aplicação desses processos; estimular a produção de vogais em posição tónica e átona de acordo com o PE Standard; relacionar palavras morfológicamente aparentadas; estabelecer a relação entre um grafema, a vogal fonológica que ele representa e a sua realização fonética de acordo com o contexto acentual

Tipo de trabalho: Turma

Material: tabuleiro de jogo, uma marca para cada aluno e um dado. No tabuleiro deve estar desenhado um labirinto, em que cada casa tem uma imagem, podendo ter ainda instruções (exemplo: um desenho de um olho com a indicação “VERBO” deve corresponder à palavra [oˈlár]) ou uma palavra transcrita ortograficamente.

Tempo: Cerca de 45 minutos

Actividades: O primeiro aluno a jogar é aquele que tirar maior pontuação no dado. Todos os alunos começam o jogo na casa “PARTIDA” e avançam tantas casas quanto o número de pintas que lhes calharem no dado. O jogo consiste em produzir a palavra que estiver indicada em cada casa de acordo com o alvo. Se o fizer, o aluno volta a jogar. Se não, passa a vez ao aluno que estiver à sua esquerda. Ganha o aluno que chegar mais rapidamente à casa “[fináɫ]” e conseguir produzir esta palavra com o formato fonético da mesma em PE Standard. O docente tem, neste jogo, a função de árbitro. É ele que diz se o aluno produziu correcta ou incorrectamente a palavra em questão e se pode ou não continuar a jogar. Tanto o tabuleiro de jogo como as peças podem ser feitas pelos alunos. Deve ser fornecida ao docente uma ficha com as soluções do jogo, para a eventualidade de se levantarem dúvidas sobre as palavras alvo de cada casa. Caso o aluno produza uma sequência que não corresponda à palavra alvo, como, por exemplo, [kékɨ] em lugar de [bólu] (independentemente de a sequência estar produzida de acordo com a realização fonética da palavra em PE Standard), pode tentar de novo atingir a palavra alvo.

Parâmetros de avaliação: São consideradas correctas todas as sequências produzidas pelos alunos que correspondam à palavra alvo de cada casa e que estejam de acordo com a sua realização fonética em PE Standard.

Exemplo:

PARTIDA	FELIZ	 + INHA	 + ZINHO	PAULADA
				
MESTRADO			MULHER	
 + INHO				
	PAUZINHO	 + ZINHO	 VERBO	PAU
				 + INHO
MULHERZONA	 VERBO	 + INHO	FELIZMENTE	 + INHO
				
 + INHO	MULHERZITA		 + INHO	FINAL

Soluções:

[filís / kenítine / kopuzínu / pawláde / bólu / kenálu / mulér / ólu / línru / mejtrádu / kupíju / keʃtél / pawzíju / boluzíju / olár (ou olár) / páw / livríju / keʃtilíju / filizméti / bulíju / kenálgár / mulerzón / kóru / olíju / mulerzíte / kenéte / kenelíju / fináf]

Bloco de Actividades 2 - Exercício 4

Objectivos: Identificar contextos em que as vogais não sofrem redução vocálica em posição átona; estimular a produção de vogais em posição tónica e átona de acordo com o PE Standard; estabelecer a relação entre um grafema, a vogal fonológica que ele representa e a sua realização fonética, de acordo com o contexto acentual;

Tipo de trabalho: Turma

Material: dois sacos, cartões com substantivos, cartões com adjectivos, cartões com os sufixos -inho/a, -zinho/a, -zona

Tempo: cerca de 30 minutos

Actividades: Num saco são colocados os cartões com substantivos e com adjectivos e no outro são colocados os cartões com os sufixos. Cada aluno tira um cartão do saco dos substantivos / adjectivos e um cartão do saco dos sufixos. Deve produzir a palavra que é formada pelo conteúdo dos dois cartões. Caso tire um cartão com um adjectivo deve formar imediatamente a palavra com o sufixo *-mente*, não sendo necessário retirar um cartão do saco dos sufixos. (Caso o docente considere pertinente, poderá explicar previamente que, em termos morfológicos, estes sufixos não seleccionam bases nominais. Pela mesma razão, considerámos desnecessária a inclusão de um cartão com o sufixo *-mente*, uma vez que seria o único possível para os adjectivos e os alunos teriam de perder tempo à procura desse cartão.) Caso o aluno produza a palavra de acordo com o seu formato fonético em PE Standard, pode continuar a jogar. Caso contrário, será excluído do jogo. Em todo o caso, passa a vez de jogar ao colega que estiver à sua esquerda.

Parâmetros de avaliação: São consideradas correctas todas as sequências correspondentes à palavra formada pelas “partes” constantes dos dois cartões sorteados e que estejam de acordo com o formato fonético da mesma em PE Standard

Exemplo e soluções:

Bolo + inha = [bulíjnu]

Pá + zona = [pazónɐ]

Má + zinha = [mazíjɐ]

Feliz + mente = [f(i)lizmê(t)i]

Bloco de Actividades 2 - Exercício 5

Objectivos: Identificar os contextos em que são aplicados os processos de elevação e centralização vocálica em posição átona e os contextos que bloqueiam a aplicação desses processos

Tipo de trabalho: individual, pares ou grupos pequenos (3 ou 4 alunos)

Material: lista com palavras transcritas foneticamente e ortograficamente

Tempo: cerca de 10 minutos

Actividades: O aluno deve escolher, de cada grupo de três palavras transcritas foneticamente, qual a que corresponde ao formato fonético em PE Standard da palavra transcrita ortograficamente acima, justificando a sua escolha.

Parâmetros de avaliação: São consideradas correctas as sequências, transcritas foneticamente, marcadas pelos alunos como sendo as correspondentes à palavra transcrita ortograficamente.

Exemplo:

Apresentamos de seguida vários conjuntos de três palavras transcritas foneticamente, encabeçadas por uma palavra transcrita ortograficamente. Apenas uma em cada três está correcta. Deve indicar qual é a forma que está correcta e justificar a sua escolha.

- | | |
|------------------|---------------|
| 1. Mestrado | 2. Cavalinho |
| a. [miʃtrádu] | a. [kavalíɲu] |
| b. [meʃtrádu] | b. [kavəlíɲu] |
| c. [meʃtrádu] | c. [kəvəlíɲu] |
| 3. Cavalgar | 4. Florzinha |
| a. [kəvaʎgár] | a. [florzíɲə] |
| b. [kavəʎgár] | b. [flɔrzíɲə] |
| c. [kavaʎgár] | c. [florzíɲa] |
| 5. Concretamente | |
| a. [kõkritaméti] | |
| b. [kõkretəméti] | |
| c. [kõkretaméti] | |

Soluções: 1. b) a palavra está marcada lexicalmente
 2. c) é aplicada redução vocálica à vogal /a/ pela aplicação do sufixo avaliativo *-inho*
 3. a) a vogal /a/ não sofre redução vocálica por se encontrar antes de [ʃ]
 4. a) a vogal /o/ não sofre redução vocálica por ter sido aplicado o sufixo z-avaliativo *-zinha* à palavra
 5. b) a vogal /ɛ/ não sofre redução vocálica por ter sido aplicado o sufixo *-mente* à palavra

Bloco de Actividades 2 - Exercício 6

Objectivo: Identificar os contextos em que são aplicados os processos de elevação e centralização vocálica em posição átona e os contextos que bloqueiam a aplicação desses processos

Tipo de trabalho: turma

Material: um cartão não plastificado (de forma a que se possa escrever a lápis) para cada aluno com diferentes sequências transcritas foneticamente

Tempo: cerca de 30 minutos

Actividades: Este jogo assemelha-se ao do Bingo. Cada aluno recebe um cartão onde consta uma sequência transcrita foneticamente em cada quadrado. Todos os cartões têm de ser diferentes. O docente tem um saco onde se encontram cartões com várias palavras (que podem estar transcritas ortograficamente). O docente tira um cartão de cada vez e lê a palavra que lá se encontra. Os alunos que tiverem essa palavra transcrita foneticamente marcam-na no seu cartão. Ganha o primeiro aluno que conseguir marcar todas as palavras do seu cartão. Para aumentar a dificuldade, podem-se incluir no cartão sequências foneticamente próximas ou até mesmo pares mínimos.

Parâmetros de avaliação: São consideradas correctas todas as sequências marcadas pelos alunos que correspondam à sequência produzida pelo docente.

Exemplo:

[oɫár]	[paʒíjɐ]	[gɐtíju]
[mɛɫ]	[susĩtemɛti]	[máɫ]

Bloco de Actividades 2 - Exercício 7

Objectivo: Identificar os contextos em que são aplicados os processos de elevação e centralização vocálica em posição átona e os contextos que bloqueiam a aplicação desses processos

Tipo de trabalho: individual / pares / grupos pequenos (3 ou 4 alunos)

Material: Tudo o que houver na sala de aula (livros, lápis, mochilas, mesas, cadeiras, quadro, candeeiros, canetas, paredes, janelas, porta, etc.)

Tempo: cerca de 20 minutos

Actividades: Faz-se um jogo utilizando o material disponível na sala de aula, em que o docente deve apontar para um objecto e o aluno deve designá-lo, conforme o seu formato fonético em PE Standard. Caso o aluno consiga produzir o nome do objecto de acordo com a sua realização fonética em PE Standard, pode continuar em jogo. Caso não consiga, deixa de jogar. Em todo o caso, passa a vez ao próximo aluno. O professor não pode dar dicas sobre a designação do objecto, como forma de estimular também o conhecimento lexical dos alunos. Ganha o último aluno que se mantiver em jogo (como sucede no jogo das cadeiras, em que o último que se conseguir sentar, ganha).

Como forma de enriquecer o vocabulário dos alunos e alargá-lo a outras áreas temáticas que não a sala de aula, o docente pode optar por realizar o jogo noutra local, como, por exemplo, a biblioteca, o bar da escola, um jardim, uma livraria, um museu, entre muitos outros locais.

Parâmetros de avaliação: São consideradas correctas todas as sequências correspondentes à designação do objecto apontado pelo professor que sejam produzidas de acordo com o seu formato fonético em PE Standard.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste projecto, trabalhamos sobre dados da aquisição do sistema vocálico oral do Português Europeu (SVOPE) por falantes desta língua como Língua não materna (L2).

Para tal, revimos, em primeiro lugar, a bibliografia disponível sobre os tópicos mais relevantes (capítulo 1.). No que respeita à aquisição de fonologia de L2, salientámos os quadros teóricos de ensino, bem como alguns factores que influenciam o processo de aquisição, em particular a idade e os conhecimentos prévios. Abordámos ainda a caracterização do SVOPE, quer a nível fonético, quer a nível fonológico. Com base na bibliografia revista, bem como em estudos de aquisição de língua materna (L1), foram formuladas as quatro hipóteses em 1.4.:

- 1 – Na aquisição do PEL2, o sistema vocálico oral tónico estabiliza antes do átono.
- 2 – As neutralizações de /a/ em [ə] e de /ɔ/, /o/ em [u] devem estabilizar antes da neutralização de /ɛ/, /e/ em [i].
- 3 – O ponto de articulação é mais estável do que o grau de altura.
- 4 – A activação do processo de elevação e centralização das vogais é mais frequente: a) em falantes com níveis de proficiência mais elevados do que nos de níveis mais baixos; b) em falantes com um intervalo de tempo de exposição mais elevado ao input.

Foram avaliados dois grupos de informantes, integrados em cursos de Língua Portuguesa para Estrangeiros, de dois níveis de proficiência diferentes – B1 e C2, tendo em comum o facto de se encontrarem num processo de aquisição de Português Europeu como Língua não materna (PEL2) em contexto de aprendizagem semi-formal.

Os dados obtidos permitiram-nos verificar (capítulos 3 e 4) que, em geral, o inventário tónico é adquirido mais cedo do que o inventário átono e que, num nível de proficiência mais elevado, existe um maior domínio do sistema fonológico do que em níveis mais baixos, como previsto pela hipótese 4a). Não foi possível observar uma ordem de aquisição com base no ponto de articulação. Pelo contrário, destacam-se, das vogais tónicas, a coronal [í], a dorsal [á] e a labial [ú], sendo estas que são mais rapidamente adquiridas e que atingem as taxas mais altas de produção conforme ao alvo. Pela razão inversa, destaca-se a labial [ó], que parece ser a última vogal tónica a ser adquirida. No que respeita às átonas, é clara a diferença entre as vogais que não sofrem redução vocálica, a coronal [i] e a labial [u], rapidamente adquiridas e as únicas que estão estabilizadas, e as vogais que

sofrem redução vocálica, que nunca chegam a estabilizar, nem nos sistemas fonológicos dos informantes do nível C2, que terminaram, no final daquele nível, a sua aprendizagem de PEL2. Considerando os casos em que as vogais-alvo átonas não foram produzidas, revela-se, de forma clara, a dificuldade que estes falantes têm em processar a redução vocálica. Nos casos em que a dorsal [ɐ] e a labial [u], alofone de /ɔ, o/, não foram produzidas, verificou-se o predomínio de substituições do grau de altura, sendo esta a propriedade envolvida nos processos de redução destas vogais. Nos casos em que a vogal [i], alofone de /ɛ/ e de /e/, não foi produzida, verificámos a substituição das propriedades do ponto de articulação e do grau de altura, as duas propriedades envolvidas nesta regra de redução. Acresce ainda que a vogal [i] parece ser a última vogal a ser adquirida por estes falantes.

Verificámos também, com base nos dados referentes às vogais tónicas substituídas, que a propriedade que é adquirida mais tarde remete para o grau de altura, havendo apenas casos pontuais de substituição de traços do ponto de articulação e de propriedades acentuais.

Assim, explorando as hipóteses colocadas inicialmente, verificámos que se confirmam as hipóteses 1) - *Na aquisição do PEL2, o sistema vocálico oral tónico estabiliza antes do átono*, 2) - *As neutralizações de /a/ em [ɐ] e de /ɔ/, /o/ em [u] devem estabilizar antes da neutralização de /ɛ/, /e/ em [i]*, e 3) - *O ponto de articulação é mais estável do que o grau de altura*. Confirma-se também a hipótese 4a) - *A activação do processo de elevação e centralização das vogais é mais frequente em falantes com níveis de proficiência mais elevados do que nos de níveis mais baixos*, mas não nos foi possível confirmar 4b) - *A activação do processo de elevação e centralização das vogais é mais frequente em falantes com um intervalo de tempo de exposição mais elevado ao input*.

Os fracos resultados, em particular no que respeita ao inventário átono, constituem argumento empírico para a necessidade de intervenção em contexto educativo, bem como para a necessidade de se preparar materiais e organizar sequências didácticas com base naquilo que os alunos efectivamente já sabem e se encontram em condições de adquirir, numa dada fase do seu desenvolvimento fonológico em L2. Apresentamos, assim, no capítulo 5, várias propostas de actividades dirigidas ao ensino de PEL2, divididas em dois blocos: o primeiro destina-se a facilitar a aquisição dos vários segmentos que constituem o sistema fonológico, bem como o seu funcionamento regular, e o segundo centra-se nos

contextos de excepção a esta regularidade. Pretendemos, assim, dar o nosso contributo tanto para a investigação sobre a aquisição de L2 como para o ensino de PEL2.

Limitações ao estudo

As limitações a este estudo prendem-se, sobretudo, com aspectos relacionados com a metodologia de trabalho e com os informantes. Ainda que se considerasse ideal, não nos foi possível:

- controlar a possibilidade de os desenhos-estímulo serem inadequadamente processados pelos informantes falantes de PEL2, gerando selecções lexicais diferentes das esperadas;
- controlar a possível existência de efeitos de co-articulação, que poderão condicionar a produção de uma vogal, em função de um outro segmento adjacente;
- realizar análise acústica das sequências produzidas pelos informantes;
- estabelecer grupos de informantes falantes de PEL2 mais alargados e homogéneos, com a mesma L1 e com o mesmo tempo de exposição ao PE, ou, de preferência, que não tenham sido expostos ao PE, de forma a podermos garantir que o ponto de partida para a aquisição de PEL2 é o mesmo para todos os informantes do mesmo grupo;
- controlar a possibilidade de os informantes terem sido expostos a variantes não europeias do Português, uma vez que se encontram a viver em Portugal durante a frequência do curso e existem, espalhados um pouco por todo o país, falantes destas variedades;
- controlar a possibilidade de os informantes terem sido expostos a sequências fonéticas em que os processos de redução vocálica deveriam ser aplicados e não o tenham sido, como seria o caso das palavras com sufixação avaliativa que referimos anteriormente e que não se encontram estudadas, p.e., [bólɐ/bólíjɐ] em vez de [bólɐ/bulíjɐ] ou [véɫ/véíjɐ] em vez de [véɫ/vilíjɐ];
- basear as hipóteses de investigação em mais características de aquisição de L2, em detrimento da aquisição de L1.

Investigações futuras

Na fase final deste projecto, gostaria de referir algumas pistas futuras de investigação, relacionadas com o trabalho aqui apresentado, e apenas no que se refere à aquisição do

sistema vocálico em PEL2. Por manifesta falta de tempo, ficaram por analisar as sequências que aqui foram excluídas por constituírem casos de imitações (cf. capítulo 2, pp. 45). A análise destas sequências poderá (ou não) dar-nos algumas informações sobre a relevância da imitação.

Seria desejável que outros estudos se seguissem no sentido de confirmar (ou não) os dados por nós obtidos, e, se possível, distinguindo os grupos de informantes pela sua L1.

Seria também desejável que investigações futuras permitissem uma melhor avaliação da aquisição da vogal labial [ɔ], que parece ser de difícil aquisição para os falantes de PEL2, de acordo com os dados obtidos na nossa pesquisa.

Outras investigações poderiam ter um carácter longitudinal de longa duração, em que fosse realizado um maior número de sessões de recolha de dados, com o objectivo de verificar se a aquisição das características e do funcionamento do sistema é ou não responsável por dificuldades na aquisição (como acontece com /ɛ, e/ e com /ɔ,o/), afectando os níveis de correspondência produção/alvo tanto em posição tónica como em posição átona e gerando, por vezes efeitos em U (*U-shaped development*).

Seria também interessante apurar se as frequências de um dado item no *input* têm um papel na sua realização de acordo com o alvo.

A análise destes e de outros aspectos, do ponto de vista da aquisição do PEL2, é fulcral para a elaboração de material didáctico apoiado em dados resultantes de investigação sobre a nossa língua, o seu funcionamento e o processo de aquisição como L2. O nosso objectivo é tão somente dar um pequeno contributo para o apoio àqueles que se dedicam ao seu ensino.

BIBLIOGRAFIA

LEÓN ACOSTA & ISABEL LEIRIA

1997 O papel dos conhecimentos prévios na aquisição de uma língua não-materna. *In Polifonia*, Revista do Grupo Universitário de Investigação em Línguas Vivas, nº 1. Lisboa: Colibri.

CÍNTIA DA C. ALCÂNTARA

2001 “O Processo de Aquisição de LE: O caso das vogais frontais arredondadas do Francês”, *in Aquisição de Língua Materna e de Língua Estrangeira. Aspectos Fonético-Fonológicos*, ed.: C. HERNANDORENA, Pelotas: EDUCAT.

AMÁLIA ANDRADE

1980 *Vowel reduction and related phenomena in Portuguese – preliminary studies*, M.A. Dissertation, University of Leeds.

1987 *Um estudo experimental das vogais anteriores e recuadas em português: implicações para a teoria dos traços distintivos*, Tese de Linguística Portuguesa para acesso à categoria de Investigador Auxiliar.

1993 “Ainda as Vogais de Sagres. Estudo Fonético da Distinção Recuado/Não Recuado”. *in Actas do VIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística – Lisboa 92*, Lisboa: Edições Colibri.

1995 “Sobre a Variação Fonética de /i/ - Uma Primeira Abordagem”. *In Actas do X Encontro da Associação Portuguesa de Linguística – Évora 94*, Lisboa: Edições Colibri.

AMÁLIA ANDRADE & MARIA DO CÉU VIANA

1990 Fonética (pp. 17-292), *in Fonética, Fonologia e Morfologia do Português*, Maria Helena Mira Mateus *et alii*, Lisboa: Universidade Aberta.

ANA ISABEL OLIVEIRA ANDRADE & MARIA HELENA ARAÚJO E SÁ

1992 *Para a Didáctica da Língua Estrangeira*, Rio Tinto: Edições Asa.

ISABEL ARAÚJO

2004 *A Percepção do Acento em Português: Descrição, Implicações e Aplicações para o Ensino do Português como Língua Materna*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

JOHN ARCHIBALD

1998 *Second Language Phonology*. Amesterdão: John Benjamins.

J.J. ASHER & R. GARCÍA

1969 The optimal age to learn a foreign language. *The Modern Language Journal* 53: 334-341. Reimpresso em Krashen, Scarcella & Long (eds.) 1982, 3-12.

N. BAILEY, C. MADDEN & S. KRASHEN

1974 Is there a ‘Natural Sequence’ in Adult second language learning? *Language Learning* 24: 235 – 243.

JORGE MORAIS BARBOSA

1983 *Études de Phonologie Portugaise*, 2ª ed., Évora: Universidade de Évora

1994 *Introdução ao Estudo da Fonologia e Morfologia do Português*. Coimbra: Livraria Almedina

JORGE MORAIS **BARBOSA** *et alii* (organizadores)

1999 *Gramática e Ensino das Línguas*. Coimbra: Livraria Almedina.

E. **BIALYSTOK**

1978 A Theoretical Model of Second Language Learning, *Language Learning* 28: 69-83.

R. **BLEY-VROMAN**

1989 “What is the logical problem of foreign language learning?” In: Gass, S.; Schachter, J. (eds.). *Linguistic Perspectives on Second Language Acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press.

THEO **BONGAERTS**, BRIGITTE **PLANKEN** & ERIK **SCHILS**

1995 Can late learners attain a native accent in a foreign language? A test of the critical period hypothesis, in David Singleton & Zsolt Lengyel (eds.), *The Age Factor in Second Language Acquisition*, Clevedon, Multilingual Matters, 30-50.

A. **CALABRESE**

1995 “A Constraint-Based Theory of Phonological Markedness and Simplification Procedures”, in *Linguistic Inquiry*, vol. 26, n° 3, MIT.

FERNAND **CARTON**

1974 *Introduction à la phonétique du français*. Paris: BORDAS.

G. N. **CLEMENTS** & ELIZABETH V. **HUME**

1995 “The Internal Organization of Speech Sounds”, in *The Handbook of Phonological Theory*, ed.: John A. Goldsmith, Oxford: Blackwell

ANDREW D. **COHEN**

1998 *Strategies in learning and using a second language*.

VIVIAN J. **COOK**

1993 *Linguistics and Second Language Acquisition*. Basingstoke: Macmillan.

CONSELHO DA EUROPA

2001 *Quadro europeu comum de referência para as línguas – Aprendizagem, ensino, avaliação*. Ed.: Conselho da Europa, Ministério da Educação/GAERI. Porto: Edições Asa.

S. Pit **CORDER**

1967 “The significance of learner’s errors” in J. C. Richards (ed.) *Error Analysis. Perspectives on Second Language Acquisition*, New York, Longman, 1974, pp. 19-27.

1973 *Introducing applied linguistics*, Baltimore: Penguin Education

1981 *Error analysis and interlanguage*, Oxford: Oxford University Press

SUSANA CORREIA

- 2004 *A Aquisição da Rima em Português Europeu: ditongos e consoantes em posição final de palavra*, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

TERESA COSTA

- 2004 *Aquisição do Ponto e Modo de Articulação dos Segmentos Obstruintes do Português Europeu: um Estudo de Caso*, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

MARIA LUÍSA SEGURA DA CRUZ

- 1987 *A Fronteira Dialectal do Barlavento do Algarve*, Dissertação em Linguística Portuguesa para acesso à categoria de Investigador Auxiliar, CLUL, INIC, Lisboa.
- 1994 “Aspectos Fonéticos do Barlavento do Algarve: as vogais finais acentuadas”, *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*, 11 a 15 de Abril de 1994, UL; orgs. Inês Duarte e Isabel Leiria.

MARIA LUÍSA SEGURA DA CRUZ et alii

- 1996 “Variação linguística: perspectiva dialectológica” (cap. 10, pp. 477–502), in *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, org. de Isabel Hub Faria, Emília Ribeiro Pedro, Inês Duarte e Carlos A. M. Gouveia, Lisboa: Caminho.

ERNESTO D’ANDRADE

- 1977 *Aspects de la Phonologie (Générative) du Portugais*. Lisboa : INIC.
- 1994 *Temas de Fonologia*. Lisboa: Edições Colibri

MARIA RAQUEL DELGADO-MARTINS

- 1973 “Análise acústica das vogais tónicas do português, in *Boletim de Filologia*, Tomo XXII, nº 3/4, 303-314. Lisboa. 1974, 73-22”, republicado em Delgado-Martins, 2002, *Fonética do Português. Trinta Anos de Investigação*. Lisboa: Editorial Caminho, pp. 41-52.
- 1975a “Vogais e Consoantes do Português: estatística de ocorrências, duração e intensidade, in *Boletim de Filologia*, Tomo XXIV, nº 1/4, 1-11, Lisboa, 1975”, republicado em Delgado-Martins, 2002, *Fonética do Português. Trinta Anos de Investigação*. Lisboa: Editorial Caminho, pp. 53-63
- 1975b “Perception de l’Accent en Portugais, in *Actas do 8º Congresso Internacional de Ciências Fonéticas, Leeds, 1975*”, republicado em “Percepção do acento em português”, in Delgado-Martins, 2002, *Fonética do Português. Trinta Anos de Investigação*. Lisboa: Editorial Caminho, pp. 65-74
- 1983 *Sept Etudes Sur La Perception – Accent et Intonation du Portugais*. Lisboa : Laboratório de Fonética da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. (2ª ed.)
- 2002 *Fonética do Português. Trinta Anos de Investigação*. Lisboa: Editorial Caminho.

MARIA RAQUEL DELGADO-MARTINS & VASCO R. CABRAL

- 1980 “Percepção de Fala: alguns dados experimentais sobre as Consoantes do Português, in *Revista Portuguesa de Psicologia*, nº 14/15/16, ano 1977/79, pp. 129-166, Lisboa”, republicado parcialmente em “Percepção de consoantes e vogais do português”, in Delgado-Martins 2002, *Fonética do Português. Trinta Anos de Investigação*. Lisboa: Editorial Caminho, pp. 135-145

MARIA RAQUEL DELGADO-MARTINS et alii

- 1992 *Para a Didáctica do Português – Seis Estudos de Linguística*, Lisboa: Edições Colibri.
- 1992 “Eu Falo, Tu Ouves, Ele Lê, Nós Escrevemos.” In Maria Raquel Delgado-Martins et alii, *Para a Didáctica do Português. Seis Estudos de Linguística*. Lisboa: Ed. Colibri

INÊS DUARTE

- 1992 “Oficina Gramatical: Contextos de Uso Obrigatório de Conjuntivo” In Delgado-Martins, Maria Raquel et alii. *Para a Didáctica do Português. Seis Estudos de Linguística*. Lisboa: Ed. Colibri.
- 1998 “Algumas Boas Razões para Ensinar Gramática”. In *A Língua Mãe e a Paixão de Aprender*. Actas. Porto: Areal
- 2000 *Língua Portuguesa. Instrumentos de Análise*. Lisboa: Universidade Aberta

H. DULAY & M. BURT & S. D. KRASHEN

- 1982 *Language Two*. Rowley, MA: Newbury House.

JACQUES DURAND

- 1990 *Generative and non-linear phonology*. Longman: London, New York.

F. ECKMAN

- 1977 ‘Markedness and the contrastive analysis hypothesis’, *Language Learning*, Vol. 27, No. 2: 315-330.

ROD ELLIS

- 1999 *Learning a second language through interaction*, with contributions from Sandra Fotos et alii

MARIA ÁNGELES ESCOBAR

- 2001 *The Age Factor in L2 acquisition: an Empirical Investigation into the choice of +/- human relative pronouns by Spanish learners of English and the resetting of parameters*. (disponível na internet)

L. EUBANK

- 1996 Negation in early German-English interlanguage: more valueless features in the L2 initial states, *Second Language Research* 12: 73-106.

PAULO ROBERTO COUTO FERNANDES

- 2001 “A epêntese nas formas oral e escrita na interfonologia Português/Inglês”, in *Aquisição de Língua Materna e de Língua Estrangeira. Aspectos Fonético – Fonológicos*, ed.: C. HERNANDORENA. Pelotas: EDUCAT.

PAULA FIKKERT

- 1994 *On the Acquisition of Prosodic Structure*, Leiden: HIL
- 1995 “Acquisition of Phonology”, resumo de artigo publicado por L. Cheng & R. Sybesma (eds.), *The GLOT International State-of-the-Article*, Volume 1, Issue 8, October 1995, disponível em <http://hdl.handle.net/2066/17309> (www.fikkert.com)

2005a “From phonetic categories to phonological features specification: Acquiring the European Portuguese vowel system.” *Lingue e Linguaggio* 4(2): 263-280, disponível em www.fikkert.com.

2005b “Getting sound structures in mind. Acquisition bridging linguistics and psychology?” In A.E. Cutler (Eds.), *Twenty-First Century Psycholinguistics: Four Cornerstones*. Lawrence Erlbaum Associates, pp. 43-56, disponível em www.fikkert.com.

JAMES EMIL FLEGE

1988 Factors affecting degree of perceived foreign accent in english sentences. *Journal of the Acoustical Society of America* 84: 70-79.

JAMES EMIL FLEGE & K. L. FLETCHER

1992 Talker and listener effects on degree of perceived foreign accent. *Journal of the Acoustical Society of America* 91: 370-389.

MARIA JOÃO FREITAS

1998 *Aquisição da estrutura silábica do português europeu*. Tese de Doutoramento em Letras (Linguística Portuguesa) apresentada à Universidade de Lisboa através da Faculdade de Letras.

2004 “The Vowel [i] in the Acquisition of European Portuguese”, *Proceedings of GALA 2003*, Volume 1, Utrecht: LOT.

2005 “On the effect of (morpho)phonological complexity in the acquisition of unstressed vowels in European Portuguese”, apresentado em PaPI 2005, no prelo.

MARIA JOÃO FREITAS & ANA LÚCIA SANTOS

2001 *Contar (Histórias de) Sílabas. Descrição e Implicações para o Ensino do Português como Língua Materna*. Lisboa: APP, Colibri.

JOHN A. GOLDSMITH

1990 *Autosegmental & metrical phonology*. Cambridge: Basil Blackwell.

1995 *The Handbook of Phonological Theory*. Cambridge, Mass.: Blackwell. (ed.)

CARLOS GUSSENHOVEN & HAIKE JACOBS

1998 *Understanding Phonology*, Londres: Arnold.

S. J. HANNAHS & MARTHA YOUNG-SCHOLTEN (eds.)

1997 *Focus on phonological acquisition*. Amsterdam: John Benjamins.

CARMEN HERNANDORENA

1990 *Aquisição da Fonologia do Português. Estabelecimento de padrões com base em traços distintivos*. Dissertação de doutoramento apresentada à Pontifícia Universidade Católica de Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

2001 “A construção da fonologia no processo de aquisição da língua”, in *Aquisição de Língua Materna e de Língua Estrangeira. Aspectos Fonético-Fonológicos*, ed.: C. HERNANDORENA, Pelotas: EDUCAT.

ROMAN JAKOBSON

1969 *Langage Enfantin et Aphasie*, Paris: Les Éditions de Minuit.

ROMAN JAKOBSON & MORIS HALLE

1956 *Fundamentals of Language*, segunda edição revista em 1971, Berlim, Nova Iorque: Mouton de Gruyter

ALLAN JAMES & JONATHAN LEATHER (eds.)

1986 *Sound patterns in second language acquisition*, Dordrecht: Foris.

CARL JAMES

1998 *Errors in Language Learning and Use. Exploring Error Analysis*, London, Longman.

ELAINE C. KLEIN & GITA MARTOHARDJONO

1999 The development of second language grammars: a generative approach. GASLA, New York, 1995.

STEPHEN D. KRASHEN

1981 *Second Language Acquisition and Second Language Learning*, Oxford, Pergamon Press.

1986a *Principles and Practice in Second Language Acquisition*, Oxford: Pergamon Press.

1986b *The input hypothesis: issues and implications*, Londres: Longman.

STEPHEN D. KRASHEN, ROBIN C. SCARCELLA & MICHAEL H. LONG

1982 *Child-Adult Differences in Second Language Acquisition*, Rowley: Newbury House.

STEPHEN D. KRASHEN & TRACY D. TERRELL

1983 *The Natural Approach: Language Acquisition in the Classroom*, Oxford: Pergamon Press.

FRANCISCO LACERDA & MARIA RAQUEL DELGADO-MARTINS

1978 “Aplicação de uma técnica de *clustering* ao estudo da representação das vogais do português, in Caderno de Fonética do Português, publicação do Laboratório de Fonética, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras”, republicado em *Fonética do Português. Trinta Anos de Investigação*. Lisboa: Editorial Caminho, pp. 83-93

ISABEL LEIRIA

1991 *A Aquisição por Falantes de Português europeu língua não-materna dos aspectos verbais expressos pelos Pretéritos Perfeito e Imperfeito*. Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

2001 *Léxico: aquisição e ensino do português europeu língua não materna*. Tese de doutoramento em Letras (Linguística Aplicada), apresentada à Universidade de Lisboa, 2ª edição revista publicada em 2006 pela Fundação Calouste Gulbenkian e pela Fundação para a Ciência e Tecnologia.

J. LICERAS

1986 *Linguistic Theory and Second Language Acquisition*. Tübingen: Gunter.

PIERRE LEÓN, HENRY SCHOGT, EDWARD BURSTYNSKY

1977 *le phonologie. 1. les écoles et les theories*. Editions Klincksieck, Paris.

CLARINDA DE AZEVEDO MAIA

1975 “Os falares do Algarve (Inovação e Conservação)”, Separata da *Revista Portuguesa de Filologia*, Vol. XVII, tomos I e II, 1975, Coimbra, 1975.

ROY MAJOR

1987 Foreign Accent: Recent Research and Theory, in *International Review of Applied Linguistics* 15.

GITA MARTOHARDJONO & SUZANNE FLYNN

1995 Is there an age factor for universal grammar?, in David Singleton & Zsolt Lengyel (eds.), *The Age Factor in Second Language Acquisition*, Clevedon, Multilingual Matters.

ANA ISABEL MATA

1992 “É Só Ouvir... Em Português, Claro!” In Maria Raquel Delgado-Martins *et alii*. *Para a Didáctica do Português. Seis Estudos de Linguística*. Lisboa: Ed. Colibri.

MARIA HELENA MIRA MATEUS

1975 *Aspectos da Fonologia Portuguesa*, 2ª ed., 1982, Lisboa: INIC/CLUL

1990 Fonologia (pp. 297-407), in *Fonética, Fonologia e Morfologia do Português*, Maria Helena Mira Mateus *et alii*, Lisboa: Universidade Aberta.

1997a Redundâncias lexicais e Subespecificação: o Sistema do Português, in *Actas do XII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa: APL e Colibri.

2002 *A Face Exposta da Língua Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda

MARIA HELENA MIRA MATEUS & ERNESTO D’ANDRADE

2000 *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press.

MARIA HELENA MIRA MATEUS & MARIA RAQUEL DELGADO-MARTINS

1982 “Contribuição para o Estudo das Vogais Átonas [ə] e [u] no Português Europeu”. In: *Biblos* Vol. LVIII (111-128), republicado em Delgado-Martins, 2002, *Fonética do Português. Trinta Anos de Investigação*. Lisboa: Editorial Caminho, pp. 169-186

MARIA HELENA MIRA MATEUS et alii

1990 *Fonética, Fonologia e Morfologia do Português*, Lisboa: Universidade Aberta.

2003 *Gramática da Língua Portuguesa – 5ª ed.*, revista e aumentada, Lisboa: Editorial Caminho.

B. MCLAUGHLIN

1978 The Monitor Model: some methodological considerations, *Language Learning*.

JÜRGEN M. MEISEL, HARLD CLAHSSEN & MANFRED PIENEMANN

1981 *On Determing Developmental Stages in Natural Second Language Acquisition*, in *Studies in Second Language Acquisition*

INÊS GOMES OLIVEIRA & SANDRA SOUSA REGO

2004 *A aquisição do sistema vocálico oral átono por falantes de Português Europeu como língua não materna*, MS.

L. OLSON & S. SAMUELS

1973 The relationship between age and accuracy of foreign language pronunciation. *Journal of Educational Research* 66, 263-67. Reimpresso em Krashen, Scarcella & Long (eds.), 1982, 67-75.

REBECCA OXFORD

1990 *Language Learning Strategies: what every teacher should know*, New York: Harper Collins Publisher

S. OYAMA

1976 A sensitive period for the acquisition on a nonnative phonological system. *Journal of Psycholinguistic Research* 5, 261-283. Reimpresso em Krashen, Scarcella & Long (eds.), 1982: 20-38.

M. PARADIS

1994 Neurolinguistic aspects of implicit and explicit memory: Implications for bilingualism and SLA, in N. Ellis (ed.) *Implicit and Explicit Learning of Languages*, Londres, Academic Press, 393-419.

M. S. PATKOWSKI

1980 The sensitive period for the acquisition of syntax in a second language. *Language Learning* 30: 449-472. Reimpresso em Krashen, Scarcella & Long (eds.), 1982: 52-63.

1990 Age and accent in a second language: a reply to James Emil Flege. *Applied Linguistics* 11: 73-89.

W. C. RITCHIE & T. K. BHATIA

1996 *Handbook of second language acquisition*. San Diego: Academic Press

MICHAEL ROST

1990 *Listening in Language Learning*, New York: Longman

GAÉTAN DE SAINT-MOULIN, INÊS GOMES OLIVEIRA & M^a AUGUSTA ALBANO DA SILVA

2004 “Sequência Didáctica sobre as Completivas Finitas para o Ensino de Português como Língua Não Materna, in *Actas do XIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, 2003, Ed. Colibri, Lisboa

DULCE MENDES SARROEIRA

1998 *Estudo Acústico e perceptivo da distinção vocálica arredondado – não arredondado por crianças portuguesas aprendizes de francês L2: contributo para o estudo da influência da L1 na aquisição de uma L2*.

SANFORD A. SCHANE

1995 "Diphthongization in Particle Phonology", in *The Handbook of Phonological Theory*, ed.: John A. Goldsmith, Oxford: Blackwell

T. SCOVEL

1988 *A Time to Speak. A Psycholinguistic Inquiry into the Critical Period for Human Speech*. Rowley, MA: Newbury House.

H. W. SELIGER, S. D. KRASHEN & P. LADEFOGED

1975 Maturational constraints in the acquisition of second language accent. *Language Sciences* 36: 20-22. Reimpresso em Krashen, Scarcella & Long (eds.), 1982: 13-19.

L. SELINKER

1972 Interlanguage, *International Review of Applied Linguistics* 10: 209-231. Reimpresso em J. Richards (ed.) 1974, *Error Analysis*, London, Longman, 31-54.

DAVID SINGLETON

1995 A critical look at the critical period hypothesis in second language acquisition research, in David Singleton & Zsolt Lengyel (eds.), *The Age Factor in Second Language Acquisition*, Clevedon, Multilingual Matters.

DAVID SINGLETON & ZSOLT LENGYEL (ed.)

1995 *The Age Factor in Second Language Acquisition*, Clevedon: Multilingual Matters.

DAN I. SLOBIN

1985 "Crosslinguistic Evidence for the Language Making Capacity", in *The Crosslinguistic Study of Language Acquisition.*, ed.: D. I. SLOBIN, Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

C. SNOW & M. HOEFNAGEL-HÖHLE

1977 Age differences in the pronunciation of foreign sounds. *Language and Speech* 20, 357-65. Reprinted in Krashen, Scarcella & Long (eds.) 1982, 84-92.

S. TAHTA, M. WOOD & K. LOEWENTHAL

1981 Foreign accents: factors relating to transfer of accent from the first language to a second language. *Language and Speech* 24: 265-272.

I. THOMPSON

1991 Foreign accents revisited: the English pronunciation of Russian immigrants. *Language Learning* 41: 177-204.

RICHARD TOWELL & ROGER HAWKINS

1994 The Observable Phenomena of Second Language Acquisition. In *Approaches to Second Language Acquisition*. Multilingual Matters, Ltd.: Clevedon, Philadelphia, Adelaide.

A. VAINIKKA & M. YOUNG-SCHOLTEN

1996 Gradual development of L2 phrase structure, *Second Language Research* 12: 7-39.

LUDO VERHOEVEN & JOHN H.A.L. DE JONG

1992 *The construct of language proficiency: applications of psychological models to language assessment*, Philadelphia: John Benjamins.

A. R. GONÇALVES VIANA

1883 “Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise d’après le dialecte actuel de Lisbonne”, republicado em *Estudos de Fonética Portuguesa*, Lisboa : Imprensa Nacional, 1973, pp. 83-152

1892 “Exposição da pronúncia normal para uso de nacionais e estrangeiros”, republicado em *Estudos de Fonética Portuguesa*, Lisboa : Imprensa Nacional, 1973, pp. 153-255

MARINA VIGÁRIO, SÓNIA FROTA & MARIA JOÃO FREITAS

2003 *From Signal to Grammar: Rhythm and the Acquisition of Syllable Structure*, Boston, no prelo.

ALINA VILLALVA

1994 *Estruturas morfológicas. Unidades e hierarquias nas palavras do português*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

2003 Aspectos Morfológicos da Gramática do Português, in Maria Helena Mira Mateus *et alii*, *Gramática da Língua Portuguesa – 5ª ed.*, revista e aumentada, Lisboa: Editorial Caminho

MARIA FRANCISCA XAVIER & MARIA HELENA MIRA MATEUS (org.)

1992 *Dicionário de Termos Linguísticos*, Vol. I e II, Associação Portuguesa de Linguística e Instituto de Linguística Teórica e Computacional, Lisboa: Edições Cosmos

M. ZAMPINI & KERRY P. GREEN

2001 The Voicing Contrast in English and Spanish: The Relationship between Perception and Production, in *One Mind, Two Languages, Bilingual Language Processing*, ed: Janet L. Nizol, Cambridge, Mass.: Blackwell.

ANEXOS

1 – IPA: Alfabeto Fonético Internacional	146
2 – Escalas Global e de Domínio Fonológico do Quadro Europeu Comum de Referência	147
3 – Desenhos - estímulo para recolha de dados	149
4 – Ficha de recolha de dados dos informantes	168
5 – Transcrição das entrevistas de Recolha de Dados	169
6 – Tabelas de Sequências Analisadas	181
7 – Tabelas de Tratamento Estatístico dos Dados	189

THE INTERNATIONAL PHONETIC ALPHABET (revised to 1993)

CONSONANTS (PULMONIC)

	Bilabial	Labiodental	Dental	Alveolar	Postalveolar	Retroflex	Palatal	Velar	Uvular	Pharyngeal	Glottal
Plosive	p b			t d		ʈ ɖ	c ɟ	k ɡ	q ɢ		ʔ
Nasal	m	ɱ		n		ɳ	ɲ	ŋ	ɴ		
Trill	ʙ			r					ʀ		
Tap or Flap				ɾ		ɽ					
Fricative	ɸ β	f v	θ ð	s z	ʃ ʒ	ʂ ʐ	ç ʝ	x ɣ	χ ʁ	ħ ʕ	h ɦ
Lateral fricative				ɬ ɮ							
Approximant		ʋ		ɹ		ɻ	j	ɰ			
Lateral approximant				l		ɭ	ʎ	ʟ			

Where symbols appear in pairs, the one to the right represents a voiced consonant. Shaded areas denote articulations judged impossible.

CONSONANTS (NON-PULMONIC)

Clicks	Voiced implosives	Ejectives
◉ Bilabial	ɓ Bilabial	ʼ as in:
◌ Dental	ɗ Dental/alveolar	ɓ' Bilabial
◌! (Post)alveolar	ɟ Palatal	t' Dental/alveolar
◌‡ Palatoalveolar	ɡ Velar	k' Velar
◌ Alveolar lateral	ɠ Uvular	s' Alveolar fricative

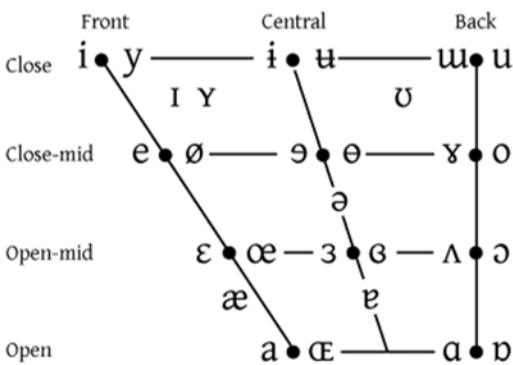
SUPRASEGMENTALS

Primary stress: ˈ founəˈtɪʃən
 Secondary stress: ˌ
 Long: eː
 Half-long: eˑ
 Extra-short: ɛ̥
 Syllable break: ɹi.ækt
 Minor (foot) group: ˌ
 Major (intonation) group: ˎ
 Linking (absence of a break): ˘

TONES & WORD ACCENTS

LEVEL	CONTOUR
é Extra high	ě Rising
é High	ě Falling
ē Mid	ě High rising
è Low	ě Low rising
è Extra low	ě Rising-falling etc.
↓ Downstep	↗ Global rise
↑ Upstep	↘ Global fall

VOWELS



Where symbols appear in pairs, the one to the right represents a rounded vowel

OTHER SYMBOLS

- M Voiceless labial-velar fricative
 - W Voiced labial-velar approximant
 - ɥ Voiced labial-palatal approximant
 - H Voiceless epiglottal fricative
 - ʕ Voiced epiglottal fricative
 - ʡ Epiglottal plosive
 - ʑ Alveolo-palatal fricatives
 - ɺ Alveolar lateral flap
 - ɥ Simultaneous ʃ and x
- Affricates and double articulations can be represented by two symbols joined by a tie bar if necessary

k͡p t͡s

DIACRITICS Diacritics may be placed above a symbol with a descender, e.g. ɲ̃

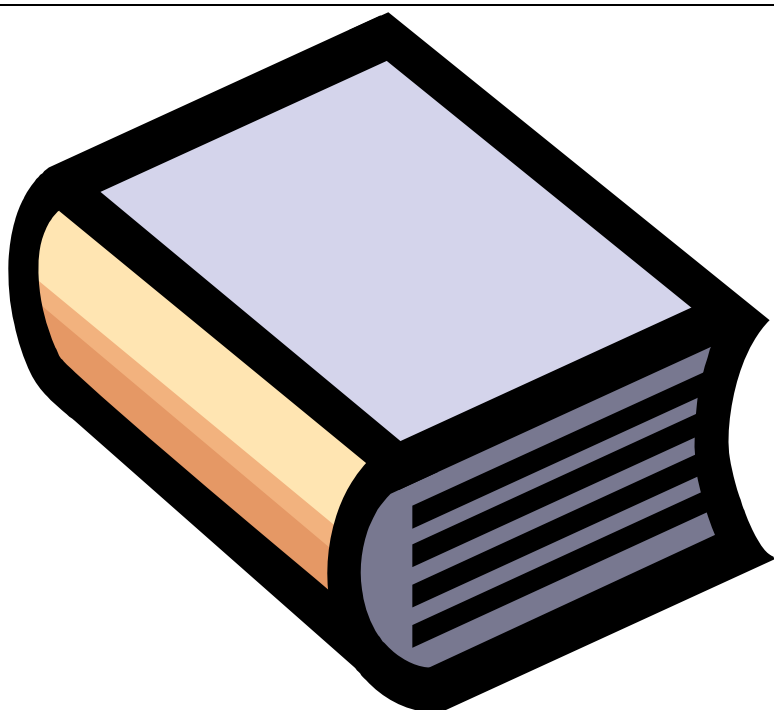
◌◌ Voiceless	◌◌ Voiced	◌◌ Breathy voiced	◌◌ Creaky voiced	◌◌ Dental	◌◌ Apical
◌◌ Aspirated	◌◌ More rounded	◌◌ Less rounded	◌◌ Advanced	◌◌ Retracted	◌◌ Centralized
◌◌ Mid-centralized	◌◌ Syllabic	◌◌ Non-syllabic	◌◌ Rhoticity	◌◌ Raised	◌◌ Lowered
◌◌ Retracted	◌◌ No audible release	◌◌ Velarized or pharyngealized	◌◌ Raised	◌◌ Lowered	◌◌ Advanced Tongue Root
◌◌ Retracted	◌◌ Retracted Tongue Root	◌◌	◌◌	◌◌	◌◌

Escala Global de Níveis Comuns de Referência do Quadro Europeu Comum de Referência para as línguas (QECR: pp. 49)

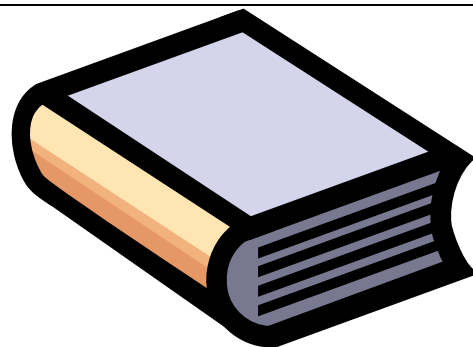
Utilizador Proficiente	C2	É capaz de compreender, sem esforço, praticamente tudo o que ouve ou lê. É capaz de resumir as informações recolhidas em diversas fontes orais e escritas, reconstruindo argumentos e factos de um modo coerente. É capaz de se exprimir espontaneamente, de modo fluente e com exactidão, sendo capaz de distinguir finas variações de significado em situações complexas.
	C1	É capaz de compreender um vasto número de textos longos e exigentes, reconhecendo os seus significados implícitos. É capaz de se exprimir de forma fluente e espontânea sem precisar de procurar muito as palavras. É capaz de usar a língua de modo flexível e eficaz para fins sociais, académicos e profissionais. Pode exprimir-se sobre temas complexos, de forma clara e bem estruturada, manifestando o domínio de mecanismos de organização, de articulação e de coesão do discurso.
Utilizador Independente	B2	É capaz de compreender as ideias principais em textos complexos sobre assuntos concretos e abstractos, incluindo discussões técnicas na sua área de especialidade. É capaz de comunicar com um certo grau de espontaneidade e de à-vontade com falantes nativos, sem que haja tensão de parte a parte. É capaz de exprimir-se de modo claro e pormenorizado sobre uma grande variedade de temas e explicar um ponto de vista sobre um tema da actualidade, expondo as vantagens e os inconvenientes de várias possibilidades.
	B1	É capaz de compreender as questões principais, quando é usada uma linguagem clara e standardizada e os assuntos lhe são familiares (temas abordados no trabalho, na escola e nos momentos de lazer, etc.). É capaz de lidar com a maioria das situações encontradas na região onde se fala a língua-alvo. É capaz de produzir um discurso simples e coerente sobre assuntos que lhe são familiares ou de interesse pessoal. Pode descrever experiências e eventos, sonhos, esperanças e ambições, bem como expor brevemente razões e justificações para uma opinião ou um projecto.
Utilizador Elementar	A2	É capaz de compreender frases isoladas e expressões frequentes relacionadas com áreas de prioridade imediata (p. ex.: informações pessoais e familiares simples, compras, meio circundante). É capaz de comunicar em tarefas simples e em rotinas que exigem apenas uma troca de informação simples e directa sobre assuntos que lhe são familiares e habituais. Pode descrever de modo simples a sua formação, o meio circundante e, ainda, referir assuntos relacionado com necessidades imediatas.
	A1	É capaz de compreender e usar expressões familiares e quotidianas, assim como enunciados muito simples, que visam satisfazer necessidades concretas. Pode apresentar-se e apresentar outros e é capaz de fazer perguntas e dar respostas sobre aspectos pessoais como, por exemplo, o local onde vive, as pessoas que conhece e as coisas que tem. Pode comunicar de forma simples, se o interlocutor falar lenta e distintamente e se mostrar cooperante.

Domínio fonológico do utilizador de Língua não materna de acordo com o Quadro Europeu Comum de Referência para as línguas (QECR: pp. 167)

Utilizador Proficiente	C2	Como C1
	C1	É capaz de diversificar a entoação e colocar correctamente o acento de frase de forma a exprimir subtilezas de significado.
Utilizador Independente	B2	Adquiriu uma pronúncia e uma entoação claras e naturais.
	B1	A pronúncia é claramente inteligível mesmo se, por vezes, se nota um sotaque estrangeiro ou ocorrem erros de pronúncia.
Utilizador Elementar	A2	A pronúncia é, de um modo geral, suficientemente clara para ser entendida, apesar do sotaque estrangeiro evidente, mas os parceiros na conversação necessitarão de pedir, de vez em quando, repetições.
	A1	A pronúncia de um repertório muito limitado de palavras e expressões aprendidas pode ser entendida com algum esforço por falantes nativos habituados a lidar com falantes do seu grupo linguístico.



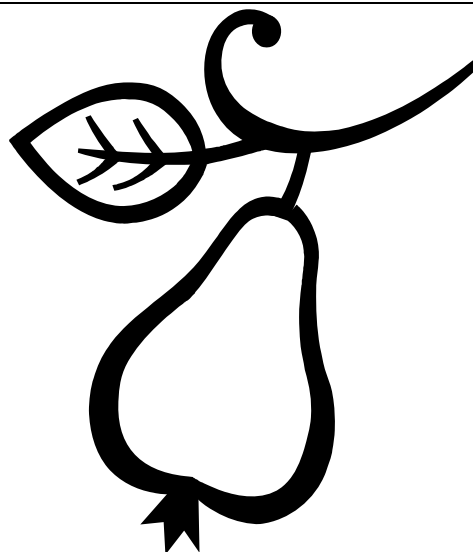
Palavra alvo: <livro>



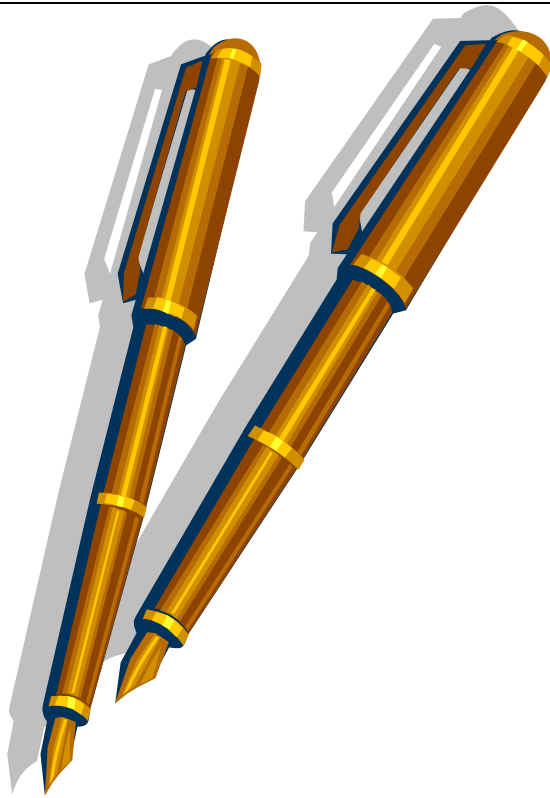
Palavra alvo: <livrinho>



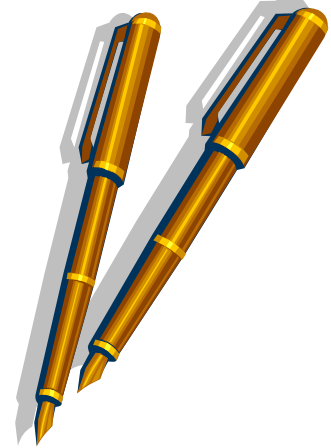
Palavra alvo: <pêra>



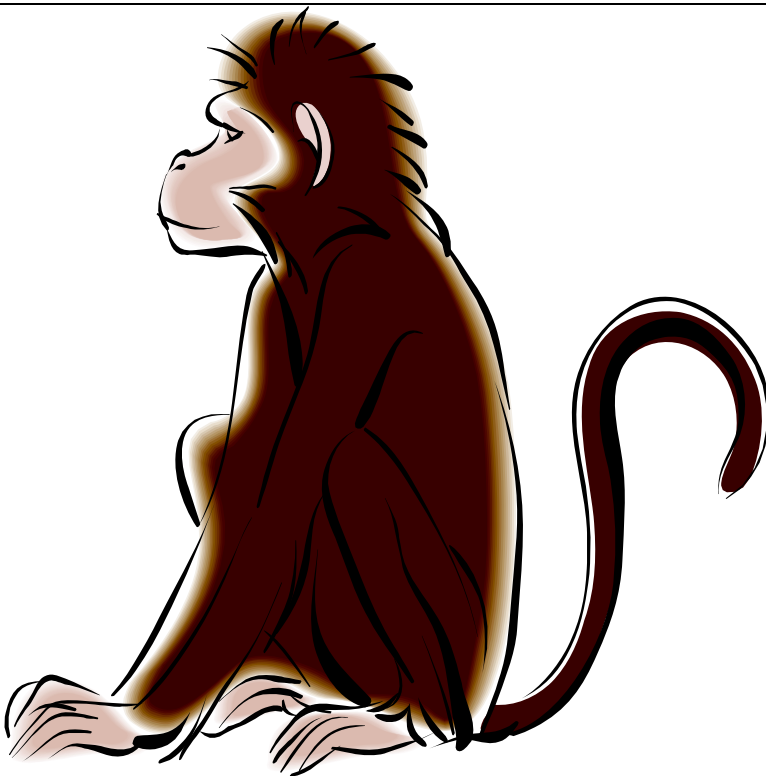
Palavra alvo: <perinha>



Palavra alvo: <caneta>



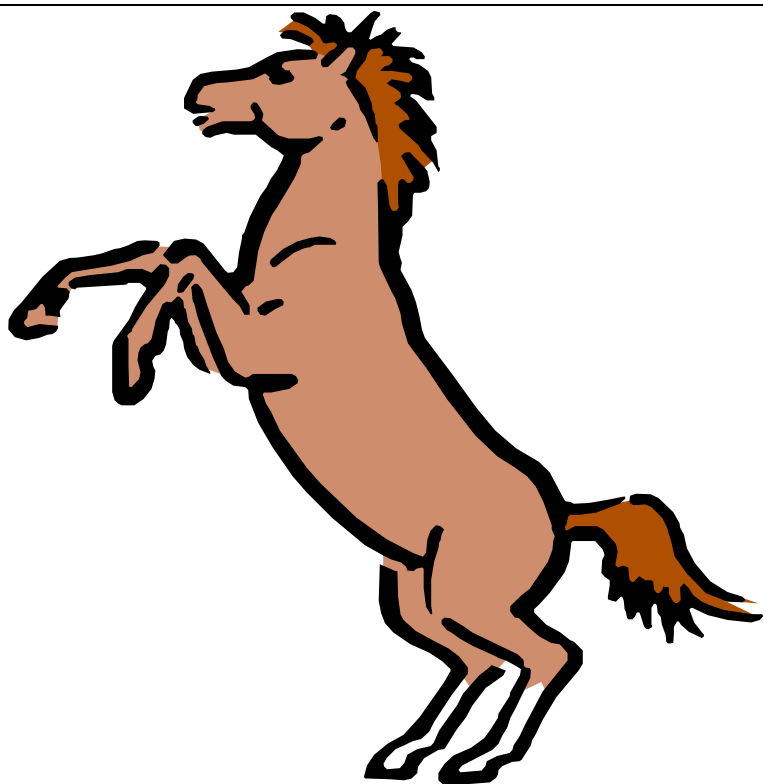
Palavra alvo: <canetinha>



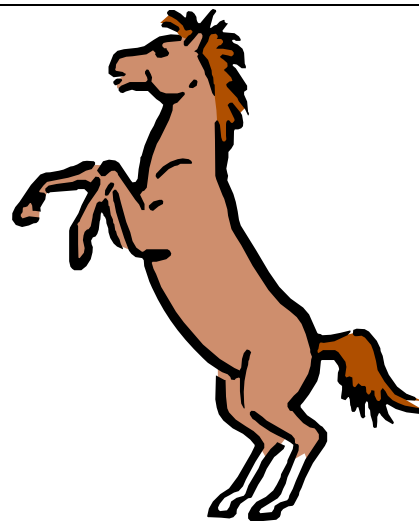
Palavra alvo: <macaco>



Palavra alvo: <macaquinho>



Palavra alvo: <cavalo>



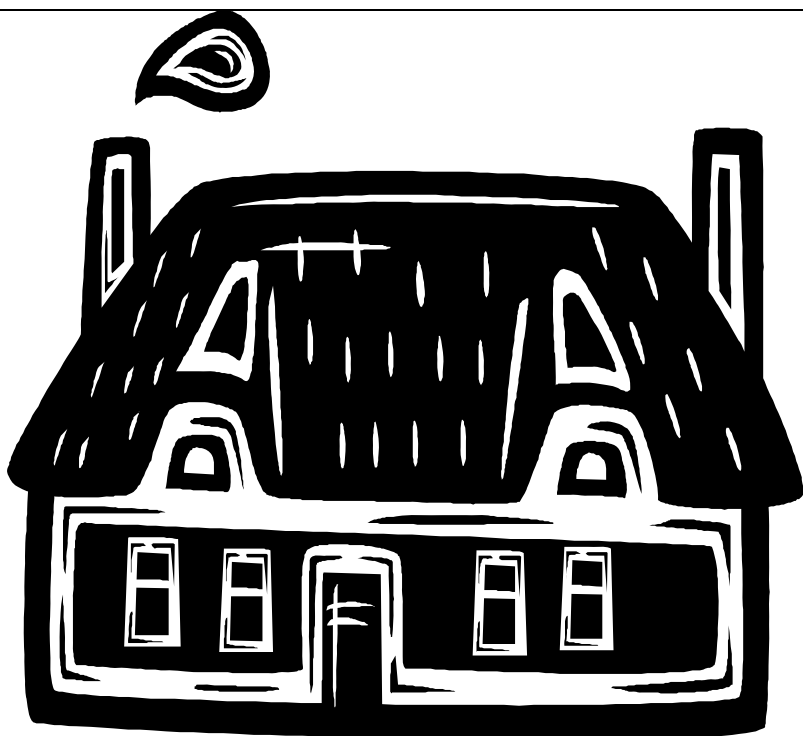
Palavra alvo: <cavalinho>



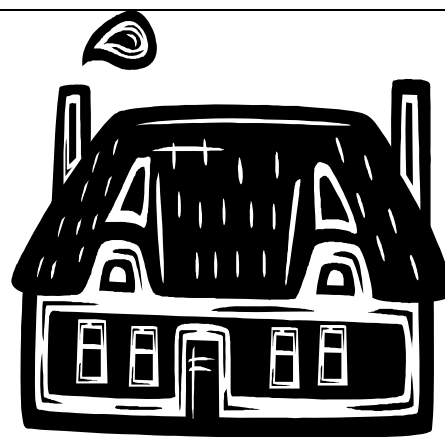
Palavra alvo: <gato>



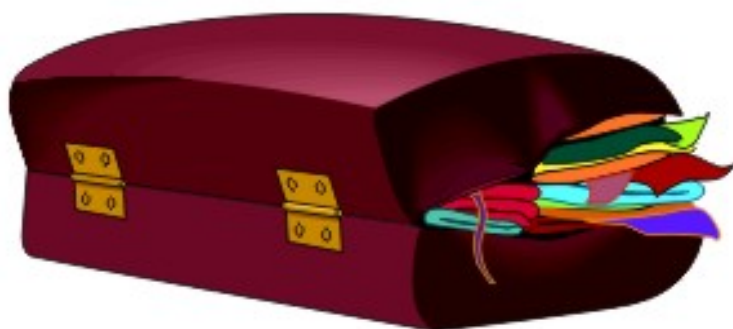
Palavra alvo: <gatinho>



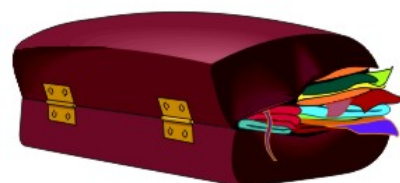
Palavra alvo: <casa>



Palavra alvo: <casinha>



Palavra alvo: <mala>



Palavra alvo: <malinha>



Palavra alvo: <bolo>



Palavra alvo: <bolinho>



Palavra alvo: <sino>



Palavra alvo: <sininho>



Palavra alvo: <mochila>



Palavra alvo: <mochilinha>



Palavra alvo: <piscina>



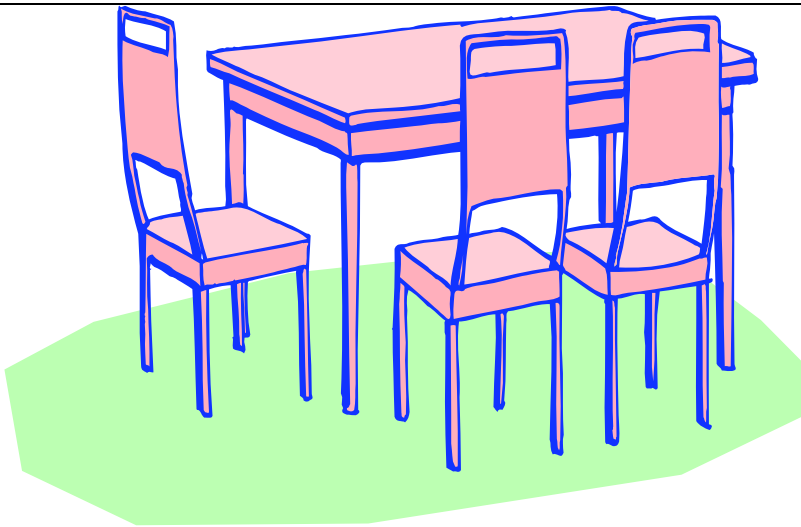
Palavra alvo: <piscininha>



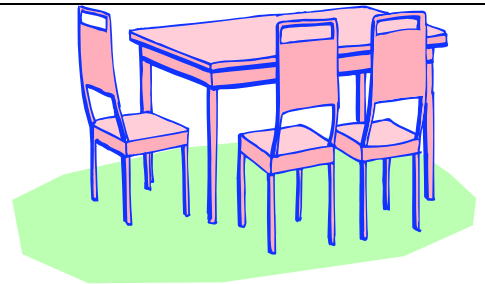
Palavra alvo: <cozinha>



Palavra alvo: <cozinhinha>



Palavra alvo: <mesa>



Palavra alvo: <mesinha>



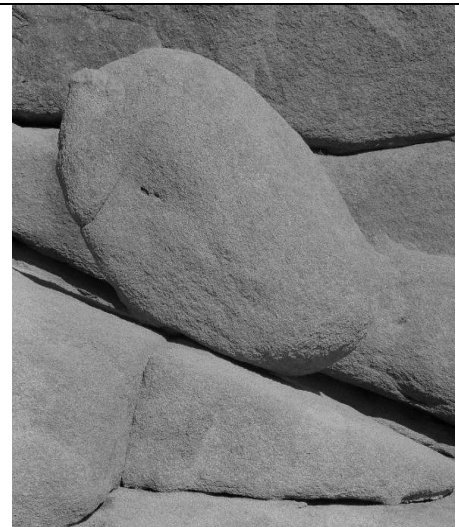
Palavra alvo: <cabelo>



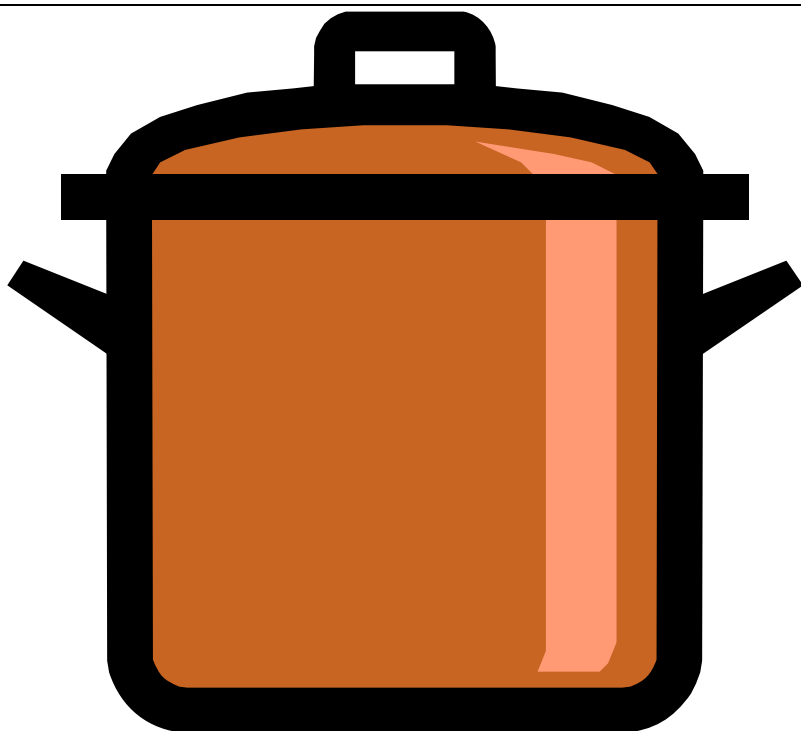
Palavra alvo: <cabelinho>



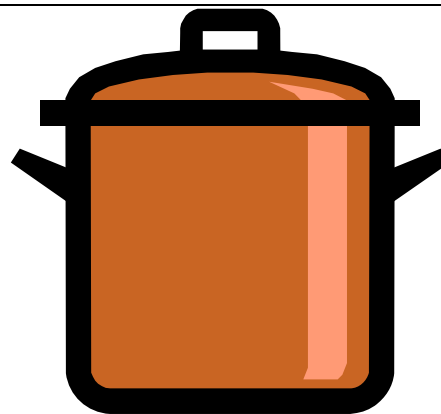
Palavra alvo: <pedra>



Palavra alvo: <pedrinha>



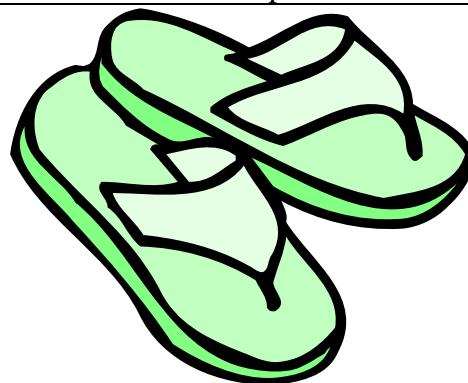
Palavra alvo: <panela>



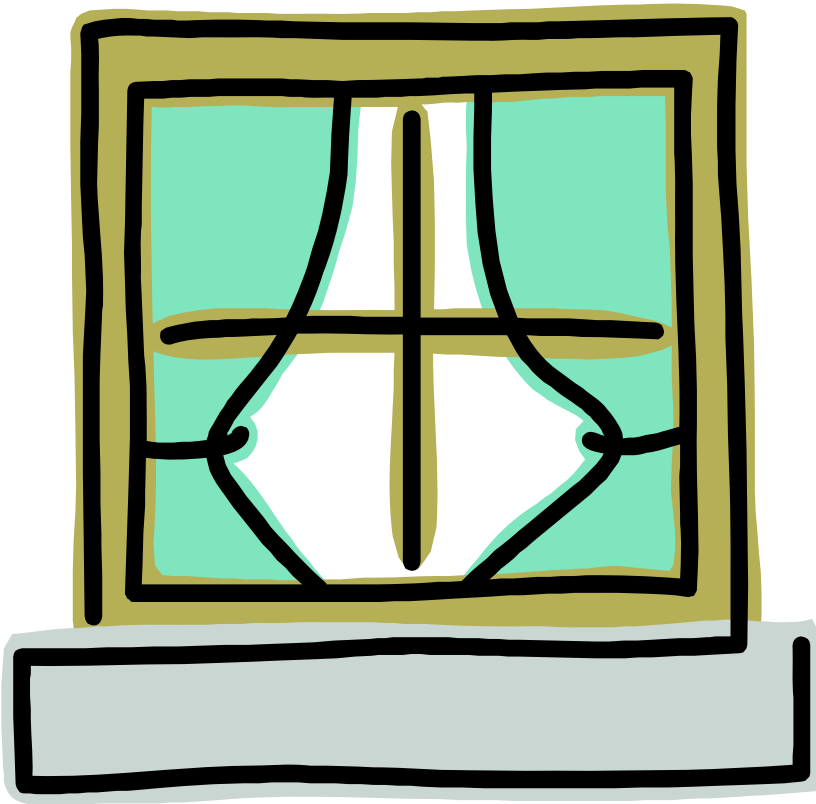
Palavra alvo: <panelinha>



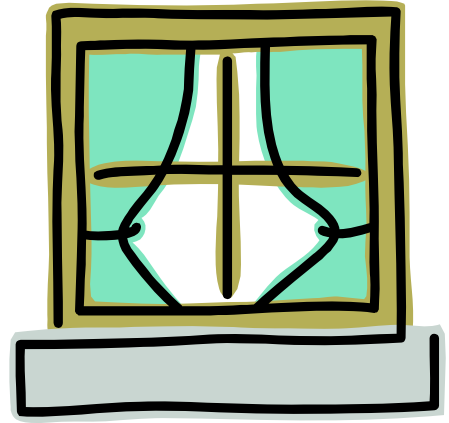
Palavra alvo: <chinelos>



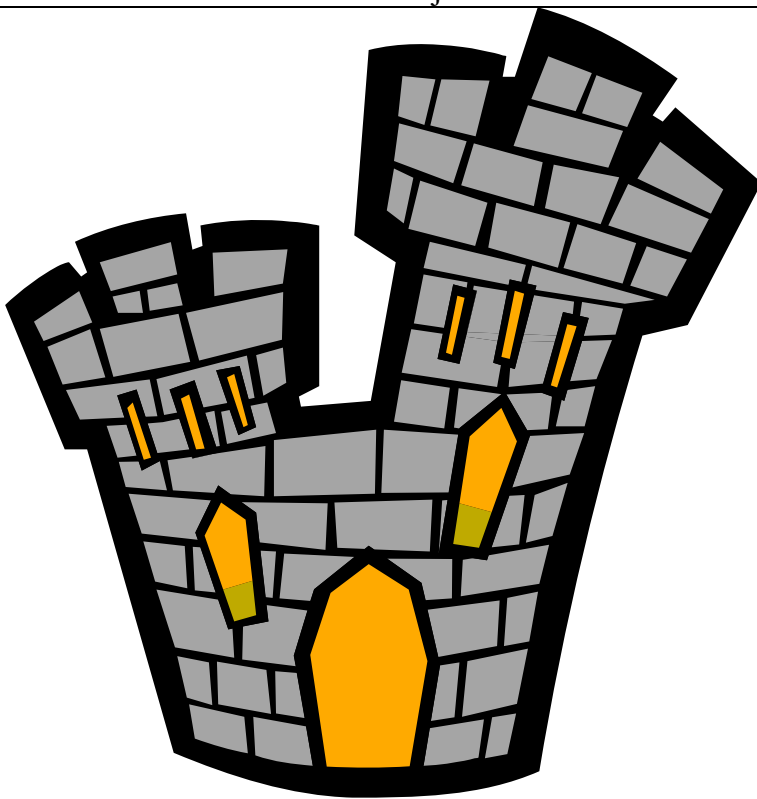
Palavra alvo: <chinelinho>



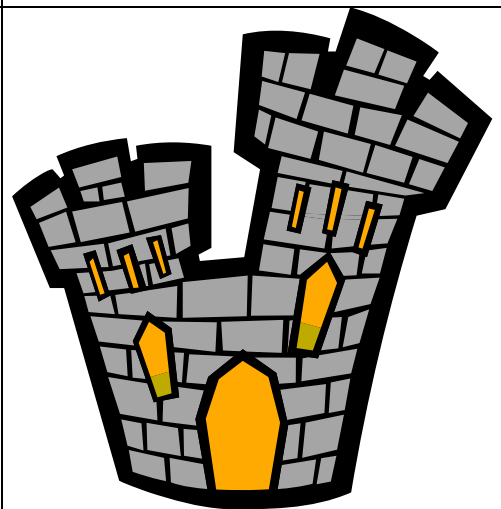
Palavra alvo: <janela>



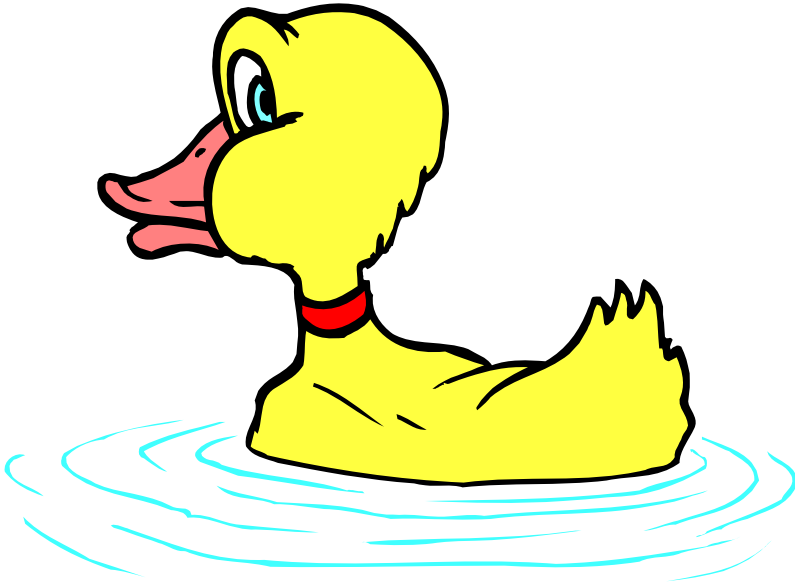
Palavra alvo: <janelinha>



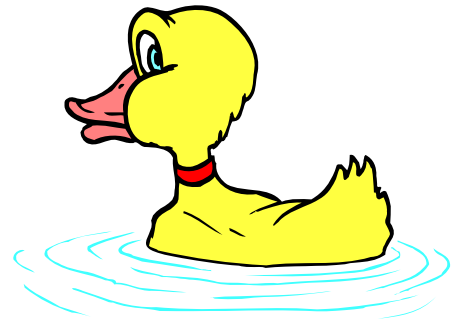
Palavra alvo: <castelo>



Palavra alvo: <castelinho>



Palavra alvo: <pato>



Palavra alvo: <patinho>



Palavra alvo: <cinema>



Palavra alvo: <cineminha>



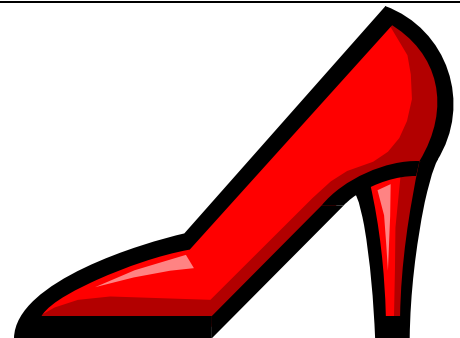
Palavra alvo: <gelado>



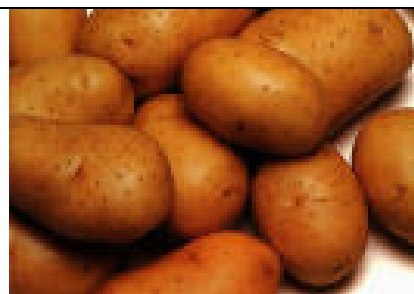
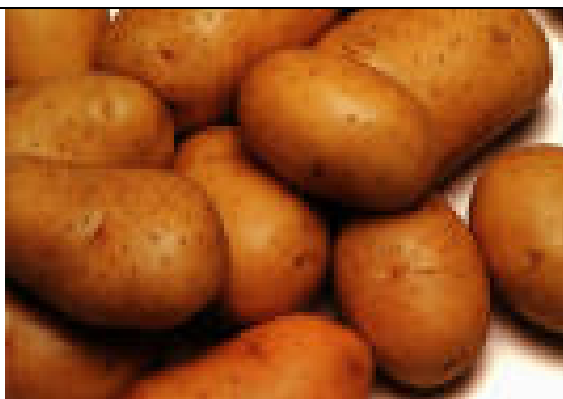
Palavra alvo: <geladinho>



Palavra alvo: <sapato>



Palavra alvo: <sapatinho>



Palavra alvo: <batata>

Palavra alvo: <batatinha>



Palavra alvo: <copo>



Palavra alvo: <copinho>



Palavra alvo: <lobo>



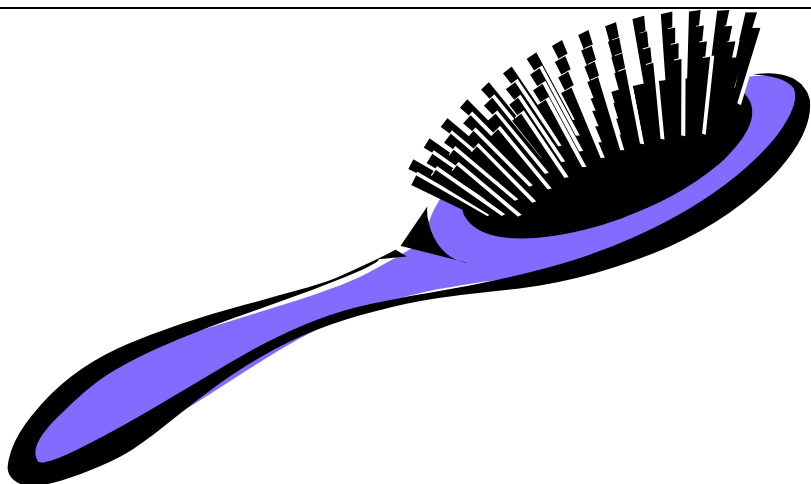
Palavra alvo: <lobinho>



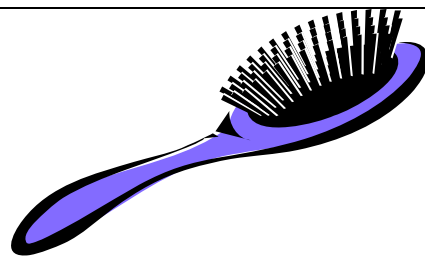
Palavra alvo: <raposa>



Palavra alvo: <raposinha>



Palavra alvo: <escova>



Palavra alvo: <escovinha>



Palavra alvo: <muro>



Palavra alvo: <murinho>



Palavra alvo: <luva>



Palavra alvo: <luvinha>



Palavra alvo: <chuva>



Palavra alvo: <chuvinha>



Palavra alvo: <camisola>



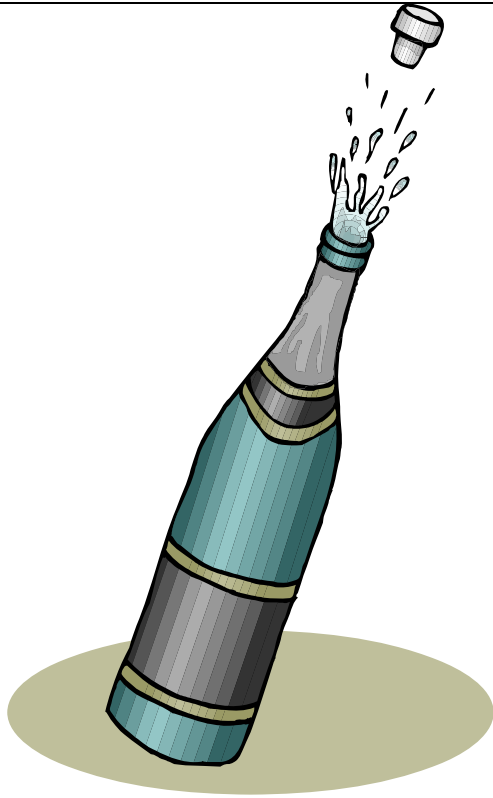
Palavra alvo: <camisolinha>



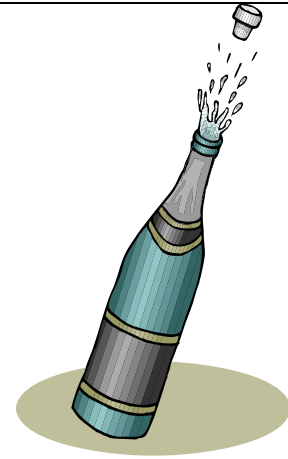
Palavra alvo: <unha>



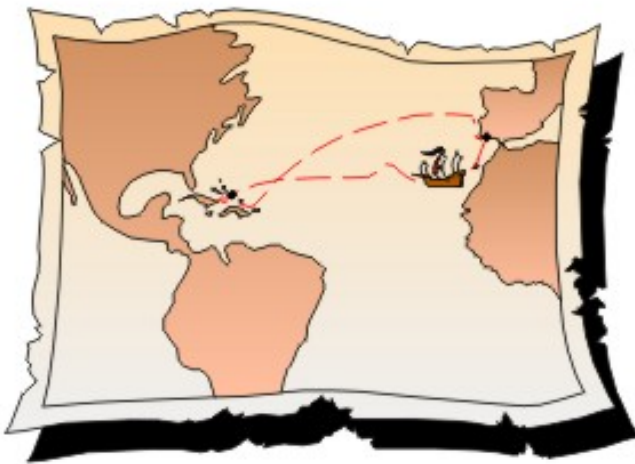
Palavra alvo: <unhinha>



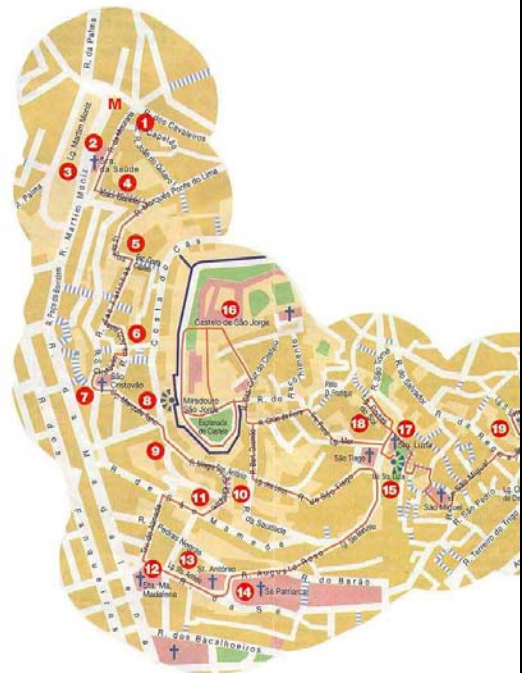
Palavras alvo: <garrafa> e <rolha>



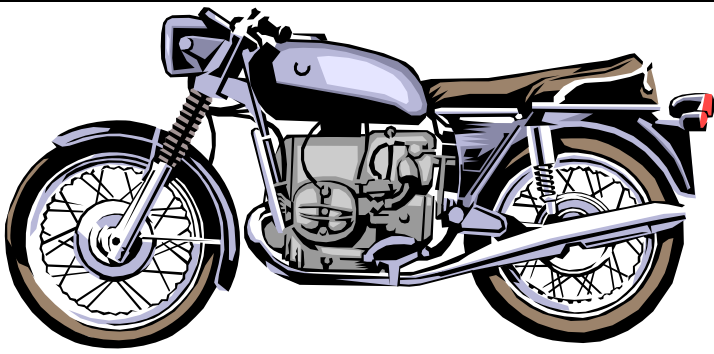
Palavras alvo: <garrafinha> e <rolhinha>



Palavra alvo: <rota>



Palavra alvo: <roteiro>



Palavra alvo: <mota>



Palavra alvo: <motorista>

UNIVERSIDADE DE LISBOA Faculdade de Letras	
Nome _____	
Idade _____	Nacionalidade _____
Contactos: Telemóvel _____ E-mail _____	
Língua Materna _____	
Outras Línguas que fale e grau de proficiência _____	

No seu País, estudou até que ano? _____	
Estuda Português porque... _____	

Já estudou Português antes? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Se Sim, estudou sozinho/a ou com Professor/a? _____ Durante quanto tempo? _____ Em que País estudou Português? _____ Se foi em Portugal, indique a cidade em que estudou _____	
Tem família Portuguesa ou de origem Portuguesa? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Se sim, qual é o grau de parentesco? _____ Fala em Português com esse familiar? _____	

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Anotação Prévia:

A transcrição que se segue está organizada por tempo de gravação, sendo este marcado por **números** a negrito e sublinhados no início da linha.

As sequências não inseridas na base de dados estão indicadas por um sublinhado. As sequências consideradas imitações estão indicadas por um sublinhado de fundo. As razões pelas quais não foram inseridas na base de dados estão explicitadas na metodologia.

Possíveis intervenções da investigadora ou dos informantes que não sejam relevantes ou que não sejam perceptíveis na gravação, são indicadas por (...).

Uma (**palavra transcrita**) ou (<escrita>) entre parêntesis e a negrito corresponde a uma intervenção relevante da investigadora, quer seja repetida ou não pelo informante.

As pausas dos informantes são indicadas por uma barra oblíqua “/”. Estão igualmente transcritas ortograficamente sequências relevantes.

ALUNOS DO NÍVEL B1

GO. – 1ª ENTREVISTA

TEMPO DE GRAVAÇÃO – 18M11

[(...) **(mekaku)** (...) **makakito / makakino** (...) kamizolá (...) kamizola / kamizolija: (...) úpatino, páto

2M (...) garáf / garáfa / gárf / garáfina (...) sédálas

4M (...) unakaθít / unakáθa / kása / kása (...) kaθíta / ka / kasíta / kasíta (...) kazína (...) úvas (...) uvína (...) gúta / unagú (...) granízo (...) láf / lafúfja / fuvína (...) lóbo / lóbino

(...) paftélo / tórtó (...) noés / noésbojó / noésbojító (...) úrójo / úbojító (...)

rójo / róro / bólo (...) bólo (...) bolíno / bolíno

5M50 (...) úbáθobaθo (...) kopá (...) **(kópe)** kóp / kúp / kóp / unkóp (...)

ko / kopító / kopé (...) **(kópe)** (...) kopó / kópo / unkopíno (...)

b / batátas (...) ba / batátas / batatíjas (...) kabájo / kabajíno (...) sapáto / zapatíno (...)

feládo / zeladíno (...) gató / gatíno

7M35 (...) maléta / maletó / bóls / sáko (...) ma (...) malefí (...) maléta / maletíja

8M30 (...) kaftélo / kaftelíno (...) ventána (...) zán / zána / azán (...) zvána (...) zanéta (...)

(zen) (...) zán / zán (...) zanéta / z / z / zvána / zanéta (...) zanét (...)

zánas / zvánas / zán (...) zanétas / ventána (...) ventána (...) zanétas / zanét (...)

zanzáni / zán / zaníja / zána / zanéta (...) zanetíja

10M25 (...) únakanéta / kanetíja (...) sála (...) sinemá (...)

θalíja / salíta / sinéma / sinéma (...) sála / θinéma (...) **(sinéme)**

sáladesaním / sáladesiném / sinemaníjaosál (...)

kaldéras / tábla / úmésa / tablítaomesíta (...) mesíja (...) kosína / kóθkosína / koséna (...)

kosijnán / kosejníja (...) pijína / pijiníja

12M (...) lívro / odiksonárjo (...) lívro / livríno (...) dédos (...) múro / muríno (...)

róka / pjédra / pjé (...) pjedríja (...) kabélo / kabelíno (...) péra / períja (...)

bolsíja / bolsíjo / bolsíja (...) maletó

14M (...) úpas / upítas (...) uníja (...)

zapatíjas / zapatíjas / zapatín / zapát / zapatíjasdenójte (...) sédálas / sédalíjas (...)

garáfa / garáfina (...) móto (...) kōdutor (...) **(móte)** (...)

kōdutorísta / **mót / motoríst / motorísta** (...) mapá / pláno / mapína / rútas / trazékto (...) róta / mápaupláno (...) rutína / rotót / gía / rotína (...)]

GO. – 2ª ENTREVISTA

TEMPO DE GRAVAÇÃO – 21M35

[(...) káza / kazína (...) makáko / makakíno (...) kabélu / kabélu / kabelíno (...) ũgáto / gatíno (...) zeládo / zeladíne (...) zapáto (...) **(sepátu) zapatíno** (...) kebálo (...) kebalíno (...) páto / patíno (...) betátas / batatínas (...) kosína / kosína / kosína (...) kosína / kosíjina (...) lívro (...) **(lívru) lívro** (...) **livríno** (...)
2M00 pejína (...) pejiníjina (...) kanéta / kanetíjina (...) **ekrá** (...) jínema / di / dósinema (...) ekranínodujínema (...) e / ekraníno / ekrán (...) **(sinémø)** (...)
sinemaníno / sinemaníno (...) úmaméfa (...) únamejíjina (...) boljíla (...) maléta (...) **(meléte)** (...) úmamála (...) malíjina (...) úmapéra / úmaperíjina (...) sēdáljas / sēdálás (...)
4M10 pãder (...) **(pø)** (...) panalína / panát (...) panalína pána / pán **(pø) panalína** (...) páni (...) panalína (...) pána / pán (...) panalína (...) panát (...) kamizóla (...) kamizolíjina (...)
6M brósa (...) garáfa (...) garafíjina (...)
8M20 úmakópa / kopíjina (...) ũkópa / ũkópo / ko / kopíno (...) úpas / uní / u: / un / uníjnas (...) ũmúro / ũmuríno (...) úvas / úva / uvaníjnas (...) u / uvíjnas (...) gu / gútas / góta (...) deágwa / májfodefúvjadekwándoestáfuvéndo (...) gutíjnas (...) **(fuvér)** (...) fúvja (...) fúvja (...) fuvjaníjina (...) pétera (...) pedríjina (...) kastélo (...) kastelíno (...) zanélasnó / zanelíjnas (...) paftélo (...) bójo (...) bojíno (...)
10M04 boljíla (...) ból / (...) bólso (...) maléta (...) mólso / móso / bolsíla (...) mólso / mólso (...) bólsa / bolsíla / bólsa (...) mosó (...) oróbo / orobíno (...)
12M06 díq dōq / sazbal (...) mápa (...) rúta (...) mapína (...) **(rótø)** rotínaoregos (...) rúta (...) rútasturíftikas (...)
15M00 móta (...) kudutór (...) fufér (...) **(mótø) motorísta** (...) rekúso (...) rekúso (...) per / perkursó (...) bojíjina / bólso (...) bólsa / bolsíjino / bólso (...) bólsa / bolsíjino (...) bolsíjina / bólso / bol (...) mols / m / bólso / molbón / málso(...)]
19M00 (...) le / a (...) o (...) ε (...) u (...) **(u)** (...) lu (...) lu / lu / ke / lúle / lúl / lúla (...) lófa / lófe (...) lulíjina / ētáwsemaselulíjina (...) [lúla] (...) **(lu)** (...) **(ø)** (...) **(lubø / lulø)** lúfa / lu / lúla / lúla

OL. – 1ª ENTREVISTA

TEMPO DE GRAVAÇÃO – 11M30

[(...) makáko (...) **(mekáku)** (...) makakíno (...) kamizóla / kamizolíjina (...) kamizolíjina (...) páto / patíno (...) úmakáza / kazína (...) úvas (...) uvasíjina (...) úvas / uvíjno (...) úmaúva (...) uvíjina (...) lágrimas (...) fuvær (...)
2M fúv (...) **(fúve)** (...) fuvína (...) tárta / úmatárta (...) bólo (...) **(bólø)** (...) bolíno (...) kóp^w (...) kopíjina (...) betáta / betatíjina (...) kaválo / kavalíjino / kavilíjino (...) sapáto (...) sapitíj / sapetíjino (...) zílá / ziládo / ziladíjino (...) gáto / gatíno (...)]

4M mála / malíjna (...) prédjo (...) kaštélo / kaštélo (...) kaštelíjno (...)
 zanéla (...) zanilíjne (...) kanéta / kanetíjna (...)
 éumasála / díſpe / díſpetá / noéúsinéma (...) sinéma / sinemán / sin / sinemíjna /
 sinemíjno (...) méza / mizíjno (...) kuzíjna / kuzijíjna (...) piſína / piſiníjna (...) lívru (...)
 livríjnu (...) éūperéd (...)
6M pæredíjno (...) pédra (...) pedríjna (...) kabælo / kabelíjno (...) péra / períjna (...)
 únaſ / unínaſ (...) panéla / panelíjnaſ (...) garáfa / garafíjna (...) ſinéloſ (...)
 ſ / ſine / ſinelíjnoſ (...) ſkóva /
8M ſkovíjna (...) lóvriſ / luvríjnaſ (...) móta / motoríſta (...) mápa (...) frótejra (...)
migrasãw (...)]

OL. – 2ª ENTREVISTA

TEMPO DE GRAVAÇÃO – 8M36

[(úmekáze / úmekézíjne) (...) úmakáze / kezíjne (...) mækáke / mækakíjne (...)
 kabælo / kabelíjno (...) gáto / gatíjno (...) žiládo / žiladíjne (...) sapátuſ / sapátu (...)
 sapatíjne (...) kaválo / kavalíjno (...) páto / patíjne (...) batáta / batetíjna (...)
 kuzíjne / kuzijíjne (...) lívro / livríjnu (...) piſína / piſijíjna
2M (...) piſín / piſí / piſína / piſíjna (...) piſiníjna (...) piſiníjna (...) kanéta / kanetíjna (...)
televizěw / fíſmiſ / něwě / ſpetákuluſ (...) sinéma (...) televizěw (...) televizěw (...)
 sinéma (...) siném / siném / siném / míjna (...) sinemíjna (...) méza / mezíjne (...)
 úmamále / malíjne (...) mǫſíla / mǫſilíjna (...) úmapéra / períjna (...) ſinéluf / ſinelíjnu (...)
4M panéla / panelíjna (...) lúnveſ / luvíjne (...) kamizól / kamizolíjna (...) lóbo / lobíjno (...)
 úmaſkóva / ſ / ſkovíjna (...) róla / rolíjna (...) éūkóp^h / kǫpíjne (...)
 únaſ / un / úna / uníjna (...) múro / muríjnu (...) úvaſ (...) uvíjneſ (...) ſ / ſóv (...) (ſóv) (...)
ſóv (ſóv) ſuvíjna (...) ſovíjne (...) ſóv / ſóv / ſóve (...) pédra / pedríjna (...)
6M úkaštélo / kaštílíjno (...) zanéla / zanelíjna (...) bólo / bolíjno (...) (vjažěj) úvjažěj (...)
(mápe) mápa (...) gíd (...)
8M úmamóta (...) motoríſta (...)]

GI. – 1ª ENTREVISTA

TEMPO DE GRAVAÇÃO – 13M40

[(...) (mekáku) makáko (...) makáko / makakíjno (...) mála (...) kartéla (...)
 péra / períjna
2M (...) kabélo / kabelíjnoſ / kabelíjno (...) pédra (...) pedríjna (...) zapátuſ (...)
 sáda / sádálaſ / sádaſ (...)
4M garáfa / garafíjna (...) paréte / múro (múru) / múru / muríjno (...) úgja (...) ũgíjna (...)
 lívro / livríjno (...) piſína / piſíjna / piſiníjna (...) kozíjna / kuzijíjna / méza / mezíjna (...)
 sinéma / sinemíjno / sinemíjna (...) (k) (...) kanéta / kanetíjna (...)
6M zanéla / zanelíjna (...) kaštélu / kaštelíjnu (...) kájja (...) mála / malíjna (...)
 gátu / getíjnu / žiládu / žiladíjnu / zapátuſ / zapatíjnoſ / kaválu / kavalíjnu / patáta / patatí
 jna / vázo (...) kópu / kupíjnu (...) kazáka / kazakíjno (...) (kezáku) (...)]

8M kazáku / kazáku (...) tárte (...) **(b)** (...) bólo / bolínu (...) lúpu (...)
lópu / lópu / lóp / lópu / lopínu (...)
śóva / śovár / śóva / śovás / śovínaf / úva / uvína / káza / kezína (...) móta (...)
kōdusór (...) **(mōte)** (...) motofiklísta (...) mōtukōdusór (...) awtumobilísta (...)
10M bárju (...) mápa (...) **(r)** (...) rúa (...) mápa (...) kamínu / kamínu (...)
ro / róta / ro / róta (...) róta (...) **(rōte)** (...) rótaturíftika (...) ro/r/ro (...) éstoéunaróta (...)
rotínu (...)]

GI. – 2ª ENTREVISTA

TEMPO DE GRAVAÇÃO – 10M

[(...) káza / kezína (...) makáko / makakínu (...) úmakára (...)
kobéluf / keb / kebilínof (...) gátu / getínuf / getínu (...) zeládu / zeladínu (...)
zapáto / zapatínu (...) kaválo / kaválo / kavalínno (...) pátu / petínu (...)
batátaf / petatínaf (...) kuzína / kuzinínaf (...) lívro / livrínno (...)
2M piś / piśína / piśinína / piśinína (...) kanéta / kanetína / kanitínaf (...)
sinéma / sinemína / sinemína (...) méza / mezína (...) mála / malína (...)
3M péra (...) péra / perína (...) sādát / sādálaf (...) pa / patúfa (...) **(fi)** (...)
finélof / finelínof (...) paéla (...) pa / pa / paéla (...)
4M padéla (...) padelína (...) góvef / go / gúvef / góvef (...) gúvaf / gúva (...)
bru / búva / búvaf (...) bu / buvínaf (...) kamizóla / kamizulína (...) lúpo (...)
lépu / lúpo / lápo (...) lúdo / lu / lúdo / lu / lu (...) eskóva / eskovína (...) tápa / tápa (...)
geráfa (...) gerafína (...) vázo (...) kópu / kupínu (...)
6M gítóf (...) úgja / úla / úlaf / ulínaf (...) paréde / paréda (...) múro (...) murínu (...)
úva / uvína (...) śúva / śuvína (...) pédra / pidrína (...) kaśtélú / kaśtelínu (...)
ženéla / ženelína (...) tárti / bólu / bulínu (...) mápa (...) róta (...) ma / mapína (...) róta (...)
rotína (...) móto (...) kōdutór (...) **(mōte)** (...) motorífta (...)]

AM. – 1ª ENTREVISTA

TEMPO DE GRAVAÇÃO – 13M10

[(...) makáku (...) makínu (...) **(mekekínu)** mekekínu (...) káze (...)
kezínu / kezíne **(kezíne)** / kezíne (...) betátetf (...) betetínatf (...) pát^h (...) páte (...)
petíne (...) kerválju (...) kervalínu (...) sepətétjre (...) sepətétjre (...) něw̃ / něw̃séj
2M (...) **(sepətétjre)** (...) sapató / sápto / saptínu (...) zeládu / ziladínu (...)
gátu / getínu (...) kebélú / kebelínu (...) mésa / mezíne (...)
úsinéme / siném / sinemínu (...) sinemíne (...) kenjéte (...) dúeśkanetínatf (...)
piśíne / piśiníne (...)
3M lívre / livró / livró (...) úlivro / úlivrínno (...) ekuzíne / evkozíníne (...)
úme / bólo / bolíne (...) bolínno (...) něw̃séj (...) něw̃ (...)
ezženéle / e / úmeženíne / ze / ženelíne (...) kaśtélú / kaśtelínu (...) pédru / pedrínu (...)
pédre / úmapédre / pedrína (...) śúva /
4M śuvína (...) úve / uvíne (...) paréde (...) **(m)** (...) múru / múru / murínu (...)
něw̃kupésu / śěw̃dédufmájśněw̃kopésuéstu (...) něftmométuněw̃ (...) kópo / kopínno (...)]

5M něwěkezáko / e: / něwšej / něwmlěbro (...) mále (...) táfu
6M20 (...) sědáluf (...) šěpěne / úmeġaráfedšěpěne (...) ġaráfíne (...) motosikléte (...) akōduzír (...) kōduzínō (...) mutorífte (...)
8M30 – 9M20 bólse (...) mála / mála / malíne (...) pěre / períne (...)
10M kemínodúdf / dʃkubérto (...) Rúe / Rútə / Rótə (...) úmeġíe (...) úmapə (...) úmapədesidádi (...) úġíe / sogíe (...) átlas (...) ũrutárju (...) něwķunésumájf (...) něwķunésumájf (...)]

AM. – 2ª ENTREVISTA

TEMPO DE GRAVAÇÃO – 21M15

[(...) **2M** káze / kezínu (...) makáko / ma / makwín / makokíno / něw (...) makáko (...) mekékíno (...) kebélo / kabelíno (...) gáto / ġetínu (...) zeládo / zıladınu (...) sapatéjro (...)
3M sapetínu / sapetínu (...) səpáto / sapítínu (...) kaváljo / káv / kavalínu (...) páto / petínu (...) batátəf / bətətínef / bətətínef (...) kozína / kozíníne (...) lívro / livrínu (...) pis / piskíne / piskíníne (...) kanétaf / kanéta / kanetína (...) sinéma / sinemína (...) mése / mizíne
4M mále / məlíne (...) péra / períne (...) táfe / tefíne (...) táfo / tefíno (...) něwmlěbro (...)
5M20 (ke) kezáko / kamíze / i / ke / kaɬe / něw / kaɬeéisu (...) e (...) kamizól / kemizolínu (...) kópo / kopínu (...)
6M pəred / pəred / pəredíne (...) múru / murínu (...) úve / úve / uvíne (...) šúve / šuvíne (...) pédre / pedríne / ORÓfe (...) tóri / kaftélo (...) kaftélo / kaɬ / kaftelínu (...) zənélé / zənəlíne (...) bólo / bolíno (...) lóbu / lobínu (...) sfinélof / finelínuf (...)
7M něw / něwšej (...) lúvef / lúvef (...) lúvef / luvínef (...)
9M34 (s) sín / sě / sín (...) síko / něw / sin / sin / sínif / něw (...) sílo / sílo / něw (...) (sílu) silínu (...) sínu / sínu / si / si (...) sínu / sinínu (...) ġaráfe / ġaráfíne (...)
11M10 móto (...) motorífte (...) kemíno / kemíno (...) vjázej (...) Rútə / Rótə / Rótə (...) éuməpə (...) (Rótə) (...) ROTÉjru
12M25 ġóstomújtudiməpəf / idírotéjru (...) **14M45 (pənélé)** pənəlíni / panelíni (...) (únef) (...) unínef (...) (mufile) (...) mufile (...) (skóve) (...) skóve / skovíne (...) (repozə) repozə / repuzíne (...) (Rólə) Rólje (...) ROLíne (...)]

TI. – 1ª ENTREVISTA

TEMPO DE GRAVAÇÃO – 10M45

[(...) mekáku (...) makakín (...) káza (...) kazína (...) bətátəf (...) batatínef (...) pátu / patínu (...) kaválu / kavalínu (...) səpátu / səpatínu (...) šıládo / šıladıno (...) gátu / ġatínu (...) kavál / něw / kabél^w / kabalínu
2M (...) mésa / mesína (...) sínema / sinamína (...) kanéta / kanetína (...) pisína / pisínína (...) lívro / livrínu (...) kozína / kozínína (...) bólu / bulínu (...) zən /

3M ʒɛnɛla / ʒɛneliɲa (...) kastɛlo / kasteliɲu (...) pɛdro / pedriɲu (...) pɛdra / pedriɲa (...) ʃuva / ʃuviɲa (...) uvɛ / uviɲa (...) muru / muɾiɲu (...) kɔpu / kopiɲu (...) gɛraf / garafiɲa (...)
4M nãw̃melɛbr (...) nãw̃melɛbr (...) nãw̃sɛj / nãw̃kupɛsunãw̃ (...) nãw̃ / nãw̃sɛj / ɛfrãsɛzɛlu / ɛtãw̃ / ɛjportugɛʃdɛvisɛr (...) iftu / éfti (...) nɛw̃ / nãw̃sɛj (...)
5M50 pɔdsɛrlupu / nɛw̃ (...) lupiɲu (...) kam:misɔla / kamisoliɲa (...) nãw̃ɛukasɛrɔlɛ (...) **(pɛ)** (...) **pɛnɛlɛ** / **pɛneliɲɛ** (...) sinɛloʃ / sineliɲoʃ (...)
7M pɛra / pediɲa (...) sak^w (...) mála (...) málɛdvjãzɛj (...) m:ɐliɲɛdvjãzɛj (...) umotó / umotó (...)
8M nɛw̃ɛutaʃistamɛʃ (...) awtokariʃta / kariʃta (...) motoriʃtɛ (...)
9M vjãzɛ (...) **(R)** (...) ugia (...) ɛulivrukõ (...) **rutãrju** (...) **rotu** (...) **Rõ** (...)]

TI. – 2ª ENTREVISTA

TEMPO DE GRAVAÇÃO – 10M09

[(...) kãzɛ (...) kaziɲɛ (...) mɛkãko (...) makakiɲu (...) Rõʃtu / kabɛlu (...) kabeliɲu (...) gãtu (...)
1M gatuziɲu / gatiɲu (...) ʒilãdu / ʒiladiɲu (...) sɛpãtu / sapatɲu (...) kavãlu / kavaliɲu (...) pãt^w / patiɲu (...) pɛtãtɛʃ / patã / bɛtãtãziɲɛʃ / patãtiɲɛʃ (...) kosɲa / kozɲiɲa (...) liɪvru / livriɲu (...)
2M pisina / pisiniɲa (...) kanɛta / kanetiɲa (...) sãla (...) dfilm (...) sinɛmɛ (...) sinɛm: (...) sinemiɲu / sinimiɲu (...) mɛsa / mesiɲa (...) mãlɛ / malɲɛ (...) pɛra / periɲa (...) pa / panɛlɛ / paneliɲɛ (...) kamisɔla / kamisoliɲa (...) kɔpu / kopiɲu (...)
3M ɯ / ũ / udzɛs / ũ / udzã (...) nãsɛj / nãw̃ / nãw̃sɛj / udzã / udzɲã (...) udzã / udz / udzɲi / udzɲiɲɛs (...) parɛd (...) mur / muru / muɾiɲu (...) uvɛʃ / uviɲɛʃ (...)
4M góta / gotãʃ (...) ʃuvɛ / ʃuviɲa (...) pɛdra / pedriɲɛ (...) kastɛlu / kasteliɲu (...) zãnɛla / zãneliɲa (...) bólu / buliɲu (...) lóbu / lobiɲu (...)
5M sín / ʃinɛloʃ / ʃineliɲoʃ (...) mɛʃʃila / mɛʃʃiliɲa (...) luva / luviɲɛ (...) ʃkóva / ʃkovɲiɲa (...) gɛrafɛ / gɛrafiɲɛ (...)
6M ra / ra / rapózu / rapozɲiɲa (...) mãp / rotã / rotãrju / rútɔ / rotɛ (...) rotiɲa / rotãiɲɛ (...)
7M rotãrju (...) R / R / Rótã (...) rotãrja (...) nɛw̃ɛumotór (...) **(mutór)** (...)
8M **móto** / **móto** (...) **motoriʃtɛ** (...)]

INFORMANTES DO NÍVEL C2

CR. – 1ª ENTREVISTA

TEMPO DE GRAVAÇÃO – 7M57

[(...) mɛkãku / **(mɛkãku)** / **mɛkɛkiɲu** (...) kãzɛ / ɐ: / kezite (...) okɛziɲɛ (...) umɛbɛtãtɛi:bɛtɛtiɲɛ / bɛtɛtiɲɛ (...) ɛupãtu / pɛtiɲɛ (...) kɛvãlu / ikɛvɛliɲu / sɛpãtu / sɛpɛtiɲu / ʒilãdu / ɐ:m / nɛw̃sɛjsi / stɛjũ / nɛw̃sɛjstɛj / ʒilɛdiɲu (...) gãtu / gɛtiɲu (...) mãlɛ: / m:ɐliɲɛ (...) kɛbãluʃ / okɛbãlu / kɛbiɲiɲuʃ /

2M08 úmeméze / mizíjne (...) úmesále (...) dsinéme (...) úmes (...) sinimetéke (...) **(sinéme)**
 (...) sín / siném / sinimíjnu (...) úmekenéte / kenetíjne / pépe / períjne / pijsíne / pijsíjne
3M (...) pijíjne / pijsíjne (...) pijsíjne / pij / épij / pijsíne / ipijsíjne / opijsíjne / náw / náw / pijsíjne (...) pijsíjne / lívru / livríjnu (...) mujíle / mujílíjne (...) ísteúmekuzíjne / kuziníjne (...) geráfe / garafíjne /
4M éúróle / culí / rolíjne (...) úgá / e / ú / ú / ú / úbólu / bulíjnu (...) repóze / repuzíjne / lóbu / lobíjnu (...) estéú (...) e (...) úma / néwséjsisidíjskóne (...) esfóne (...) épeplávrepóprie (...) jkóne / jkuvíjne (...) zenéle / zenlíjne / úkestélu / kestilíjnu (...) pédre /
5M pidríjne / finéle / owsép (...) sín / sín (...) sinélu (...) finélu (...) sinilíjnu (...) estéume / e / úme / penéle (...) penilíjne (...) súne / suvíjne (...) úve / uvíjne (...) perédi / omú / muraále (...) **(muraále)** (...) múru / muríjnu (...) úrjef / uníjref / lúnef / luvíjref (...) kópu / kupíjnu (...) úmekemíze / kemizóle / kemizulíjne (...) úmekruzéjre (...) e / úmeβjázēj (...) **(R)** (...) ú / ú / sí / sí / sí (...) ú / sí / sí / sí / ú / úrutejru (...) éú (...) úma (...) úmer (...) úme (...) ésinónimukóvjázēj (...) úmerúte / éúmerúte / rutíjne / rutéjru / a / rúte / rutéjru (...) móte / muturíjste (...) úsínu / úsiné (...) sínu / siníjnu (...)]

CR. – 2ª ENTREVISTA

TEMPO DE GRAVAÇÃO – 7M51

[(...) **1M50** káze (...) kezíjne (...) **2M** (...) mekáku (...) mekekíjnu (...) kébélu (...) kébilíjnu (...) gátu / getíjnu (...) ziládu / ziledíjnu (...) sepátu / sepetíjnu (...) keválu / kevelíjnu (...) ú / pá / pátu / petíjnu (...) betáte / betetíjne (...) kuzíjne / kuzijíjne (...) lívru / livríjnu (...) **3M02** úme / úme / úmepisíne / pijsíjne / pf / pf / pisíjne (...) úmepis / úmepisíne (...) iúmepijsíjne (...) pijíjne (...) **(pijsíne)** (...) **(pijsíne)** (...) e / e (...) pijsiníjne / pijsiníjne (...) pijsiníjne (...) **4M10** kenéte / kanitíjne (...) sále / sálēdi (...) sinéme (...) sinimíjne (...) méze / mizíjne (...) mále / mélíjne (...) pépe / piríjne (...) penéle / panilíjne (...) kemizóle / kemizulíjne **5M02** (...) kópu / kupíjnu (...) úpe / úpe / upíjne (...) múru / muríjnu (...) úve / uvíjne (...) súne / súne / suvíjne (...) pédre / pidríjne (...) kaftélu / kestilíjnu (...) zenéle / zenlíjne (...) gátu / e / e / bólu (...) **(bólu)** (...) bólu / bu / bólu / bulíjnu (...) estéúlóbu / lubíjnu (...) úsepátu (...) finéle (...) finéle / finelíjne (...) mujíle / mujílíjne (...) lúve / luvíjne (...) ísteúmejkóna / jkuvíjne (...) repóze / repuzíjne (...) ísteúmegeráfe / geréfíjne (...) ísteúrólu (...) rólu (...) **7M** úmeróle / évirdádi / úmeróle / erolíjne (...) sínu / siníjnu (...) móte (...) muturíjste (...) rúta / rúta (...) rutéjru (...)]

IL. - 1ª ENTREVISTA

TEMPO DE GRAVAÇÃO – 7M10

[(...) makáko / makakíno (...) káza / kazína (...) betáta / betatína (...) pátu / petíno (...)
kaváwo / kavalín

1M (...) sepátu / sepatíno (...) ziwádo / ziwadíno (...) gátu / getíno (...) máwa / malína (...)
kabéwu / kabílíno (...) méza / mezína (...) sinéma (...) sinemazíno (...)
sinemá / sinemíno (...) kenéte / kenetína (...)

2M péra / perína (...) pijsína / pijsézina (...) (pijsíne / pijs) (...) pijsinína (...)
lívro / livríno (...) máw / mujíwa / mujilína (...) kozína / kozinína (...)

3M geráfa (...) róla / rulína (...) bówu / bulínu (...) repóza / repuzína (...)
wóbu / wubíno (...) škóva / škuvína (...) úmazanéwa / zanilína (...) toré (...)
kaftéwu / kaftelíno (...) pedrá / pedrína (...) sinéwo / sinelíno (...) panéwa /

4M panelína (...) gótaj / gutínef (...) ágwa / gótajdsúva / šuvína (...) úva / uvína (...)
paréd (...) múru (...) múru / murínu (...)

5M únaj / unínej (...) wúnef / wuvínef (...) kóp^w / kupíno (...) bwúze (...) kazáku (...) **(k)**
(...) kemizówa / kemizulína (...) róta (...)

6M rutéjru (...) móte (...) gjadór (...) (móte) (...) muturíšte (...) séjkdábédewádeš (...) **(s)** (...) síno / sinínu (...)]

IL. – 2ª ENTREVISTA

TEMPO DE GRAVAÇÃO – 5M46

[(...) **1M30** úmakáza (...) úmekézine (...) úmakáku / úmekekíno / uróstu (...)

kabéwu / kabílíno / gátu / getíno / ziwádo / ziwadíno (...) sepátu / sepatíno /

2M kéváwu / kvelínu / pátu / patíno / betáte: / betatíne (...)

kuzíne / kuzín / kuziníne (...) lívro / livríno (...)

livríno / pijsína / pijsinína / kenéte / kenetíne (...) sáwe (...) sinéma (...) sinemíno (...)
méza / mezína (...)

máwa / melína / péra / perína / penéwa / penelína (...) kemizówa / kemizolína / kóp / ku
píno (...) unej / unínef (...) múru (...) murínu (...) úva / uvína (...) gótaj / gutínef (...)

naríj (...) šúve / šuvíne (...) šúve / šuvíne (...)

apédra / pedrína / keftéwu / keftelínu / zenéwe / zenelíne (...)

bówu / bolínu / wóbu / wobínu / sinéwuf / sinelínuf (...)

4M mojíwa / mojilína / wúnef / wuvínef / škóva / škovína /

repóza / repozína (...) geráfe / garafíne (...) róla / rolína /

síno / siníno (...) móte / kōdutór (...) (móte) (...) muturíšta (...) róda / róta (...) mápe (...)

(Róte) (...) úrutejru (...)]

AK. – 1ª ENTREVISTA

TEMPO DE GRAVAÇÃO – 7M45

[(...) úmakáko (...) u:ma / makakíno (...) úmakázai:umakazína (...)

uma: / úmajbetátajfrítaj (...) sóbetáta (...) betátai:betetína (...) ištépáto / ipatíno (...)

i:ukebáro / i:ukebaríno / usepáto / sapatíno (...) uzeládo / uzeladíno (...)

ugáto / ugatíno (...) amála / i:malína (...) ukabéloi:kabelíno (...)

2M améza / imezíjna (...) tjátru / siném / fílm (...) sinéma (...) i:siném / sinemadzíjna (...) sinemíjna (...) akanéta / kanetíjna (...) péru / péra (...) períjna (...) pišíjna / pišíníjna (...) lívro / livríjnu / kodzíjna / kuzijíjna (...) bóro / boríjnu (...) róbu (...) robí / ε / ɾobíjno (...) zɛnéla / izanelíjna (...) kaštéro / kašteliíjna (...) apédɾa / pedɾíjna (...) aʃúva / ʃuvíjna (...) auíva / uvíjna (...) múɾu / imuɾíjnu (...) úɲaʃ / iuɲíjna (...) kópo / kopíjnu (...) úmakamizólai kamizolíjna (...) ɾúvaʃ / ɾúvaiɾuvíjna (...)
4M moʃíla / moʃilíjna / panéla / apanelíjna (...) sādali / san / sādaɫ / ʃinét (...) ʃinét / iʃinelíjnu (...) ɾo / róda (...) ro / ɾóra (...) ɾóra / ɾoríjna (...)
5M30 kruzéru (...) vjadzɛ (...) (**kemíjnu**) (...) paséjo (...) ʃirkíto (...)
 kamíjno / paséjo / něw (...) e (...) prugɾema / něw / něwɾɛnuideja (...) móto (...)
 kōdutór (...) (**mōte**) (...) **motoríʃta** (...)]

AK. – 2ª ENTREVISTA

TEMPO DE GRAVAÇÃO – 6M05

[(...) káza (...) ikazíjna (...) uməkákoi:umakakíjnu (...)
 ukabéroikabéros / e / kaberiíjnu (...) iugátu / iugatíjnu (...) uzɛládoiuzɛladíjnu (...)
 usapátouisapatíjnu (...) ukɛválo / ukavaríjnu (...) a / páto / upátouipatíjnu (...)
 abetáta / betátefríta / abetáta (...) (**betáte**) (...) **abetatíjna** (...)
 kodzíjna:i:akozi: / kozijíjna (...) úlívroi:úlivríjnu (...) apisínai:pisíníjna (...)
 akanétai:akanetíjna (...) ekɾá (...) dusinéma (...) ekɾá / sinemaní (...) a / sinemazíjna (...)
 usinémaiusinéma / sinemíjna (...)
2M04 méza / i:mezíjna (...) mála / i:malíjna (...) mapéra / i:periíjna (...)
 umapanéla / i:panelíjna (...) umakamizóla / i:kamizolíjna (...) úkópo / i:kupíjnu (...)
 úɲaʃ / iuɲíjnaʃ (...) upɛɾɛde (...) múɾ / imuɾíjnu (...) lúvaʃ / i:ɾuvíjnaʃ (...) píta (...)
 ʃúva / iʃuvíjna
3M04 (...) pédra / pedríjna (...) kastéro / ikašteliíjnu (...) i: / a:zanéla / izanelíjna (...)
 ubóro / kék (...) (**bólu**) (...) **bóro** / i:uburíjnu (...) ɾóboiɾobíjnu (...)
 i: / ʃinét / iʃinélʃ / aʃinelíjnu (...) émoʃíla / imoʃilíjna (...) u / ɾu / ɾúva / iɾuvíjna (...)
 íiʃkóva / iɛʃkovíjna (...)
4M irapóza / irapozíjna (...) éʃte (...) ɾóʃra / a (...) i / ɾujríjna (...) gaɾáfa / gaɾfíjna (...)
 ajtábájnãwʃabaiáináwʃvínudisjonárju (...) úmamó / a:bískɾ / a:motobiskɾéta / úmóto (...)
 motoríʃta (...) ɾóta (...) **5M**]

DA. – 1ª ENTREVISTA

TEMPO DE GRAVAÇÃO – 9M45

[(...) úmakáku / úmeké / mekakíjnu (...) ^wmekáze / úmekáze / úmekazíjɲe (...)
1M01 e / betáte / betatíjɲe (...) úpát^w / úpetíjnu (...)
 úkɛvá / úkɛválu / úkɛvelíjnu / e / úsapátu / sɛpetíjnu (...)
 úzɛládu / úzɛladíjnu / úgátuúgɛugetíj^w / e:úmɛmále / úmɛúmɛmalíjɲe (...)
ũ / ũkabélu / ũkalebíjnu (...) úmaméze / úmamezíjɲi (...) e:usiné / usinéɲe (...)
 us / us / usín / usinéɲe / něwʃéj (...) siném / siném / sinem:iíjnu / sinemaiíjnu (...)

2M11 e:umək / uməkənétə / umə / uməkənétijne (...) úmepéře / úmepéřijne (...) úmapjĩne / úmapijĩnijne (...) úlívru / ũ (...) **(lívru) (...) ũlívř / ũl / ũlivřiju** (...) a / ís / así (...) ma: / masó / e: / mʃéleʃ / mʃ / něw̃ / něw̃milébr / núkə / núkə: (...) něw̃séj / něw̃séj / něw̃séj / něw̃séjpronůsjárũ / sō / úmakózakómu / miʃ / miʃ / miʃéleʃ (...) épareśídumaněw̃ / něw̃éisu (...) miʃ / miʃ (...) apalávrazasínó (...)

3M30 e:kuzijne / uma:kuz: / kuznijne (...) úmegeráfe / úmegeréřijne (...) úbólú / úbuliju (...) něw̃séj (...) ũ / éúlob / éú / úlobiju (...) éśněw̃séj (...) apalávra

4M30 (...) něw̃séj / ápa (...) síśimájz / májzá / síněw̃májzěʃtrápu / apelávrasij (...) e: / sí / pózsié / po / porizěplu / kóm / páʃ / páʃtədíděʃmėzmėz / uʃ / úʃtėśivupára / pára : / něw̃séj

5M (...) úmazənélé / úma / úmazənəlĩj (...) e:úkaʃtélú / úkaʃ / úkaʃteliju (...) úma: / pódśerúmapédře / úmakóbře / um (...) úmapédřa / úmapedrij (...) e:ʃinéləʃ / i: / ʃin / provavelmět / ʃinelijne (...) a / ís / é / así / sí / sí / pórkgóʃt / góʃtmújtukuzijnar / ětėw̃ / purtėtu / sí (...) aé / sí (...) něw̃éutáfué (...) sěpri (...) sěpriúzuapalávřefřěśez

6M (...) afúve / řuvij (...) úve / uvijne (...) úmė: / úmė / úmepéřéd (...) ũmú / ũmúru (...) úmuriju (...) sóazú / azúneʃ (...) uzijneʃ (...) u: / unijneʃ / unijneʃ / unijneʃ (...) a:ís / e: (...) něw̃m / něw̃milébr / purké / sěw̃palávřěʃkněw̃ / nókoʃtúmuzármújtu: / portėtu / édíʃisit (...) úkóp^w / úkóp^w / úkupiju (...) úkazáku / úkėzėkij^w (...) e: (...)

7M sí (...) nórmałměté / é / úmapalávřěigl / ģglėze (...) koʃtumé / koʃtumėmuʃdizėřúpúlo (...) **(kə) (...) něw̃ėkėmizólə (...) ékėmizólə / kėmizóla / kamizolij** (...) e:íʃtu:íʃtu (...) něw̃śěw̃ / kózeʃkómukarí (...) kariłóʃʃ (...)

8M éʃtʒénrodipalávřeněw̃ (...) palávrasí: / zá / záuví / uví / algúmazvėzʃ (...)

9M úma / úmaróte / úma / síúmaróte (...) ú / ũ / něw̃ėurú / ú / rú / rú / R / R / Retórjo / oumakójzěśí (...) něw̃ (...) **(Róte) (...)** **Rót / Rót / Rotér / Rotėrju / Rotėrju** sí / éisu (...) úmamotá (...) ukōdutor (...) úgíe (...) úmotoriʃte (...)]

DA. – 2ª ENTREVISTA

TEMPO DE GRAVAÇÃO – 11M

[(...) **2M25** úmakázə (...) kėzijne (...) úmakák / úmaka / úmakakiju (...) úkəbélú / úkab / úkabél / kabełziju / kabełiju (...) úgátu / úgetiju (...) úzėʃ / úzeladíju (...) úzėl / úzeládu / úzeládu (...) **(ziládu) (...) zėlu** (...) úzeládu / úzeládu (...) **úzeládu / úzeládu (...) úzeladíju** (...)

3M14 usepát^w / úsepėtijnu (...) ukavál / ukavaliju (...) ũ (...) mėzė / úpátu / úpátu / úpatij (...) úmėbetáte / úmėbe / batėtijne (...) úmakuzij / úmakuzijij (...) úlívru / ũlí / ũ:livrijnu (...) úmapíʃ / úmapijĩne / úmapíʃ / úmapijĩnijne (...) úmakanéte (...) úmėkanėtijne (...) úśinėmė (...) sinėm / sinėmėnijnu / něw̃séj (...)

4M30 sin / sin / sinemaziju (...) sinėmė (...) **(sinėmė)** **sinėmijnu / sinėmijnu / sinėmijnu** / sí (...) úmameza / úmamezijne (...) úmėmále / úmėmėlijne (...) úmepéře / úmepéřijne (...) úmėtáʃe / útáfu / útáfu (...) **(pə) (...)** **úmapenélé** (...) **úmapané** (...)]

6M05 něwěúkezák^w (...) **(kɛ)** (...) úmakamizólɛ / úmak / úma / kamizolínɛ (...) úkóp^w / úkupínɔ (...) bõ / sõe:azúnɛʃ (...) azú / azunínɛʃ (...) ú múru / úmúrínɔ (...) úvɛʃ / úvɛ: / uvɛzínɛʃ (...) uvínɛʃ (...) **(úvɛ)** (...) uvínɛ / uvínɛ / uvínɛ (...) ʃúnvɛ / ʃunvín (...)
7M02 úma: / úmapédre / úmapedríɛ (...) úkeʃtélɔ / úkaʃtelínɔ (...) úmaʒɛnéɛ / úmaʒɛn / úmaʒɛnelínɛ (...) úbólu / úbulínɔ (...) úlov / úlovínɔ (...) sěwʃinélɛʃ / i:ʃinɛʃ / ʃinɛ / ʃinélínɛʃ (...) aʃ / ɛ:muʃíɛʃ / a: / sí / sí / muʃíɛʃ (...) sípurkefáʃpártɔʃpalávɛʃkpáramí / páralɛbrármíɛ / i: / muʃíɛʃ (...) lú / lúvaʃ (...) luvzínɛʃ (...) **(lúvɛ)** (...) lu / lu / luvínɛ / luvínɛʃ / luvínɛʃ
8M (...) a: / sí / něwěú / u / úmɛʃkóva (...) sí / úmajʃkóvɛ (...) ʃkóvɛ / ɛʃkuvín / ɛʃkuvín (...) úmərapóze / úmarapozínɛ (...) ɛ: / bõíʃu / něwěú / úmatáɛ (...) něw / bõ / áuma / ísuéúmɛgɛráfɛ (...) gɛrafínɛ (...)
9M **(R)** a:sí / sí / sí / sí / něwěúrólu / úrólu / ur / ũ (...) sí / sí / něwímilɛbr (...) rolínɔ: (...) náwšɛj (...) úmamóta / úmotoríʃta (...) **u:úmaróda** (...) **úrotéjru** (...)]

LA. (S5) – 1ª ENTREVISTA

TEMPO DE GRAVAÇÃO – 11M52

[(...) **(mekáku)** makáku (...) makakínɔ (...) úmɛkáza / júmɛkaθínɔ (...) éʃtaʃsáwɛtátɛʃ / batatínɛʃ (...) íʃtuéw / ɛ: / páto (...) júpɛtínɔ (...) úkábálo / júkɛvelínɔ (...) ʃáʃtoʃ (...) odiríasapáto (...) sapáto / sapɛtínɔ (...) zeládo / zeladínɔ (...)
3M úgáto / gatínɔ (...) éíʃtuéwɛmɛmála / júmɛmɛlínɛ (...) kɛbɛlo / kabílínɔ (...) mɛʃa / mɛʃínɔ (...) úʃaláw (...) diawdisáw (...) éúʃinéma (...) sinemínɔ (...) éúmɛkanéta / oumaplúma (...) **(kenɛtɛ)** (...) kanéta / kenetínɔ (...) éúmɛpɛra / pɛrínɔ (...) úmapisína / pisinínɔ (...)
4M03 lívro / úlivrínɔ (...) úmakosínɔ / kosínínɔ (...) ubólo / ubolínɔ (...) éʃtoéúlovu (...) júlovínɔ (...) éʃtoéumazɛnéɛla / zanelínɔ (...) kaʃtɛlo / kɛʃtelínɔ (...) pédɛʃ / pidrínɛʃ (...) ɛ: / kómokszámavaɛsto (...) ʃádálíjaʃonó (...)
5M náwɛmɛlɛbro / éuséjké / kedí / ké:utɛpodíto / mɛʃnávɛmɛlɛbro (...) azúva / zuvínɔ (...) úʃaʃ / uʃínɛʃ (...) íʃtuéúmaparéd (...) úma / ũ / úmúro / murínɔ (...) éʃtaʃáwma: / únaʃ (...) unínɛʃ (...) úkópo / úkwɛpínɔ (...) éʃtoéúmakazáko / o: (...) dʒósɛj (...) nósɛj (...) **(kɛ)** (...) kamisóla (...) ɛtáw / éʃtoéúmakamizóla / kamisolínɔ (...) úmakɛpána (...) nofáʃoidéja (...) símaʃkãpanárju (...)
7M15 éʃtasáwluvɛʃ / luvínɛʃ (...) éʃtoé (...) **(mu)** éúma (...) éúma (...) mótʃ / muʃíla / mofílínɔ (...) éʃtoúmaɛaxáfadivínɔ / divínɔ (...) garafínɔ (...) tapó (...)
8M (...) **9M35** éʃtoéúmaʃkóba / ʃkobínɔ (...) **(pɛ)** (...) panɛla / panelínɔ (...) vjáʒɛm (...) úmarúta (...) **(Rɛtɛ)** nóɛrútaturíʃtika (...) nósɛj (...) úmamóta (...) éumotoríʃta (...) éʃtaʃěwʃinélɛʃ (...) ʃinélínɛʃ (...)]

LA. (S5) – 2ª ENTREVISTA

TEMPO DE GRAVAÇÃO – 16M55

[(...) **3M30** káza (...) úmakazínɛ (...) éúmaɛɛráfɛ / gɛɛɛfínɛ (...) ésoéútapó / nó / úkójʃu (...) úma (...) **(R)** (...) **ɛɛʒ** (...) nósɛj (...) á:ésékenósabía (...)

éraésto (...) **(R)** (...) é:mɛfnóɛrɛpáf (...) rɛpázu (...) éúmɛʃkóna / úmɛʃkuvína (...)
 éúmamofíla / úmamofilíne (...) únɛʃ / uníneʃ (...) éstéúmapadéjri / panéjre (...)
 pɛnére (...) áʃuketínalídupanéjre / óúmɛkójzaší (...) nó (...) éótrakójza (...) pɛdéjra (...)
 padéjɾ / padéjɾ (...)

5M25 éstéu:mɛkáko / júmɛkɛkíju (...) éstáéúma / a:úkabélo / ɾɛblíju (...)
 gátu / gatíju (...) úʒɛládu / ʒilɛdíju (...) úmɛzɛpátu / zɛpɛtíju (...) kaʒálu / kɛʒɛlíju (...)
 éstéúpátu / pɛtíju (...) ístasɛw̃betátɛʃ / bɛtɛtíneʃ (...) úmakozína / kosiníne (...)
 úlívru / livríju (...) úmɛpísíne / písíníne (...) kɛnéte / kɛnetíne (...) sinéme / vídju (...)

(sinéme) (...) **sinéme** / **sinemíju** (...)

6M35 (...) **6M57** (...) éúmamésa / mezíne (...) mála / mɛlíne (...) pére / pírija (...)
 úkɛʃáku (...) kasáka (...) **(kɛ)** (...) ká: / **kamisóla** (...) éstéúmakamizóla (...)

7M50 (...) **9M** (...) éstéúkópu / kupíju (...) éstoéú múru / muríju (...)

éstesɛw̃úvɛs / uvíneʃ (...) súva / súvíja (...) pɛdrɛʃ / pidríneʃ (...)

éstoéúkɛstɛlu / kɛstílíju (...) úmɛzɛnɛle / zɛnílíne (...) ubólo / uvulíjo (...)

ulóvu / lovíju (...) úmɛʃinélaf / ʃinélíneʃ (...) lúnɛʃ / luvíneʃ (...) kɛpán / kɛpaníji (...)

kɛpanárjɔʃ (...)

10M45 éstumámutuʃikléta (...) síklomutór (...) **(mɔtsikléte)** (...) múto (...) muturíʃta (...)

a:rútaʃ (...) mápa (...) mápadesidád (...) a:úmɛgíɛ (...) **(Róte)** (...) Rútaṭábéjnéw̃ /

Rútauríʃtika (...) mɛʃjúmométwíʃt^wéróteorúte **(Róte)** o **(Róte)** Róte / Róte (...) **(Rutéjru)**

rutéjru (...) éunúkatípaovídorutéjro (...)

12M10 (**úsinu**) úsinu / siníju (...) **(pɛnéle)** pɛnéla / é / jéʃtoéúmapanelíne (...)

(úmɛrɛpóze) úmarapóza (...) rɛposíja (...) **(úmɛróle)** úmaróza (...) RO (...) ja (...)

úmarója (...) roʒí (...) rojíja (...) **13M25**]

**Dados introduzidos na base
(por informante, vogal e palavra-alvo)**

Informante e Nível de Proficiência	Vogal – /i/ - Alvos:																			
	Livro		Livrinho		Sino		Sininho		Mochila		Mochilinha		Piscina		Piscininha		Cozinha		Cozinhinha	
	lívru		livríju		sínu		siníju		muʃíle		muʃilíne		piʃíne		piʃiníne		kuzíne		kuziníne	
	1ºR	2ºR	1ºR	2ºR	1ºR	2ºR	1ºR	2ºR	1ºR	2ºR	1ºR	2ºR	1ºR	2ºR	1ºR	2ºR	1ºR	2ºR	1ºR	2ºR
Go – B1	lívru lívru	lívru	livríju										piʃína	peʃína	piʃiníne	peʃiníne	kosína koθ kosína koséna	kosína kosína kosína	kosínaj kosepíne	kosiníne
Ol – B1	lívru	lívru	livríju	livríju					moʃíla		moʃilíne		piʃína	piʃína piʃín piʃí piʃína	piʃiníne	piʃiníne piʃiníne piʃiníne	kuzína	kuzíne	kuziníne	kuziníne
Gi – B1	lívru	lívru	livríju	livríju									piʃína	piʃí piʃína	piʃiníne	piʃiníne piʃiníne	kozína	kozína	kuziníne	kuziníneʃ
Am – B1	lívru lívru lívru úlívru	lívru	úlívru	livríju									piʃíne	pis piskíne	piʃiníne	piskiníne	ekuzíne	kozína	evkoziníne	koziníne
Ti – B1	lívru	lívru	livríju	livríju					metʃíla		metʃilíne		pisína	pisína	pisiníne	pisiníne	kozína	kosína	koziníne	koziníne
Cr – C2	lívru	lívru	livríju	livríju	úsínu sínu	sínu	siníju	siníju	muʃíle	muʃíle	muʃilíne	muʃilíne	piʃíne piʃíne	úme pisíne úme pisíne			ifteúme kuzíne	kuzíne	kuziníne	kuziníne
Il – C2	lívru	lívru	livríju	livríju livríju		sínu		siníju	muʃíwa	moʃíwa	muʃilíne	moʃilíne	piʃína	piʃína		piʃiníne	kozína	kuzíne kuzín	koziníne	kuziníne
Ak – C2	lívru	úlívru	livríju	i:ú livríju					moʃíla	émoʃíla	moʃilíne	imoʃilíne	piʃína	apisína	piʃiníne	i:piníne	kodʒína	kodʒína	kuziníne	i:akozi: koziníne
Da – C2	úlívru	úlívru		úí úí: livríju					e:muʃíleʃ muʃíleʃ		muʃilíneʃ		úma pʃíne	úmapíʃ úmapíʃíne	úma piʃiníne	úmapíʃ úma piʃiníne	e: kuzíne	úma kuzín	úma kuziníne	úma kuziníne
La – C2	lívru	úlívru	úlívru	livríju					éuma moʃíla		úma moʃilíne		úma pisína	úme pisíne	pisiníne	pisiníne	úma kosína	úma kozína	kosiníne	kosiníne

Infor mante e Nível de Profici ência	Vogal – /e/ - Alvos:																			
	Mesa		Mesinha		Pêra		Perinha		Cabelo		Cabelinho		Cinema		Cineminha		Caneta		Canetinha	
	méze		mizíjne		pére		piríjne		kebélú		kebilíjnu		sinéme		sinimíjne		kenéte		kenitíjne	
	1ªR	2ªR	1ªR	2ªR	1ªR	2ªR	1ªR	2ªR	1ªR	2ªR	1ªR	2ªR	1ªR	2ªR	1ªR	2ªR	1ªR	2ªR	1ªR	2ªR
Go – B1	úmes a	úma meja	mesita mesíjna	úna mezíjna	péra	uma péra	períjna	uma períjna	kabélu	kabélu kabeú	kabelíjnu	kabelíjnu	sinemá sinéma sinéma θinéma	jinéma di do sinéma jinéma			una kanéta	kanéta	kanetíjna	kanetíjna
O1 – B1	méza	méza	mizíjnu	mezíjne	péra	úma péra	períjna	períjna	kabælu	kabælu	kabelíjnu	kabælijnu	noéú sinéma sinéma	sinéma sinéma siném siném	sineman sin sinemíjna sinemíjnu	siném míjna sinemíjna	kanéta	kanéta	kanetíjna	kanetíjna
Gi – B1	méza	méza	mezíjna	mezíjna	péra	péra péra	períjna	períjna	kabélu	kabéluf	kabelíjnof kabelíjnu	keb kebilíjnof	sinæma	sinéma	sinemíjnu sinemíjna	sinemíjna sinemíjna		kanéta		kanetíjna kanetíjnaf
Am – B1	mésa	mésæ	mezíjne	mizíjne	péræ	péra	períjne	períjne	kebélú	kebélú	kebelíjnu	kabelíjnu	úsíném siném	sinéma	sinemíjnu sinemíjne	sinemíjna	kenjete	kanétaf kanéta	duéf kanetíjnef	kanetíjna
Ti – B1	mésa	mésa	mesíjna	mesíjna	péra	péra	pedíjna	períjna	kabel ^w	kabélú	kabalíjnu	kabelíjnu	sinéma	sinéme siném:	sinamíjna	sinemíjnu sinimíjnu	kanéta	kanéta	kanetíjna	kanetíjna
Cr – C2	úme méze	méze	mizíjne	mizíjne	pére	pére	períjne	piríjne	kebéluf okæbælu	kebélú	kebilíjuf	kebilíjnu	dsiném	sinéme		sinimíjne	úme kenéte	kenéte	kenetíjne	kenitíjne
Il – C2	méza	méza	mezíjna	mezíjna	péra	péra	períjna	períjna	kabéwu	kebéwu	kabilíjnu	kebilíjnu	sinéma sinemá	sinéma	sinemíjnu	sinemíjnu	kenéte	kenéte	kenetíjna	kenetíjne
Ak – C2	améz a	méza	imezíjna	i:mezíjna	péru péra	mapé ra	períjna	i:períjna	ukabélu	ukabéru ikabéros	i:kabelíjnu	kaberíjnu	siném sinéma isiném	dsinéma usinéma iusinéma	sinemíjna	sinemaní sinemíjna	akanéta	akanéta	kanetíjna	i:a kanetíjna
Da – C2	úma méze	úma méza	úma mezíjni	úma mezíjne	úme pére	úme pére	úme períjne	úme períjne	úkabélu	úkabélu úkab úkabét	úkalebíjnu	kabelíjnu	e:usiné usinéme u s us usín usiném siném siném	úsíném siném	sinemíjnu sinemáíjnu		e:umek ume kenéte	úma kanéte	úme kenetíjne	úme kanetíjne
La – C2	mésa	éuma mésa	mesíjna	mezíjne	éume péra	pére	períjna	piríjna	kebélú	aúkabélu	kabilíjnu	veblíjnu	éúsinéma	sinéme	sinemíjna		éúme kanéta	kenéte		kenetíjne

A Aquisição do Sistema Vocálico por Falantes de Português Europeu como Língua Não Materna

Informante e Nível de Proficiência	Vogal – /e/ - Alvos:																				
	Pedra		Pedrinha		Panela		Panelinha		Chinelo		Chinelinho		Janela		Janelinha		Castelo		Castelinho		
	pédre		pidríne		penéle		penilíne		finélu		finilínu		zenéle		zenilíne		keʃtelú		keʃtilínu		
	1ºR	2ºR	1ºR	2ºR	1ºR	2ºR	1ºR	2ºR	1ºR	2ºR	1ºR	2ºR	1ºR	2ºR	1ºR	2ºR	1ºR	2ºR	1ºR	2ºR	
Go – B1	pjédra	pétera	pjé pjedrína	pedrína										zán zána a zánzawána zanéta	zanélas nó		zanelíj as	kaʃteló	kasteló	kaʃtelíju	kastelíju
OI – B1	pédra	pédra	pedrína	pedrína	panéla	panéla	panelínaʃ	panelína	finéloʃ	finéluʃ	ʃ fine finelínoʃ	finelínu	zanéla	zanéla	zanilíjne	zanelína	kaʃteló kaʃteló	ú kaʃteló	kaʃtelíju	kaʃtilíju	
Gi – B1	pédra	pédra	pedrína	pidrína									zanéla	zenéla	zanelína	zenelína	kaʃtelú	kaʃtelú	kaʃtelíju	kaʃtelíju	
Am – B1	pédru pédre úme pédre	pédre	pedrínu pedrína	pedríne						sfinéloʃ		finelínuʃ	ezenéle	zenéle	úme zenilíjne ze zenilíjne	zenelíjne	keʃtelú	kaʃteló kaʃteló	kaʃtelíju	kaʃ kaʃtelíju	
Ti – B1	pedro pédra	pédra	pedrínu pedrína	pedríne		pa panéle		panelíjne	finéloʃ	sín finéloʃ	finelínoʃ	finelínoʃ	zen zenéla	zanéla	zenelína	zanelína	kasteló	kastelú	kastelíju	kastelíju	
Cr – C2	pédre	pédre	pidríne	pidríne	penéle	penéle	penilíjne	panilíjne	finéleʃ sín sín finélu finélu	finéle finéle	finilínu	finelíjne	zenéle	zenéle	zenilíjne	zenilíjne	ú keʃtelú	kaʃtelú	keʃtilíju	keʃtilíju	
Il – C2	pedrá	a pédra	pedrína	pedrína	panéwa	penéwa	panelína	penelína	finéwə	finéwuʃ	finelíju	finelíju ʃ	úma zanéwa	zenéwe	zanilína	zenelíjne	kaʃtelú	keʃtelú	kaʃtelíju	keʃtelíju	
Ak – C2	apédra	pédra	pedrína	pedrína	panéla	uma panéla	apanelína	i:panelína	finét finét	finét i:finét	i:finelíju u	a finelíju	zenéla	a zanéla	i:zanelíju a	i zanelíju a	kaʃtéru	kastéru	kaʃtelíju	i kaʃtelíju	
Da – C2	úma pédre úma pédra	úma pédre	úma pedríju	úma pedríjne					e: finéleʃ	séw finélaʃ i:finét finé	sín finelíju	finelíjne ʃ	úma zenéle	úma zenéle úma zen	úma úma zenelíju	úma zenelíjne	e: úkaʃtelú u	úkaʃtelú u	úkaʃ úkaʃtelíju u	ú kaʃtelíju	
La – C2	pédreʃ	pédreʃ	pidríneʃ	pidríjneʃ					éʃtaʃéw finélaʃ	úme finélaʃ	finelína ʃ	finelíjne ʃ	éʃtoé umazenéla	úme zenéle	zanelíju a	zenilíjne	kaʃteló	éstoéú keʃtelú	keʃtelíju	keʃtilíju	

Informante e Nível de Proficiência	Vogal – /a/ - Alvos:																			
	Mala		Malinha		Pato		Patinho		Gato		Gatinho		Gelado		Geladinho		Sapato		Sapatinho	
	mále		melíjne		pátu		petíjnu		gátu		getíjnu		ziládu		zilédíjnu		sepátu		sepetíjnu	
	1ºR	2ºR	1ºR	2ºR	1ºR	2ºR	1ºR	2ºR	1ºR	2ºR	1ºR	2ºR	1ºR	2ºR	1ºR	2ºR	1ºR	2ºR	1ºR	2ºR
Go – B1					páto	páto	úpátíjno	patíjno	gató	úgáto	gatíjno	gatíjno	feládo	zeládo	zeladíjnu	zeladíjne	sapáto	zapáto	zapatíjno	
OI – B1	mála	umamále	melíjna	malíjne	páto	páto	patíjno	patíjne	gáto	gáto	gatíjno	gatíjno	zila ziládo	ziládo	ziladíjnu	ziladíjne	sapáto	sapátuf sapatu	sapitíj sapetíjno	sapatíjne
Gi – B1	mála mála	mála	malíjna	malíjna		pátu		petíjnu	gátu	gátu	getíjnu	getíjnuf getíjnu	ziládu	zeládu	ziladíjnu	zeladíjnu	zapátuf zapátuf	zapáto	zapatíjnuf	zapatíjno
Am – B1	mále mála mála	mále	malíjne	melíjne	pat ^h páte	páto	petíjne	petíjnu	gátu	gáto	getíjnu	getíjnu	zeládu	zeládo	ziladíjnu	ziladíjnu		sepáto		sapetíjnu sapetíjnu sapetíjnu
Ti – B1	mála mále dvjážēj	mále	m:elíjne dvjážēj	malíjne	pátu	pat ^v	patíjnu	patíjnu	gátu	gátu	gatíjnu	gatíjnu	filádo	ziládu	filadíjnu	ziladíjnu	sepátu	sepátu	sepetíjnu	sapatíjnu
Cr – C2	mále:	mále	m:elíjne	melíjne	pátu	pátu	petíjne	petíjnu	gátu	gátu	getíjnu	getíjnu	ziládu	ziládu	zilédíjnu	zilédíjnu	sepátu	sepátu	sepetíjnu	sepetíjnu
Il – C2	máwa	máwa	malíjna	melíjna	pátu	pátu	petíjno	patíjnu	gátu	gátu	getíjno	getíjnu	ziwádo	ziwádu	ziwadíjno	ziwedíjnu	sepátu	sepátu	sepetíjno	sepetíjnu
Ak – C2	amála	mála	i:malíjna	i:malíjna	ijté páto	páto upáto	ipatíjno	iupatíjnu	ugáto	iugáto	ugatíjno	iugatíjnu	uzeládo	uzeládo	uzeladíjno	iuzeladíjnu	usepáto	usapáto	sapatíjno	iusapatíjnu
Da – C2	e:úme mále	úme mále	úme úme malíjne	úme melíjne	úpát ^w	úpátu upátu	úpetíjnu	úpatíj upatíj	úgátu	úgátu	úge úgetíj ^w	úgetíjnu	úzeládu	úzel úzeládu úzeládu	úzeladíjnu	úzel úzeladíjnu	úsapátu	usepát ^w	sepetíjnu	úsepetíjnu
La – C2	éijtué wmemála	mála	júme melíjne	melíjne	páto	éstéú pátu	júpetíjno	petíjnu	úgáto	gátu	gatíjno	gatíjnu	zeládo	úzeládu	zeladíjnu	ziledíjnu	odiríasapáto sapáto	úme zepátu	sapetíjno	zepetíjnu

A Aquisição do Sistema Vocálico por Falantes de Português Europeu como Língua Não Materna

Informante e Nível de Proficiência	Vogal – /a/ - Alvos Alternativos																				
	Cavalo		Cavalinho		Macaco		Macaquinho		Casa		Casinha		Garrafa		Garrafinha		Batata		Batatinha		
	kevału		keveļiņu		mekáku		mekekíņu		káze		kezíņe		geráfe		gerafíņe		betáte		betetíņe		
	1ªR	2ªR	1ªR	2ªR	1ªR	2ªR	1ªR	2ªR	1ªR	2ªR	1ªR	2ªR	1ªR	2ªR	1ªR	2ªR	1ªR	2ªR	1ªR	2ªR	
Go – B1	kabájo	kebáčo	kabajino	kebačino		makáko		makakíno	kása	káza	ka kasíta kasíta kazína		garáf	garáfa	garáf	garafína	garafína	b	batátas	batatínas	batatínas
O1 – B1	kaválo	kaválo	kavalíņu	kavalino	makáko	mekáke		mekakíņe	úma	káza		kazína		garáfa		garafína		betáta	batáta	betatína	betetína
Gi – B1	kaválu	kaválo	kavalíņu	kavačino		makáko		makakíņu	káza	káza	kezína	kezína	garáfa	geráfa	garafína	gerafína	patáta	batátas	patatína	patetína	
Am – B1	kerválju	kavaljokav	kervalíņu	kavalino	makáku	makáko	makáko	makokíno	káze	káze	kezíņu	kezíņe	úme	geráfe	geráf	gerafíņe	gerafíņe	betátet	betátet	betetíņet	betetíņet
Ti – B1	kaválu	kaválu	kavalíņu	kavalino	mekáku	mekáko	makakíņ	makakíņu	káza	káze	kazína	kazíņe	geráf	geráfe	garafína	gerafíņe	betátet	petátet	batatíņet	patatíņet	
Cr – C2	kevału	kevału	keveļiņu	keveļino	mekáku	mekáku		mekekíņu	káze	káze	kezíte	kezíņe	geráfe	ifíte	gerafíņe	gerafíņe	úme	betátet	betatíņe	betetíņe	
Il – C2	kaváwo	kevávwo	kavalíņ	keveļino	makáko	ú	makakíno	ú	káza	úma	kazína	úme	geráfa	geráfe		gerafíņe	betáta	betátet	betatína	betetíņe	
Ak – C2	iu	u	iu	u	ú	u	uma	iu	úma	káza	i:uma	ikažína		garáfa		garafína	úmas	abetátet	i:	a	
Da – C2	úkevá	ukavát	ú	u	ú	ú	úmeke	ú	úme	úme	úme	kezíņe	úme	ísué	úme	gerafíņe	betátet	úme	betatíņe	úme	
La – C2	úkabálo	kaβálu	júkeveļino	keβeļino		éstew		jú	úme	káza	júme	úma	ésto	éuma	gerafína	gerafíņe	éftasáw	ístaséw	batatíņet	betetíņet	

Informante e Nível de Proficiência	Vogal – /ɔ/ - Alvos:															
	Copo		Copinho		Rota		Roteiro		Mota		Motorista		Camisola		Camisolinha	
	κόρυ		κωπίου		ρότε		ρωτέιου		μότε		μωτορίστη		κωμιζόλε		κωμιζολίη	
	1ªR	2ªR	1ªR	2ªR	1ªR	2ªR	1ªR	2ªR	1ªR	2ªR	1ªR	2ªR	1ªR	2ªR	1ªR	2ªR
Go – B1	kopá	umakópa ũkópa ũkópo		kopíjna ko kopíjno	rútas róta	rúta			móto	móta			kamizolá kamizóla	kamizóla	kamizolíjna	kamizolíjna
OI – B1	kóp ^v	éúkóp ^h	kopíjne	kopíjne					móta	úmamóta	motórista	motoríjta	kamizóla	kamizóle	kamizolíjna, kamizolíjna	kamizolíjna
Gi – B1	kópy	kópy	kupíjny	kupíjny		róta róta			móta	móto				kamizóla		kamizulíjna
Am – B1	kópo	kópo	kopíjno	kopíjny	rúto róte	rúto róto róto	ũrutárju			móto	mutoríjste	motoríjste				
Ti – B1	kópy	kópy	kopíjny	kopíjny		róta rúto róte R / R róta		rotárju rotárju rotárja	úmoto úmoto		motoríjste		kam:misóla	kamisóla	kamisolíjna	kamisolíjna
Cr – C2	kópy	kópy	kupíjny	kupíjny		rúte rúte		rutéjru	móte	móte	muturíjste	muturíjste	kemizóle	kemizóle	kemizulíjne	kemizulíjne
II – C2	kóp ^v	kóp	kupíjno	kupíjny	róta	róda róta	rutéjru		móte	móte				kemizówa		kemizolíjna
Ak – C2	kópo	ũkópo	kopíjny	i:kupíjny		róta			móto	úmamó úmoto		motoríjta	úma kamizóla	uma kamizóla	ikamizolíjna	i:kamizolíjna
Da – C2	ũkóp ^w ũkóp ^w	ũkóp ^w	ũkupíjny	ũkupíjny	úma úmaróte úma síúmaróte		néwéurú ũ rúť rú R R retórjo		úma móta	úmamóta	úmotoríjste	úmotoríjta				
La – C2	ũkópo	éstéũ kópy	ũkwíjne	kupíjny	úmarúta	a:rútať			úma móto		éu mutoríjta					

A Aquisição do Sistema Vocálico por Falantes de Português Europeu como Língua Não Materna

Informante e Nível de Proficiência	Vogal – /o/ - Alvos:																				
	Bolo		Bolinho		Lobo		Lobinho		Raposa		Raposinha		Escova		Escovinha		Rolha		Rolhinha		
	bólu		bulíjnu		lóbu		lubíjnu		repóze		repuzíjne		ʃkóve		ʃkuvíjne		róʎe		ruʎíjne		
	1ªR	2ªR	1ªR	2ªR	1ªR	2ªR	1ªR	2ªR	1ªR	2ªR	1ªR	2ªR	1ªR	2ªR	1ªR	2ªR	1ªR	2ªR	1ªR	2ªR	
Go – B1	bójo úrójo rójo róro bólo bólo	bójo	bojító úbojító bolíjno bolíjno	bojínjo	lóbo	oróbo	lobínjo	orobínjo													
OI – B1	bólo	bólo		bolínjo		lóbo		lobínjo					ʃkóva	úma ʃkóva	ʃkovíjna	ʃ ʃkovíjna		róʎe		roʎíjne	
Gi – B1		bólu		bulíjnu	lúpu lópu lópu lóp lópu		lopínju							eʃkóva		eskovíjna					
Am – B1	úme bólo	bólo	bolíjne bolíjno	bolínjo		lóbu		lobínju													
Ti – B1	bólu	bólu	bulíjnu	bulínju	lúpu	lóbu	lupínju	lobínju	ra ra rapózu		rapozíjna			ʃkóva		ʃkovíjna					
Cr – C2	úbólu	bólu	bulíjnu		lóbu	eʃteú lóbu	lobínju	lubíjnu	repóze	repóze	eʃrepuzíjne	ʃrepuzíjne	ʃkóve eʃkóve ʃkóve	isteúme ʃkóva	ʃkuvíjne	ʃkuvíjne	éúróʎe	isteú róʎu róʎu úme róʎe úme róʎe	ruʎí roʎíjne	eroʎíjne	
II – C2	bówu	bówu	bulíjnu	bolínju	wóbu	wóbu	wubínju	wobínju	repóza	repóza	repuzíjna	ʃrepuzíjna	ʃkóva	ʃkóva	ʃkuvíjna	ʃkovíjna	róʎa	róʎa	ruʎíjna	roʎíjna	
Ak – C2	bóro	ubóro	borínju		róbu	ʎóbo	robí ʎobínjo	iʎobínju		irapóza		irapozíjna		iʃʃkóva		ieʃkovíjna	ʎo róʎa ro ʎóra	ʎójra	ʎoríjna	ʎujríjna	
Da – C2	úbólu	úbólu	úbulíjnu	úbulínju	ú éúlob	úlov	éú úlobínju	úlovínju		úme rapóze		úma rapozíjne		úme ʃkóva úmajʃkóve ʃkóve		eʃkuvíj eʃkuvíj					
La – C2	ubólo	ubólo	ubolínju	uvulíjnu	éʃto éúlovu	ulóvu	júlovínju	lovínju					éʃtoé úmajkóba	éúme ʃkóva	ʃkobíjna	úmeʃkuvíjna					

A Aquisição do Sistema Vocálico por Falantes de Português Europeu como Língua Não Materna

Informante e Nível de Proficiência	Vogal – /u/ - Alvos:																				
	Muro		Murinho		Luva		Luvinha		Chuva		Chuvinha		Uva		Uvinha		Unha		Unhinha		
	múru		muríju		lúve		luvíje		fúve		fuvíje		úve		uvíje		únje		uníje		
	1ªR	2ªR	1ªR	2ªR	1ªR	2ªR	1ªR	2ªR	1ªR	2ªR	1ªR	2ªR	1ªR	2ªR	1ªR	2ªR	1ªR	2ªR	1ªR	2ªR	
Go – B1	múro	ũmúro	muríjo	ũmuríjo					láj lafúfja	fúvja	fuvíja			úvas	úvaj úva	uvíja	uvaníja u uvíja	únas	únas	unítas uníja	uní u uníjas
Oi – B1		múro		muríju	lóvriš	lúveš	luvrijaš	luvíje	fúv					úvaj úvaj úmaúva	úvaj	uvajíja uvíjo uvíja	uvíješ	únaj	únaj uní uníja	uníjaš	uníja
Gi – B1	múro	múro		muríju					fóva fóva fóvaj	fúva	fovíjaš	fuvíja		úva	úva	uvíja	uvíja	úgja	úgja úla úlaš	úgíja	uclíjaš
Am – B1		múru		muríju		lúveš lúveš lúveš		luvíješ	fúva	fúve	fuvíje	fuvíje	úve	úve úve	uvíje	uvíje					
Ti – B1	múru	múr múru	muríju	muríju		lúva		luvíje	fúva	fúve	fuvíja	fuvíja	úve	úveš	uvíja	uvíješ		uní údzas uní dzas údzas údzas			údzíjas údzí uní dzíjes
Cr – C2		múru		muríju	lúveš	lúve	luvíješ	luvíje	fúve	fúve fúve	fuvíje	fuvíje	úve	úve	uvíje	uvíje	únješ	uníje uníje	uníješ	uníje	uníje
Il – C2	múru múru	múru	muríju	muríju	wúveš	wúveš	wuvíješ	wuvíješ	gótaj dfúva	fúve fúve	fuvíja	fuvíje fuvíje	úva	úva	uvíja	uvíja	únaj	únaj	uníjaš	uníješ	
Ak – C2	múru	múr	imuríju	imuríju	lúvaj lúva	lúvaj ru lúva	iruvíja	iruvíjaš iruvíja	afúva	fúva	fuvíja	ifuvíja	auva		uvíja		únaj	únaj	uníja	uníjaš	
Da – C2	ũmú ũmúru	ũmúru	ũmuríju	ũmuríju		lú lúvaj		luvzíješ	afúve	fúve	fuvíj	fuvíj	úve	úveš úve:	uvíje	uvíješ	sóazú azúješ	sóe: azúješ	uzíješ u: uníješ uníješ uníješ	azú azuníješ	
La – C2	ũmúro	éstoéũ múru	muríju	muríju	éštasáw lúveš	lúveš	luvíješ	luvíješ	azúva	fúva	zuvíja	fuvíja	úbaš	ésteséw úves	ufíješ	uvíješ	únaj	únaj	uníjaš	uníješ	

Totalidade de dados recolhidos por vogal, nível de proficiência, informante e recolha

Informantes	Nível	Sequências contabilizadas		Vogal tónica [i]							
				nº vogais alvo atingidas				nº vogais alvo não atingidas			
				1ª Recolha		2ª Recolha		1ª Recolha		2ª Recolha	
1ª Recolha	2ª Recolha	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%		
Go	B1	4	3	3	75,0%	3	100,0%	1	25,0%	0	0,0%
OI	B1	3	4	3	100,0%	4	100,0%	0	0,0%	0	0,0%
Gi	B1	3	3	3	100,0%	3	100,0%	0	0,0%	0	0,0%
Am	B1	4	3	3	75,0%	3	100,0%	1	25,0%	0	0,0%
Ti	B1	3	4	3	100,0%	4	100,0%	0	0,0%	0	0,0%
Total nível B1		17	17	15	88,2%	17	100,0%	2	11,8%	0	0,0%
Cr	C2	5	5	5	100,0%	5	100,0%	0	0,0%	0	0,0%
Il	C2	5	4	5	100,0%	4	100,0%	0	0,0%	0	0,0%
Ak	C2	4	4	4	100,0%	4	100,0%	0	0,0%	0	0,0%
Da	C2	3	4	3	100,0%	4	100,0%	0	0,0%	0	0,0%
La	C2	3	4	3	100,0%	4	100,0%	0	0,0%	0	0,0%
Total nível C2		20	21	20	100,0%	21	100,0%	0	0,0%	0	0,0%

Informantes	Nível	Sequências contabilizadas		Vogal átona [i]							
				nº vogais alvo atingidas				nº vogais alvo não atingidas			
				1ª Recolha		2ª Recolha		1ª Recolha		2ª Recolha	
1ª Recolha	2ª Recolha	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%		
Go	B1	4	2	3	75,0%	2	100,0%	1	25,0%	0	0,0%
OI	B1	3	4	3	100,0%	4	100,0%	0	0,0%	0	0,0%
Gi	B1	3	3	3	100,0%	3	100,0%	0	0,0%	0	0,0%
Am	B1	3	3	3	100,0%	3	100,0%	0	0,0%	0	0,0%
Ti	B1	3	4	3	100,0%	4	100,0%	0	0,0%	0	0,0%
Total nível B1		16	16	15	93,8%	16	100,0%	1	6,3%	0	0,0%
Cr	C2	4	4	4	100,0%	4	100,0%	0	0,0%	0	0,0%
Il	C2	3	5	3	100,0%	5	100,0%	0	0,0%	0	0,0%
Ak	C2	4	4	4	100,0%	4	100,0%	0	0,0%	0	0,0%
Da	C2	1	4	1	100,0%	4	100,0%	0	0,0%	0	0,0%
La	C2	3	4	3	100,0%	4	100,0%	0	0,0%	0	0,0%
Total nível C2		15	21	15	100,0%	21	100,0%	0	0,0%	0	0,0%

Informantes	Nível	Sequências contabilizadas		Vogal tónica [e]							
				nº vogais alvo atingidas				nº vogais alvo não atingidas			
				1ª Recolha		2ª Recolha		1ª Recolha		2ª Recolha	
1ª Recolha	2ª Recolha	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%		
Go	B1	6	5	4	66,7%	5	100,0%	2	33,3%	0	0,0%
OI	B1	5	5	0	0,0%	0	0,0%	5	100,0%	5	100,0%
Gi	B1	4	5	3	75,0%	5	100,0%	1	25,0%	0	0,0%
Am	B1	6	6	3	50,0%	4	66,7%	3	50,0%	2	33,3%
Ti	B1	5	5	4	80,0%	4	80,0%	1	20,0%	1	20,0%
Total nível B1		26	26	14	53,8%	18	69,2%	12	46,2%	8	30,8%
Cr	C2	6	5	5	83,3%	5	100,0%	1	16,7%	0	0,0%
Il	C2	6	5	4	66,7%	4	80,0%	2	33,3%	1	20,0%
Ak	C2	5	6	3	60,0%	1	16,7%	2	40,0%	5	83,3%
Da	C2	5	6	5	100,0%	5	83,3%	0	0,0%	1	16,7%
La	C2	5	5	5	100,0%	4	80,0%	0	0,0%	1	20,0%
Total nível C2		27	27	22	81,5%	19	70,4%	5	18,5%	8	29,6%

Informantes	Nível	Sequências contabilizadas		Vogal átona [i], variante alofónica de /e/							
				nº vogais alvo atingidas				nº vogais alvo não atingidas			
				1ª Recolha		2ª Recolha		1ª Recolha		2ª Recolha	
1ª Recolha	2ª Recolha	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%		
Go	B1	5	4	0	0,0%	0	0,0%	5	100,0%	4	100,0%
OI	B1	5	6	1	20,0%	0	0,0%	4	80,0%	6	100,0%
Gi	B1	4	6	0	0,0%	2	33,3%	4	100,0%	4	66,7%
Am	B1	5	5	0	0,0%	1	20,0%	5	100,0%	4	80,0%
Ti	B1	5	6	0	0,0%	1	16,7%	5	100,0%	5	83,3%
Total nível B1		24	27	1	4,2%	4	14,8%	23	95,8%	23	85,2%
Cr	C2	4	5	2	50,0%	5	100,0%	2	50,0%	0	0,0%
Il	C2	5	5	1	20,0%	1	20,0%	4	80,0%	4	80,0%
Ak	C2	5	5	0	0,0%	0	0,0%	5	100,0%	5	100,0%
Da	C2	5	4	0	0,0%	0	0,0%	5	100,0%	4	100,0%
La	C2	4	3	1	25,0%	1	33,3%	3	75,0%	2	66,7%
Total nível C2		23	22	4	17,4%	7	31,8%	19	82,6%	15	68,2%

Informantes	Nível	Sequências contabilizadas		Vogal tónica [E]							
				nº vogais alvo atingidas				nº vogais alvo não atingidas			
				1ª Recolha		2ª Recolha		1ª Recolha		2ª Recolha	
1ª Recolha	2ª Recolha	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%		
Go	B1	4	3	0	0,0%	1	33,3%	4	100,0%	2	66,7%
OI	B1	5	5	5	100,0%	5	100,0%	0	0,0%	0	0,0%
Gi	B1	3	3	2	66,7%	2	66,7%	1	33,3%	1	33,3%
Am	B1	3	4	3	100,0%	4	100,0%	0	0,0%	0	0,0%
Ti	B1	4	5	3	75,0%	5	100,0%	1	25,0%	0	0,0%
Total nível B1		19	20	13	68,4%	17	85,0%	6	31,6%	3	15,0%
Cr	C2	5	5	4	80,0%	4	80,0%	1	20,0%	1	20,0%
Il	C2	5	5	4	80,0%	5	100,0%	1	20,0%	0	0,0%
Ak	C2	5	5	5	100,0%	5	100,0%	0	0,0%	0	0,0%
Da	C2	4	4	4	100,0%	3	75,0%	0	0,0%	1	25,0%
La	C2	4	4	4	100,0%	4	100,0%	0	0,0%	0	0,0%
Total nível C2		23	23	21	91,3%	21	91,3%	2	8,7%	2	8,7%

Informantes	Nível	Sequências contabilizadas		Vogal átona [I], variante alofónica de /E/							
				nº vogais alvo atingidas				nº vogais alvo não atingidas			
				1ª Recolha		2ª Recolha		1ª Recolha		2ª Recolha	
1ª Recolha	2ª Recolha	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%		
Go	B1	2	3	0	0,0%	0	0,0%	2	100,0%	3	100,0%
OI	B1	5	5	1	20,0%	1	20,0%	4	80,0%	4	80,0%
Gi	B1	3	3	0	0,0%	1	33,3%	3	100,0%	2	66,7%
Am	B1	4	4	1	25,0%	0	0,0%	3	75,0%	4	100,0%
Ti	B1	4	5	0	0,0%	0	0,0%	4	100,0%	5	100,0%
Total nível B1		18	20	2	11,1%	2	10,0%	16	88,9%	18	90,0%
Cr	C2	5	5	5	100,0%	4	80,0%	0	0,0%	1	20,0%
Il	C2	5	5	1	20,0%	0	0,0%	4	80,0%	5	100,0%
Ak	C2	5	5	0	0,0%	0	0,0%	5	100,0%	5	100,0%
Da	C2	4	4	0	0,0%	0	0,0%	4	100,0%	4	100,0%
La	C2	4	5	1	25,0%	4	80,0%	3	75,0%	1	20,0%
Total nível C2		23	24	7	30,4%	8	33,3%	16	69,6%	16	66,7%

Informantes	Nível	Sequências contabilizadas		Vogal tónica [a]							
				nº vogais alvo atingidas				nº vogais alvo não atingidas			
				1ª Recolha		2ª Recolha		1ª Recolha		2ª Recolha	
1ª Recolha	2ª Recolha	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%		
Go	B1	8	9	7	87,5%	9	100,0%	1	12,5%	0	0,0%
OI	B1	10	8	10	100,0%	8	100,0%	0	0,0%	0	0,0%
Gi	B1	8	10	8	100,0%	10	100,0%	0	0,0%	0	0,0%
Am	B1	9	10	9	100,0%	10	100,0%	0	0,0%	0	0,0%
Ti	B1	10	10	10	100,0%	10	100,0%	0	0,0%	0	0,0%
Total nível B1		45	47	44	97,8%	47	100,0%	1	2,2%	0	0,0%
Cr	C2	10	10	10	100,0%	10	100,0%	0	0,0%	0	0,0%
Il	C2	10	10	10	100,0%	10	100,0%	0	0,0%	0	0,0%
Ak	C2	9	10	9	100,0%	10	100,0%	0	0,0%	0	0,0%
Da	C2	10	10	10	100,0%	10	100,0%	0	0,0%	0	0,0%
La	C2	9	10	9	100,0%	10	100,0%	0	0,0%	0	0,0%
Total nível C2		48	50	48	100,0%	50	100,0%	0	0,0%	0	0,0%

Informantes	Nível	Sequências contabilizadas		Vogal átona [A]							
				nº vogais alvo atingidas				nº vogais alvo não atingidas			
				1ª Recolha		2ª Recolha		1ª Recolha		2ª Recolha	
1ª Recolha	2ª Recolha	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%		
Go	B1	8	8	0	0,0%	0	0,0%	8	100,0%	8	100,0%
OI	B1	12	8	2	16,7%	1	12,5%	10	83,3%	7	87,5%
Gi	B1	8	10	2	25,0%	3	30,0%	6	75,0%	7	70,0%
Am	B1	8	12	4	50,0%	7	58,3%	4	50,0%	5	41,7%
Ti	B1	10	10	1	10,0%	0	0,0%	9	90,0%	10	100,0%
Total nível B1		46	48	9	19,6%	11	22,9%	37	80,4%	37	77,1%
Cr	C2	9	10	8	88,9%	10	100,0%	1	11,1%	0	0,0%
Il	C2	9	10	2	22,2%	7	70,0%	7	77,8%	3	30,0%
Ak	C2	9	8	1	11,1%	0	0,0%	8	88,9%	8	100,0%
Da	C2	11	10	6	54,5%	5	50,0%	5	45,5%	5	50,0%
La	C2	9	10	4	44,4%	8	80,0%	5	55,6%	2	20,0%
Total nível C2		47	48	21	44,7%	30	62,5%	26	55,3%	18	37,5%

Informantes	Nível	Sequências contabilizadas		Vogal tónica [O]							
				nº vogais alvo atingidas				nº vogais alvo não atingidas			
				1ª Recolha		2ª Recolha		1ª Recolha		2ª Recolha	
Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%				
Go	B1	6	5	1	16,7%	1	20,0%	5	83,3%	4	80,0%
OI	B1	3	3	2	66,7%	3	100,0%	1	33,3%	0	0,0%
Gi	B1	2	4	2	100,0%	3	75,0%	0	0,0%	1	25,0%
Am	B1	3	4	0	0,0%	0	0,0%	3	100,0%	4	100,0%
Ti	B1	3	4	0	0,0%	2	50,0%	3	100,0%	2	50,0%
Total nível B1		17	20	5	29,4%	9	45,0%	12	70,6%	11	55,0%
Cr	C2	3	4	2	66,7%	2	50,0%	1	33,3%	2	50,0%
Il	C2	3	4	2	66,7%	3	75,0%	1	33,3%	1	25,0%
Ak	C2	3	4	1	33,3%	0	0,0%	2	66,7%	4	100,0%
Da	C2	3	2	0	0,0%	0	0,0%	3	100,0%	2	100,0%
La	C2	3	2	1	33,3%	1	50,0%	2	66,7%	1	50,0%
Total nível C2		15	16	6	40,0%	6	37,5%	9	60,0%	10	62,5%

Informantes	Nível	Sequências contabilizadas		Vogal átona [u], variante alofónica de /O/							
				nº vogais alvo atingidas				nº vogais alvo não atingidas			
				1ª Recolha		2ª Recolha		1ª Recolha		2ª Recolha	
Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%				
Go	B1	1	2	0	0,0%	0	0,0%	1	100,0%	2	100,0%
OI	B1	3	3	0	0,0%	0	0,0%	3	100,0%	3	100,0%
Gi	B1	1	2	1	100,0%	2	100,0%	0	0,0%	0	0,0%
Am	B1	3	2	2	66,7%	0	0,0%	1	33,3%	2	100,0%
Ti	B1	3	4	0	0,0%	0	0,0%	3	100,0%	4	100,0%
Total nível B1		11	13	3	27,3%	2	15,4%	8	72,7%	11	84,6%
Cr	C2	3	4	3	100,0%	4	100,0%	0	0,0%	0	0,0%
Il	C2	2	2	2	100,0%	1	50,0%	0	0,0%	1	50,0%
Ak	C2	2	3	0	0,0%	1	33,3%	2	100,0%	2	66,7%
Da	C2	4	2	2	50,0%	1	50,0%	2	50,0%	1	50,0%
La	C2	2	1	2	100,0%	1	100,0%	0	0,0%	0	0,0%
Total nível C2		13	12	9	69,2%	8	66,7%	4	30,8%	4	33,3%

Informantes	Nível	Sequências contabilizadas		Vogal tónica [o]							
				nº vogais alvo atingidas				nº vogais alvo não atingidas			
				1ª Recolha		2ª Recolha		1ª Recolha		2ª Recolha	
Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%				
Go	B1	2	2	2	100,0%	2	100,0%	0	0,0%	0	0,0%
OI	B1	2	4	1	50,0%	2	50,0%	1	50,0%	2	50,0%
Gi	B1	2	2	0	0,0%	1	50,0%	2	100,0%	1	50,0%
Am	B1	1	2	1	100,0%	2	100,0%	0	0,0%	0	0,0%
Ti	B1	2	4	1	50,0%	4	100,0%	1	50,0%	0	0,0%
Total nível B1		9	14	5	55,6%	11	78,6%	4	44,4%	3	21,4%
Cr	C2	6	6	5	83,3%	4	66,7%	1	16,7%	2	33,3%
Il	C2	5	5	3	60,0%	4	80,0%	2	40,0%	1	20,0%
Ak	C2	3	5	3	100,0%	5	100,0%	0	0,0%	0	0,0%
Da	C2	2	4	2	100,0%	4	100,0%	0	0,0%	0	0,0%
La	C2	3	3	3	100,0%	3	100,0%	0	0,0%	0	0,0%
Total nível C2		19	23	16	84,2%	20	87,0%	3	15,8%	3	13,0%

Informantes	Nível	Sequências contabilizadas		Vogal átona [u], variante alofónica de /o/							
				nº vogais alvo atingidas				nº vogais alvo não atingidas			
				1ª Recolha		2ª Recolha		1ª Recolha		2ª Recolha	
Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%				
Go	B1	2	2	0	0,0%	0	0,0%	2	100,0%	2	100,0%
OI	B1	1	4	0	0,0%	0	0,0%	1	100,0%	4	100,0%
Gi	B1	1	2	0	0,0%	1	50,0%	1	100,0%	1	50,0%
Am	B1	1	2	0	0,0%	0	0,0%	1	100,0%	2	100,0%
Ti	B1	2	4	2	100,0%	1	25,0%	0	0,0%	3	75,0%
Total nível B1		7	14	2	28,6%	2	14,3%	5	71,4%	12	85,7%
Cr	C2	6	4	4	66,7%	3	75,0%	2	33,3%	1	25,0%
Il	C2	5	5	5	100,0%	0	0,0%	0	0,0%	5	100,0%
Ak	C2	3	4	0	0,0%	1	25,0%	3	100,0%	3	75,0%
Da	C2	2	4	1	50,0%	2	50,0%	1	50,0%	2	50,0%
La	C2	3	3	0	0,0%	2	66,7%	3	100,0%	1	33,3%
Total nível C2		19	20	10	52,6%	8	40,0%	9	47,4%	12	60,0%

Informantes	Nível	Sequências contabilizadas		Vogal tónica [u]							
				nº vogais alvo atingidas				nº vogais alvo não atingidas			
				1ª Recolha		2ª Recolha		1ª Recolha		2ª Recolha	
				Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Go	B1	4	4	4	100,0%	4	100,0%	0	0,0%	0	0,0%
OI	B1	4	4	3	75,0%	4	100,0%	1	25,0%	0	0,0%
Gi	B1	4	4	3	75,0%	4	100,0%	1	25,0%	0	0,0%
Am	B1	2	4	2	100,0%	4	100,0%	0	0,0%	0	0,0%
Ti	B1	3	5	3	100,0%	5	100,0%	0	0,0%	0	0,0%
Total nível B1		17	21	15	88,2%	21	100,0%	2	11,8%	0	0,0%
Cr	C2	5	5	5	100,0%	5	100,0%	0	0,0%	0	0,0%
Il	C2	5	5	5	100,0%	5	100,0%	0	0,0%	0	0,0%
Ak	C2	6	4	3	50,0%	4	100,0%	3	50,0%	0	0,0%
Da	C2	4	5	4	100,0%	5	100,0%	0	0,0%	0	0,0%
La	C2	5	5	5	100,0%	5	100,0%	0	0,0%	0	0,0%
Total nível C2		25	24	22	88,0%	24	100,0%	3	12,0%	0	0,0%

Informantes	Nível	Sequências contabilizadas		Vogal átona [u], variante alofónica de /u/							
				nº vogais alvo atingidas				nº vogais alvo não atingidas			
				1ª Recolha		2ª Recolha		1ª Recolha		2ª Recolha	
				Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Go	B1	4	3	4	100,0%	3	100,0%	0	0,0%	0	0,0%
OI	B1	3	4	3	100,0%	4	100,0%	0	0,0%	0	0,0%
Gi	B1	3	4	2	66,7%	4	100,0%	1	33,3%	0	0,0%
Am	B1	2	4	2	100,0%	4	100,0%	0	0,0%	0	0,0%
Ti	B1	3	5	3	100,0%	5	100,0%	0	0,0%	0	0,0%
Total nível B1		15	20	14	93,3%	20	100,0%	1	6,7%	0	0,0%
Cr	C2	5	5	5	100,0%	5	100,0%	0	0,0%	0	0,0%
Il	C2	5	5	5	100,0%	5	100,0%	0	0,0%	0	0,0%
Ak	C2	5	4	3	60,0%	4	100,0%	2	40,0%	0	0,0%
Da	C2	4	5	4	100,0%	5	100,0%	0	0,0%	0	0,0%
La	C2	5	5	5	100,0%	5	100,0%	0	0,0%	0	0,0%
Total nível C2		24	24	22	91,7%	24	100,0%	2	8,3%	0	0,0%

Percentagem de vogais alvo produzidas / não produzidas por vogal, nível de proficiência e sessão

Nº e % de vogais tónicas alvo produzidas / não produzidas por vogal e por sessão - inform. nível B1										
Vogais alvo		[i]	[e]	[E]	[a]	[O]	[o]	[u]	Total	
Nº produções	1ª Recolha	17	26	19	45	17	9	17	150	
	2ª Recolha	17	26	20	47	20	14	21	165	
Vogais tónicas alvo produzidas	1ª Recolha	Nº	15	14	13	44	5	5	15	111
		%	88,2%	53,8%	68,4%	97,8%	29,4%	55,6%	88,2%	74,0%
	2ª Recolha	Nº	17	18	17	47	9	11	21	140
		%	100,0%	69,2%	85,0%	100,0%	45,0%	78,6%	100,0%	84,8%
Vogais tónicas alvo não produzidas	1ª Recolha	Nº	2	12	6	1	12	4	2	39
		%	11,8%	46,2%	31,6%	2,2%	70,6%	44,4%	11,8%	26,0%
	2ª Recolha	Nº	0	8	3	0	11	3	0	25
		%	0,0%	30,8%	15,0%	0,0%	55,0%	21,4%	0,0%	22,5%

Nº e % de vogais tónicas alvo produzidas / não produzidas por vogal e por sessão - inform. nível C2										
Vogais alvo		[i]	[e]	[E]	[a]	[O]	[o]	[u]	Total	
Nº produções	1ª Recolha	20	27	23	48	15	19	25	177	
	2ª Recolha	21	27	23	50	16	23	24	184	
Vogais tónicas alvo produzidas	1ª Recolha	Nº	20	22	21	48	6	16	22	155
		%	100,0%	81,5%	91,3%	100,0%	40,0%	84,2%	88,0%	87,6%
	2ª Recolha	Nº	21	19	21	50	6	20	24	161
		%	100,0%	70,4%	91,3%	100,0%	37,5%	87,0%	100,0%	87,5%
Vogais tónicas alvo não produzidas	1ª Recolha	Nº	0	5	2	0	9	3	3	22
		%	0,0%	18,5%	8,7%	0,0%	60,0%	15,8%	12,0%	12,4%
	2ª Recolha	Nº	0	8	2	0	10	3	0	23
		%	0,0%	29,6%	8,7%	0,0%	62,5%	13,0%	0,0%	12,5%

Nº e % de vogais átonas alvo produzidas / não produzidas por vogal e por sessão - informantes nível B1										
Vogais alvo		[i]	[ɨ]		[A]	[u]			Total	
			or. /e/	or. /E/		or. /O/	or. /o/	or. /u/		
Nº produções	1ª Recolha	16	24	18	46	11	7	15	137	
	2ª Recolha	16	27	20	48	13	14	20	158	
Vogais átonas alvo produzidas	1ª Recolha	Nº	15	1	2	9	3	2	14	46
		%	93,8%	4,2%	11,1%	19,6%	27,3%	28,6%	93,3%	33,6%
	2ª Recolha	Nº	16	4	2	11	2	2	20	57
		%	100,0%	14,8%	10,0%	22,9%	15,4%	14,3%	100,0%	36,1%
Vogais átonas alvo não produzidas	1ª Recolha	Nº	1	23	16	37	8	5	1	91
		%	6,3%	95,8%	88,9%	80,4%	72,7%	71,4%	6,7%	66,4%
	2ª Recolha	Nº	0	23	18	37	11	12	0	101
		%	0,0%	85,2%	90,0%	77,1%	84,6%	85,7%	0,0%	63,9%

Nº e % de vogais átonas alvo produzidas / não produzidas por vogal e por sessão - informantes nível C2										
Vogais alvo		[i]	[ɨ]		[A]	[u]			Total	
			or. /e/	or. /E/		or. /O/	or. /o/	or. /u/		
Nº produções	1ª Recolha	15	23	23	47	13	19	24	164	
	2ª Recolha	21	22	24	48	12	20	24	171	
Vogais átonas alvo produzidas	1ª Recolha	Nº	15	4	7	21	9	10	22	88
		%	100,0%	17,4%	30,4%	44,7%	69,2%	52,6%	91,7%	53,7%
	2ª Recolha	Nº	21	7	8	30	8	8	24	106
		%	100,0%	31,8%	33,3%	62,5%	66,7%	40,0%	100,0%	62,0%
Vogais átonas alvo não produzidas	1ª Recolha	Nº	0	19	16	26	4	9	2	76
		%	0,0%	82,6%	69,6%	55,3%	30,8%	47,4%	8,3%	46,3%
	2ª Recolha	Nº	0	15	16	18	4	12	0	65
		%	0,0%	68,2%	66,7%	37,5%	33,3%	60,0%	0,0%	38,0%

Percentagem de vogais-alvo não produzidas e propriedades substituídas

Vogais Tónicas

vogais tónicas - B1- 1ª Rec	Conforme o alvo	Ponto Art.	Altura	Acento	Ponto Art. + Altura	Ponto Art. + Acento	Altura+ Acento
[i]	88,2%		5,9%	5,9%			
[é]	53,8%		42,3%	3,8%			
[É]	68,4%		26,3%			5,3%	
[á]	97,8%			2,2%			
[Ó]	29,4%		52,9%				17,6%
[ó]	55,6%		44,4%				
[ú]	88,2%		11,8%				

vogais tónicas - B1- 2ª Rec	Conforme o alvo	Ponto Art.	Altura	Acento	Ponto Art. + Altura	Ponto Art. + Acento	Altura+ Acento
[i]	100%						
[é]	69,2%		30,8%				
[É]	85%		15%				
[á]	100%						
[Ó]	45%		55%				
[ó]	79%		21%				
[ú]	100%						

vogais tónicas - C2- 1ª Rec	Conforme o alvo	Ponto Art.	Altura	Acento	Ponto Art. + Altura	Ponto Art. + Acento	Altura+ Acento
[i]	100%						
[é]	81%		15%	4%			
[É]	91,3%		4,3%	4,3%			
[á]	100%						
[Ó]	40%		53%				7%
[ó]	84%		16%				
[ú]	88%	12%					

vogais tónicas - C2 - 2ª Rec	Conforme o alvo	Ponto Art.	Altura	Acento	Ponto Art. + Altura	Ponto Art. + Acento	Altura+ Acento
[i]	100%						
[é]	70%		30%				
[É]	91%		9%				
[á]	100%						
[Ó]	37,5%		62,5%				
[ó]	87%		13%				
[ú]	100%						

Vogais Átonas

vogais átonas - B1- 1ª Rec	Conforme o alvo	Ponto Art.	Altura	Acento	Ponto Art. + Altura	Ponto Art. + Acento	Altura+ Acento	Ponto Art. + Altura + Acento
[i]	93,8%		6,3%					
[I] 1	4,2%		8,3%		87,5%			
[I] 2	11,1%				88,9%			
[A]	19,6%		80,4%					
[u] 1	27,3%		72,7%					
[u] 2	28,6%		71,4%					
[u] 3	93,3%		6,7%					

vogais átonas - B1- 2ª Rec	Conforme o alvo	Ponto Art.	Altura	Acento	Ponto Art. + Altura	Ponto Art. + Acento	Altura+ Acento	Ponto Art. + Altura + Acento
[i]	100%							
[I] 1	15%				81%			4%
[I] 2	10%				90%			
[A]	23%	2%	75%					
[u] 1	15%		77%				8%	
[u] 2	14%		86%					
[u] 3	100%							

vogais átonas - C2- 1ª Rec	Conforme o alvo	Ponto Art.	Altura	Acento	Ponto Art. + Altura	Ponto Art. + Acento	Altura+ Acento	Ponto Art. + Altura + Acento
[i]	100%							
[I] 1	17%				83%			
[I] 2	30%				70%			
[A]	45%		55%					
[u] 1	69%		23%		8%			
[u] 2	53%		47%					
[u] 3	92%	8%						

vogais átonas - C2- 2ª Rec	Conforme o alvo	Ponto Art.	Altura	Acento	Ponto Art. + Altura	Ponto Art. + Acento	Altura+ Acento	Ponto Art. + Altura + Acento
[i]	100%							
[I] 1	32%				68%			
[I] 2	33%				67%			
[A]	63%		38%					
[u] 1	67%		33%					
[u] 2	40%		60%					
[u] 3	100%							

Nota: Estes mapas foram elaborados em *Excel*. Dada a incompatibilidade deste programa com o Alfabeto Fonético Internacional, foram utilizados os seguintes grafemas e símbolos:

- | | | |
|--------------------|-------------|--|
| - tónica [i] : [í] | - [í] : [í] | - [i] : [i] |
| - tónica [e] : [é] | - [é] : [é] | - [I]1: [i], variante alofónica de /e/ |
| - tónica [E] : [é] | - [É] : [é] | - [I] 2: [i], variante alofónica de /ε/ |
| - tónica [a] : [á] | - [á] : [á] | - [A] : [e] |
| - tónica [O] : [ó] | - [Ó] : [ó] | - [u] 1 : [u], variante alofónica de /o/ |
| - tónica [o] : [ó] | - [ó] : [ó] | - [u] 1 : [u], variante alofónica de /o/ |
| - tónica [u] : [ú] | - [ú] : [ú] | - [u] 1 : [u], variante alofónica de /u/ |
| - átona [i] : [i] | | |
| - átona [I] : [i] | | |
| - átona [A] : [e] | | |
| - átona [u] : [u] | | |